

**ARQUEOLOGIA  
DO  
RIO GRANDE DO SUL, BRASIL**

ISSN - 0103-5630

**DOCUMENTOS 10**

**2005**

**Instituto Anchieta de Pesquisas - UNISINOS  
São Leopoldo, RS, Brasil**

**Editor responsável:** Pedro Ignácio Schmitz

Diagramação e Arte Final: Fúlvio Vinícius Arnt





## SUMÁRIO

O Sistema de Assentamento dos Grupos Ceramistas do Planalto Sul-brasileiro:  
o caso da Tradição Taquara/Itararé - *Marcus Vinícius Beber*..... 06

A tradição Taquara e sua ligação com o índio Kaingang - *Jefferson Luciano  
Zuch Dias*.....127



# **O SISTEMA DE ASSENTAMENTO DOS GRUPOS CERAMISTAS DO PLANALTO SUL-BRASILEIRO: O caso da Tradição Taquara/Itararé \***

Marcus Vinícius Beber \*\*

## **Resumo**

*Os Grupos Ceramistas da Tradição Taquara/Itararé caracterizaram um Sistema de Assentamento no Planalto Sul-Brasileiro. Esse sistema envolve quatro tipos de sítios diferentes, relacionados cultural e espacialmente: casas subterrâneas, assentamentos litocerâmicos, áreas entaipadas com montículos funerários e grutas com sepultamentos. Algumas funções podem ser estabelecidas com segurança: as casas subterrâneas são áreas domésticas ocupadas em diferentes momentos; os sítios litocerâmicos também devem ter sido áreas domésticas, porém não há indícios de que tenham sido reocupados como percebe-se com as casas; os montículos, cercados por taipas, são espaços funerários, nos quais sepultavam os indivíduos mais destacados, da mesma forma que as grutas, porém, nestas, deveriam ser sepultados os demais.*

*Os dados que embasam essas conclusões foram obtidos a partir da análise da bibliografia disponível, especialmente com a sistematização dos resultados das pesquisas realizadas durante o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), complementada com os avanços obtidos pelos trabalhos posteriores. A metodologia adotada foi a criação de uma base de dados informatizada, que permitiu um tratamento estatístico, além de uma análise qualitativa das evidências. Avaliou-se a bibliografia com base em seus contextos históricos e teórico-metodológicos, resgatando suas contribuições.*

*A ocupação do planalto pode ser caracterizada como uma adaptação a um ambiente rico, por parte de grupos ceramistas, especializados na coleta e utilização do pinhão, que habitavam casas com pisos rebaixados – as chamadas casas subterrâneas. Produziam cerâmica de pequena dimensão e alguns artefatos líticos indispensáveis para o tratamento da madeira. À medida que o ambiente se modifica, em função da menor altitude, como no caso da encosta do planalto, os grupos portadores da Tradição Taquara adotaram um tipo de assentamento sem os pisos rebaixados. A subsistência nesse ambiente deveria estar baseada numa horticultura que, aliada a uma coleta, possibilitaria a vida em aldeias*

---

\* Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Estudos Históricos Latino-Americanos, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Orientador: Pedro Ignácio Schmitz. Co-orientador: Paula Caleffi; Bolsa de estudos da UNISINOS.

\*\* Pesquisador do Instituto Anchieta de Pesquisas e Professor da UNISINOS. E-mail: beber@bage.unisinos.br.

**Palavras Chaves:** *Arqueologia Brasileira, Casas Subterrâneas, Sistema de Assentamento, Grupos Ceramistas, Tradição Taquara/Itararé, Planalto Sul-Brasileiro.*

### **Abstract**

*The ceramist population of the Taquara/Itararé Tradition conformed a typical settlement system in the South Brazilian plateau. The system is composed of four type-sites, wich shared the same material culture and a continuous space. They are: pit houses, lito-ceramic camp sites, funerary mounds in an enclosed space, and rockshelters with numerous corpses. Some functions of these sites can be established: the pit houses are domestic features with one or more occupations, the lito-ceramic camp sites have also domestic functions but with restricted duration, in the funerary mounds were buried distinguished people, and in the rockshelters people without distinction.*

*The information used to reach these conclusions was obtained through the available bibliography, mainly the results of the Programa Nacional de Pesquisas Arqueológica (PRONAPA) and later investigations. The material was analyzed using his systematization through a databank, wich permitted both a statistic and a qualitative handling. To evaluate the proposed bibliographic results, it was necessary to consider the historic, methodological and teoretical moment of each work and author.*

*The occupation of the South Brazilian plateau can be characterized as an adaptation by ceramic populations, wich lived mainly in pit houses, to a rich environment specializing in the collection and conservation of the seeds of *Araucaria angustifolia*. They manufactured a simple and domestic earthenware and crude lithic artifacts, wich enabled them to process the abundant timber of the woods.*

*In lesser altitudes, like the border of the Plateau, the population of the Taquara Tradition adopted a simpler settlement, without pit houses. The subsistence, in this case, to enable a village life, had to be based on horticulture, supplemented by the systematic collection of the available fruits and roots of the environment.*

**Key words:** *Brasilian Archaeology, Pit house, Settlement System, Ceramic Groups, Taquara/Itararé Tradition, South Brazilian Plateau.*



## Introdução

*The archaeological excavator is not digging things but people*<sup>1</sup>  
Sir Mortimer Wheeler (1890-1976)

A frase clássica de Wheeler serviu-nos de inspiração para a elaboração deste trabalho. Conferiu sentido a um conjunto de dados dispersos que fomos acumulando enquanto elaborávamos esta tese. Nossa busca, mais do que um título acadêmico, foi a compreensão de um fragmento ou de alguns fragmentos do passado, de um conjunto de experiências adaptativas de grupos humanos que nos precederam no tempo, os quais somente podemos conhecer a partir dos restos materiais que nos deixaram: os restos de sua comida, a tapera de suas casas, os fragmentos de seus artefatos líticos, os pedaços de suas panelas feitas de argila.

O nosso desafio? Conferir sentido a essa multiplicidade de fragmentos. Criar, a partir deles, um quadro compreensível sobre a adaptação, o modo de viver e explorar o ambiente no qual estes grupos viveram.

A Arqueologia é antes de tudo uma busca; da mesma forma que a História, procura conhecer o passado humano. A razão disso é a curiosidade instintiva que temos de conhecer o nosso passado, responder à dúvida existencial sobre quem somos e por que estamos aqui.

Não temos condições de responder esta questão tão profundamente humana, sem o auxílio de explicações metafísicas, mas podemos lançar luzes sobre o que sabemos, trilhando os caminhos da História e da Arqueologia, que, para nós, são complementares, são formas diferentes de buscar estas respostas.

As diferenças entre ambas situam-se no nível de método. Enquanto uma alicerça-se preferencialmente em documentos escritos, a outra baseia-se em representações materiais da cultura, de tal forma que ambas possibilitam interpretações diferenciadas do passado, sem que isso implique supremacia de qualquer das explicações.

Ambas lidam com fragmentos do passado, ou melhor com o que pensamos que tenha sido, como afirma Young Jr. (1988). Se forem somadas, possibilitarão uma visão mais ampla, mais abrangente. Entretanto, devemos ter presente os limites de cada possibilidade.

O trabalho do historiador tem um limite temporal imposto pelo surgimento dos primeiros documentos; já o arqueólogo transcende essa barreira uma vez que baseia sua busca nos restos materiais da cultura. Essa característica possibilita submergir no passado anterior ao aparecimento dos primeiros escritos e descortina uma profundidade no tempo muito além da que sonha o historiador. Permite, ainda, mergulhar até a fronteira em que o homem, ser cultural, confunde-se com o primata e, ao mesmo tempo, diferencia-se

---

<sup>1</sup> "O arqueólogo não escava objetos mas povos" (tradução nossa).

deste justamente pela capacidade de produzir cultura, materializada nos seus artefatos líticos.

Este trabalho, portanto, está inserido nessa perspectiva. Pretende contribuir com o que sabemos sobre as populações pré-colônias do sul do Brasil e, com isso ampliar a nossa noção do que seja a própria História do Brasil, que, de maneira nenhuma, pode ficar restrita aos últimos quinhentos anos da experiência européia nestas terras do Atlântico Sul.

Para dar conta deste objetivo necessitamos fazer recortes. Não há como abarcar a totalidade, pois esta é muito mais abrangente do que podemos apreendê-la com nossas ferramentas de investigação. E, como não temos como compreender todo o passado pré-colonial brasileiro, optamos por investigar o passado recente, os últimos dois milênios, do que hoje conhecemos como Região Sul do Brasil.

Esta circunscrição geográfica compreende os atuais Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Desse universo, voltamos nossa atenção para a porção do planalto que se caracteriza por possuir terras acima dos 200m de altitude e apresentar uma superfície aproximadamente plana. A cobertura vegetal é formada predominantemente pela mata com araucária, entremeada por áreas de campo.

O fenômeno que parece ser mais marcante nessa região, e associado a esse período, é conhecido como *casas subterrâneas*<sup>2</sup>, também chamado de *buracos de bugre*. São uma forma de adaptação das populações humanas a um ambiente de Mata Ombrófila Mista, caracterizadas como depressões circulares e/ou hemisféricas, localizadas tanto no interior da mata com araucária como em áreas de campo.

Essas estruturas foram encontradas tanto isoladas como em agrupamentos de até 68 depressões, tais como as que são vistas no Município de São José do Cerrito, em Santa Catarina. Além desses vestígios, ocorrem também pequenos montículos, taipas e grutas, contendo ossos humanos, como foram descritas no Município de Vacaria, no Rio Grande do Sul.

Junto a estes sítios, podem ser encontrados fragmentos de uma cerâmica que tem formas cilíndricas ou cônicas que podem alcançar os 35cm

---

<sup>2</sup> Reis (1980) sugere que em vez de *casas subterrâneas* seja utilizado o termo *estruturas subterrâneas*, pois são espaços vazios construídos com múltiplas formas, dimensões e funções. Reis (1997), concordando com Reis (1980), afirma que as *casas subterrâneas* deveriam assumir muitas outras funções que apenas a de habitação; e, considerando a inadequação do termo subterrâneo, propõe o termo *Arqueologia dos Buracos* com base na denominação popular de *Buracos de Bugre*. Schmitz (2002) sugere *casas com pisos rebaixados*, pois seriam habitações com um piso mais baixo que o nível do solo. O substantivo casa (em Língua Portuguesa) é essencialmente polissêmico, justamente em função das diferentes acepções que "casa" pode assumir. Já o termo subterrâneo, nesse caso é inadequado, sendo mais verossímil a definição de *pisos rebaixados*, como propõe Schmitz (2002). No entanto, a denominação *casas subterrâneas* já está consagrada na bibliografia arqueológica, motivo pelo qual optamos pela sua utilização. Ocasionalmente, e por razões lingüístico-textuais, para evitar a repetição excessiva do mesmo vocábulo, será utilizado o termo *estruturas* como sinônimo.

de altura. A cor é marrom, parda ou cinza; apresentam alisamento interno e, externamente, podem ter linhas horizontais ou verticais, com ponteados, ungulados, pinçados, carimbados, impressões de cestaria, esteiras ou cordas.

Além do planalto, essa cerâmica tem sido localizada no litoral atlântico, especialmente no Estado de Santa Catarina, em sítios adaptados a ambientes litorâneos. Suas evidências são encontradas nos sítios da Tapera, do Forte Marechal Luz, da Base Aérea de Florianópolis, da Enseada I, do Rio Lessa, da Laranjeiras II e da Cabeçuda, representando assentamentos de populações estáveis.

Este fenômeno foi denominado na literatura arqueológica como Tradição Taquara no Estado do Rio Grande do Sul e Itararé em Santa Catarina e no Paraná.

A primeira – Tradição Taquara – foi definida por Eurico Miller em 1967, a partir dos fragmentos cerâmicos encontrados no Morro da Formiga, no Município de Taquara, Rio Grande do Sul. Foi caracterizada pela cerâmica que é pequena, com uma decoração plástica composta, em muitos casos, pela impressão de cestaria, unhas ou outros artefatos, além de fragmentos sem decoração.

A segunda – Tradição Itararé – foi definida por Igor Chmyz no Estado do Paraná em 1967. Caracteriza-se por sítios a céu aberto, localizados nas margens de rios como o Itararé, o Iguaçu, o Piquiri e o Paraná; no litoral, é encontrada na Baía de Paranaguá, na Baía de Antonina e na Baía de Guaratuba; no Estado de Santa Catarina, no Vale do Rio Pinheiros, na Ilha de São Francisco do Sul, na Praia das Laranjeiras, na Ilha de Santa Catarina e no Planalto Catarinense.

A cerâmica é pequena, de paredes finas, sem decoração ou, quando muito, restringindo-se a uma coloração que pode ser vermelha ou cinza e preto. Está alisada ou polida e as paredes externas freqüentemente são brunidas a ponto de refletir a luz incidente. Em alguns casos apresenta decoração plástica, a qual poucas vezes ultrapassa os 10% do total. Os motivos podem ser ungulados, ponteados, incisos ou carimbados.

As pesquisas no Planalto Sul-Brasileiro, as quais tiveram seu início quando da realização do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), um programa de pesquisas desenvolvido entre os anos de 1965 e 1971. Em termos teóricos, estava inserido no modelo histórico-cultural da pesquisa norte-americana em voga na metade do século XX. O programa realizou o levantamento, a identificação e a localização dos sítios, criando as primeiras unidades arqueológicas do ponto de vista descritivo e taxonômico.

Além das pesquisas efetuadas sob a sigla do PRONAPA, outros pesquisadores não vinculados ao programa também dedicaram-se ao Planalto Sul-Brasileiro, especialmente a equipe capitaneada pelo Instituto Anchieta de Pesquisas (IAP), que desenvolveu levantamentos e escavações no Rio Grande do Sul, entre os anos de 1966 e 1972.

No Estado de Santa Catarina, destacou-se a intensa atividade do Jesuíta João Alfredo Rohr, defensor intransigente do patrimônio arqueológico e responsável pelo levantamento de inúmeros sítios arqueológicos.

As pesquisas, após um começo bastante promissor na segunda metade da década de 1960, sofreram um declínio nos anos de 1970 e 1980, quando a maioria das equipes voltam seus trabalhos para outros Estados brasileiros. Este jejum foi parcialmente interrompido pela 1) dissertação de mestrado de Maria José Reis, em 1980 (Reis, 1980) – um trabalho seminal para compreender como se implantam no espaço as casas subterrâneas; 2) pelos trabalhos de levantamento realizados por Mentz Ribeiro (Mentz Ribeiro & Ribeiro, 1985), no Município de Esmeralda, Nordeste do Rio Grande do Sul, em que foram encontrados sítios a céu aberto, conjuntos de casas subterrâneas, galerias, dois abrigos e áreas entaipadas, todos na mesma área; 3) além dos levantamentos efetuados por Arno Kern, no Vale do Rio Pelotas.

O tema retornou novamente como objeto de pesquisa somente em meados da década de 1990, quando as equipes retomam os trabalhos nos Estados do Sul, especialmente no Rio Grande do Sul. Assim, tivemos a equipe de Arqueologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul iniciando, em 1996, o Projeto *Pré-História do Planalto Sul-Rio-Grandense: estudos de paisagens arqueológicas em Bom Jesus e São José dos Ausentes, Rio Grande do Sul* (Copé, 1999). Da mesma forma, tivemos o IAP implementando, em 1998, o *Projeto Vacaria* (Schmitz et al., 2002b). Além desses, trabalhos de salvamento arqueológico em obras de impacto ambiental, como Monticelli & Landa (1999), De Masi (2002), Caldarelli & Herberts (2002), Copé, Saldanha & Cabral (2002).

O somatório destes quase quarenta anos de pesquisas no Planalto Sul-Brasileiro permitiram a identificação de ao menos cinco tipos de sítios diferentes: casas subterrâneas, abrigos com sepultamentos, áreas com cerâmica dispersa, áreas entaipadas e áreas com montículos, todos ligados à mesma cultura.

O traço comum da maior parte destes trabalhos é o fato de estarem alicerçados em pesquisas prospectivas a partir das quais foram identificadas as Tradições e suas respectivas Fases, ao gosto do modelo histórico-cultural, inaugurado pelo PRONAPA.

A finalidade desse programa foi justamente a de obter seqüências cronológicas que permitissem criar o primeiro quadro da difusão da cerâmica, suas rotas e formas de propagação nas terras baixas da América do Sul. Assim, os dados foram organizados a partir do conceito essencialmente tecnológico de Tradição e Fase:

*Grupos de elementos ou técnicas, com persistência temporal [...]. Uma seqüência de estilos ou de culturas que se desenvolvem no tempo, partindo uns dos outros, e formam uma continuidade cronológica.*  
(Souza, 1991, p. 55)

Outra questão importante, foi definir o modo de vida das populações responsáveis por aqueles sítios. Schmitz, em seus trabalhos de 1967 e 1968, sugere que seriam sociedades baseadas na coleta, na caça e na horticultura. Na síntese de 1988, propõe que a densidade destes sítios estaria indicando tribos. (Schmitz, 1988b)

Para La Sálvia (1983, p. 8), seriam grupos caçadores-coletores de pinhão no período anterior à conquista, e, após 1500, agricultores incipientes. Mentz Ribeiro, por seu turno, sugere que as casas subterrâneas seriam produto de um *...grupo horticultor ou agricultor incipiente* (Mentz Ribeiro, 1980 p. 20) e mais tarde (Mentz Ribeiro & Ribeiro, 1985) propõe que seriam grupos horticultores praticantes da caça e da coleta.

Com o exame destes trabalhos, percebe-se a necessidade de aprofundamento de algumas questões, especialmente as relativas a território, dinâmica dos sítios, cronologia das ocupações e origem dessas populações.

Neste sentido, procuramos entender qual o significado das diferenças de tamanho das casas subterrâneas, que tipo de função poderiam estar desempenhando na estrutura de assentamento do grupo.

Outro elemento que buscamos compreender foram os sítios, ou mesmo conjuntos, que concentram dezenas de casas subterrâneas, como os descritos por Maria José Reis (1980), em que ocorrem 15 sítios em um raio de aproximadamente 2.000m, com 68 casas subterrâneas e 4 aterros. Seguramente, trata-se de um espaço privilegiado que estaria refletindo uma grande densidade demográfica ou, uma grande persistência temporal ou, quem sabe, ambas. Qual seria a significação desse tipo de organização em termos sociais, funcionais e cronológicos? Nesse sentido, outras questões também seriam pertinentes: os montículos e as áreas entaipadas poderiam ser espaços cerimoniais? Qual a sua importância dentro do sistema de assentamento destes grupos? E, quanto aos abrigos com sepultamentos, que tipo de diferenças estão indicando: sociais, cronológicas ou funcionais?

Por fim, a bibliografia arqueológica brasileira afirmou, em um primeiro momento, que estes grupos se caracterizavam como sociedades caçadoras-coletoras com uma horticultura incipiente, em um nível social tribal. Não há possibilidade de que esses grupos estejam organizados de uma forma mais complexa?

Isto quer dizer que uma pequena parte desta compreensão foi produzida. Apenas foram identificados os problemas e lançadas as primeiras questões. Sente-se a ausência de uma análise que perceba a diversidade dos assentamentos como um Sistema.

Com base nos elementos levantados, associado à abundância e à diversidade dos sítios e ao volume das pesquisas realizadas, defende-se a tese de que os sítios arqueológicos do planalto fazem parte de um sistema de assentamento que integra os diferentes tipos de sítios identificados, quais sejam, abrigos – usados como jazigos funerários –, casas subterrâneas, montículos, áreas entaipadas e aldeias a céu aberto.

A opção por este tema deve-se à necessidade de uma nova forma de abordagem para esses diferentes tipos de sítios e uma nova leitura dos dados existentes, até porque já se possui uma gama bastante consistente de dados sobre a implantação no ambiente. Os trabalhos recentes fornecem informações novas sobre a organização dos sítios, sua composição e sucessão cronológica, e não temos mais dúvidas de que façam parte de uma mesma tradição cultural, que foi identificada pela cerâmica como sendo Taquara/Itararé, e atualmente é relacionada aos grupos indígenas descritos na documentação histórica como Kaingáng, que possuem remanescentes morando em reservas na Região Sul do Brasil.

Em termos teóricos, este trabalho é desenvolvido em dois níveis articulados entre si. O primeiro, voltado à compreensão do sistema de assentamento das populações ceramistas do Planalto Sul-Brasileiro; o segundo procura discutir a complexidade social do grupo que o produziu. Quanto a este último, Schmitz (1988) já propôs que teriam ultrapassado o nível de bando e alcançado o de tribo. Em textos recentes (2002), reafirma esta convicção ao consolidar a interpretação de que os Kaingáng eram de fato habitantes dos sítios pesquisados no Projeto Vacaria.

Nossa metodologia consiste no exame da bibliografia disponível, tomada aqui como uma organização dos dados existentes naquele momento e, portanto, determinada pelos pressupostos que lhes eram contemporâneos. Em razão disso, consideramos o resultado das análises como um discurso produzido a partir de um conjunto de dados que possuem suas condicionantes históricas e culturais, coerentes com o momento em que foram produzidos (Foucault, 1995).

Ao percebermos as pesquisas como discursos e, como já mencionamos, uma apropriação fragmentada de uma realidade complexa, esses discursos são passíveis de releituras, inclusive porque não esgotaram as possibilidades explicativas dos dados e, a partir de sua confrontação com os novos aportes teóricos e com os novos dados que foram produzidos, permitem que novas conclusões, novas formulações sejam construídas e, assim, novos discursos sejam produzidos (Foucault, 1995, 1996).

Dessa forma, perceber os sítios arqueológicos como partes constitutivas de um sistema de assentamento, com uma dinâmica tanto sincrônica como diacrônica e com uma rede de relações multidirecionais que envolve o ambiente e o homem, permite uma nova percepção dos fenômenos culturais das populações humanas do Planalto Sul-Brasileiro (Foucault, 1995, 1996).

Para tanto, foi realizado um banco de dados a partir das informações disponíveis tanto nas fichas de registro como na bibliografia. Esse banco de dados poderá servir de base para um cadastro geo-referenciado, uma de nossas propostas iniciais, entretanto, a necessidade de novas pesquisas de campo para esta tarefa acabou por inviabilizar esta iniciativa, razão pela qual

procuramos organizar os dados existentes de forma que poderão servir de suporte para trabalhos futuros.

Além disso, retratamos aqui a nossa experiência pessoal, pois participamos ativamente das etapas do Projeto Vacaria – tanto no levantamento e na identificação dos sítios, como na sua prospecção e escavação – e também de vistorias em sítios fora da área desse projeto, nos Municípios de André da Rocha e São Marcos, no Estado do Rio Grande do Sul. Esta experiência permitiu uma visão concreta da realidade arqueológica e possibilitou uma compreensão mais detalhada dos fatos e como eles se expressam no local.

Portanto, a confrontação da bibliografia disponível a partir de uma perspectiva sistêmica permite a busca de novas respostas, até porque os sistemas não se repetem da mesma forma e configuram-se como realidades específicas, ajustando-se às determinantes locais. Com isso, a Arqueologia da Paisagem, em sua vertente sintética, é um dos componentes metodológicos a nos fornecer ferramentas para a compreensão dos sítios arqueológicos como parte constitutiva de um sistema. E, ainda que seja possível estabelecer algum nível de generalização, esta somente será viável justamente com a idéia de sistema.

A primeira versão deste trabalho, estava composta dos quatro capítulos.

O primeiro compunha-se de uma revisão bibliográfica voltada especialmente para os trabalhos produzidos no escopo do PRONAPA, e contemporâneos. Estes dados podem ser encontrados nas publicações que encontram-se na bibliografia, de tal forma que dele apenas restou um quadro da definição do que é a Tradição Taquara/Itararé.

O segundo capítulo versou sobre o ambiente e os recursos do Planalto Sul-Brasileiro. Procurou-se realizar uma caracterização do ambiente físico, criando um quadro sintético de aspectos geológicos e relativos à flora e à fauna, ou seja, dos recursos disponíveis para as populações humanas. Como também constava basicamente de dados bibliográficos disponíveis da bibliografia específica, mantivemos aqui apenas as conclusões e caracterizações indispensáveis para a compreensão da tese.

O capítulo terceiro procurou apresentar diferentes formas de assentamento identificados no Planalto Sul-Brasileiro, de tal forma que foi mantido na íntegra. Nosso ponto de partida foram os trabalhos produzidos nas décadas de 1960, 1970 e 1980, acrescido dos trabalhos recentes que proporcionaram novos dados e que, cotejados entre si, permitem a identificação de ao menos cinco padrões bem definidos, a saber: as casas subterrâneas, os sítios superficiais litocerâmicos, os montículos, os abrigos com sepultamentos e as áreas entaipadas.

O capítulo quarto apresentou a nossa proposta de um Sistema de Assentamento para o Planalto Sul-Brasileiro. É a articulação dos padrões que foram estabelecidos no capítulo precedente, integrando-os em uma perspectiva

sistêmica e demonstrando que são partes de um sistema de assentamento. Esse sistema envolve as áreas domésticas, representadas pelas casas subterrâneas e os sítios litocerâmicos; espaços funerários com os montículos cercados por taipas e os abrigos, além das bordas das matas e as várzeas dos rios, onde encontramos os espaços destinados à horticultura.

Encerramos o trabalho com as Considerações Finais. Foram assim denominadas porque julgamos ter avançado em termos interpretativos e, portanto, conclusivos, no transcorrer do texto, restando-nos apenas algumas "considerações" e a explanação de muitas outras frentes de pesquisa. Dessa forma, mais do que concluir, sistematizamos nossas certezas e apresentamos incertezas. Ainda que as últimas superem as primeiras, acreditamos ter oferecido elementos novos para a compreensão das populações pré-coloniais brasileiras e, mais do que isso, ampliado um pouco mais do que sabemos sobre nosso passado.

Acredito que os recortes realizados nesta versão do trabalho não dificulta a compreensão da tese. Este recortes, são impostos pelos limites editoriais por um lado, e por outro, a duplicidade de muitos dos dados tornaria o texto repetitivo para o leitor especializado. Para os iniciante, a bibliografia disponível permite facilmente complementar as lacunas deixadas.

## **1 Pesquisas sobre a Tradição Ceramista Taquara/Itararé**

A pesquisa arqueológica no Brasil possui uma tradição bastante recente, remontando à segunda metade do século XX, quando aportam no país equipes intertacionais.

A primeira equipe é uma missão franco-brasileira que atuou no Paraná em parceria com a Universidade Federal daquele Estado, coordenada pela Professora Annete Laming-Emperaire<sup>3</sup>. A segunda foi o casal americano Betty Meggers e Clifford Evans que a partir de convênios com instituições brasileiras, implementou o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA).

As Missões Franco-Brasileiras chegam ao país no começo dos anos de 1960 em razão da amizade entre Paul Rivet (diretor do *Musée de l'Homme de Paris*) e Paulo Duarte da Universidade de São Paulo. Desta amizade nasceu o Instituto de Pré-História da USP – IPH e possibilitou a vinda de José Emperaire, que treinou os primeiros técnicos do IPH e arqueólogos do Paraná. Este pesquisador iniciou escavações estratigráficas em sambaquis na Baía de Paranaguá/PR, trazendo métodos como coleta de grãos de pólen e diatomáceas.

Enquanto representantes da escola francesa, seus membros trouxeram para o Brasil uma preocupação bastante acentuada quanto aos métodos, introduzindo a escavação por estratigrafia natural, a metodologia de estudo das indústrias líticas, a análise da arte rupestre

---

<sup>3</sup> Para um histórico sobre a arqueologia brasileira temos o trabalho de Alfredo Mendonça de Souza (Souza, 1991), e também o de André Prous (Prous, 1991).



Atualmente, a herança destes pesquisadores franceses se faz presente através do setor de arqueologia do Museu de História Natural da UFMG, coordenado por André Prous, e pela Fundação do Homem Americano em São Raimundo Nonato, Piauí, coordenado por Niède Guidon, sendo que ambos têm treinado uma grande quantidade de pesquisadores em suas equipes, tanto em nível de graduação como de pós-graduação.

O Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas - PRONAPA - surge dos convites feitos pelo Professor José Loureiro Fernandes, então diretor do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná (CEPA/UFPR), no ano de 1954, ao casal Clifford Evans e Betty Meggers para que realizassem um curso de treinamento para arqueólogos brasileiros. Dez anos mais tarde, em outubro de 1964 portanto, após muitas negativas e dificuldades, ocorreu um grande seminário ministrado pelo casal americano.

Nascia daí o PRONAPA. O seu objetivo foi resgatar e criar um conhecimento básico sobre a realidade arqueológica brasileira. Sua fundamentação teórica foi o modelo histórico-cultural em voga na escola norte-americana, alicerçado basicamente em coletas superficiais e cortes estratigráficos, criando um primeiro modelo sobre conhecimento pré-colonial Brasileiro.

Naque momento, não se dispunha de dados, ou mesmo modelos que orientassem o trabalho. O programa, desta forma, representou um salto qualitativo, pois em cinco anos possibilitou um acentuado volume de sítios conhecidos e um esquema para a periodização e organização das sociedades pré-coloniais, representado pelo modelo Tradição e Fase, tanto que Barreto (1999-2000, p. 45) afirma: *Apesar de muitos arqueólogos questionarem o seu uso, a maior parte dos resultados de pesquisas em nível regional foi e continua sendo organizada em "fases" e "tradições" arqueológicas*.

Embora bastante criticado, este modelo continua sendo utilizado, muitas vezes com outras roupagens que, ao invés de superar os limites da proposta histórico-cultural trazida pelo PRONAPA, reforçam-na com novas terminologias pretensamente embasadas em uma reflexão teórica e, ainda que os modelos teóricos sejam passageiros, os dados produzidos permanecem e não podem ser descartados em nome da teoria, até porque os sítios arqueológicos constituem-se em uma fonte de informações não-renováveis.

O principal resultado deste programa foi criar um esboço geral, ainda que introdutório, sobre a diversidade cultural brasileira pré-colonial, além de marcar o início de várias equipes de Arqueologia nas universidades brasileiras. Valemo-nos das palavras de Dias:

*A implantação do Programa representou um salto quantitativo e qualitativo para a arqueologia brasileira. Sua implementação possibilitou que em apenas cinco anos fossem levantados e prospectados mais de 1500 novos sítios arqueológicos, enquadrados em um modelo cronológico e espacial de que carecia a pré-história*

*brasileira. A partir das pesquisas do PRONAPA, em um curto período de tempo, pode-se perceber a amplitude, antigüidade e complexidade da ocupação humana no Brasil anterior à presença européia. (Dias, 1995, p. 35)*

## **1.1 A PESQUISA NOS ESTADOS DO SUL**

As pesquisas no Planalto Sul-Brasileiro foram realizadas predominantemente por pesquisadores vinculados ao PRONAPA, e, ainda que Laming-Emperarie trabalhe no Paraná, desvinculada daquele programa, suas atividades estão voltadas para escavação de Sambaquis. Desta forma, os primeiros dados de que dispomos para os Estados sulinos são resultado desta primeira etapa de aproximação, representada pelo modelo histórico-cultural. Foram definidas, assim, duas Tradições<sup>4</sup>: Taquara, ocorrendo no Estado do Rio Grande do Sul, e Itararé, nos Estados de Santa Catarina, Paraná e São Paulo.

Por limitação de espaço não traremos aqui o levantamento das fases da tradição Taquara/Itararé. Esses dados podem ser encontrados tanto na versão completa desta tese como na bibliografia específica donde sintetizamos os dados.

### *1.1.1 Tradição Taquara*

A Tradição Taquara foi definida a partir da cerâmica identificada no Morro da Formiga, no Município de Taquara, Rio Grande do Sul, por Eurico Miller no final dos anos de 1960.

Posteriormente, com o avanço das pesquisas, essa tradição foi caracterizada não apenas pela cerâmica, mas também pelos trabalhos de movimentação de terra, pela construção de depressões semicirculares ou elipsóides, montículos, espaços cerimoniais e, ainda, pelos sepultamentos em grutas.

A cerâmica associada é pequena, com vasilhas de não mais que 40cm de altura; a decoração plástica, em muitos casos, é composta pela impressão de cestaria, unhas ou outros artefatos.

Essa tradição foi bastante estudada no início da década de 1970 e parcialmente abandonada nas duas décadas seguintes para reaparecer, enquanto tema de pesquisa, no final dos anos de 1990 e início de 2000. Muitos resultados dessas novas pesquisas ainda não estão disponíveis, pois encontram-se em desenvolvimento. No entanto, nenhum deles, até o momento, rompeu com o esquema básico criado pelo PRONAPA, ou seja, o de subdividir uma tradição em diferentes fases, até porque tal empreitada exigiria um volume de trabalho e revisão dos dados disponíveis que está além dos propostos pela maioria das pesquisas.

---

<sup>4</sup> Tradição: Uma das unidades arqueológicas utilizada pelo PRONAPA, compreendia como Grupos de elementos ou técnicas, com persistência temporal.[...] Uma sequência de estilos ou de culturas que se desenvolvem no tempo, partindo uns dos outros, e formam uma continuidade cronológica. (Souza, 1997. p. 55).

As fases definidas para a Tradição Taquara foram: Guatambu, Taquara, Caí, Erveiras, Guabiju, Taquaruçu, Giruá, Xaxim, Itapiranga. (Figura 1)

### *1.1.2 Tradição Itararé*

A Tradição Itararé foi definida por Igor Chmyz em 1967, a partir dos projetos desenvolvidos pelo PRONAPA. Essa se caracteriza por sítios a céu aberto, localizados no Estado de Santa Catarina e do Paraná<sup>5</sup>. Neste último, os sítios podem ser encontrados às margens do Rio Itararé, no Alto Vale do Rio Parapanema, no Rio Iguaçú, no médio curso do Rio Piquiri, na margem esquerda do Rio Paraná, na Baía de Paranaguá, na Baía de Antonina e na Baía de Guaratuba; no Estado de Santa Catarina, no Rio Pinheiros, na Ilha de São Francisco do Sul, na Praia das Laranjeiras e na Ilha de Santa Catarina. (Figura 1)

Essa Tradição está dividida em pelo menos sete fases: Itararé, Açungui, Catanduva, Candói, Xagu, Cantu e Pacitá. Além disso foram encontrados vestígios no litoral catarinense e paranaense, associados a sambaquis.

A cerâmica é definida como pequena, de paredes finas, sem decoração ou restringindo-se a um engobo vermelho ou cinza e preto. Em alguns casos apresenta decoração plástica, que em poucas situações ultrapassa os 10% do total, caracterizando-se como unglados, ponteados, incisos, carimbados.

### *1.1.3 A Tradição Itararé fora do Planalto*

Além dos sítios identificados no planalto, a cerâmica da Tradição Itararé foi identificada em muitos sítios litorâneos na camada superior de muitos sambaquis, especialmente nos Estados de Santa Catarina e Paraná. Esse fato tem gerado uma discussão sobre a movimentação de populações do planalto em direção ao litoral, levando aos ambientes costeiros a cerâmica e o cultivo. (Figura 1)

Evidentemente essas propostas estão marcadas pelas pesquisas associadas ao PRONAPA, que está na base da teoria arqueológica brasileira. Sendo assim, as ocupações litorâneas associadas à Tradição Taquara/Itararé eram vistas como movimentos migratórios do interior (no qual encontram-se as datas mais antigas) para o litoral.

Outra alternativa explicativa é a de que os sítios no litoral e no interior tenham feito parte de uma rede de abastecimentos que integrou movimentos migratórios sazonais, buscando a exploração dos três ambientes: o litoral – rico em recursos marinhos; o planalto – com a mata com araucária; e a Mata Atlântica.

No Estado do Paraná foram identificados: Sambaqui da Ilha das Cobras, Sambaqui da Ilha das Pedras, Sambaquis da Baía de Guaratuba.

---

<sup>5</sup> A Tradição Itararé também foi identificada no Estado de São Paulo, entretanto, como este trabalho concentra-se na Região Sul, não abordaremos a ocorrência do fenômeno naquele Estado. Maiores informações podem ser encontradas em: Prous (1979), Robrahn (1988), Afonso (2001), Afonso & Morais (2002) e Kamase (2002).

Para o Estado de Santa Catarina temos: Sambaqui do Rio Pinheiro nº 8, Sambaqui do Forte Marechal Luz, Sambaqui da Enseada I, Sítio da Praia das Laranjeiras, Sítio Rio Lessa, Sítio Base Aérea, Sítio Praia da Tapera, Sítio Balneário de Cabeçudas.

## **2 O ambiente e os recursos do Planalto Sul-Brasileiro**

A cobertura atual da Floresta Ombrófila Mista alcança apenas 20.000km<sup>2</sup> contra 175.000km<sup>2</sup> da cobertura original, o que equivale a pouco mais de 11%. Essa devastação se deu em razão da derrubada da araucária para dar lugar à agricultura e aos campos de pastagens a partir da colonização do Planalto Sul-Brasileiro por imigrantes europeus, na segunda metade do século XIX, e também porque sua madeira foi intensamente exportada em meados do século XX.

A *Araucaria angustifolia*, enquanto espécie, ocorre em solos de boa fertilidade e temperaturas moderadas. Está distribuída nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo e em algumas áreas dos Estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais.

É condicionada pela altitude, pelo regime de chuvas e pela temperatura. Quanto à altitude, está localizada a partir dos 500m, mas predomina a partir dos 800m; quanto à pluviosidade, deve ser superior aos 1.400mm anuais e a temperatura deve apresentar média das mínimas abaixo dos 11,5°C e média das máximas em torno dos 22°C (Backes, 1999).

Quanto à fenologia, a maior disponibilidade do pinhão ocorreria nos meses de abril e maio, entretanto, Reitz & Klein (1966) reportam a existência de quatro variedades diferentes de Araucária, baseados na época de frutificação. São elas:

*Araucaria angustifolia santi josephi*, vulgarmente conhecido como Pinheiro-São-José, Pinhão-São-José, identificada no Planalto de Santa Catarina, Municípios de São Joaquim e Bom Jardim; os frutos amadurecem nos meses de fevereiro e março;

*Araucaria angustifolia angustifolia* ou Pinheiro-Brasileiro; diferencia-se por apresentar os pinhões vermelhos; frutifica nos meses de abril e maio;

*Araucaria angustifolia caiova*, também chamada de Pinheiro-Caiová, Pinheiro-Cajová e Pinheiro-Cajuvá, identificada no Município de Canoinhas, Santa Catarina; tem seus frutos nos meses de abril e maio;

*Araucaria angustifolia indehiscens*, denominada popularmente de Pinheiro-Macaco, identificado no Município de Curitiba, Santa Catarina; seus frutos estão maduros entre os meses de setembro e janeiro. O que diferencia essa variedade das demais é o fato de sua pinha não se desagregar, sendo comum os macacos arrancarem os pinhões diretamente no topo das árvores, provindo daí seu nome popular de Pinheiro-Macaco.

A araucária apresenta ainda mais cinco variedades, quais sejam: *Araucaria angustifolia nigra* (pinheiro preto), *Araucaria angustifolia striata* (pinheiro rajado), *Araucaria angustifolia semi alba* (pinheiro de ponta branca),

*Araucaria angustifolia alba* (pinheiro branco) e *Araucaria angustifolia monoica* (pinheiro monoico). Para maiores detalhes consultar Reitz & Klein, 1966.

Tabela 1: Época de frutificação das diferentes variedades de *Araucaria angustifolia*

	mês de maturação do pinhão											
	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez
<i>Araucaria angustifolia santi josephi</i>		x	x									
<i>Araucaria angustifolia angustifolia</i>				x	x							
<i>Araucaria angustifolia caiova</i>						x	x					
<i>Araucaria angustifolia indehiscens</i>	x							x	x	x	x	x

Fonte: Reitz & Klein, 1966.

A composição florística da mata com araucária apresenta uma variedade de espécies, além da própria araucária. Contamos aqui com o levantamento florístico realizado por Mauhs (2002) em um fragmento de Floresta Ombrófila Mista, marcadamente montana, complementado com dados de fenologia e o uso feito pelas populações modernas.

A partir da tabela 8 (Anexos), que não reflete a disponibilidade original, mas um fragmento da floresta com araucária fortemente antropizado, percebemos uma carência dos recursos, especialmente no inverno, nos meses de junho, julho e agosto. Entretanto, devemos considerar a degradação do ambiente que alterou sensivelmente a disponibilidade dos mesmos. Por outro lado, a disponibilidade de pinhão e a possibilidade de armazenamento poderiam fornecer estoques alimentares para superar o período de carência até que o advento da primavera aumentasse a gama de recursos disponíveis.

Além das matas com araucária, o planalto é recoberto por formações não-florestais denominadas de Savanas.

As Savanas apresentam na região sul, três formações: Savana Arbórea Aberta, Savana-Parque e Savana Gramíneo-Lenhosa.

A Savana Arbórea Aberta encontra-se principalmente nos terrenos aplainados de origem arenítica, caracterizando-se como formações típicas de Savana (Cerrado), apresentando um extrato arbóreo-arbustivo exparso. (Leite & Klein, 1990, p. 133). Essa formação vegetal tem sido substituída pelo avanço da agricultura.

A Savana Parque apresenta uma uniformidade florística e fisonômica em que predominam dois estratos: um arbóreo-arbustivo esparso e outro rasteiro. Foram identificadas duas formações características:

A primeira situa-se em terrenos ondulados localizados em cotas altimétricas superiores a 1.000m:

A outra formação característica da Savana Parque está no Planalto Sul-Rio-Grandense. A topografia do relevo é fortemente ondulada e até montanhosa. (Leite & Klein, 1990, p. 134)

A fisionomia do planalto, portanto, caracteriza-se principalmente pela ocorrência de matas com araucária, dominando especialmente as encostas e bordas dos cursos d'água e pela ocorrência de campo, dominando as porções mais altas e planas.

Nesse sentido, Balduino Rambo já assinalava:

*No estudo do mapa hidrográfico fazemos outra descoberta interessante: o mato ladeia todos os cursos de água, estando seu volume em proporção com o volume da água do vale e da proximidade de outros rios; o campo, pelo contrário, concentra-se nas partes mais altas dos divisores de água e suas vizinhanças.* (Rambo, 1994, p. 255)

Finalmente, nos ambientes onde houve retirada da cobertura vegetal original, percebe-se uma outra variedade de espécies, na qual predomina a bracaatinga (*Mimosa scabrella*), a canela-guaicá (*Ocotea puberula*), o vassourão-branco (*Piptocarpha angustifolia*), o angico-branco (*Anadenanthera colubina*), o vassourão-preto (*Vernonia discolor*), o café-do-mato (*Casearia sylvestris*), as vassouras (*Baccharis spp*) e a samambaia-das-taperas (*Pteridium aquilinum*). (Leite & Klein, 1990)

Além dos recursos vegetais, essas populações contavam ainda com a fauna (mamíferos, aves, peixes, répteis, anfíbios, insetos e larvas) como recurso disponível para subsistência.

No Município de Vacaria, Planalto do Rio Grande do Sul, a fauna foi identificada em ao menos seis comunidades diferentes: a floresta com araucária, as áreas de mata ciliar, os campos abertos e macegas, os rios, os lagos e banhados e as áreas alteradas pela sociedade moderna (antropizadas).<sup>6</sup>

Nesse mosaico de ambientes foram identificadas 28 espécies de mamíferos, sendo 3 de pequeno porte (até 1kg de peso médio), 18 de médio porte (até 20kg de peso médio) e 5 espécies de grande porte (mais de 20kg de peso médio), além de 2 espécies de morcegos. Quanto às aves, foram identificadas ao menos 119 espécies. Quanto aos répteis, carecemos de um levantamento.

Na área de campo podem ser encontradas espécies de pequeno, médio e grande porte. Para as primeiras temos a preá (*Cavia aperea*) pesando apenas 0,63kg<sup>7</sup>; de médio porte temos o zorrilho (*Conepatus chinga*, 2kg), tatu-mulita (*Dasypus hybridus* 2,1kg), tatu-de-rabo-mole (*Cabassous totouay*), o graxaim-do-campo (*Pseudalopex gymnocercus*, 6,1kg); para as de grande

<sup>6</sup> O levantamento faunístico foi realizado pelo Biólogo André Osorio Rosa que prepara uma publicação específica sobre o assunto, os dados parciais estão nas tabelas 10 e 11 que encontram-se nos anexos.

<sup>7</sup> Indicamos após a identificação da espécie seu peso médio.

porte temos o veado-catingueiro (*Mazama gouazoubira*, 20kg) e o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*, 23kg). Atualmente ocorre ainda a lebre (*Lepus capensis*) que, entretanto, foi introduzida em período histórico.

Nos ambientes de mata encontramos espécies de pequeno porte – como o ratinho-do-mato (*Oligoryzomys nigripes*, 50g), de médio porte – como o ouriço-cacheiro (*Coendou villosus*, 2,5kg), a cotia (*Dasyprocta azarae*, 4kg), o graxaim-do-mato (*Cerdocyon thous*, 5kg), a irara (*Eira barbara*, 5kg), o coati (*Nasua nasua*, 6,6kg), o mão-pelada (*Procyon cancrivorus*, 7kg), o tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*, 7,8kg), o bugio-ruivo (*Alouatta guariba*, 11,5 kg), a paca (*Agouti paca*, 11,5kg), a jaguatirica (*Leopardus pardalis*, 14,5kg); de grande porte – como o veado-mateiro (*Mazama americana*, 48kg), o puma (*Puma concolor*, 60kg), a capivara (*Hydrochaeris hydrochaeris*, 67,5kg).

Já o morcego-vampiro (*Desmodus rotundus*, 50g), o gambá-de-orelha-branca (*Didelphis albiventris*, 1,5kg), o tatu-galinha (*Dasytus novemcinctus*, 5,8kg) e o tatu-peludo (*Euphractus sexcinctus*, 6,5kg) podem ser encontrados tanto em ambientes de mata como de campo.

Nas áreas úmidas, como banhados ou beiras de rio, teríamos o morcego-pescador (*Noctilio leporinus*, 64,5g), o ratão-do-banhado (*Myocastor coypus*, 11,5kg) e a lontra (*Lutra longicaudis*, 12,4kg).

Além dessas ocorriam os porcos do mato (*Tayassu tajacu* e *Tayassu pecari*) que podem atingir até 30kg de peso, no caso do primeiro, e 40kg o segundo.

Entre as aves, são ao menos 119 espécies, ocupando as comunidades identificadas.

Quanto às áreas onde ocorre o maior número das espécies de aves, temos a mata com araucária, com 54,55% (60) de espécies identificadas; a mata ciliar, com 39,39% (43); os campos abertos e macegas, com 33,64% (37); os banhados, com 10% (11); as áreas antropizadas, com mais 10% e, finalmente, os rios, com 1,82% (2). Outras 11 espécies foram identificadas quando sobrevoavam a região, sem ter como definir seu ambiente específico na área em estudo.

Dessas, 62,72% (69) espécies foram identificadas em apenas um dos ambientes, 22,72% (25) em dois deles, 12,72% (14) em três e 1,81% (2) em quatro, sempre envolvendo a floresta com araucária.

Ainda que tenhamos um grande número de espécies de aves a grande maioria delas são passeriformes, com 65% das espécies identificadas. Seu tamanho não supera os 50g de peso e os 20cm de comprimento. Acredita-se que não devem ter representado um recurso alimentar significativo. O habitat da maioria são as zonas de mata, tanto as com araucária quanto as ciliares dos cursos d'água.

As espécies com peso superior a 50g e inferior a 250g representam pouco mais de 22% e ocupam preferencialmente a floresta com araucária, a mata ciliar e as áreas de campo. Seu aproveitamento como recurso alimentar pode ser considerado.

Temos por último as espécies cujos tamanhos superam os 250g e podem chegar a 2kg, raramente ultrapassando isso. Representam apenas pouco mais de 12% das espécies, ocupando as áreas de campo e matas.

Neste grupo temos: garça-branca-grande (*Casmerodius albus*), urubú-de-cabeça-vermelha (*Cathartes aura*), urubú-de-cabeça-preta (*Coragyps atratus*), curicaca (*Theristicus caudatus*), perdigão (*Rhynchotus rufescens*), inambuguaçu (*Crypturellus obsoletus*), saracura-do-brejo (*Aramides saracura*), pombão (*Columba picazuro*), tucano-de-bico-verde (*Ramphastos dicolorus*), mergulhão (*Podilymbus podiceps*), marreca-pardinha (*Anas flavirostris*), maria-faceira (*Syrigma sibilatrix*), martim-pescador-grande (*Ceryle torquata*), perdiz (*Nothura maculosa*), gavião-carijó (*Buteo magnirostris*), quero-quero (*Vanellus chilensis*), carrapateiro (*Milvago chimachima*), chimango (*Milvago chimango*) e frando-d'água-azul (*Porphyrula martinica*).

A ictiofauna, juntamente com os mamíferos e as aves, representa igualmente um recurso disponível. Em levantamento realizado no alto curso do Rio Uruguai, Bertoletti et al. (1989) identificaram 74 espécies. Entre elas destacam-se: traíra (*Hoplias malabaricus*), jundiá (*Rhamdia sp*) e cascudo (*Rhinelepis sp*, *Hypostomus sp*, *Hypostomus luteus*).

## **2.1 O AMBIENTE E A DISPONIBILIDADE DE RECURSOS**

O que conhecemos como Planalto Sul-Brasileiro caracteriza-se como um mosaico de ambientes. Esse mosaico é fruto justamente do fato de o planalto corresponder a um grande maciço, mais elevado que seu entorno.

A variação da altitude é importante: na borda leste possui uma altitude média por volta dos 1.000 a 1.200m e pontos extremos até quase 2.000m; na borda oeste pode alcançar pouco mais de 200m. Uma das decorrências dessa variação reflete-se no clima da região, que se torna mais frio nos pontos altos e mais ameno à medida que vai diminuindo a altitude.

Evidentemente, além das variações de altitude e clima, a cobertura vegetal também se altera, e, junto com ela, a fauna responde igualmente, proporcionando um mosaico, que longe de ser homogêneo possui variações em toda a área, mas que mesmo assim, caracteriza uma unidade.

Os dados de que dispomos são relativos à situação presente da flora e da fauna, de um fragmento de floresta com araucária. A caracterização que procuramos fazer aqui teve o objetivo de chamar a atenção para a variabilidade e a diversidade de recursos disponíveis nesse ecossistema, pois é sobre ele que as populações humanas se debruçam.

As disponibilidades observadas evidenciam a realidade atual pois, passados quase 200 anos de ocupação intensa e sistemática da população nacional, boa parte dos ambientes sofreram forte descaracterização. Podemos então supor que, quando ocupados pelas populações pré-coloniais, esses ambientes seriam bem mais ricos, no que se refere tanto à diversidade quanto à quantidade de espécies.

A conseqüência disso reflete-se na dificuldade de se obter dados conclusivos, que permitam ao menos inferir o rendimento dos diferentes



recursos, e, conseqüentemente, os limites de sustentabilidade de uma área. Entretanto, o que sabemos permite algumas conclusões quanto à disponibilidade desses para as populações humanas.

No que se refere à vegetação, percebemos a pouca quantidade de espécies que frutificam no final do verão e início do outono, época que corresponde aos meses de março e abril. Outro período crítico são os meses do inverno e do início da primavera, especialmente neste último, quando a vegetação está apenas iniciando seu ciclo reprodutivo.

Com isso, os recursos vegetais estão concentrados no final da primavera, no início do verão e no final do outono, sendo neste último mais forte. Observe: do final de março até meados de junho temos a frutificação da *Araucaria angustifolia*; os meses seguintes – julho, agosto e setembro – são os que apresentam a menor oferta; a partir de fins de setembro começam a ficar acessíveis os frutos das mirtáceas que garantem suprimento de alimento no final da primavera e início do verão.

Considerando agora os dados apresentados por Reitz & Klein (1966), teríamos a oferta de pinhão durante o ano inteiro. Entretanto, não possuímos dados quanto à densidade de cada variedade em uma porção de mato. Essa carência, impossibilita identificar a disponibilidade quantitativa das sementes em cada mês e o quão representativas poderiam ter sido para as populações humanas do passado. Mesmo assim, não podemos deixar de considerar esse recurso, ainda que em menor quantidade. Nesse caso, estratégias de estocagem, como sugerem os dados etno-históricos, ou mesmo de cultivo devem ter sido utilizadas para superar esses períodos de carência.

Não se pode deixar de considerar o fato de que o pinhão está na base de toda cadeia alimentar que envolve aves, mamíferos, répteis, enfim, serve de alimento para a fauna, que por sua vez propaga-se por toda a cadeia trófica, coincidindo o período de frutificação do pinhão com um incremento da disponibilidade dos recursos da caça.

Esses últimos seriam importantes também por fornecerem proteína, gordura e peles no caso dos mamíferos; ovos, penas e plumas para adornos, no caso das aves; além de dentes e os próprios ossos para confecção de instrumentos.

Os dados levantados ilustram a disponibilidade de recursos das matas com araucária. Não se dispõem ainda de dados quanto ao rendimento energético, especialmente relativo à quantidade de biomassa disponível, e conseqüentemente os limites de sustentabilidade de dada área, mas os que temos apontam uma oferta que não pode ser desprezada.

A floresta com araucária sempre foi indicada como uma fonte importante de recursos, especialmente pela predominância da *Araucaria angustifolia* e do seu fruto, o pinhão, como fonte de energia para as populações humanas e animais. Para as primeiras, Schmitz (1988b, p. 118) aponta a utilização do pinhão e Mabilde (1988, p. 165) faz a mesma afirmação com referência aos Kaingáng históricos do século XIX. Em sítios arqueológicos,

durante dos trabalhos de escavação, foram encontradas evidências de nós e pinhões calcinados.

Outra utilização importante da vegetação é a madeira para a confecção de artefatos, como arcos e hastes de flechas, os nós-de-pinho como combustível para fogueiras, além das próprias habitações nas quais as palhas das palmeiras serviam como cobertura.

A fauna, por sua vez, está distribuída entre as duas grandes unidades: o campo e as matas.

No campo encontram-se espécies de mamíferos de médio e grande porte, como gambás, tatus, preás, graxains-do-campo, lobos-guará, zorrilhos e veados; entre as aves destacam-se também as de tamanhos médios e grandes como a garça, a curicaca, o perdigão, a maria-faceira, a perdiz, o gavião-carijó, o quero-quero, o carrapateiro, o chimango, a coruja-buraqueira, a juriti-pupu, o pica-pau-do-campo, o anu-branco, a pomba-de-bando, o quiri-quiri, o anu-preto, o chopim-do-brejo, o sabiá-do-campo, o chopim, o bem-te-vi, o joão-de-barro, a primavera; todos de tamanhos médios a grandes.

Nas matas há ocorrência de mamíferos, como gambás, bugios, tamanduás, tatus, capivaras, cotias, pacas, ouriços, graxaím-do-mato, coati, mão-pelada, irara, jaguatirica, puma, veados; e de aves, como: alma-de-gato, anambé-branco-rabo-preto, anu-branco, anu-preto, bacurau, bacurau-tesoura, bem-te-vi, carrapateiro, chimango, chopim, chopim-do-brejo, coruja-buraqueira, corujinha-do-sul, curicaca, frando-d'água-azul, garça-branca-grande, gavião-carijó, inambuguaçu, jaçanã, joão-de-barro, juriti-pupu, maria-faceira, marrecapardinha, martim-pescador-grande, mergulhão, nei-nei, perdigão, perdiz, pernilongo, pica-pau-do-campo, pica-pau-dourado, pica-pau-verde-barrado, pomba-de-bando, pombão, primavera, quero-quero, quiri-quiri, sabiá-do-campo, sabiá-laranjeira, saracura-do-banhado, saracura-do-brejo, socozinho, surucuá-variado, tiriva, tovaca, tucano-de-bico-verde, urubú-de-cabeça-preta, urubú-de-cabeça-vermelha; espécies toda de tamanhos médios e grandes.

Algumas espécies ocorrem em mais de um ambiente, outras como o caso das capivaras, lontras, ratão-do-banhado, são encontradas nas proximidades dos banhados, lagoas e cursos d'água que se formam nas partes mais baixas.

Não se pode esquecer ainda o fato de que os recursos da fauna não seriam utilizados apenas como fonte de proteína e gordura; seus subprodutos – peles, ossos e penas – também devem ser considerados.

Para os artefatos líticos, os afloramentos de basalto e especialmente a existência de seixos nos rios e arroios, representam importantes fontes de matéria-prima.

As bordas dos capões e das matas, além dos seus recursos naturais, seriam as áreas preferenciais para a implantação de hortas. Essas garantiriam os recursos para os meses em que naturalmente não há grande oferta de alimentos.

A proximidade com o campo e o mato concentraria, ainda, ao menos três fontes importantes de recursos: o campo, o mato e água. Especialmente essa última, afinal, os assentamentos humanos não poderiam ficar distantes dela, o que implicaria a necessidade de transporte. Como veremos mais adiante, os sítios arqueológicos estão localizados próximos a um córrego ou banhado, garantindo o suprimento de água potável.

À medida que os cursos d'água vão sulcando o solo e encaixando seu leito abrindo vales encaixados, as encostas desse vales são tomadas pela floresta com araucária. O aspecto que mais chama a atenção nesse fenômeno é o fato de que conforme as camadas do basalto são expostas por possuírem diferentes consistências, formam-se pequenas grutas e abrigos.

As grutas, que se abrem próximas à parte mais alta do planalto, são utilizadas pelas populações pré-coloniais como jazigos funerários, especialmente as que possuem em sua frente um curso d'água.

É nesse ambiente da Floresta Ombrófila Mista, rico e diversificado, que as populações humanas desenvolveram sua cultura, criaram uma nova estratégia com as casas subterrâneas, exploraram sistematicamente os pinheirais, enfim, criaram uma cultura adaptada a essa realidade ecológica.

Nesse sentido, concordamos com Schmitz quando afirma:

*A riqueza fundante do sistema, que não permitiria trocá-lo por outro, era a semente do pinheiro (o pinhão), que está madura no outono e pode ser comida ao natural, cozida, assada, conservada por meses e transformada em pão. Complementada por cultivos tropicais, como milho, feijão e abundante caça, poderia abastecer, sem maiores crises estacionais, a população instalada. (Schmitz, 2001-2002, p. 91)*

Para uma lista das espécies vegetais identificadas na Floresta Ombrófila Mista temos como referência os dados do Projeto Radam Brasil, bem como o levantamento de fauna elaborado por ocasião do Projeto Vacaria. (Figura 1)

### **3 Em busca de um Padrão de Assentamento**

Neste capítulo reunimos as informações disponíveis dos diferentes projetos que foram desenvolvidos no Planalto Sul-Brasileiro. A finalidade disso é justamente aglutinar os dados referentes aos diferentes tipos de sítios que compõem os padrões, a partir dos quais poderemos estabelecer o sistema de assentamento.

O nosso ponto de partida são os trabalhos já realizados. São eles que permitiram a identificação de ao menos cinco tipos de sítios bem claros, a saber: as casas subterrâneas, os sítios superficiais litocerâmicos, os montículos, os abrigos com sepultamentos e as áreas entaipadas.

Os sítios arqueológicos são nossas unidades mínimas de análise. É a partir deles que construímos o conhecimento sobre as populações pré-coloniais. São entendidos aqui da mesma forma como Chang define assentamento:

*An archeological settlement is the physical locatle or cluster of locals where the members of a community lived, ensured their subsistence, and pursued their social functions in a delineable period.*<sup>8</sup> (Chang, 1968, p. 3)

O conceito de Padrão de Assentamento foi amplamente discutido e utilizado na literatura arqueológica a partir dos trabalhos de Gordon Willey (1953) no Vale do Virú, no Peru. Desde então tem sido discutido por vários autores, levando ao desenvolvimento de múltiplas definições que acabam por conferir diferentes conotações.

Para Alcina Franch (1989) o estudo dos padrões de assentamento deve ser percebido como um método que está ligado tanto à Ecologia Cultural quanto ao Funcionalismo. A partir da Ecologia Cultural procura, entender a distribuição dos assentamentos e suas mútuas relações no que se refere à subsistência, tecnologia e meio ambiente. Para o Funcionalismo, o estudo busca entender a distribuição espacial dos artefatos dentro dos sítios arqueológicos e daí realizar inferências sobre organização social, política e religiosa do grupo humano que ocupou aquele sítio. Por fim, propõe como definição aquela oferecida por Trigger:

*Propongo definir la arqueologia de asentamiento como el estudio de las relaciones sociales, utilizando datos arqueológicos. Este estudio incluye una investigación profunda tanto sobre los aspectos sincrónicos o estructurales, como diacrónicos o de desarrollo de estas relaciones. Se diferencia de la **arqueologia cultural** común en que no pretende considerar los diferentes aspectos de las relaciones sociales simplemente como unos rasgos más a enumerar dentro del complejo de rasgos de las culturas arqueológicas.*<sup>9</sup> (Trigger apud Franch, 1989, p. ?, grifo do autor)

Outro aspecto importante quanto à caracterização de um assentamento é o fato de que o sítio arqueológico pode conter mais de um componente. Isso é fruto da sucessão de ocupações em um determinado espaço quer por sociedades diferentes quer pelas modificações que uma sociedade pode apresentar no seu padrão de assentamento, fruto das alterações no seu modo de vida. Assim, um dado sítio pode representar tanto um momento único, resultado de uma única ocupação delimitada no tempo e no espaço, como a soma de diferentes ocupações diacrônicas e, portanto, está refletindo

---

<sup>8</sup> O assentamento arqueológico é o espaço físico ou conjunto de espaços, onde os membros de uma comunidade vivem, garantem sua subsistência e desenvolvem suas funções sociais em um determinado período de tempo. (tradução nossa)

<sup>9</sup> Proponho definir a arqueologia dos assentamentos como o estudo das relações sociais, utilizando dados arqueológicos. Esse estudo inclui uma investigação profunda tanto sobre os aspectos sincrônicos ou estruturais, como diacrônicos ou de desenvolvimento dessas relações. Se diferencia da arqueologia cultural comum porque não pretende considerar os diferentes aspectos das relações sociais simplesmente como um traço mais a enumerar dentro do complexo de traços das culturas arqueológicas. (tradução nossa)

diferentes padrões de assentamento, sem que isso implique necessariamente, em continuidade temporal ou cultural.

A compreensão das diferentes formas de assentamento em uma determinada área permite vislumbrar as articulações que se estabelecem entre eles. Dessa forma, esta perspectiva não fica restrita à idéia de um sítio isoladamente, mas procura entender de que forma os vários tipos de sítios estão articulados, fazendo parte de um todo, constituindo portanto, um Sistema de Assentamento.

A definição do que seja um Sistema de Assentamento tomamos emprestado de Forsberg, para quem:

*In other words, at least three dimensions can be used to visualise the variation and type of the settlement system. The system can be viewed as points in a three-dimensional space defined by the axes seasonality, function and social aggregation. Each site forms a point in this space, and the whole configuration of points forms the distinct structure of that settlement system.*<sup>10</sup> (Forsberg, 1985, p. 9)

O conceito de sistema de assentamento fornece uma ilustração bastante precisa e, mais ainda, permite perceber a interdependência entre os três elementos – sazonalidade, função e agregação social – da mesma forma como X, Y e Z são a definição Matemática das três dimensões de um ponto no plano cartesiano no qual a ausência de um deles permite apenas uma localização aproximada.

Seguindo ainda nessa mesma linha de pensamento, não se pode perder de vista que o sistema de assentamento é formado pelo conjunto dos diferentes padrões que dele fazem parte. Retomamos Forsberg.

*Settlement patterns can be said to exist on different levels:*

1) *Pattering can occur within a house structure which bears social meaning.*

2) *Pattering can also occur on the site level, where different social units are dispersed on a site according social or other rules.*

3) *Patterns also exist on the regional scale as described above.*<sup>11</sup>

(Forsberg, 1985, p. 9)

Trabalhar com um modelo de sistema de assentamento para as populações ceramistas implica reavaliar as evidências arqueológicas,

---

<sup>10</sup> Em outras palavras, pelo menos três dimensões podem ser utilizadas para visualizar a variação e os tipos de um sistema de assentamento. O sistema pode ser visto como pontos em um espaço tridimensional, espaço definido pelos eixos sazonalidade, função e agregação social. Cada sítio forma um ponto neste espaço, e toda a configuração de pontos forma as distintas estruturas desse sistema. (tradução nossa)

<sup>11</sup> Padrões de assentamento podem ser descritos em diferentes níveis:

1) podem ocorrer em na estrutura de uma casa que pode possuir significações sociais;

2) podem ocorrer em nível de sítio, onde diferentes unidades sociais estão dispersas em um sítio de acordo com regras sociais ou mesmo outras;

3) podem existir em uma escala regional como foi descrito anteriormente. (tradução nossa)

procurando elementos de uma integração entre os diferentes assentamentos; mas não apenas isso, implica que tenhamos claro que esse sistema faz parte de um sistema cultural que transcende as formas de assentamento e integra diferentes esferas da cultura.

Nossa intenção é fornecer uma visão sistêmica com os dados disponíveis para o Planalto Sul-Brasileiro. Estamos entendendo por visão sistêmica a articulação que ocorreu entre os diferentes tipos de assentamentos.

Evidentemente a sistematização que nos propomos é nada mais do que a construção de um modelo decorrente dos dados disponíveis, e enquanto modelo, não pode se propor definitiva, mas sim tão fiel quanto os dados o permitam.

Assim, a compreensão dos sítios arqueológicos como parte de um sistema de assentamento implica que sejam entendidos como parte de uma dinâmica que pode ser considerada tanto sincrônica como diacrônica. A consideração sincrônica percebe os diferentes sítios como respostas adaptativas de uma cultura em função das necessidades que se impõe, criando múltiplos tipos de assentamento. A consideração diacrônica refere-se às modificações que esses assentamentos apresentam no tempo através das alterações dos padrões de implantação dos sítios, que podem estar refletindo novas formas de adaptação cultural.

Assim a compreensão dos diferentes padrões de assentamento define uma linha mestra deste trabalho, e mais ainda, pretende-se compreender como esses diferentes padrões se relacionam definindo um Sistema de Assentamentos.

É por isso que buscamos entender a relação dos diferentes padrões. Por ora, procura-se resgatar os dados básicos produzidos pelos projetos já desenvolvidos, tanto os mais antigos, do final dos anos de 1960 e nas décadas de 1970 e 1980, como os recentes, dos últimos 10 anos.

A visão de conjunto desses diferentes projetos, concebidos em consonância aos modelos teórico-metodológicos vigentes em suas épocas, proporciona uma nova perspectiva da ocupação do Planalto Sul-Brasileiro.

### **3.1 PROJETOS DESENVOLVIDOS ATÉ 1980**

A compreensão dos dados disponíveis é fundamental para delimitação do problema que se procura solucionar. Compreender a ocupação do Planalto Sul-Brasileiro sem olhar os sítios propriamente ditos dificultaria a percepção do conjunto de informações disponíveis, bem como os seus limites.

A sistematização é feita a partir dos projetos desenvolvidos no Planalto Sul-Brasileiro. Procura-se apresentá-los em ordem cronológica de execução, salientando suas contribuições.

#### *3.1.1 Pesquisas Arqueológicas do Rio Grande do Sul*

Os trabalhos iniciam-se na década de 1960 com uma equipe formada pelos arqueólogos Pedro Ignácio Schmitz, Fernando La Sálvia, Guilherme Naue, Ítala I. Basile Becker, José J. J. Proenza Brochado, João

A. Rohr, Pedro A. Mentz Ribeiro, em paralelo às pesquisas desenvolvidas por Eurico Muller no contexto do PRONAPA (Schmitz, 1967, p.5).

Essa equipe realizou, a partir do ano de 1966, levantamentos arqueológicos nos Municípios de Caxias do Sul, São Francisco de Paula e Flores da Cunha, sendo registrados 53 sítios e um total de ao menos 167 casas medidas e outras identificadas, nas quais apenas o sítio foi registrado. Os resultados desses trabalhos foram publicados em 1967 (Schmitz, 1967) e 1988 (Schmitz, 1988b). Esses levantamentos tiveram continuidade até o ano de 1977 e foram financiados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

Além dos trabalhos de localização foi realizada a escavação de um sítio com 36 casas, no interior de um capão de mato. O sítio possuía uma casa grande ao centro, cercada por outras menores, além de 39 pequenos “*cômoros artificiais*”.<sup>12</sup>

Os sítios levantados estão arrolados por município:

No Município de Caxias do Sul foram identificados 36 sítios, sendo que em 29 deles ocorrem estruturas subterrâneas; podem apresentar entre 1 e 11 casas subterrâneas no mesmo sítio. Quanto ao tamanho<sup>13</sup>, as maiores possuem 10,1m de comprimento, 8,4m de largura e 1,3m de profundidade, e as menores possuem 2m de diâmetro e 1m de profundidade. Foram registrados mais 3 sítios superficiais com cerâmica Taquara. Ocorrem ainda 2 grutas com sepultamentos. Das 84 estruturas<sup>14</sup> medidas, apenas 10,71% (9) foram indicadas como elipsóides.

A maioria dos sítios (28) foi classificado como prejudicado ou destruído e apenas 8 considerados conservados. Devemos considerar que na ampla maioria devem estar ainda mais prejudicados agora, já que os dados que estamos manejando, ao menos para o Município de Caxias do Sul, são das fichas de registro dos levantamentos realizados pelo IAP em 1966. Passados mais de trinta anos, e considerando ainda o intenso desenvolvimento urbano que o município vem tendo, podemos acreditar que boa parte dos sítios já tenha seu potencial de informação prejudicado, senão destruído.

#### 3.1.1.1 ESCAVAÇÕES EM CAXIAS DO SUL

O sítio melhor conhecido é o RS-37/127, publicado por Schmitz e equipe em 1988 (Schmitz, 1988b). Apresenta um conjunto de 36 casas, tendo 1 ao centro com grandes dimensões e outras ao redor de tamanhos menores. Compõem ainda o sítio 39 pequenos montículos. Desses 3 foram escavados, incluindo 4 casas, dentre as quais está a pior delas.

---

<sup>12</sup> Os trabalhos realizados neste sítio estão descritos no item 3.1.1.1 deste capítulo.

<sup>13</sup> Sempre que não houver nenhuma referência em contrário a profundidade informada refere-se à encontrada pelos pesquisadores, sem considerar a camada arqueológica.

<sup>14</sup> Conforme mencionamos na Introdução (nota 2) estamos utilizando aqui o termo estrutura como sinônimo de casa subterrânea.

Das casas de grandes dimensões foram escavadas a A e a B. A casa A possuía antes das escavação 10,4m de diâmetro no sentido A-B e 10,1m no sentido C-D, além de 3,6 m de profundidade. Depois de concluídos os trabalhos apresentava uma profundidade de 4,84m, o sentido A-B 11,08m e o C-D 11m. A camada arqueológica apresentava uma espessura máxima de 1,48m. Nos pontos D, C e B havia entulho proveniente do desmoronamento das paredes com espessura de 30, 50 e 55cm, respectivamente. Observou-se na borda do ponto A um acúmulo de terra, indicando nivelamento intencional da altura das paredes (ver Schmitz, 1998:3).

A escavação foi realizada em níveis artificiais de 20cm até a profundidade de 148cm, onde encontrou-se a base da estrutura. O perfil apresenta variações de cor do solo de um pardo avermelhado até o marrom composto por grânulos de rocha em decomposição, raízes e carvão; ora compacto ora friável, em alguns espaços restritos o solo apresenta teor elevado de cinza indicando fogueiras, em outros, aglomerados de seixos indicando, possivelmente, suportes para os esteios do telhado.

Nesta estrutura foi identificada uma fogueira com 90cm de largura, 130cm de comprimento e 92cm de altura, que indica uma ocupação bastante estável no sítio, com uma certa duração. Foram encontrados fragmentos de cerâmica entre 20 e 40cm, e entre 60 e 148cm de profundidade. Dignos de nota são os fragmentos de cerâmica com decoração pinçada encontrados entre 60 e 80cm, associados a grânulos de carvão e fragmentos calcinados de pinhão. Aos 80cm há bastante carvão, com 2 nós-de-pinho carbonizados, mãos-de-pilão de seção triangular e fragmentos de cerâmica, tendo uma data de  $1.480 \pm 70$  A.P. (SI-603) Cal. 529-726 A.D.<sup>15</sup> Ao longo de toda a escavação é indicada a existência de artefatos em quartzo, além de terem sido registrados artefatos em basalto. (Schmitz, 1988a)

Resumindo as evidências, podemos dizer que essa casa foi escavada parcialmente em rocha pouco alterada, parcialmente em rocha fortemente decomposta, num terreno um pouco inclinado. Uma parte da parede, no setor junto ao ponto A, resultou de aterro largo e alto proveniente da própria escavação e que visou compensar a inclinação do terreno.

*De forma aproximadamente circular, tinha um diâmetro de mais de 10m na boca e mais de 6m na base. Apesar de alguns indícios sugerirem a estrutura básica da cobertura (um telhado levemente cônico, apoiado sobre as bordas da escavação ou suavemente levantado sobre ela), as evidências foram insuficientemente documentadas para a composição de um modelo. (Schmitz, 1988a, p. 35)*

<sup>15</sup> Datas calibradas com 2 sigmas através do Programa CALIB de Stuiver, M. and Reimer, P.J., Rev. 4.3, baseado em Stuiver, M. and Reimer, P.J., 1993, Radiocarbon, 35, p. 215-230.



A casa B do mesmo sítio (RS-37/127), também escavada, apresenta características semelhantes, entretanto possuía tamanho menor: 5,2m de diâmetro por 2,1m de profundidade antes da escavação.

*A visão inicial da casa era a de uma depressão concoidal, de paredes mais ou menos verticais. Por cima das camadas arqueológicas havia entulho com 30 a 80cm de espessura, proveniente em parte do desmoronamento das paredes e em parte de restos orgânicos em decomposição. O interior estava coberto por vegetação rala, além de fetos e arbustos. (Schmitz, 1988a, p. 24)*

As paredes dessa estrutura eram quase perpendiculares (ver Schmitz, 1998:26) com apenas uma leve inclinação na base em direção ao centro. Na escavação realizada também em níveis artificiais de 20cm foram identificados 4. No primeiro nível, entre a superfície e os 20cm de profundidade, foram encontrados blocos de rocha da decomposição do basalto, uma concentração de carvão e grânulos esparsos. No segundo, entre 20 e 40cm, foi encontrado um tronco queimado que foi datado em  $840 \pm 60$  A.P. (SI-606) Cal. 1.155-1.300 A.D. No centro da estrutura foi identificado um aglomerado de blocos que podem ter sido o apoio do esteio central (Schmitz, 1998:26).

O terceiro nível, de 40 a 60cm, foi o mais rico em termos de material. Foi identificado, próximo à parede, um fogão composto por blocos e bastante carvão. Junto a ele, lascas, implementos líticos e fragmentos de cerâmica. Foi encontrado ainda um segundo tronco carbonizado, que forneceu uma data de  $1.330 \pm 100$  A.P. (SI-605) Cal 616-982 A.D.

Nessa casa B foram identificadas duas ocupações. A primeira camada de ocupação, e mais antiga, possuía próximo de 40cm de espessura e apresentava um sedimento vermelho medianamente compactado e com pouco carvão. Possuía um fogão e as marcas de um poste no centro; fragmentos de cerâmica e lítico, além de pedras dispostas como lajotas. Essa camada foi datada em  $1.330 \pm 100$  A.P. (SI-605) Cal 616-982 A.D.

A segunda camada apresenta entre ela e a anterior um horizonte de raízes que deve ter correspondido a um período de abandono. O nível de ocupação propriamente dito apresenta uma cor marrom avermelhada. Próximo à parede havia pequenos blocos que pareciam frutos de desmoronamento. Chama a atenção a existência de troncos queimados que poderiam fazer parte da superestrutura que formava o telhado. A data dessa camada foi de  $840 \pm 60$  A.P. (SI-606) Cal. 1.155-1.300 A.D.

Ainda na casa B, a espessura da camada arqueológica foi de 1,2m.

Na borda da casa, já na parte externa, foram realizadas trincheiras que identificaram evidências de postes, dispostos paralelos à borda da casa, em intervalos de 1,5m e dois deles a 80cm. Isso associado ao acúmulo de blocos no centro, parece indicar um telhado, com esteio central e traves radiais, que deveriam sustentar uma cobertura.

A casa 4 compõe um conjunto com as casas 2, 3 e 9, que estão próximas às casas A e B. Suas dimensões são, depois da escavação, 3,3m de

diâmetro e 2m de profundidade. Perto de sua borda apresenta uma banqueteta. Os trabalhos arqueológicos indicam que tenha ao menos dois momentos de ocupação. O material encontrado constitui-se basicamente por seixos de basalto, artefatos líticos, fragmentos e lentes de carvão.

*Concluindo, podemos dizer que a casa foi cavada no solo, decomposição de rocha basáltica. A estrutura restante se compõe de uma depressão central, cercada por uma banqueteta alta, que poderia servir para dar acesso à casa e ser usada como assento. Na parte central existem blocos firmadores do esteio principal e na sua proximidade fragmentos de rocha organizados como fogão; sobre a banqueteta notam-se também alguns firmadores de esteios, mas não sabemos para o que serviriam estes esteios. Não temos condições de reconstruir concretamente o telhado, mas ele deveria ser cônico e levantado do chão.* (Schmitz, 1988a, p. 36)

A última estrutura escavada, foi a casa 9, com dimensões de médio porte, 5,62m no maior diâmetro e 5,06 no menor, com cerca de 1,2m de profundidade antes do trabalho. Ao concluir, sua profundidade alcançou 2,10m. (ver Schmitz, 1998:41)

Essa estrutura foi escavada em níveis de 20 cm, como as anteriores. Foi dividida em 4 setores, os quais 3 deles foram escavados. Antes da camada arqueológica propriamente dita foi removido o entulho composto de folhas e outros detritos. O resultado da escavação foi sintetizado assim por Schmitz.

*A base da casa foi escavada em rocha decomposta e totalmente meteorizada, formando uma depressão concoidal, com banqueteta alta ao redor da borda. Esta banqueteta poderia servir tanto para facilitar o acesso à casa, como proporcionar assento junto do fogo.*

*No centro da casa parece ter havido um esteio do telhado, firmado com fragmentos de rocha; ao redor do centro havia um fogão constituído de fragmentos de rocha e onde os sedimentos ficaram compactados e misturados com muito carvão; além desse parece ter havido outros pequenos locais de fogueiras.*

*A pequena casa parece ter sido ocupada em diversas oportunidades, como as outras, permitindo o crescimento de um fogão central com 74cm de altura e ao menos dois pisos de chão.* (Schmitz, 1988a, p. 39)

Segundo os autores, essa casa deve ter sido ocupada por bastante tempo, atestado pelo fogão que se estenderia por vários níveis alcançando 74cm de altura. A casa foi datada em  $960 \pm 60$  A.P. (Beta 153841) Cal 993-1.236 A.D.

Na borda externa foram feitas mais 5 trincheiras que permitiram visualizar aglomerados de fragmentos de rocha, que podem ter servido como apoio para os postes do telhado, a julgar pela sua distribuição regular ao redor da casa. A opinião dos autores é de que teriam servido como apoios dos postes ou esteios de sustentação do telhado.

Do conjunto de 39 montículos que ocorrem nesse sítio, 3 foram escavados. Os montículos 1, 2 e 3.

O montículo 1 está localizado próximo à casa B. Possui contorno elipsoidal com 6m de diâmetro maior e 5 de diâmetro menor. Sua altura máxima é de 1,32m. Seu conteúdo era terra, sem seixos e apresentava no seu entorno uma valeta rasa. Foi escavado em quase 50% de sua área.

Sua estratigrafia pode ser decomposta da seguinte forma:

Camada 1 (superior): *sedimento marrom levemente avermelhado e solto, com uma espessura que vai de 16 a 40cm, conforme a posição no montículo*

Camada 2: *sedimento marrom, solto, com grânulos de carvão, com uma espessura menor nos extremos (36 e 24cm) e maior no centro (60cm)*

Camada 3: *encontra-se no centro do montículo, sendo constituída de sedimentos vermelhos compactos de distribuição lenticular, com 20cm de espessura no centro.*

Camada 4: *solo amarelado, compacto, estéril e não tocado.* (Schmitz, 1988a, p. 42)

Na escavação foram registradas 4 marcas de postes ou estacas, alguns fragmentos rochosos, que poderiam ser implementos, e um caco de cerâmica. Foi recolhido carvão para datação que permitiu as seguintes datas: na camada 2 a 55cm de profundidade,  $630 \pm 70$  A.P. (SI-604) Cal 1.288-1.437 A.D.; na camada 3, entre 80-100cm,  $1.140 \pm 80$  A.P. (SI-602) Cal 890-1.020 A.D.

Segundo os autores:

*Pensando na interpretação do fenômeno, podemos dizer que certamente se trata de uma estrutura artificial. As datas conseguidas são coerentes com as outras do sítio. Embora não tenhamos encontrado restos de esqueleto(s) podemos pensar que se trata de sepultura(s), como os outros montículos, que se encontram espalhados no meio das casas. As diferentes camadas poderiam ser resultantes da renovação da sepultura, o que é comum entre os grupos Kaingáng, que em tempos históricos, e até hoje, vivem na área, como se pode ver no texto de Mabilde sobre os Coroados. Ou de novos sepultamentos. As camadas de carvão poderiam indicar cremação de cadáver? Os indícios são insuficientes para uma conclusão segura.* (Schmitz, 1988a, p. 42)

O montículo 2, próximo à casa B e os montículos 1 e 3, tem formato elipsoidal com 4,5m de diâmetro maior e 2,05 de diâmetro menor e 1,4m de altura. Na sua composição encontrou-se fragmentos de rocha e um pouco de terra. Apresenta duas camadas:

*A primeira mais alta varia de 60 a 112cm. Está constituída, em sua quase totalidade, pelo acúmulo formado por blocos de rocha de tamanhos variados, entremeados de terra e pequenas pedras em decomposição, que dão à terra a cor mais avermelhada. O acúmulo, que persiste até a profundidade total da escavação, termina na rocha*

*original. Aproximadamente no centro do acúmulo e por baixo do mesmo, aparece algo como um nicho de 70 x 30cm de largura por 37cm de altura máxima; nele a terra é mais solta. A outra camada é constituída por terra marrom, com raízes de tamanhos diversos e pequenas pedras esparsas. Num setor de 80cm de comprimento por 40cm de espessura a terra tem cor mais avermelhada pela decomposição de grânulos de basalto.*

*Na planta da base da escavação se vêem duas fossas, uma no setor B1 e outra no B2, que também aparecem nos perfis; são pequenos nichos montados com pedras justapostas e que formam um espaço cheio de terra solta e poderiam indicar lugares de deposição de mortos, ou de cinzas dos mesmo. (Schmitz, 1988a, p. 44)*

O último montículo escavado foi o 3, localizado próximo ao montículo 2. O seu formato é circular com um diâmetro de 4m e uma altura de 1,4m. Foi escavado em 50%.

Foram identificadas 2 camadas naturais. A primeira até 43cm de profundidade com um sedimento de cor avermelhada e com poucas pedras. A segunda camada tem cor marrom avermelhada, o sedimento é solto com raízes e fragmentos rochosos em decomposição, pedregulhos e blocos que podem formar concentrações. Uma dessas concentrações é circular e no interior os sedimentos são escuros e com bastante carvão. Não temos indicação de cerâmica associada.

#### 3.1.1.2 LEVANTAMENTOS EM OUTRAS LOCALIDADES

No Distrito de Ana Rech, Município de Caxias do Sul, foram encontrados 17 sítios, totalizando 53 estruturas, que oscilam entre 1 e 9, com média de 3,11 casas por sítio. Quanto às dimensões dessas, variam de 2,2 até 13,2m de diâmetro, com média em 6,3m, sendo todas descritas como circulares. Com relação à profundidade, a menor é igual a 0,4m e a maior 4,9m; a média é de 1,42m. As casas estão localizados preferencialmente na meia encosta, nunca no topo, nem tampouco no fundo do vale. Estão sempre em meio ao mato de pinheiros ou em áreas que foram desmatadas, segundo informações dos proprietários.

O sítio RS-40, localizado no distrito de Vila Seca, Município de Caxias do Sul, foi visitado por Alan L. Bryan no início da década de 1960. Possui 2 casas, sendo que em uma delas foi aberta uma trincheira de 5m de comprimento.

*RS-40. Foi o sítio visitado por Alan L. Bryan. Tem 2 casas; numa das mesmas foi aberta uma trincheira de 5m de comprimento, com as seguintes camadas: dos 0,35 aos 0,75m sedimento de cor cinza escuro com grande quantidade de cinza contendo seixos em decomposição (muitas vezes eram completamente vermelhos, queimados pelo fogo) e grânulos grandes de carvão. A 1m apareceu muito carvão granulado, sobre pequenos círculos de sedimento vermelho, compactado, queimado, indicando terem sido fogões; seus diâmetros eram de aproximadamente 0,50m. Na mesma profundidade*

*apareceram seixos maiores, formando uma espécie de pavimento que poderia ter servido como base para os fogões. Também, a partir de 0,75m, apareceram núcleos de rocha. (Schmitz, 1988a, p. 9)*

Nesse sítio foi obtida a data de  $1.520 \pm 90$  A.P. (SI-607) Cal 415-723 A.D. na profundidade de 1m.

O sítio RS-68 é composto por 3 estruturas em uma área plana no alto de uma colina: a primeira tem 4,9m de diâmetro por 2,4m profundidade; a segunda tem 2,20m por 0,50m; e a terceira tem 3m por 0,7m. Na estrutura maior foi realizado um corte estratigráfico de 1 x 1m.

O corte apresentou quatro camadas, sendo que a primeira, da superfície até 40cm, era de entulho composto por galhos e ramos de árvores depositados recentemente. Na segunda camada, que se estendeu até 55cm, foram encontrados fragmentos de carvão, nós-de-pinho e restos de queimada. A terceira camada, que atingiu 1,05m, apresentou um nível com predominância de tabatinga e pedras em decomposição. A quarta e última camada apresentou um nível com bastante cinza e grânulos de carvão. Num dos pontos pode ser observado que o carvão provinha de um tronco queimado com aproximadamente 15cm de diâmetro.

A data obtida a 1,15m de profundidade foi de  $620 \pm 90$  A.P. (SI-608) Cal 1.261-1.485 A.D.

No Município de São Francisco de Paula foram registrados 4 sítios com a ocorrência de casas subterrâneas. Desses, 1 possui apenas 1 casa, 2 possuem 2 e o último deles 3. Em termos de diâmetro, essas estruturas variam entre 5,5m a menor e 9,5m a maior; em profundidade entre 1,2 e 3m. Das 8 estruturas, 37,5% (03) são consideradas elipsóides.

No Município de Flores da Cunha foram levantados 9 sítios, sendo 7 deles com casas subterrâneas. Apenas 1 sítio possui 21 delas; os demais apenas 1. Das 27 estruturas medidas: 10 (ou 43,47%) apresentam uma variação de até 50% em uma das duas medidas.

Os dois sítios restantes são grutas, sendo que uma apresenta carvão, carapaças de caracóis terrestres e pequenos ossos de roedores, e não tem evidências de ocupação.

No Município de Bom Jesus (Lazzaroto et al., 1971) foram identificados 5 sítios, sendo 3 deles com casas subterrâneas, um abrigo sob rocha denominado "*Gruta do Matemático*" e um sítio a céu aberto.

O primeiro sítio, denominado Cipriano Silveira (RS-309), é composto por um conjunto de 23 casas que circundam uma elevação e formam pequenos núcleos com até 6 casas distantes até 600m entre si. O tamanho das casas está entre 5 e 8m de diâmetro e algumas delas são ditas pequenas. Possui ainda dois montículos: um com 10m de diâmetro e o outro com 5m.

Esse sítio tem ainda dois cordões de terra que circundam, pelo lado sul, a elevação onde estão as casas subterrâneas. Essas possuem 1,5m de largura por 0,5m de altura.

O segundo sítio encontrado é composto por 6 casas subterrâneas, sendo a primeira delas com 18m de diâmetro por 6m de profundidade. As outras 3 têm cerca de 5m de diâmetro. Aproximadamente 400m desse conjunto foram identificadas mais 2 casas com 5m de diâmetro, identificadas como Sítio Cláudio Friggeri.

No terceiro sítio com casas subterrâneas, denominado Capão do Pinheiro, são encontradas 2 casas com 7m de diâmetro, circundadas com os mesmos cordões de terra que os encontrados no Sítio Cipriano Silveira.

A aproximadamente 3.000m a sudoeste do sítio Capão do Pinheiro foi encontrado um sítio litocerâmico que apresentou pouco material. Alguns fragmentos de cerâmica da Fase Guatambu e 3 raspadores em basalto.

A Gruta do Matemático foi descrita por Danilo Lazzarotto; maiores detalhes ver item 2.4.11 no qual se encontra a descrição da referida gruta.

No Município de Canela, pesquisado por Schmitz e Becker, no ano de 1972, foi registrado um sítio arqueológico localizado no Parque Nossa Senhora do Caravágio do Saiqui (RS-348). Compõe-se de 4 casas subterrâneas sem indicação das dimensões, sendo apenas 1 identificada como elipsoidal e outra circular. Ocorrem ainda 3 montículos: o primeiro com 3,5 x 2,5 x 0,6m e o segundo com 2,5 x 1,7 x 0,6m (largura, comprimento e altura, respectivamente). Não foram realizadas intervenções de maior porte.

No Município de Nova Petrópolis, Pedro A. Mentz Ribeiro, no ano de 1968, localizou mais 4 sítios. 3 são superficiais, sendo um deles filiado à Tradição Taquara e os 2 restantes à Tradição Tupiguarani. O 4º possui apenas lítico e foi relacionado à Tradição Umbú. O sítio com casas subterrâneas – aquele filiado à Tradição Taquara – possui 2 estruturas, ambas com 15m de diâmetro e profundidade não informada, identificadas como sendo circulares.

No Município de Alpestre, que se localiza no noroeste do Rio Grande do Sul, foram encontrados 23 sítios arqueológicos, sendo 2 com cerâmica de Tradição Taquara e os demais com cerâmica de Tradição Tupiguarani. Todos são superficiais. As pesquisas foram realizadas por Danilo Lazzarotto entre os anos de 1972 e 1973. Os sítios com cerâmica Tupiguarani estão localizados próximos aos cursos d'água, no Vale do Rio Uruguai e seus afluentes locais como o Rio Farinhas. Não se tem registro até o momento de casas subterrâneas no dito município.

O primeiro sítio, com elementos associados à Tradição Taquara, caracteriza-se por uma mancha esparsa de cerâmica e artefatos típicos Alto-Paranaenses, a 100m do Rio Farinhas. O segundo dista 20m do primeiro e identifica-se pela ocorrência de manchas de terra escura com cinzas, acompanhadas de conchas e poucos fragmentos de cerâmica (Lazzarotto, 1975).

Em Iraí, também no ano de 1972, Danilo Lazzarotto identifica mais 7 sítios arqueológicos superficiais, sendo 6 deles associados à Tradição Tupiguarani e apenas 1 à Tradição Taquara.

Nesse conjunto de pesquisas no Rio Grande do Sul as áreas foram trabalhadas a partir de uma estratégia oportunística de levantamento, na sua imensa maioria contando com as indicações dos proprietários.

O conjunto dos trabalhos primam pela coleta das evidências cerâmica e/ou líticas e descrição dos sítios. Entretanto, a coleta é assistemática, o que impossibilita perceber a espacialidade. Não se encontra – ao menos nas publicações – mapas de distribuição espacial do material que permitam inferir comportamentos culturais associados à apropriação do espaço.

Dado o caráter oportunístico das pesquisas não foram realizadas escavações sistemáticas nos conjuntos de estruturas. Na sua grande maioria são coletas superficiais que não permitem perceber o funcionamento e estruturação de uma aldeia, nem tampouco inferir sua espacialidade, exceção feita à escavação realizada em Santa Lúcia do Piaí, no Município de Caxias do Sul.

Nesse sentido podemos perceber que:

A dimensão das estruturas varia de pequenas, com cerca de 2m até outras que podem atingir 21m de diâmetro. Quanto à profundidade, podem variar de pouco mais de 30cm até próximo dos 8m.

Com relação à forma, são, em sua grande maioria, caracterizadas como circulares, mas podem ocorrer estruturas elípticas ou mais de uma que se interseccionam. Prevaecem amplamente as circulares. Podem ocorrer isoladas ou agrupadas, em conjuntos de 2 até 36 casas, podem ter apenas casas subterrâneas ou casas subterrâneas e montículos.

A grande contribuição das escavações realizadas em Caxias do Sul foi permitir avançar na compreensão de um conjunto de casas subterrâneas. Fica claro, especialmente a partir das datas obtidas, que os conjuntos são o fruto de reocupações sistemáticas de uma mesma aldeia ao longo do tempo, e em alguns casos das próprias casas subterrâneas, caracterizando esses sítios como resultado de uma sucessão de reocupações diacrônicas, levando inclusive à formação de extensos sítios com até 36 estruturas subterrâneas e 39 montículos.

Esse conjunto de pesquisas foi fruto de um esforço concentrado dos pesquisadores em atividade no Estado do Rio Grande do Sul para obter uma amostragem das culturas pré-coloniais. Além do planalto, cujos dados foram aqui privilegiados, desenvolveram pesquisas nas outras regiões do Estado, sempre fazendo levantamentos e descrições primárias dos fenômenos encontrados, tanto que de alguns sítios nos restam hoje apenas essas descrições. Quanto à região do planalto, as pesquisas concentraram-se entre os anos de 1966 e 1970 e foram executadas em paralelo aos trabalhos que Eurico Miller e José Justiniano P. Brochado desenvolviam por conta do PRONAPA.

Os avanços dessas pesquisas foram imensos. Em primeiro lugar criaram um conhecimento básico sobre a arqueologia do planalto, sobre a qual

até o ano de 1965 nada se sabia. Descreveram vários sítios e diferentes realidades; algo até então inexistente para o planalto do Rio Grande do Sul.

Além dos trabalhos de levantamento que permitiram compreender melhor a distribuição das populações pré-coloniais e seus diferentes tipos de assentamentos representados pelas diferentes categorias de sítios identificados, avançaram ainda na interpretação dessas categorias. As escavações de 4 casas subterrâneas e 3 montículos em Caxias do Sul permitiu vislumbrar o funcionamento de uma aldeia. As datas por radiocarbono criaram um primeiro esboço cronológico que ainda hoje embasa as pesquisas.

A necessidade de compreender este mundo novo que se desfraldava levou esses pesquisadores a inaugurarem novas frentes de análise como a etno-história. Não se poderia deixar de falar nos trabalhos de Ítala I. Basile Becker ao buscar informações sobre as populações indígenas na documentação histórica, produzindo um conjunto de dados que ainda hoje servem de base para muitos pesquisadores.

Esse primeiro conjunto de pesquisas foi um projeto de pioneiros que juntamente com os dados produzidos pelo PRONAPA permitiram o nascimento de uma arqueologia científica no Sul do Brasil. Os trabalhos estavam permeados pelo modelo teórico histórico-cultural também usado pelo PRONAPA e procuravam obter um primeiro esboço da ocupação pré-colonial.

### *3.1.2 Pesquisas Arqueológicas em Santa Catarina*

A pesquisa Arqueológica no Estado de Santa Catarina deve muito à figura do Padre Jesuíta João Alfredo Rohr. Foi sem dúvida um dos arqueólogos que mais contribuiu para a pesquisa e defesa do patrimônio arqueológico daquele Estado.

Pe. Rohr desenvolveu seus trabalhos no planalto entre os anos de 1966 e 1971. Localizou ao menos 67 sítios nos Municípios de Petrolândia, Urubici, Rancho Queimado, Atalanta, Imbuia, Ituporanga, Bom Retiro, Alfredo Wagner, Lages e São Joaquim.

No Município de Bom Retiro, Pe. Rohr (1984) levantou 16 sítios, sendo 5 deles com casas subterrâneas, totalizando 26 estruturas; em Alfredo Wagner foram levantados mais 6 sítios, sendo 2 com 2 estruturas em cada sítio. O primeiro apresenta casas de formato circular e o segundo formato "*algo ovalado*", ou seja, elipsóide. Em Urubici levantou mais 39 sítios, sendo que em 6 deles foram encontradas 29 estruturas. No seu trabalho Pe. Rohr define as estruturas como crateras e apresenta sempre uma medida como diâmetro, das quais se conclui que as considerava circulares.

Desses sítios escava duas casas subterrâneas. O sítio SC-Urubici-11, que chama a atenção pela quantidade de cerâmica encontrada no interior da uma das casas – 2.235 fragmentos –, o sítio é composto por duas casas subterrâneas: uma pequena de 2m de diâmetro por 1m de profundidade e a outra com 8m de diâmetro e 4m de profundidade, além de uma quantidade fora do comum de cerâmica. A camada arqueológica é rasa, com uma profundidade



máxima de 15cm e é composta por carvão, cinza, seixos parcialmente alisados e lascados.

Esse sítio, embora escavado pelo Pe. Rohr, não foi publicado por ele. Temos apenas uma análise produzida por Schmitz a partir do material depositado nos laboratórios do Colégio Catarinense, a qual transcrevemos:

*A cerâmica é predominantemente simples, sendo 4,4% decorados. A coloração externa e interna dos vasilhames é de cor cinza e preta ou marrom. As paredes são consideravelmente espessas, de 4 a 18mm. As bordas são inclinadas para fora, retas ou levemente inclinadas para dentro; os lábios arredondados ou estreitados; as bases são convexas. O diâmetro da boca vai de 8 a 38cm. As formas abrangem tigelas, cuias, pratos, jarros, e panelas, de globulares a tubulares, os modelos básicos são em meia calota, hemisférica, piriforme e ovóide. As peças decoradas são geralmente pequenas, com o diâmetro máximo ao redor de 14cm. A decoração não cobre toda a superfície externa dos vasilhames, mas a metade do corpo, ficando as bordas e as bases simplesmente alisadas. A superfície alisada foi incisa, ponteadada, ungulada, inciso-ungulada, inciso-ponteadada, banhada em vermelho, ou brunida sobre uma fina camada negra, igual à Fase Guatambu.*

*O material lítico consiste de raros artefatos polidos, alisadores e percutores de diabásio e siltito, raspadores, picões, percutores, furadores, facas, talhadeiras cuneiformes em diabásio, siltito, quartzo, riolito ou sílex. O material lítico é variado: polido aparece em lâminas de machado, mão-de-pilão, talhadeiras, facas, pingentes; usado sem modificações intencionais aparece em percutores, bigornas, alisadores; lascado em raspadores, facas, picões, furadores, talhadeiras cuneiformes. A matéria-prima é variada, podendo ser basalto, diabásio, siltito, quartzo, riolito ou calcedônia. Embora não tenham sido encontradas pontas de projétil, as lascas de redução de bifaces sugerem a possibilidade de sua produção. (Schmitz, 1988b, p. 92)*

Uma das observações feitas por Pe. Rohr é o fato desse sítio estar a 100m de uma galeria subterrânea, na qual foram encontrados fragmentos cerâmicos com as mesmas características das descritas para o sítio. Essa mesma associação foi comentada ainda para o sítio SC-Urubici-20.

O sítio SC-Urubici-23 chama a atenção por estar a 100m de um sítio litocerâmico superficial. Nas palavras de Rohr um terreiro de antiga aldeia, que é na verdade uma área entaipada. Vale salientar que Pe. Rohr não explora essa associação, apenas comenta sua existência.

Identificou ainda outros tipos de sítios:

Sítios com inscrições rupestres, mais precisamente 4, nos Municípios de Urubici e Petrolândia, sempre em paredões de arenito. Os sulcos possuem no máximo 4cm de profundidade e outros 4cm de largura. Os motivos são figuras geométricas como triângulos, paralelogramos, retas, retas paralelas e oblíquas.

Sítios com sepultamentos junto a cascatas. Foram ao todo 15 abrigos todos eles com uma cascata em frente ou ao menos muito próxima. Encontram-se distribuídos entre os Municípios de Urubici, Petrolândia, Rancho Queimado, Atalanta, Imbuia, Ituporanga, Bom Retiro e Alfredo Wagner. Em alguns desses foram encontrados contos em osso, trançados, fragmentos de cerâmica, pontas de flecha, adornos em conchas, além de ossos humanos. O detalhe recorrente em todos os sítios é o fato de que sempre há uma cascata caindo diante da boca do abrigo ou ao menos um pequeno curso d'água.

Galerias Subterrâneas, que são galerias que penetram solo a dentro até profundidades de 40m, ramificando-se. Podem ter entre 1,5 e 2m de diâmetro, porém sua entrada é normalmente pequena e de difícil acesso, quando não camuflada pela vegetação. Em algumas delas foram encontrados fragmentos de cerâmica, artefatos líticos e também petroglifos. Foram identificadas aos menos 19 galerias.

Segundo Pe. Rohr:

*A nossa suspeita (de serem antrópicas) tornou-se certeza, quando, no município vizinho de Urubici, tivemos ensejo de visitar toda uma série de galerias, escavadas da mesma forma cilíndrica, em rocha mole de arenito, geralmente com braços laterais e possuindo bocas em extremidades opostas; algumas até com salas maiores e teto apoiado em colunas, deixadas em pé para este fim. Todas apresentam os mesmos sinais de picareta e de cavadeira pectiforme, deixando marcas, como que de garras de animais. Em algumas delas encontramos sinais de petróglifos e cacos de cerâmica indígena. Outras acham-se em comunicação com casas subterrâneas, sugerindo a hipótese de serem da mesma cultura das casas subterrâneas. (Rohr, 1984, p. 84)*

Para o Pe. Rohr não havia dúvidas de que as galerias subterrâneas fossem fruto do trabalho indígena. Uma das funções apontadas por ele seria a de que, em casos de ataque, seriam excelentes esconderijos com possibilidade de fuga por outra abertura, até porque a grande maioria delas possui mais de uma entrada.

Por último, identificou as áreas entaipadas em um total de 8.

*Com o fim de elucidar a natureza daqueles pretensos "Terreiros de Dança" foram feitas escavações em dois deles, escolhidos a esmo, pela ordem cronológica de sua descoberta. O primeiro terreiro escavado foi o acima descrito, situado em Petrolândia, em terrenos de Dorvalino Momm, que possui 20m de diâmetro. O segundo situa-se a 50km do primeiro, no Município de Bom Retiro, em terrenos de João Menegaz. Possui 40m de diâmetro e localiza-se nas imediações de uma série de casas subterrâneas. Nas trincheiras abertas foram encontradas, até a profundidade de 70cm, fogueiras com abundante carvão vegetal, cerâmica indígena e material lítico trabalhado. A cerâmica é do tipo liso, sem decoração alguma. Inclui pequena tigela, conservada pela metade, muito bem cozida, com paredes brilhantes.*

*Em virtude dos resultados obtidos nas escavações, chegamos à conclusão que aqueles supostos terreiros de dança de bugres, na realidade, são terreiros de antigas aldeias. Achavam-se localizadas em pontos altos e estratégicos e estavam guarnecidas por uma paliçada protetora, que se manifesta, ainda hoje, pela coroa de terra circular ao redor do topo do morro. (Rohr, 1971, p. 19)*

Além dessas aldeias, ocorrem ainda o que chamamos de sítios litocerâmicos. Destes, 2 são cerâmicos; 1 apresenta artefatos líticos, como lâminas de machados, batedores e amoladores além de alguns fragmentos de cerâmica; outro está próximo a uma casa subterrânea e possui cerâmica lisa e decorada, material lítico lascado e carvão vegetal até uma profundidade de 30cm.

Ocorrem ainda 5 sítios nos quais foi encontrado apenas material lítico como machados polidos, batedores, pontas de flecha, amoladores, mãos-de-pilão, seixos lascados, lascas e carvão vegetal.

Os trabalhos desenvolvidos pelo Pe. Rohr foram fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa arqueológica em Santa Catarina. Ainda que ele tenha se destacado pelo sua atividade junto aos sambaquis, no planalto ele foi o precursor e o primeiro a trazer excelentes colaborações. Levantou questões importantes, como a das Galerias Subterrâneas e sua origem antrópica e, fundamentalmente, alargou o conhecimento sobre o planalto, como o caso das casas subterrâneas, aumentando a visibilidade do fenômeno no Estado de Santa Catarina.

Sua maior contribuição talvez seja o caso dos abrigos com sepultamentos que até então estavam pouco claros nas pesquisas do Rio Grande do Sul e Paraná. O conhecimento sobre o assunto é ampliado com a grande quantidade de dados levantados e com a confirmação de um padrão, ou seja, enterramentos em grutas e todas elas com uma queda d'água, normalmente na frente. Outro avanço foi a descrição das áreas entaipadas, que foram interpretadas por ele como aldeias cercadas com uma paliçada de taquara, considerando o material encontrado nas escavações.

### *3.1.3 Pesquisas Arqueológicas no Paraná*

No Paraná, Chmyz (1969b), trabalhando no médio Rio Iguaçu, descreve dois conjuntos de estruturas, em dois sítios (PR-UV-06 e PR-UV-12). Essas formam grupos com no mínimo quatro e no máximo dez estruturas, sendo que as maiores possuem 10m de diâmetro e 3m de profundidade e as menores 2m de diâmetro.

Próximo ao primeiro sítio, a cerca de 4km, foram identificados conjuntos de montículos (PR-UV-7) situados no cume das elevações mais altas. Estes mediam próximo a 1,7m de comprimento por 0,6m de largura por 0,4m de altura, sempre na parte mais alta das elevações naturais. Percebe-se, circundando-os, uma pequena vala de onde deve ter sido obtida a terra para sua construção. Em um dos montículos escavados foram encontradas lascas e

núcleos de diabásio, sendo que em alguns deles havia marcas de utilização. Não foram encontrados vestígios de sepultamentos (Chmyz, 1968b).

Outro conjunto de montículos (PR-UV-11) identificados, agora próximo ao segundo sítio, chama a atenção pela existência, além das características mencionadas, de uma taipa ligeiramente retangular aberta em um dos lados, que delimitava esses aterros.

Dois deles foram escavados, sendo seus resultados descritos assim por Chmyz:

*Escavamos, na ocasião, dois aterros. Verificamos que abaixo da elevação não havia sinal de cova. A terra fora amontoadada sobre a superfície do solo. Não encontramos restos do enterramento, embora constatássemos sobre a superfície uma camada diferente, com cerca de 8 cm de espessura, que acompanhava o formato alongado do aterro. Esta camada de cor marrom escura, era rica em fragmentos de carvão vegetal. (Chmyz, 1968b, p. 46)*

Segundo o croqui a seguir, percebe-se claramente a taipa circundando o conjunto de aterros. Da mesma forma, é ilustrativo no perfil do aterro a existência de uma camada densa mais escura, na sua base, rica em carvão vegetal. Note-se, ainda, a informação de que não foram encontrados quaisquer indícios de sepultamentos ou restos humanos no referido montículo. Apenas foi encontrada grande quantidade de cristais de rocha, núcleos, lascas de diabásio, lascas de sílex alteradas por intemperismos e um batedor. Foram encontrados, também, fragmentos de cerâmica, sendo um com decoração digitada e os outros simples. (ver Chmyz, 1968:47)

### **3.2 OS PROJETOS DESENVOLVIDOS APÓS 1980**

Considerando exclusivamente as capitulações aqui adotadas, até 1980 consegue-se distinguir os trabalhos dentro dos Estados e, em alguns casos, respectivos municípios, decorrência da pouca quantidade de arqueólogos em atuação – conforme pode ser observado no item 3.1 subdividido em 3.1.1, 3.1.2 e 3.1.3, cada qual refletindo uma unidade da federação. A partir de 1980, com o aumento das pesquisas, os trabalhos multiplicam-se e muitas vezes envolvem vários municípios, e mesmo Estados. Dessa forma, apresentamos a seguir os projetos, tendo como foco seus resultados e não necessariamente sua abrangência territorial.

#### **3.2.1 O Trabalho de Maria José Reis nos anos de 1980**

Enquanto conjunto de sítios, para o Estado de Santa Catarina, um dos melhores estudos é o de Maria José Reis (1980).

Em seu trabalho de mestrado levanta 104 sítios nos Municípios de Lages, Bom Retiro, São José do Cerrito, Ponte Alta do Sul, Concórdia, Chapecó, São Carlos, Palmitos, Pinhalzinho, Ipumirim, Joaçaba, Lacerdópolis, Ouro, Capinzal e Água Doce.

O critério para definir os sítios foi a distância entre seus componentes. Esta, não poderia superar os 80m, de tal forma que as estruturas que

estivessem próximas, porém além dessas distâncias, seriam consideradas como sítios independentes. Ao observar os mapas de distribuição dos sítios oferecidos naquele trabalho, percebe-se que esses estão localizados nas áreas mais altas nos divisores de águas entre os diferentes cursos d'água formadores dos rios principais, especialmente o Rio Canoas, o Rio Caveiras e o Rio dos Índios.

Na região dos campos de Lages, Maria José Reis levanta um total de 354 casas subterrâneas, 96,89% (343) consideradas circulares e 3,10% (11) elipsóides.

Na região de Chapecó, trabalhada pela mesma autora, de um total de 85 casas subterrâneas registradas, 5,88% (5) são consideradas como elipsóides e 94,11% (80) como circulares.

Os sítios formam conjuntos e estão separados por espaços vazios. Ao redor da sede do Município de São José do Cerrito temos um conjunto de 15 sítios em um raio de aproximadamente 2.000m, com 69 casas subterrâneas e 4 aterros. Os sítios têm desde 1 casa subterrânea até 18.

Fenômeno semelhante foi observado no Município de Vacaria, no Estado do Rio Grande do Sul (ver item 3.2.5 adiante nesse capítulo).

O trabalho de Maria José Reis representa uma retomada das pesquisas no Planalto Sul-Brasileiro, isso porque após o primeiro grande conjunto de trabalhos desenvolvidos nos três estados do sul as equipes procuraram desbravar novas áreas em outros estados, na tentativa de ampliar o conhecimento arqueológico em regiões até então desconhecidas pelos arqueólogos. Cabe lembrar também que os trabalhos de campo do PRONAPA encerram-se em 1970, restando apenas a análise e publicação dos seus resultados.

Nesse contexto Maria J. Reis procura novos indicadores para abordar o problema das casas subterrâneas. Busca uma nova orientação teórica, fundamentada em um misto de levantamento oportunístico com sistemático. Produz a documentação de cada sítio de forma bastante precisa, descrevendo cada um, e, dentro do possível, realiza o mapeamento topográfico das casas subterrâneas.

O resultado dessa estratégia foi um levantamento sistemático de uma área limitada, com mapas de distribuição dos sítios e uma documentação invejável. O seu principal mérito está em permitir uma visão do conjunto de uma área, obrigando a repensar a questão da distribuição espacial desses sítios, a diacronia e/ou sincronia das casas na mesma aldeia, suas funcionalidades e o processo de formação. O trabalho não resolve estas questões mas contribui para que avance na busca de respostas. Resta ainda por fazer um conjunto de escavações e a criação de um quadro cronológico baseado em datações absolutas.

### *3.2.2 Pesquisas Arqueológicas no Vale do Rio Pelotas/RS*

No ano de 1984, Arno Kern, José O. de Souza e Fernando Seffner realizam levantamento arqueológico no Vale do Rio Pelotas, abrangendo os

Municípios de Vacaria e Bom Jesus, no Estado do Rio Grande do Sul. O objetivo foi o salvamento dos sítios da área a ser inundada pela represa da hidroelétrica de Barra Grande. O trabalho desenvolveu-se na margem esquerda do Rio Pelotas, a partir de 4 áreas selecionadas em função da facilidade de acesso por via rodoviária.

Foram localizados 14 sítios sendo 1 considerado fonte de matéria-prima, 11 possuíam casas subterrâneas e 2 foram considerados acampamentos. O sítio caracterizado como fonte de matéria-prima é um banco de seixos à margem do Rio Pelotas onde as populações pré-históricas obtinham basalto e riolito. Essa possibilidade é atestada pela existência de núcleos com negativos de lascamento com bulbos e pontos de percussão nítidos, com arestas vivas sem desgaste.

*Dois matacões apresentam sinais de abrasão, tendo sido utilizados como polidores de artefatos grandes. Os sulcos côncavos possuem até 10cm de largura e uns 25cm de comprimento.*

*Este tipo de sítio parece ser, tendo em vista as demoradas observações feitas, um local para obtenção de matérias-primas ou para acabamento de utensílios. Tanto núcleos, como alguns seixos com indício de trabalho, parecem indicar isto. Não seriam nem sítios-acampamento nem sítios-habitação, pois não se encontram outras evidências. Os artefatos devem ter sido elaborados em outra parte ou levados embora. (Kern, Souza & Seffner, 1989a, p. 120)*

Os sítios com casas subterrâneas foram divididos em dois grupos: o primeiro grupo apresenta apenas uma casa cada com tamanhos de 6 e 10m de diâmetro, respectivamente (RS-UP-251 e RS-UP-269); o segundo possui mais de uma casa as quais formam conjuntos. O tamanho da maioria dessas situa-se entre 2 e 6m de diâmetro, e em um dos sítios ocorre uma estrutura com 10m de diâmetro. Cabe ressaltar que em dois casos os sítios estão distantes não mais que 1000m de um outro com uma casa de grandes dimensões.

Outro detalhe importante levantado pelos autores é o fato de que sítios com casas subterrâneas estão situados na parte alta dos morros, em locais que permitem uma boa visibilidade do entorno.

Os sítios considerados acampamentos são o que definimos como sítios litocerâmicos. Estão implantados tanto em terraços na encosta como no topo dos platôs, e são inclusive bons lugares para a agricultura, segundo os moradores atuais.

O trabalho desenvolvido nesses sítios foi de inspeção visual, coleta de superfície e em alguns foram realizados cortes estratigráficos nas casas subterrâneas. Nessas sondagens encontrou-se: restos de carvão, pedaços de nós-de-pinho carbonizados em pouca quantidade, fragmentos de cerâmica e pedras alteradas pelo fogo. Estas últimas devem ter sido apoio para as painéis nas fogueiras. Não há indicações de postes ou mesmo sinais de estacas.

O material lítico<sup>16</sup> consiste em instrumentos com entalhes, lâminas de machado lascado com entalhes laterais para encabamento, instrumentos com gume em bisel, lascas e núcleos de quartzo e blocos com alteração térmica. Foram encontrados ainda fragmentos de mãos-de-pilão.

A cerâmica apresenta em alguns fragmentos a pasta bem misturada, compacta e areno-argilosa; em outros está mal misturada, friável com fissuras e bolhas de ar. O antiplástico é composto por calcário, quartzo leitoso, mica, quartzo hialino e raramente óxido de ferro. A cor da superfície varia do negro até o vermelho.

*Os fragmentos sem decoração possuem evidências de alisamento interno e externo. A cerâmica com decoração plástica é rara no conjunto analisado, e compreende o digitado leve, o unglado arrastado. A decoração denominada de digitado leve é caracterizada por diversos fragmentos que compõem um único recipiente e cuja superfície externa apresenta marcas da polpa dos dedos, com pequena profundidade. Um fragmento apresentou decoração caracterizada por marcas prováveis de unha ou de um instrumento de igual forma e espessura (meia lua), arrastado, em séries paralelas, mas cujo sentido muda a cada seqüência de maneira alternada. O fragmento se encontra alisado de maneira a possuir uma forma arredondada irregular. [...] Outro fragmento isolado apresentou uma decoração aparentemente realizada com um instrumento duplo, composto por duas pequenas espátulas colocadas lado a lado, medindo aproximadamente 2mm cada uma, que produziram marcas paralelas e arrastadas em seqüências igualmente paralelas, não alternadas. (Kern, Souza & Seffner, 1989b, p. 291)*

Quanto às formas, são semi-cilíndricas e globulares, e são filiadas à Tradição Taquara.

### 3.2.3 Pesquisas Arqueológicas no Município de Esmeralda/RS

No Município de Esmeralda, Estado do Rio Grande do Sul, as pesquisas arqueológicas foram desenvolvidas por Pedro Augusto Mentz Ribeiro, no ano de 1984, e retomadas por Sílvia Copé, nos anos de 2001 e 2002. Parte do que era o Município de Esmeralda emancipou-se e hoje é Pinhal da Serra.

Mentz Ribeiro, nos trabalhos de 1984, fez um levantamento e identificou 27 sítios a céu aberto, 39 sítios de casas subterrâneas, 3 áreas entaipadas, 3 galerias, 3 cavernas e 2 abrigos sob rocha. Nos trabalhos de 2001 e 2002 Copé estende o levantamento e localiza 31 sítios, sendo 20 com casas subterrâneas, 5 com áreas entaipadas e 6 sítios a céu aberto.

Os sítios a céu aberto foram divididos em líticos e litocerâmicos. Ambos diferenciam-se das áreas entaipadas pela ausência de estruturas construídas, como montículos ou taipas, delimitando áreas. Caracterizam-se pela distribuição do material arqueológico pela superfície.

---

<sup>16</sup> A análise do material tanto lítico como cerâmico foi publicada em: Kern, Souza, & Seffner, 1989b.

Os sítios líticos ocorrem predominantemente em locais de declive acentuado e sobre afloramentos rochosos. Os artefatos encontrados são característicos da Tradição Pré-Cerâmica Humaitá, fato que Mentz Ribeiro & Ribeiro (1985) já haviam notado no levantamento de 1984 e associaram dois sítios àquela tradição.

Chama a atenção dos autores a baixa quantidade de instrumentos e a alta concentração de restos de debitage como lascas, fragmentos e núcleos, que totalizam 93,86%. Entre os instrumentos foram encontrados raspadores, talhadores bifaciais e unifaciais, além de outros não padronizados.

*A própria debitage nos leva a acreditar na pouca pluralidade de atividades no sítio, pois a maior parte das lascas evidencia os estágios finais do lascamento: considerando os dados relativos à superfície dorsal das lascas, 78% possuem menos da metade desta superfície com córtex, e 80% delas possuem duas ou mais cicatrizes de lascamento anteriores à sua retirada.* (Copé, Saldanha & Cabral, 2002, p. 125)

Os sítios litocerâmicos, apresentam lascas unipolares, lascas por espatifamento térmico e blocos de rocha, formando estruturas como fogueiras e pisos de habitação.

*Através da observação do plano de escavação, que mostra a distribuição dos artefatos no espaço escavado, é possível vislumbrar o piso de uma antiga cabana pré-histórica, delimitada por uma maior concentração de artefatos grandes, formando um semi-círculo ao redor da fogueira identificada. Entre o semi-círculo de artefatos e a fogueira observamos a existência de artefatos de menores dimensões (lítico e cerâmica). Estamos inclinados a interpretar esta maior concentração de artefatos como proveniente da limpeza da área central da estrutura.* (Copé, Saldanha & Cabral, 2002, p. 127)

Nos sítios com casas subterrâneas foi realizada a escavação de um deles, o RS-PS-11. Este é composto por 8 casas, sendo que 2 delas estão geminadas. Foram escavadas as casas A, B e C, onde foi possível identificar dois momentos de ocupação.

*Portanto verificamos que as estruturas subterrâneas foram ocupadas em dois momentos: a primeira ocupação e portanto mais antiga, apresenta um rebaixamento do piso no centro, onde foram constatadas densas lentes de carvão, formando estruturas de combustão cercadas por rochas. Ao redor destas estruturas foram encontradas concentrações de artefatos líticos, além de muitas termóforas. Apenas 3 fragmentos cerâmicos de uma mesma vasilha foram encontrados nesta primeira ocupação, junto à fogueira na estrutura B. A estrutura C forneceu apenas artefatos líticos.*

*Segunda ocupação (re-ocupação), mais recente, apresenta microestruturas como o rebaixamento central e, na estrutura B, foi identificado um conjunto de rochas dispostas em círculo, exatamente no centro da estrutura, que interpretamos como sendo fixadores do esteio central que suportava o telhado da estrutura original. A*



*reocupação das estruturas apresentou uma abundância de artefatos líticos (instrumentos de debitação), mas poucos fragmentos cerâmicos (1 na estrutura C e 3 na estrutura B). Não foi verificada a existência de microestruturas de combustão, apenas muitas termóforas no interior das estruturas. (Copé, Saldanha & Cabral, 2002, p. 129)*

Os sítios que denominamos como áreas entaipadas são chamados pela equipe de Silvia Copé como *estruturas circulares em alto relevo*. Na sua área de trabalho identificou 5 sítios desta natureza e 1 deles, RS-PS-21, foi alvo de uma pesquisa mais aprofundada do que apenas a inspeção visual e uns poucos cortes estratigráficos.

Aproveitamos a descrição do trabalho da publicação:

*O sítio denominado RS-PS-21 consiste numa área de concentração de artefatos líticos e cerâmicos em superfície, com cerca de 1.400m<sup>2</sup>, associada à duas estruturas circulares em alto relevo que medem 20 e 15m de diâmetro máximo, respectivamente. Elas estão em uma área de relevo plano, logo antes de uma escarpa do morro, o que proporciona uma vista panorâmica privilegiada a partir das estruturas. (Copé, Saldanha & Cabral, 2002, p. 130)*

O trabalho consistiu na coleta sistemática em quadrículas de 5 x 5m em quase toda a superfície do sítio, o que permitiu evidenciar áreas de concentração de material e a seleção de áreas para a realização de cortes estratigráficos. Em uma das estruturas foi realizada uma trincheira que a cortou no sentido norte-sul. O objetivo foi evidenciar o anel externo que compõe a estrutura, o espaço interno e um montículo que se localizava no seu centro.

Na coleta superficial foram encontrados fragmentos de cerâmica bastante desagregados, bolotas e roletes de argila queimada, além de artefatos líticos. Na área de maior concentração de material foi realizada uma sondagem de 1 x 1m que permitiu a visualização das camadas arqueológicas. Essas atingiram apenas 20cm de profundidade e apresentaram pouco material, apenas dois fragmentos cerâmicos e dois artefatos líticos.

Já a escavação da trincheira:

*A partir da trincheira demarcada anteriormente, foram abertas primeiramente as quadrículas que correspondem à área interna da estrutura. Nos primeiros 5cm escavados nas quadrículas internas, principalmente na camada húmica, foram encontrados muitos fragmentos de carvão que, por suas formas e disposições, são raízes queimadas, possivelmente resultantes da derrubada e queima da mata ocorridas na abertura das frentes de colonização branca durante o século XX. Abaixo da camada húmica, até os 10cm, segue uma camada marrom escura com pouco carvão. Apenas uma quadrícula forneceu material arqueológico: 3 cacos cerâmicos de uma mesma vasilha, encontrados exatamente no contato entre a primeira camada abaixo da camada húmica e a uma segunda, marrom clara, derivada do basalto decomposto.*

*Nas quadrículas sobre o centro do montículo foi possível delimitar uma micro-estrutura complexa, aos 45cm de profundidade, delimitada ao sul e ao norte por aglomerados de concreções avermelhadas e escuras, possuindo no centro muitos fragmentos de ossos pequenos, alguns deles bastante calcinados, além de duas fogueiras, contendo no seu interior também ossos misturados (alguns carvões recolhidos das fogueiras podem ser ossos queimados). Esta microestrutura estende-se a leste e oeste. Foi delimitada a fogueira contendo muitos ossos (um deles foi identificado como uma vértebra humana). Os ossos encontram-se bastante remexidos em meio à fogueira, estando bastante friáveis. Em volta da fogueira foi notada uma concreção escura que julgávamos ser um basalto em decomposição. Ao decaparmos totalmente a fogueira notamos que esta concreção era na verdade o sedimento calcinado pela fogueira, indicando que esta atingiu uma temperatura muito alta. (Copé, Saldanha & Cabral, 2002, p. 131)*

Esse sítio parece ser a combinação de dois tipos de sítios; ou seja, 2 áreas entaipadas ao lado de 1 sítio litocerâmico como fica claro a partir do croqui (ver Copé & outros, 2002:138). A questão que se coloca é se essa proximidade faz parte de uma integração entre esses dois tipos de assentamentos, ou seja, os sítios litocerâmicos estão próximos das áreas entaipadas por fazerem parte de um mesmo momento de ocupação, ou, ao invés disto, é uma associação fruto da sobreposição diacrônica de ocupações.

Dada a proximidade, a densidade e a necessidade de esforço cooperativo para construção das áreas entaipadas estamos admitindo que a primeira alternativa seja a mais apropriada.

Mentz Ribeiro comenta ainda que foram encontrados 3 cavernas e 2 abrigos sob rocha. Estes sítios foram apenas visitados e não foram alvo de intervenções de maior porte, nem tampouco foi identificada a ocorrência de qualquer material arqueológico nos ditos sítios. Menciona apenas a informação prestada pelos informantes de que em um deles teriam sido encontrados dois sepultamentos estendidos lado a lado, sobre uma esteira de taquara, acompanhado por um "cálice" que, segundo Mentz Ribeiro, deveria ser um pote cerâmico.

Em termos de contribuição, esses dois trabalhos avançam bastante na compressão das áreas entaipadas, até porque os autores sugerem que esse tipo de sítio desempenhe funções cerimoniais e não sejam aldeias cercadas por paliçadas. A produção de cerâmica e o consumo e processamento de alimentos, que ocorrem do lado das áreas entaipadas a ponto de, se isolados, caracterizarem sítios litocerâmicos superficiais, demonstram a existência de atividades cotidianas associadas à essas estruturas que podem estar refletindo não só uma ocupação regular, mas momentos de concentração do grupo, reforçando a interpretação de que esses sítios são espaços cerimoniais.

Entretanto, ressen-te-se a falta de datas para situá-los em um contexto cronológico, até para saber se as diferentes áreas são contemporâneas ou momentos diferentes na utilização do espaço.

### 3.2.4 Pesquisas Arqueológicas no Município de Bom Jesus/RS

No Município de Bom Jesus, Estado do Rio Grande do Sul, foi escavado o sítio RS-AN-03, primeiro por Mentz Ribeiro e equipe (Mentz Ribeiro et al., 1994) e depois retomado pela equipe da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, coordenada por Silvia Copé (Copé & Saldanha, 2002).

O sítio em questão localiza-se hoje no perímetro urbano da cidade de Bom Jesus, na propriedade do Sr. Darci Grazziotim. As casas subterrâneas e o montículo que o compõem estão implantados em um declive que até determinado ponto é suave e depois apresenta uma inclinação mais significativa. Quanto à vegetação, está em um capão de mato de *Araucaria angustifolia*. A água pode ser obtida em um riacho próximo, a uma distância não superior a 20m.

É composto por 5 casas. A maior recebeu a denominação de casa A. Possui 16,5m no seu menor diâmetro e 18m no maior. A casa B com dimensões de 4 e 5m; a casa C com 6 e 7m; e a casa D com 6 e 7m; não temos as indicações de profundidade, sendo essas medidas de menor e maior diâmetro respectivamente. Completa o conjunto um aterro que mede 31 x 13m. Disso todo, a casa A, a C e o aterro foram alvo de escavações arqueológicas.

A casa A foi trabalhada tanto pela equipe de Mentz Ribeiro como pela equipe de Silvia Copé. O primeiro realizou um corte de 3 x 3m no centro da estrutura, entre os anos de 1991 e 1992. Copé<sup>17</sup> procedeu à escavação de uma trincheira no sentido norte/sul da casa, englobando a escavação de Mentz Ribeiro. A intenção foi identificar os limites entre o piso e a parede (Mentz Ribeiro et al., 1994; Copé & Saldanha, 2002).

No lado sul da trincheira foi possível identificar a parede da casa, aberta em basalto decomposto e levemente inclinada. No lado oposto o piso não foi encontrado. No centro um aglomerado de grandes pedras circunda uma marca de estaca que parece ser o esteio central da estrutura. A fogueira apresenta-se como um conjunto de pedras com fragmentos de cerâmica e carvão no seu interior. Essa primeira fogueira, localizada entre 70 e 80cm de profundidade, foi datada por C<sup>14</sup> em  $370 \pm 50$  A.P (Beta 166584). Foram encontrados junto a essa fogueira um núcleo de basalto lascado e um fragmento de mão-de-pilão. Além disso, 62 peças líticas, 33 fragmentos cerâmicos, 87 pedaços de vidro, 24 fragmentos de louça, 5 peças de ferro e 50 nós-de-pinho, sendo que essa casa serviu como depósito de lixo para os proprietários atuais, o que explica o vidro, a louça e o ferro.

A casa C foi escavada em quase sua totalidade. Nela foi possível identificar 3 camadas arqueológicas. A primeira é composta por sedimento

---

<sup>17</sup> A autora e equipe desenvolve um projeto na área desde 1998, que encontra-se em andamento (março de 2003).

argiloso, bastante perturbado por raízes de árvores, sua espessura é de 80cm e corresponderia ao entulho da casa. Foram encontrados fragmentos cerâmicos, artefatos líticos dispersos, sem formarem conjuntos. Conforme seus escavadores, foram depositados após o abandono da estrutura. O que chama a atenção são toras queimadas encontradas a 40cm da superfície, que foram interpretadas como o madeirame do telhado.

A camada seguinte, correspondendo ao telhado, possui apenas 15cm de espessura e apresenta um sedimento argiloso, marrom escuro; nela são encontrados troncos parcialmente carbonizados, possivelmente parte da estrutura do telhado, e esparso material lítico e cerâmico. A partir dos troncos carbonizados foi obtida uma data entre 80 e 90cm, de  $80 \pm 50$  A.P. (Beta 166586)<sup>18</sup>.

A terceira camada, que seria a ocupação da estrutura, apresenta um sedimento marrom escuro, argilo-arenoso, iniciando a 1,1m de profundidade. No seu interior foram identificadas várias concentrações de carvão vegetal, compondo estruturas de combustão, 134 artefatos líticos, compostos por lascas, fragmentos de lascamento, lascas fraturadas por aquecimento além de núcleos. Os fragmentos cerâmicos totalizam 123 peças, tendo uma vasilha inteira; foram identificadas 6 formas diferentes, sendo que 2 delas pertenceriam à Tradição Tupiguarani. Essas vasilhas seriam utilizadas na transformação e/ou processamento e no consumo de alimentos.

Ocorrem ainda aglomerados de pedra que poderiam ser estruturas de sustentação do telhado. Essa camada foi datada em dois locais: um no início, entre 1,2 e 1,3m de profundidade que resultou na data de  $550 \pm 40$  A.P. (Beta 166585) Cal 1.310-1.370 A.D; outra na profundidade entre 1,8 e 2m, fornecendo a data de  $2.180 \pm 40$  A.P. (Beta 166587) Cal 2.330-2.100 A.P.

Em relação a áreas de atividade:

*A partir das densidades apresentadas pelas diferentes classes de artefatos foi possível sugerir três áreas de atividade no interior da estrutura: 1. uma área de refugio: um local com densidade de carvão sem formar arranjo definido (fogueiras), com presença de blocos térmicos e poucas porém grandes peças líticas e alguns fragmentos cerâmicos; 2. uma área de trabalho: local com evidências expressivas de produção e uso de artefatos líticos, e processamento e consumo de alimentos, através das vasilhas cerâmicas; e 3. uma possível área de descanso: local com menor densidade de objetos, sem concentração de carvão nem blocos térmicos, ou seja, uma área limpa, além de possuir bancadas mais amplas. (Copé & Saldanha, 2002, p. 113)*

Na escavação do aterro foram identificadas 3 camadas arqueológicas, correspondendo a estratigrafia inversa se comparada às casas A e C, sugerindo que se trata do acúmulo da terra proveniente da construção daquelas casas.

---

<sup>18</sup> Devido ao fato da data ser recente, não foi realizada sua calibração (de 2 sigmas).

A primeira camada possui uma profundidade entre 15 e 50cm com um sedimento marrom escuro, argilo-arenoso; nela percebe-se grânulos de carvão, fragmentos cerâmicos e algumas lascas de basalto, sem formar arranjos definidos que poderiam indicar áreas de atividade, podendo ter exercido a função de lixeira para as populações pré-coloniais.

A segunda camada, mais espessa, com 2m, tem em sua composição lentes arenosas, oriundas do basalto em decomposição, e com a mesma característica das paredes e pisos das casas, sendo portanto o depósito contemporâneo à construção dessas. Não foi encontrado material arqueológico nessa camada.

A terceira camada assenta-se sobre o solo natural e possui entre 5 e 15cm de espessura. Em termos de composição possui a mesma do solo natural, correspondendo, assim, à camada superior do início da construção das casas subterrâneas. Em termos de cultura material foi encontrada uma abundância de carvão vegetal, material lítico e cerâmico. Quanto ao material lítico, foram identificadas lascas, preferencialmente unipolares (59%), lascas térmicas (36%), fragmentos de lascas (5%) e um instrumento bifacial, totalizando 23 artefatos. Quanto à cerâmica, foram identificados 3 fragmentos decorados com a técnica do ponteados pertencentes a uma vasilha apenas. Foi obtida uma data de  $1.000 \pm 40$  A.P. (Beta 166588) Cal 990-1.160 A.D., que deve representar o início da construção das casas.

Como balanço dos trabalhos neste sítio:

*As trincheiras escavadas que cortam as estruturas A e C revelaram que o processo construtivo das paredes Norte e Sul das estruturas são dissemelhantes dentro da própria estrutura (uma parede inclinada e/ou com bancadas e outra abrupta e reta eventualmente com bancadas) e de uma estrutura para a outra (na "Casa A" a parede inclinada está no Norte e na "Casa C" está no posição Sul apresentando bancada com marcas de esteios do telhado).*

*Uma constatação interessante é o longo período de ocupação da "Casa C" verificado através dos 1,3m de espessura da camada arqueológica na área central da estrutura. As duas fogueiras não apresentam interrupção ao longo de toda a camada, fornecendo indicações que a estrutura não passou por re-arranjos ou abandonos durante o período de ocupação. Poucos artefatos foram localizados nos níveis inferiores, fenômeno que interpretamos como uma limpeza sistemática da estrutura durante a ocupação e somente nos 30cm superiores da camada foi constatada uma abundância de material, incluindo uma vasilha completa. Estas constatações parecem indicar que os artefatos localizados nos níveis superiores entraram para o registro arqueológico durante o processo de abandono da estrutura. A escavação completa desta estrutura nos permite afirmar que ela foi uma unidade residencial e, portanto, não é inapropriado denominá-la de casa. (Copé & Saldanha, 2002, p. 116)*

Cabe salientar que os trabalhos neste sítio não estão encerrados e sua escavação deve continuar nos próximos anos, o que servirá para clarear algumas questões pendentes, especialmente relativas às datas, tais como a cobertura da casa ser bastante recente –  $80 \pm 50$  A.P.; a ocupação propriamente dita – entre  $550 \pm 40$  A.P e  $2.180 \pm 40$  A.P.; e o início da construção das casas –  $1.000 \pm 40$  A.P.

As datas nesse sentido levantam ao menos duas questões importantes: primeira indicam uma reocupação bastante recente – 80 A.P. correspondente ao barrotes do telhado carbonizados – com pouca ocupação, ou, então, os troncos queimados não são parte da estrutura do telhado e sim apenas troncos carbonizados, até porque a camada na qual parte dos troncos foi encontrada é considerada entulho; a segunda questão refere-se à data de 2.180 que contradiz a data de 1.000 do montículo. A última data deveria marcar o início de ocupação da casa, já que o montículo é indicado como o depósito dos sedimentos da construção das estruturas. A continuidade dos trabalhos deve trazer novos dados para o equacionamento dessas dúvidas.

Não podemos deixar de ressaltar as contribuições desse projeto, já que permitiu um avanço considerável na identificação de áreas de atividade a partir da distribuição dos artefatos. Outra contribuição importante foi a definição da função dos montículos como depósito de sedimentos da construção das casas subterrâneas. (ver Copé e Saldanha, 2002:117)

### *3.2.5 Projeto Vacaria/RS*

O Município de Vacaria no nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, tem sido alvo de pesquisas arqueológicas desde o final da década de 1960, quando Eurico Miller faz levantamento de sítios por conta do PRONAPA. Posteriormente Arno Kern e equipe, na década de 1980<sup>19</sup> e, finalmente, o IAP desde 1998, desenvolve um projeto no Município.

O Projeto Vacaria, desenvolvido pelo IAP, compreende a Folha Vacaria SH.22-X-A-IV (MI-2937/1), abrangendo uma área de aproximadamente 25km de diâmetro, com altitudes entre 600m para a cota mais baixa e pouco mais de 1.000m para a mais alta; os sítios estão concentrados abaixo dos 800m. Nessa área foram identificados 21 sítios arqueológicos, sendo que 20 possuem casas subterrâneas e 1 é um abrigo com sepultamentos.

A partir da identificação dos sítios, 3 foram escolhidos para aprofundamento dos trabalhos. O primeiro foi o RS-A-27, um conjunto de 13 casas subterrâneas, 1 montículo grande e 1 médio. O segundo é o RS-A-29 que possui 40 casas e 1 montículo grande. Por último, o RS-A-28, que consiste em um abrigo com restos ósseos humanos. Os dois primeiros não distam entre si mais que 500m e o terceiro está a cerca de 5000m em linha reta deste conjunto.

O objetivo do projeto:

---

<sup>19</sup> As pesquisas desenvolvidas por Arno Kern e equipe já foram discutidas no item 3.2.2, neste capítulo, e as desenvolvidas por Erico Miller, no capítulo 1.

*Dentro do objetivo geral, que é a caracterização do sistema de assentamento, os resultados alcançados são parcelas iniciais de conhecimento sobre a distribuição dos sítios no espaço delimitado e sua implantação no ambiente; a composição de três sítios escolhidos como primeiras amostras; a caracterização das estruturas construídas e de seus espaços internos e externos de atividades; a caracterização dos artefatos líticos e cerâmicos e a distribuição dos refugos. (Schmitz et al., 2002, p. 12)*

O Projeto Vacaria representa, na Arqueologia do Planalto Sul-Brasileiro, um dos poucos, senão único, conjunto de sítios que dispõem de dados relativos às casas subterrâneas, aos entornos e aos montículos. Isso permite uma visão mais abrangente de como os diferentes espaços de um conjunto se relacionam, e nesse sentido, cobrem uma das grandes lacunas da arqueologia do planalto, que é justamente a falta de uma visão de como se estruturam esses conjuntos. Em função disso, nos deteremos um pouco mais na sua descrição, valendo-nos da publicação dos seus resultados e do diário da última expedição realizada em janeiro de 2003.

O primeiro sítio foi o RS-A-27 que está localizado em uma cota de 800m de altitude, sobre o divisor de águas dos Rios Quebra-Dentes e Refugiado. Parte do sítio está em uma área de campo e parte está no interior de uma mata, que deveria cobrir todo o sítio, mas as frentes de expansão colonial do século XIX a transformaram em pastagens. (ver Schmitz & outros, 2002:37)

O sítio, com uma superfície de aproximadamente 500m de extensão, possui 13 casas subterrâneas, um montículo grande e um médio.

Desse sítio, sofreram intervenções as casas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e o montículo maior; além de coleta de superfície, especialmente no entorno da casa 9. Ademais, foram feitos cortes estratigráficos com 1 x 1m nos espaços entre as casas subterrâneas, em intervalos regulares que receberam a denominação de *janelas*. Ao todo foram abertas 98 janelas.

*As janelas mostram que existe material lítico e cerâmico disperso ao redor das casas e do montículo, sem haver um lugar específico para deposição secundária de lixo. Como os restos se foram acumulando dentro das casas sem removê-los, assim também eles foram abandonados nos lugares em que eram manipulados ou caíram, o que nos dá oportunidade de recompor, parcialmente, as atividades desenvolvidas nos arredores das casas e nos espaços entre elas. (Schmitz et al., 2002, p. 20)*

A casa 3, em ambiente de mato, tem 14m de diâmetro e 2 de profundidade. Seu formato é o de uma depressão em calota de esfera. Na sua escavação foram constatados 7 níveis da superfície ao fundo.

O nível 1 é composto por sedimentos que se acumularam após o abandono da casa, concentrando-se o pouco material litocerâmico no centro. O nível 2 apresenta maior quantidade de material em comparação ao nível

anterior e representa o final da ocupação da casa. No nível 3 percebe-se um aumento considerável de material, principalmente da cerâmica. Desse nível foram obtidas duas datas por termoluminescência:  $673 \pm 55$  A.P. (LVD-625) e  $900 \pm 72$  A.P. (LVD-624). O quarto nível apresenta maior quantidade de restos, especialmente lítico. No quinto nível começa a declinar a quantidade de artefatos, especialmente os cerâmicos. Os dois últimos níveis apresentam pouco material, especialmente de cerâmica.

A quantidade de material recolhida nessa casa foi de 797 peças líticas e 887 fragmentos de cerâmica. Em termos de matéria-prima, predomina o basalto e, em menor quantidade, o quartzo cristalino ou amorfo, provindos da decomposição do próprio basalto, que deveria ser obtido localmente. A cerâmica pode ser simples, brunida, pinçada, ponteada, ungulada, incisa, com impressão de cestaria, com impressão de corda, acanalada ou vermelha.

*Especialmente no centro da casa o material está de tal maneira acumulado que não se consegue isolar fogueiras ou fogos individuais, porque elas se teriam repetido no mesmo lugar. Nas camadas mais superficiais da periferia a distribuição da cerâmica e a presença de cinzas com alguns grânulos de carvão são testemunhos ainda visíveis de fogueiras ou fogões. Essas fogueiras ou fogões geralmente eram armadas com alguns pequenos blocos ou seixos de basalto local, cujos restos, quebrados pelo fogo, constituem a maior parte do material lítico recuperado (pedras-de-fogão). Nos mesmos locais, sem indicar pontos específicos de trabalho, estão lascas unipolares, resíduos bipolares, fragmentos de lascamento e, em escala consideravelmente menor, núcleos, seixos, lascas com retoques ou marcas de uso, percutores, talhadores, raspadores, prismas trabalhados ou usados, raros artefatos polidos ou seixos com faces alisadas e, minimamente, estilhas.*

*A distribuição do material mostra que as atividades que deixaram restos (ligados principalmente à preparação de alimentos, como pedras-de-fogão e fragmentos cerâmicos) se acumularam, inicialmente, na parte central rebaixada; na medida em que esta ficou entulhada e se nivelou com a parede/piso descendente, estas atividades atingiram também o lado sul, onde a parede/piso é um pouco mais empinada. Ficaram desimpedidos, para circulação, os lados norte e leste, onde a inclinação da parede/piso é suave e a borda da casa mais baixa. (Schmitz et al., 2002, p. 22)*

O sedimento obtido durante a construção dessa casa serviu, em uma pequena parte, para levantar a borda leste da estrutura e para construção do montículo maior, distante 45m.

O montículo, com dimensões de 12m de comprimento por 11m de largura e uma altura de 1,1m, apresentava no seu entorno uma depressão em quase todo o seu perímetro. Nele foi escavada uma trincheira de 1m de largura que percorreu do topo até a base. Os sedimentos encontrados são de cor avermelhada, compactos e com pouco material arqueológico, algumas poucas peças líticas (22) e apenas 4 fragmentos cerâmicos simples.



O que chama a atenção na escavação do montículo é que na sua base, sobre o solo natural, foram encontrados restos de uma fogueira grande e circular com bastante carvão e 4 fragmentos cerâmicos de uma mesma vasilha. O bom estado de conservação da fogueira sugere que essa seja contemporânea do início da construção do próprio montículo, caso contrário as chuvas a teriam destruído. Dessa fogueira foi coletada uma amostra do carvão a partir da qual obteve-se a data de  $870 \pm 60$  A.P. (Beta-144247), indicando a idade máxima do montículo, coerente com as datas obtidas na casa 3.

A casa 2, com dimensões de 10,5m de diâmetro e 2,33m de profundidade, foi escavada no basalto em decomposição com um sedimento bastante cascalhento, facilmente desmoronando suas paredes. Essas são bem mais inclinadas em relação à casa 3, especialmente nas paredes norte, oeste e sul. A parede leste, menos inclinada, deveria ser o ponto de acesso. Está a menos de 10m da casa 1 e a cerca de 33m do montículo.

Os trabalhos nessa casa foram duas trincheiras: a primeira do centro em direção à parede leste e a segunda, também do centro, em direção à parede sul, ambas com 1m de largura; a primeira trincheira com 5m de extensão e a segunda com 5,5m, ambas atingindo a borda da casa. Além dessas, foram feitos mais 2 cortes de 1 x 1m contíguos às trincheiras.

O comportamento das camadas dessa casa obedece à seguinte seqüência: uma primeira composta por húmus recente; uma segunda com menos matéria orgânica e mais cascalho; a terceira camada é predominantemente escura, na qual são encontradas pequenas fogueiras organizadas com pedras para suportar panelas, pouco carvão, nós-de-pinho, artefatos líticos como um talhador e uma lasca. Em uma dessas fogueiras, no centro da casa, foi encontrada uma vasilha inteira. Abaixo dessa camada, apenas a base do sítio.

Para essa casa foram obtidas duas datas. Uma logo acima da camada sobre o piso de ocupação é de  $520 \pm 60$  AP (Beta-144245) Cal 1.381-1495 A.D., associada à camada 3. Uma segunda associada à segunda camada, entre 30 e 40 cm de profundidade de  $30 \pm 50$  A.P. (Beta-144246), que significa uma ocupação recente do sítio, por volta de meados do século XIX.

A casa 1 está localizada próxima à casa 2, possui 12m de diâmetro por 1,7m de profundidade. Nela foi feita uma trincheira que a cortou de lado a lado, no sentido oeste-leste.

*O perfil da trincheira mostra uma fina camada húmica com algum material, que pode indicar uma passagem recente; uma camada subsuperficial com saibro, sem material (rolada do aterro da borda direita, ou colocada intencionalmente antes de reocupação?); uma camada escura com abundante material; o solo original de saibro solto e cascalhento.*

*O material lítico e cerâmico, de forma geral, foi encontrado sobre o piso, bastante inclinado e menos nas camadas que, por acumulação, se foram horizontalizando; mais no centro da casa, onde a camada de*

*ocupação é espessa. Ali há bastantes pedras, artefatos líticos, cerâmica e carvão.* (Schmitz et al., 2002, p. 28)

Da camada inferior, rica em material, foi retirada uma amostra para datação da qual obteve-se a data de  $298 \pm 30$  anos A.P. (LVD-621).

O sedimento retirado da sua construção foi depositado em parte na própria borda da casa, tanto no lado mais alto, para evitar a entrada da água, como na parte mais baixa, para deixá-la nivelada com a parte alta, formando assim um anel junto à parte mais alta. O restante foi acumulado em um pequeno montículo a cerca de 7m de distância com 4m de diâmetro por 0,42m de altura.

A outra casa escavada foi a 4. Uma casa menor com 4 m de diâmetro e 30cm de profundidade. Está a 43m da casa 1, da casa 2 está a 50m e da casa 3 são 60m.

Está escavada no basalto decomposto, o que confere uma cor vermelha e consistência compacta ao sedimento. A escavação dessa casa foi uma trincheira de 4m de extensão, cortando-a de lado a lado, e 1m de largura, permitindo perceber o centro da estrutura e suas paredes.

Na sua escavação foram constatadas 4 camadas. A primeira são sedimentos escuros, húmicos, com muitos restos orgânicos e nada de material arqueológico. Na segunda camada os sedimentos são areno-argilosos, marrom escuros, com pouco material arqueológico. A terceira camada são sedimentos argilosos avermelhados em forma de uma lente, sem apresentar material arqueológico. A quarta e última delas é escura e apresenta material arqueológico.

No centro da casa foi encontrado um aglomerado de pedras, que foi interpretado como o apoio de um esteio central para uma cobertura, que deveria ser maior que a casa pois senão deixaria a casa demasiadamente pequena, e no centro desse aglomerado havia um espaço suficiente para acomodar um poste. O material arqueológico recuperado foram 62 artefatos líticos entre lascas, núcleos, fragmentos, bipolares, percutor, pedras-de-fogão, seixos, raspadores, além de 8 fragmentos cerâmicos, sendo 3 simples e 5 pinçados. Chama atenção ainda que em uma janela escavada na borda desta casa, janela 1, foi encontrado um pequeno disco cerâmico, 2cm de diâmetro por 0,9 de espessura com 2 furos lembrando um botão.

Nessa casa foi obtida a data  $116 \pm 15$  A.P. (LVD-620).

A casa 5 possui 5m de diâmetro e uma profundidade de aproximadamente 40cm. O trabalho nessa casa foram dois cortes, um com 1 x 2m e outro que foi um prolongamento deste por mais 70cm, chamado de corte II. No centro foi encontrada uma depressão de 30cm de diâmetro, cercada por pedras, que deve corresponder ao esteio central, e no entorno dessa depressão concentra-se o material arqueológico, que são 139 artefatos líticos entre núcleos, lascas, percutores, pedras-de-fogão, talhadores, raspadores; e 25 fragmentos cerâmicos, sendo 5 simples, 3 pinçados, 2 ponteados, 13 unglados, 1 com impressão de cestaria e 1 massa preparada.

A estrutura propriamente não foi datada, apenas uma amostra de cerâmica obtida em uma janela que estava no seu entorno, a qual serve como referência para a casa. A data foi  $336 \pm 31$  anos A.P. (LVD-627).

A casa 6, com 3,5m de diâmetro e 0,30m de profundidade, estava na verdade bastante entulhada, tanto que após a escavação atingiu 1,40m de profundidade, contra os 30cm iniciais, até porque está em um campo que foi cultivado. Em termos de localização, está mais distante do núcleo central da aldeia, na encosta que termina em um pequeno córrego, e a distância da casa 5 é de 125m.

*A casa foi construída como as outras, que estão em terreno com uma declividade maior. Primeiro se criou uma superfície aplanada no declive, com uns 8 m de diâmetro, retirando a terra do lado mais alto e depositando-a no lado mais baixo; dentro deste espaço, aproximadamente circular, criou-se, como centro da habitação, uma depressão semi-esférica, bastante menor (3,50m de diâmetro e 1,40m de profundidade), ficando o todo como um chapéu invertido, com aba e copa. (Schmitz et al., 2002, p. 32)*

A escavação da casa evidenciou ao menos 4 camadas. A primeira corresponde ao solo atual, com a respectiva quantidade de humus. A segunda é mais escura com indícios de queima, que pode ser originária da transformação do mato em roça ou campo pelos colonos luso-brasileiros. A terceira camada é bastante compacta, com carvão que deve corresponder à ocupação da casa. A quarta é areno-argilosa com material lítico e um fragmento de cerâmica lisa, grânulos grandes de carvão e dois pinhões calcinados. Junto à fogueira, no centro da casa, foi encontrado um núcleo de lascamento com cerca de 30cm de diâmetro, assentado sobre um bloco de tamanho médio rodeado por outros menores e acompanhado por bastante carvão. O fundo da casa alcançou 140cm.

Em toda a escavação foram encontrados 6 fragmentos cerâmicos (2 simples e 4 ponteados) e 228 líticos (lascas, núcleos, fragmentos, pedras-de-fogão, seixos, talhador, raspadores, polidores). Na profundidade entre 80 e 100cm foi retirada uma amostra de carvão que permitiu uma data de  $870 \pm 50$  A.P. (Beta-144244) Cal 1.030-1.265 A.D.

A casa 7 está próxima ao córrego a uma distância de menos de 10m e portanto distante das demais casas desse sítio. Ela se apresenta como uma pequena depressão semi-esférica, com 2,7m de diâmetro e 80cm de profundidade que se estende por um alongamento mais raso e estreito, terminando em outra depressão semi-esférica, porém menor que a anterior. O sedimento retirado da escavação dessas casas foi depositado no entorno mais baixo das depressões, formando uma plataforma que nivela ambos os lados.

O trabalho realizado consistiu na limpeza de uma área quadrada com 8,5m de lado, procurando evidenciar as estruturas que compõem essa casa.

*A casa fora feita num pequeno espaço menos inclinado, ao pé de um declive acentuado, perto do córrego, que nasce de alagados próximos.*

*A leste da casa está uma depressão bastante úmida, por onde deságua um alagado; do lado oeste um declive pedregoso. O espaço era suficiente somente para a casa, mas estava mais perto de água corrente que as outras.*

*No fundo da depressão maior, que representava o piso rebaixado da casa, havia uma camada de carvão e madeira não totalmente carbonizada, com uns 10 cm de espessura, delimitada por algumas pedras que tinham sido para ali trazidas. Ao lado da fogueira havia um depósito de alguns nós-de-pinho, bastante conservados, claramente ali deixados como reserva de combustível. Parte do carvão da fogueira também provinha deste tipo de material. Dentro da fogueira foram achadas duas lascas grandes, comprovando sua origem indígena.*

*No corredor, que ligava a depressão maior à menor, também havia carvão, porém mais espalhado, além de nós-de-pinho dispersos, uma lasca de basalto e dois cacos de vidro verde de um pequeno recipiente, semelhante a um vidro de remédio.*

*Na depressão menor, no fim do mencionado corredor, havia algum carvão espalhado, ao menos uma lasca legítima e um depósito maior de nós-de-pinho (ao menos 15, de diversos tamanhos), bastante conservados. (Schmitz et al., 2002, p. 33-34)*

O material encontrado no interior da casa foi uma pedra com superfície alisada, 4 lascas e 2 fragmentos de vidro; na periferia foram achadas 11 lascas, 10 núcleos, fragmentos, pedras-de-fogão, blocos, raspadores e talhadores. Não foram encontrados fragmentos de cerâmica. Na depressão maior foi obtida uma data a partir de amostras de carvão, de  $40 \pm 60$  anos A.P. (Beta-144243).

A casa 8 localiza-se a cerca de 123m da casa 1 e a 130m da 6. Atualmente é difícil de ser identificada em função do intenso assoreamento que sofreu, ficando visível pela diferença da vegetação ou quando essa está baixa, de maneira que fica difícil determinar suas dimensões. Dessa forma, a área trabalhada tem cerca de 12m de diâmetro, o que corresponde ao espaço que deve ter abrigado a casa.

Conforme já mencionamos, este sítio (RS-A-27) possui 13 casas; 8 sofreram intervenções e seus dados foram aqui descritos. Quanta as outras (em número de 5), apresentamos suas dimensões: casa 5a com 2m de diâmetro e 40cm de profundidade; casa 9 com 17m no diâmetro maior e 10m no menor e 1m de profundidade; casa 9a com 2m de diâmetro e 20cm de profundidade; Casa 9b com 2m de diâmetro e 20cm de profundidade e, finalmente, a casa 10 com 6m de diâmetro e 20cm de profundidade.

Para se obter uma visão clara do sítio como um todo, além da escavação do montículo e das 8 casas subterrâneas, foram realizados mais 98 cortes estratigráficos (as janelas) no entorno das casas (conforme foi citado anteriormente). Passemos agora a descrever estas janelas.

Ao redor da casa 3 e do montículo foram abertas 30 janelas, todas de 1x1m com uma distância regular de 5m entre elas. A partir dessas escavações

foi identificada uma área de intensa atividade com bastante cerâmica – 1.494 fragmentos –, e lítico – 932 fragmentos –, ambos restritos a uma área de 23m<sup>2</sup> ao lado da casa. Os restos de fogueiras e o material associado não sugerem tratar-se de uma lixeira, mas de um espaço de atividades cotidianas no lado externo.

Em uma dessas quadrículas (C2002A) foi coletada uma amostra de cerâmica para datação: 780 ± 64 anos A.P. (LVD-623), o que sugere que a ocupação do espaço externo é contemporâneo da casa, a qual apresenta duas datas: uma de 673 ± 55 A.P. (LVD-625) e 900 ± 72 A.P. (LVD-624).

Demais quadrículas não repetem a mesma quantidade de material, apenas alguns fragmentos. A que tem maior quantidade possuía 27 fragmentos cerâmicos.

A mesma estratégia foi adotada ao redor das casas 1 e 2, nas quais foram escavadas mais 36 janelas. Dessas, apenas 4 não tinham material arqueológico. As demais sempre apresentaram ora cerâmica ora lítico, e em 4 (janelas 4, 6, 7 e 10) foram encontrados materiais que evidenciaram atividades específicas, como produção de artefatos e preparo/processamento de alimentos.

Na janela 4, que foi expandida em área para 4m<sup>2</sup>, foram encontrados 58 artefatos líticos e 109 fragmentos cerâmicos, muito provavelmente de apenas 2 painéis que se partiram. A janela 6 evidenciou um espaço de retalhamento e produção de artefatos líticos, testemunhado pela quantidade de 279 peças em apenas 3m<sup>2</sup> e mais 2 fragmentos de cerâmica. Na janela 7 evidenciou-se outro espaço de produção de artefatos com mais 242 peças líticas em apenas 1,5m<sup>2</sup>. A janela 10 por sua vez testemunhou uma fogueira entre dois blocos de basalto, acompanhado por 10 artefatos líticos e 1 fragmento de cerâmica.

Ao redor da casa 4 foram feitas mais 5 janelas. Na janela 1 foi encontrado um fragmento simples e um botão (um disco com 2 furos, 2cm de diâmetro e 0,9cm de espessura), ambos feitos de cerâmica; na janela 2 foram encontrados 2 fragmentos líticos; na janela 3 identificou-se uma área de lascamento com 61 fragmentos líticos mais 1 fragmento de cerâmica; nas janelas 4 e 5 foram identificados 4 e 3 fragmentos líticos, respectivamente, além de um fragmento de cerâmica simples na primeira.

No entorno da casa 5 foram escavadas mais 3 janelas que permitiram vislumbrar parte das atividades externas à casa. A janela 1 teve um fragmento de cerâmica simples, uma massa preparada também de cerâmica, além de 14 artefatos líticos. A janela 2 foi mais rica ainda, tinha 12 fragmentos de cerâmica (1 simples, 1 brunido, 6 ponteados e 4 unglados) e 17 artefatos líticos. Nela obteve-se ainda uma data de 336 ± 31 anos A.P. (LVD-627). A janela 3, por sua vez, evidenciou um local de lascamento com 198 artefatos, tanto que foi estendida para mais 1m<sup>2</sup>.

O segundo sítio escavado nesse projeto foi o RS-A-29, que se localiza na propriedade do Sr. Pedro Vieira e dista do RS-A-27 (o primeiro) não mais de

500m, e do RS-A-28 (terceiro) 5.000m em linha reta. (ver Schmitz & outros, 2002:71)

Esse segundo sítio está parte em campo aberto parte em mata com araucária. Toda a área deve ter sido coberta por mata, entretanto uma porção foi desmatada, tanto para pastagens como para áreas de cultivo. A mata remanescente está fortemente alterada pela exploração das espécies nobres de madeiras e pela extração de lenha.

*O sítio ocupa um espaço de uns 500m de extensão, com perto de quarenta casas e um montículo. As casas estão distribuídas em conjuntos.*

*Conjunto 1, localizado na pendente leste da colina, compõe-se de três casas grandes, três pequenas e o montículo. São as casas 1, 2 e 5 (grandes) e 3, 4 e 5a (pequenas), e o montículo. As casas estão no pasto e o montículo na borda do mato. As casas estão próximas da nascente e de um fundo banhado permanente.*

*Conjunto 2, localizado na alta pendente da mesma colina, no pasto, junto a pequeno banhado temporário, hoje drenado; dista do anterior uns 160m; compõe-se das seguintes casas: 12, 13 e 15 (grandes), 14, 16 e 17 (pequenas), sobre o topo; 18 (grande), na pendente em direção ao mato.*

*Conjunto 3, localizado na proximidade da casa do proprietário; compõe-se de 6 casas pequenas, no topo de uma derivação da colina em que está o conjunto 2. Casas 6 e 7 estão no pasto; 8 a 11 estão no mato; na proximidade existe pequeno espaço alagado durante chuvas prolongadas.*

*A 179m do conjunto 1, em direção oeste, dentro de um pequeno bosque de pinheiros novos, junto a uma mata, existe uma casa isolada (19), aparentemente pequena ou média, em suave declive, perto da nascente e do banhado permanente.*

*Conjunto 4, em direção leste com relação ao conjunto 1, do qual dista aproximadamente 300m, num declive bastante acentuado e pedregoso, em campo aberto, foram localizadas numerosas casas pequenas; numa inspeção visual, 9 foram consideradas certas e 11 duvidosas por dependerem de sondagens para confirmar sua origem.*

*Estão bastante perto do pequeno curso de água que surge da nascente. (Schmitz et al., 2002, p. 63-64)*

Passemos a descrever a casa 1, o montículo, a casa 2, a casa 3, a casa 4, a casa 8, a casa 13, a casa 12 e a casa 16.

A casa 1 possui um diâmetro de 11,7m e uma profundidade de 1,75m, que após a escavação revelou uma camada arqueológica de 50cm. Sua forma é a de uma semi-esfera. Está na área de campo, recoberta por grama; localizada na meia encosta, tendo uma diferença de altura entre as bordas, na qual a inferior é obviamente mais baixa, apesar do acúmulo intencional de sedimentos que não foi suficiente para nivelar com a borda de cima.

O trabalho nessa casa foi um corte de 2,5 x 2,5m. A escavação identificou 4 camadas. A camada 1, superficial, continha capim e raízes,

poucos artefatos líticos e uma fina camada de carvão. A camada 2 é composta por um sedimento preto sem carvão granulado e com pouco material. A camada 3 é de cor preta com carvão e cinzas. A última é composta por uma argila vermelha compacta, e na parte mais baixa já percebe-se o piso rochoso. Sobre ele foi encontrada uma fogueira de 50cm de diâmetro e 1,5cm de espessura, com bastante carvão granulado, do qual foi retirada uma amostra que resultou na data de  $680 \pm 80$  AP (Beta-153842) Cal 1.238-1425 A.D.

Nessa mesma casa 1 foram encontrados: fragmentos cerâmicos (77 simples, 16 pinçados, 2 ponteados, 6 unglados, 1 com impressão de cestaria), 1 pé de boneca de barro, 122 artefatos líticos (19 lascas – 2 com marcas –, 30 núcleos, 28 fragmentos, 4 bipolares, 3 raspadores, 1 seixo com alisamento).

O montículo constante nesse sítio está na borda do mato. Sua construção deve ter sido feita com os sedimentos provenientes da escavação da casa 1, visto que sua estratigrafia aparece invertida se comparada com a daquela casa. Dessa forma, suas idades devem ser as mesmas. Sua dimensão é de 17,5m no maior comprimento e 11,5m no menor; sua altura máxima alcança 1,55m.

No seu topo foi feito um corte estratigráfico com níveis artificiais de 10cm, que atingiram a profundidade de 1,4m, sendo identificadas 3 camadas naturais. A primeira é composta por grande quantidade de fragmentos de basalto em decomposição, com muitas raízes, coloração escura e com uma espessura máxima de 50cm. A segunda camada é de cor marrom mais clara com muitos pedregulhos e lentes de sedimentos mais escuros; sua espessura máxima é de 90cm. A terceira camada corresponde ao embasamento natural e assemelha-se ao entorno, devendo portanto ser a base do montículo.

Em termos de material não foram encontradas evidências de artefatos, quer cerâmicos, quer líticos, e nem tampouco carvão, de tal forma que a melhor hipótese é a de que se trate realmente de depósito dos sedimentos originários da construção da casa 1, conforme mencionamos acima.

A casa 2, maior que a casa 1, está no campo, recoberta com gramíneas. Seu diâmetro é de 14,5m e sua profundidade é de 2,04m. Parte dos sedimentos retirados foram depositados na borda inferior da casa com o objetivo de nivelar ambos os lados.

O trabalho realizado foi a escavação de 3 trincheiras posicionadas no centro: a primeira com 3m, a segunda e a terceira com 4m cada; todas com 1m de largura.

Nessas escavações percebeu-se 4 camadas. A primeira é o entulho correspondente à ocupação recente, associada às frentes de colonização; possui muitas raízes e carvão das queimadas recentes. A segunda camada é argilosa de cor marrom escuro. A terceira é escura, mais espessa no centro, com muita cinza misturada e alguns artefatos concentrados no centro. A quarta camada é marrom escuro, com a quase totalidade de material, composto de fragmentos de cerâmica (103 fragmentos, a maioria simples), artefatos líticos (36, sendo 30 deles pedras-de-fogão).

*O piso da casa, bastante amplo, era um pouco inclinado, acompanhando o declive geral do relevo. No lado do aclave a parede sobe mais lentamente que no lado oposto, onde ela é mais empinada. As camadas de ocupação acompanham a inclinação de piso/parede e afinam na medida em que essa se vai levantando, formando como uma lente espreada. O material é escasso. Na trincheira C a camada escura se torna mais preta, tem mais carvão e um resto de fogueira, armada com dois seixos de basalto (um de uns 20, outro de uns 10 cm), ao redor e por baixo do qual existia cerâmica e material lítico de boa matéria-prima. (Schmitz et al., 2002, p. 67)*

A casa 3 está localizada ao lado da casa 2, separada desta última apenas por uma parede. Possuía 4,5m de diâmetro e 30cm de profundidade. A camada arqueológica alcançou 1,15m. Foi cortada por uma trincheira de 1m de largura por 3m de comprimento.

A estratigrafia apresenta uma primeira camada superficial, humosa, com raízes e grânulos de carvão. Essa camada é sucedida por outra escura, com carvão granulado e nós-de-pinho parcialmente queimados. Até essa profundidade não foram encontrados artefatos indígenas, portanto os nós-de-pinho podem ser de queimadas recentes.

A terceira camada possui uma cor marrom escuro, argilosa, sem carvão. Na sua base encontram-se os artefatos arqueológicos e lentes de carvão que deveriam ser fogueiras pequenas, formando concavidades levemente abauladas, com 30 a 50cm de diâmetro. Dessas fogueiras foi recolhido carvão para datação, do qual foi obtida a data de  $380 \pm 60$  AP (Beta – 153843) Cal 1.442-1.645 A.D.

Quanto ao material arqueológico, foram 22 fragmentos de cerâmica e 14 artefatos líticos.

A casa 4 está no mesmo conjunto formado pelas casas 02 e 03. Trata-se de uma estrutura pequena com 36cm de profundidade e 4m de diâmetro, identificada pela grama mais verde e viçosa, fruto do maior acúmulo de matéria orgânica da depressão. A camada arqueológica alcançou 70cm de profundidade. Foi aberta uma trincheira de 3m de comprimento por 1 de largura, cortando a casa de lado a lado.

*As camadas são as mesmas das outras casas: superficialmente mais húmus, depois uma lente escura com algum carvão esparsa e um pouco de cerâmica, especialmente na sua base, sobre uma parede lateral, onde também havia lítico. Apesar de rasa, via-se bem a depressão cavada na argila vermelha e seu recheio, com as camadas acompanhando a forma da depressão. A camada escura e a que está por baixo ocupam a parte central da casa.*

*Foram recuperados 29 fragmentos cerâmicos: 21 Simples, 5 Pinçados, 1 Ponteados, 2 Ungulados. 5 líticos: 1 núcleo, 2 fragmentos, 1 bipolar, 1 seixo. (Schmitz et al., 2002, p. 69)*

A casa 8 faz parte de um conjunto de outras 6, todas de pequeno tamanho. Essa possui 3,6m de diâmetro e 45cm de profundidade, mais 70cm



de camada arqueológica. Devido as suas pequenas dimensões, foi escavada em sua totalidade.

*A casa foi escavada em quatro quadrantes, cada um abrangendo o centro e a borda. O quadrante 1 tinha pouco material; o quadrante 2, oposto ao 1 [em posição], também; o quadrante 3 tinha uma certa quantidade de cerâmica e lítico (especialmente seixos) contra a parede e o piso, desde a borda superior até o centro do piso; o quadrante 4, oposto ao 3, tinha principalmente material lascado e uma certa quantidade de lascas pequenas provenientes de retalhamento local. Existe ainda um material de superfície. A oposição entre o quadrante 3 e o quadrante 4 poderia sugerir lugares de trabalho dentro da casa. (Schmitz et al., 2002, p. 69)*

A partir do perfil foram identificados ao menos 2 camadas. A primeira húmica, com raízes; a segunda é argilosa, de cor marrom escura, com carvão e pouco material arqueológico. Abaixo dessa camada está a base formada pela argila vermelha, que é o basalto em decomposição. Nessa casa foram identificados 87 fragmentos de cerâmica, dos quais 81 possuem decoração simples. Além disso, 57 artefatos líticos, em sua maioria lascas e fragmentos.

A casa 13 perto do mato está junto de um conjunto de 3 outras casas pequenas e mais 3 grandes. Ocupa uma depressão que pode ter abrigado outras casas atualmente entulhadas.

O seu tamanho desta casa é de 9m de diâmetro com 35cm de profundidade, a espessura da camada arqueológica é de 1,1m na parte central. Para o levantamento, foi feito uma trincheira de 1m de largura por 5m de comprimento.

*As camadas são as mesmas das outras casas: uma camada húmica com um pouco de lítico; sedimentos de coloração marrom claro; sedimentos escuros com carvões e cinzas nos quais se encontrava um bloco rochoso (transportado) de uns 50 x 30cm, que forma o centro do fogão, ao redor e por baixo do qual havia bastante material, tanto cerâmico quanto lítico; camada argilosa granulosa, com muito material lítico e cerâmico. O substrato é argila vermelha, decomposição do basalto. (Schmitz et al., 2002, p. 70)*

Foram recuperados 25 fragmentos de cerâmica e 153 de lítico.

A casa 12 possui 6m de diâmetro e foi bastante perturbada pela ação das frentes de colonização, quando da implantação dos pastos de gramíneas que ainda hoje a recobrem. Foi também utilizada como depósito de lixo da população atual que lá depositou troncos de árvores semi-carbonizados e enterrou animais mortos (uma vaca e um bezerro).

O trabalho nessa estrutura foi a escavação de toda a sua superfície, procurando compreender a distribuição do material arqueológico e os processos pós-deposicionais.

A primeira constatação é de que a casa muitas vezes é vista como maior do que de fato teria sido. Na publicação de 2002 (Schmitz et al., 2002) a casa 12 é descrita com 11m de diâmetro e 1,3m de profundidade. Porém,

quando escavada, percebe-se que parte de sua borda ou foi alterada ou fazia parte da depressão natural, de tal forma que o real diâmetro da estrutura era de 6m. Devido ao ineditismo dos dados, citamos o relatório da escavação:

*A casa 12 teria aproximadamente 6m de diâmetro. Na superfície havia grandes blocos de pedra. Na primeira camada (três níveis), de coloração marrom escuro, havia também pedras grandes e médias, muitos nós-de-pinho jogados, outros de uma árvore aí nascida, tocos semi-carbonizados e alguns artefatos grandes (núcleos e talhadores), junto com raros fragmentos cerâmicos. Aproximadamente no centro da depressão havia sido enterrados, numa cova circunscrita, restos de animal vacum adulto e de um animal jovem (vaca e bezerra). Por baixo desta primeira camada de entulho existia um estrato argiloso escuro de uns 20cm de espessura no centro, que adelgaçava em direção às bordas; ela repousava sobre a camada de ocupação indígena e não possuía material arqueológico. Por baixo dela estava a camada arqueológica de um pouco mais de 20cm de espessura, que continha bastante material, que permanecera no lugar, quando a casa fora abandonada, e estava intacto, perfeitamente preservado. O substrato (piso da casa) era argila, que na profundidade do piso se torna mais saibrosa.*

*A superfície do entorno da casa 12 foi nivelado com o trator de tal forma que alguns artefatos são encontrados na camada superficial da casa que são provenientes deste trabalho de nivelamento. Esse nivelamento por sua vez, também destruiu os montículos e possíveis atividades de nivelamento que deixaram de ser evidentes.*

*A casa teve uma só ocupação, com uma certa permanência, e os materiais ficaram no lugar onde se encontravam quando a mesma foi abandonada.*

*Além de material que aparece disperso, há lugares com cerâmica agrupada e material lítico agrupado, indicando lugares de trabalho, ou de abandono de potes mais ou menos inteiros. Inicialmente se tinha a impressão de que, no caso da cerâmica, se tratava cada vez de uma só panela, mas ao recolher os cacos se percebeu que os conjuntos se compunham de fragmentos representativos de panelas diferentes, grandes e pequenas associadas, pertencentes a dois ou mais recipientes. O material está espalhado em quase toda a superfície, mas não com igual intensidade e significado. Junto a conjuntos líticos (do lado e por debaixo) há carvão granulado e camadas escuras de cinza. Pode ser que se trate de fogueiras individuais ligadas ao lítico, mas é mais provável que, por razões não conhecidas, o carvão e a cinza se tenham conservado melhor na proximidade das pedras (onde não seria pisoteado nem mexido). No nível mais baixo e diretamente sobre o piso existem grânulos esparsos e lentes de cinzas.*

*Com uma exceção, não se vêem fogueiras organizadas com pedras-de-fogão como no RS-A-27 e no centro não há blocos para sustentar o telhado; o centro, pelo contrário, é bastante limpo e desimpedido. Existem ali duas manchas escuras circulares, de perto de 15cm de diâmetro, mas delas não se pode fazer inferência para esteios do teto*

*por causa das raízes que penetraram no solo e deixaram marcas semelhantes.*

*A cerâmica é variada, aparecendo fragmentos alisados, ponteados, impressos diversos, brunidos. As formas parecem ser as comuns da tradição, como foram publicadas para Vacaria. Há formas simples grandes, como a peça encontrada inteira na casa 2 do RS-A-27 e pequenas; a cerâmica decorada normalmente é pequena. Também foram encontrados dois fragmentos grandes do que parece ser um prato, com borda bem rasa e base plana, de uns 20cm de diâmetro; esta forma que, até hoje, não tinha sido registrada. A presença de vasilhas grandes não tinha sido destacada até agora e precisa ser examinada em termos sociais.*

*O material lítico, em sua maior parte, é composto por lascas de tamanho médio, com gumes naturais cortantes e formato com certa padronização, além de raspadores, prismas naturais usados, percutores e até ao menos uma mó sobre um bloco de cristalização fina, com uma face alisada e um pouco deprimida. Pequenas lascas, correspondentes a redução de núcleos ou acabamento de peças, são muito raras, indicando que o retalhamento inicial e mesmo o trabalho secundário devem ter sido realizados do lado de fora da casa. As lascas médias, reunidas nos mesmos pequenos espaços, dão a impressão de que foram retiradas de um mesmo núcleo, sem maiores perdas e ali ficaram deitadas. Rejuntando as peças pode-se ter uma idéia da técnica usada e da perícia do talhador. Os locais de lascamento estão nos quadrantes 2 e 3, junto à borda mais baixa, onde deveria encontrar-se a abertura da casa e haveria mais luz. A matéria-prima lítica é consideravelmente melhor do que a do RS-A-27 e há muito pouco quartzo lascado. (Schmitz, 2003, p.10)*

Para essa casa – a 12 – foi obtida uma data de  $370 \pm 50$  A.P. (Beta 178089) Cal 1.440-1.650 A.D.

Com relação à casa 16, escavada na mesma oportunidade e com os mesmos objetivos, citamos também o relatório dos trabalhos:

*A depressão da casa 16, com aproximadamente 5m de diâmetro, escavada no topo aplanado da colina, também estava fortemente entulhada. Nela foi mais difícil distinguir o entulho e as camadas arqueológicas originais, só no fim da expedição se conseguiu alguma clareza sobre sua história.*

*Nela, em grandes linhas, temos os seguintes momentos: a camada superficial (três níveis), saibrosa, marrom, depositada pelo trator por ocasião do nivelamento do terreno, se distribui irregularmente pela superfície. Dentro dela, numa das metades, há muitas pedras, desde blocos e pedras médias e na outra metade aparece material lítico pequeno, que se supõe arrastado pelo trator ao nivelar os calombos dos arredores, mas que também poderia estar na posição original, junto da borda, porque aparece em cima do substrato natural da mesma, indistinguível do entulho.*

*Na parte central da depressão uma grossa lente de carvão(uns 20 a 25cm de espessura no centro), tocos e nós-de-pinho, provenientes da*

*queimada da área (seu Pedro informa que a vegetação dos arredores, no seu tempo, era um capoeirão); um dos tocos remanescentes, mesmo depois de concluída a escavação, ainda mostrava a base de uma árvore de uns 15cm de diâmetro, que fora cortada por ocasião da limpeza do campo. Nesta camada só havia material arqueológico esporádico.*

*Por baixo estava a camada arqueológica intacta, marrom escuro, tendendo a cinza, mostrando, primeiro, pouco material cerâmico e lítico e, nos níveis 11 a 13, mais material e, no fim, uma estrutura de pedras, que formava um pavimento bastante fechado, coberto por uma camada escura de carvão e cinza, muita cerâmica e lítico lascado.*

*A casa era mais funda e as paredes mais empinadas que na 12, ocupando o fogão central todo o espaço, como nas outras casas pequenas, especialmente a de número 6 do RS-A-27.*

*A casa teve uma só ocupação, durante certo tempo e os restos estavam preservados no lugar. (Schmitz, 2003, p.12)*

Para essa casa foi obtida uma data de  $710 \pm 60$  A.P. (Beta 178090) Cal 1.224-1.402 A.D.

O terceiro sítio trabalhado no projeto foi o RS-A-28, que corresponde a um abrigo com sepultamentos humanos, conhecido como "Perau das Cabeças". É formado por 3 pequenas grutas que serviram de jazigo para os habitantes das casas subterrâneas.

*Com a finalidade de facilitar a identificação e a análise, as grutas foram denominadas como A, B e C. A maior e mais rica em restos esqueléticos foi designada gruta B, estando à sua esquerda a gruta A com quantidade reduzida de ossos e à sua direita a gruta C com um número significativo de remanescentes, as quais medem, respectivamente 60, 90 e 50cm de altura máxima e 6-8, 4-5 e 2-3m de espaço interno. Entre a queda d'água e a gruta C foi encontrado um aglomerado de ossos, situado abaixo da plataforma geral, junto ao paredão, sendo o local identificado pela letra D, porém, apesar de não ser uma gruta, foi considerado como tal, a fim de padronizar a descrição. (Krever & Haubert, 2001, p. 29)*

Com relação ao material, foram encontrados restos esqueléticos humanos e alguns ossos de animais, como veado campeiro (*Ozotocerus bezoarticus*), veado mateiro (*Mazama americana*), graxaim do campo (*Ouzycyn thous*) e ossos de uma ave, possivelmente jacú (*Penelope obscura*), conchas de bivalves de água doce e marinhos, fragmentos de hastes de taquara e fragmentos de casca de pinhão calcinadas.

Os ossos de veado chamam a atenção pelo fato de estarem trabalhados, tendo inclusive uma ponta produzida em um metatarso; as contas de colar foram confeccionadas com os bivalves de água doce.

Quanto aos sepultamentos:

*Dos 719 ossos estudados, 106 estão inteiros, 287 quebrados e 326 fragmentados. Não foi recolhido nenhum crânio inteiro.*

*[...] Nas grutas A, B, C e D foram somados 5, 39, 11 e 10 exemplares, totalizando 65 indivíduos depositados, levando em consideração o elemento anatômico mais representativo. Estes indivíduos estão distribuídos em 47 adultos, 1 adulto jovem, 5 jovens, 10 crianças, 2 lactentes, sendo determinados 2 adultos do sexo masculino e 5 do feminino. A idade biológica aproximada foi estimada apenas em 2 crianças (8 e 9 anos) e 1 lactente (1 ano). (Krever & Haubert, 2001, p. 35)*

A última observação diz respeito às conchas marinhas. Essas indicam alguma forma de contato entre o planalto e o litoral, que, entretanto, não temos condições de discutir de que forma se daria, mas cuja a presença esta sendo indicativa.

O balanço que pode ser feito dos dados produzidos pelo Projeto Vacaria, está no acentuado aumento dos elementos que permitem compreender a dinâmica de um sítio com casas subterrâneas. Um desses elementos é a compreensão de que as casas subterrâneas não são todas contemporâneas, mas uma sucessão de diferentes momentos de ocupação durante um milênio pelo menos. Esse padrão de assentamento demonstra a importância desses espaços para um grupo humano, que retorna a uma mesma área, reocupando e reaproveitando as casas ou então construindo novas.

Permite ainda vislumbrar, a partir das janelas realizadas no sítio RS-A-27 – o primeiro aqui descrito –, uma intensa atividade do lado de fora das estruturas, obrigando-nos a considerar os espaços intermediários como áreas de ocupação.

### *3.2.6 Projeto UHE Barra Grande*

Essa área foi pesquisada pela equipe da Scientia Ambiental S/C Ltda, pelo Núcleo de Pesquisas Arqueológicas/UFRGS e pela ITACONSULT Consultoria e Projetos em Arqueologia Ltda. Foi dividida em duas áreas, uma relativa à margem esquerda e outra à margem direita do Rio Pelotas, divisa entre os Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. (Scientia Ambiental; NUPArq/UFRGS & ITACONSULT, 2002)<sup>20</sup>

As primeiras pesquisas realizadas pela ITACONSULT, encontraram 92 sítios arqueológicos, sendo 47 no lado catarinense do Rio Pelotas e 35 no lado gaúcho. No lado de Santa Catarina foram testados 50% dos sítios registrados e no lado do Rio Grande do Sul 100%, através de coletas de superfície, poços-teste, trincheiras e tradagens, dependendo do tipo de sítio encontrado.

Os sítios arqueológicos foram divididos em: ocorrências discretas, ocorrências isoladas, sítios líticos superficiais, sítios litocerâmicos e grutas (ou seja, também grutas).

---

<sup>20</sup> Os dados relativos ao lado gaúcho estão descritos nos itens 3.1.6 e e 3.2.2, neste capítulo, os quais referem-se ao mesmo empreendimento.

Quanto às ocorrências discretas, foram identificados 6 casos, que são locais nos quais foram encontrados menos de 20 artefatos, quer em coletas de superfície, quer em cortes e/ou escavações. Nessa categoria estão arroladas casas subterrâneas e montículos, além de sítios superficiais.

A categoria de ocorrências isoladas refere-se aos locais onde foi encontrado apenas um artefato: foram anotadas 91 ocorrências.

Quanto aos sítios, caracterizados como tais, (os líticos superficiais, os litocerâmicos e as grutas), foram em número de 19. Destes, 12 são líticos, 2 são litocerâmicos com casas subterrâneas e montículos, 1 é uma gruta e finalmente o restante são estruturas anelares com montículos ao centro.

Esse projeto trás duas contribuições bastante importantes. A primeira delas refere-se à identificação das casas subterrâneas, visto que muitas foram descartadas porque as sondagens não encontraram vestígios arqueológicos. A segunda está na compreensão dos sítios entaipados os quais correspondem a 4.

O primeiro deles, o SC-AG-95, é uma taipa circular com 42m de diâmetro e um montículo ao centro com 6,4m de diâmetro e 60cm de altura. No poço-teste realizado na taipa foi encontrado um fragmento de cerâmica. O montículo ao centro não foi testado, porque o proprietário não permitiu o acesso.

O segundo, Sítio João Roque Vingla VII (nº 98)<sup>21</sup>, é um sítio anelar com as mesmas características do anterior. Neste foram realizadas sondagens e escavações no montículo central que evidenciou duas fogueiras funerárias.

*Após a conclusão da escavação e análise dos croquis (...), pode se dizer que se tratavam de duas estruturas de combustão funerárias distintas não sobrepostas, isto é, localizava-se em áreas distintas, uma ao lado da outra, e principalmente em níveis estratigráficos distintos: a primeira entre 10 e 40cm e a segunda entre 50 e 65cm de profundidade. Na estrutura de combustão II, observou-se o processo de formação da fogueira: primeiro, uma camada de solo argiloso compacto e provavelmente solidificado pelo calor das brasas. Ao que tudo indica, as brasas foram cobertas por terra quando ainda estavam incandescentes, pois pelo estado dos carvões inteiros, parece que a queima foi feita sem oxigênio, isto é, coberta, pois quando a fogueira é exposta, em geral restam cinzas. (Scientia Ambiental, NUPArq/UFRGS & ITACONSULT, 2002, p. 73)*

Nesse montículo foram encontrados fragmentos cerâmicos (11) e artefatos líticos.

Na taipa que circulava o montículo foram realizadas ainda duas trincheiras, com o objetivo de identificar sua composição. Nelas foram encontrados dois fragmentos cerâmicos e um artefato lítico, e pelo perfil pode-se constatar que o anel foi construído antropicamente. No lado externo do anel

---

<sup>21</sup> No trabalho não possui a sigla do PRONAPA, razão pela qual usamos a identificação dos autores.

foram feitos testes com a enxada, porém não foram identificados vestígios de atividade humana.

No espaço entre o montículo e a taipa foi realizada uma sondagem para verificar a existência de material arqueológico. Foram encontradas apenas 2 peças líticas. A conclusão mais importante foi a identificação de que a depressão entre o montículo e a taipa forneceu o sedimento para construção da estrutura anelar externa.

O terceiro sítio trabalhado foi o Sítio Silvio Fernandes I (nº 99):

*Trata-se de um aterro de forma complexa, composto por dois círculos de terra ligados, com 03 montículos no seu interior (...). Está situado a 20m da estrada para o canteiro de obras da margem direita. Localiza-se em topo de colina, com vegetação do tipo gramínea e algumas árvores. Sua porção norte e leste foram cortadas por estrada de acesso à propriedade.*

*Foram realizados 02 poços teste de 1 x 1m, assim distribuídos: "A" em um dos montículos no centro, "B" no interior da estrutura oval. (Scientia Ambiental, NUPArq/UFRGS & ITACONSULT, 2002, p. 75)*

Nesses dois poços-teste, foram encontrados 9 fragmentos cerâmicos na sondagem A e apenas 1 fragmento lítico na sondagem B.

O quarto, e último sítio trabalhado foi o Sítio João Roque Vingla VIII (nº 100). Resgatamos sua descrição:

*Trata-se de uma estrutura de aterro com forma oval, com 04 montículos no centro (...). Localiza-se às margens da estrada do eixo, em topo de colina coberto com gramíneas. Sua porção norte é cortada pelo atual leito da estrada de chão, que segue para o eixo da barragem.*

*Inicialmente, havia muitas dúvidas quanto ao aterro tratar-se de um sítio arqueológico. Antes de se proceder ao seu cadastro, resolveu-se avaliá-lo, executando cortes na provável estrutura. Foram realizados 02 poços teste de 1 x 1m, assim distribuídos: "A" em um montículo central, "B" sobre o muro de terra (estrutura oval).*

*O poço teste "A" foi escavado até 80cm de profundidade. A partir do nível 20-30cm começaram a aparecer grânulos de carvão. A 45cm de profundidade, na extremidade leste da quadrícula, apareceu parte de uma estrutura de combustão (fogueira) com grande quantidade de carvões, que permaneceu até 54cm (...). Foi possível identificar 04 cepos de lenha queimados, pelos veios da madeira que permaneceram intactos no carvão. Realizaram-se 02 amostras de carvão para datação por C14: 40-50cm e 50-60cm. Foi coletado somente 01 fragmento cerâmico, entre 40-50cm.*

*O poço teste "B" também foi escavado até 80cm; no entanto, nenhuma peça arqueológica foi localizada. O solo manteve-se homogêneo, sem distinção na coloração (...).*

*O solo em ambos os cortes é argiloso marrom avermelhado friável, sem raízes ou rochas. Não se apresentou compacto, mas sim solto, facilitando a escavação dos poços. Isto nos indicou que o mesmo fora*

*artificialmente colocado.* (Scientia Ambiental, NUPArq/UFRGS & ITACONSULT, 2002, p. 77)

Um dos grandes méritos do Projeto UHE Barra Grande está em oferecer uma visão clara destas estruturas complexas, com um conjunto de dados novos, além de reafirmar algumas questões que estão correntes na arqueologia do planalto, a função funerária destes montículos, especialmente em áreas entaipadas.

### *3.2.7 Projeto UHE Quebra-Queixo*

No Município de Chapecó, Caldarelli & Herberts (2002) identificaram 33 sítios arqueológicos, sendo que 4 apresentaram casas subterrâneas e 29 não. Estes últimos são caracterizados como superficiais litocerâmicos. Todos eles foram bastante alterados pela utilização do solo para fins agrícolas, sendo os 29 sítios litocerâmicos bastante prejudicados pela ação do arado, quer de disco – que inverteram estratigraficamente as camadas – quer de grade – que movimentaram-nas horizontalmente.

Nos 4 sítios que foram encontrados casas subterrâneas – e que, por sua vez, estas apresentam tamanhos entre 3 e 6m de diâmetro –, o sítio QQ-22 recebeu uma atenção mais detalhada. Foram realizadas escavações no interior das casas e trincheiras (4) no entorno.

*No caso da Estrutura A, o material estendia-se da boca até cerca de 5,50m, no sentido Norte e Oeste. Após intervalo de cerca de 2m, sem vestígios, apareceram concentrações de material entre 7,5 e 11m a partir da borda. No caso da Estrutura B, o material estendia-se da boca até cerca de 5m de distância, sentido Sul e Oeste.*

*[...]*

*A estrutura maior (Estrutura A) possuía inicialmente 9,50 x 8,50m de boca, mas foi afunilando à medida que se aprofundava, chegando a cerca de 50% da área inicial, em sua profundidade máxima (2,40m). Dois tipos de solo foram evidenciados: um mais profundo, argiloso avermelhado (tabatinga), estéril, e um superior, marrom escuro, resultante do soterramento da estrutura.*

*Uma mancha escura com carvão foi evidenciada a 0,95m de profundidade, próxima à parede Oeste da estrutura, desaparecendo por volta de 1,43m. A sudeste, essa mancha escura atingiu 2,38m de profundidade. Entre 2,26 e 2,38m, foi evidenciada uma espessa concentração de nós-de-pinho calcinados.*

*A estrutura menor (Estrutura B) possuía inicialmente boca com 3m de diâmetro, a qual afunilou-se para cerca de 1,8m. Não foi possível precisar exatamente o grau de afunilamento porque uma das paredes havia desabado. Sua profundidade máxima de 1,60m.*

*Poucas foram as peças encontradas no interior da Estrutura B, estando a maioria também concentrada nos níveis superficiais, ao redor da borda provavelmente carregada do exterior para dentro da estrutura. No seu interior, foram localizados 36 nós-de-pinho, mapeados numa coluna que desde 0cm até –1,50m de profundidade,*



*estando alguns queimados e os mais profundos com mofo.* (Caldarelli & Herbets, 2002, p. 141-143)

Estas casas subterrâneas – ou estruturas, como denominam as autoras – foram datadas<sup>22</sup> em 144 A.P. (Beta 165798) na casa A; 122 A.P. (Beta 165800) na casa B e 100 A.P. (Beta 165798) no entorno da casa A. As datas demonstram uma ocupação tardia do sítio, em meados do século XIX, além do que indica que essas devem representar um momento de ocupação.

Uma das principais conclusões das autoras é a associação dos (a) sítios com casas subterrâneas e (b) sítios litocerâmicos. Segundo elas, a associação entre ambos é evidente a julgar pela ocorrência de cerâmica Taquara/Itararé nos sítios litocerâmicos e pela recorrência do material lítico nos sítios litocerâmicos (é claro) e nos sítios com casas. Indicando, dessa forma, uma circulação dinâmica dentro do ambiente.

Atualmente os trabalhos de levantamento no Planalto Sul-Brasileiro vem sendo impulsionados pelos projetos de salvamento de grandes obras de engenharia, como barragens, estradas e linhas de transmissão, que vêm aportando novos problemas, até porque muitos deles são realizados em vales delimitados – como uma barragem por exemplo – ou são grandes “transects” como estradas e linhas de transmissão. Entretanto a maioria destes trabalhos ainda encontra-se em execução e seus dados ainda não estão disponíveis.

### **3.3 OUTRAS PESQUISAS NO PLANALTO SUL-BRASILEIRO**

No Município de André da Rocha, Estado do Rio Grande do Sul, a convite do proprietário da Fazenda Paradeiro dos Índios, uma equipe do IAP esteve realizando uma visita com o objetivo de confirmar a existência de estruturas subterrâneas. A fazenda situa-se no Km 164 da Rodovia RS 470.<sup>23</sup>

No local, foram encontradas 6 casas, tendo a menor 3 e a maior 20m de diâmetro. A primeira encontra-se totalmente assoreada, de difícil identificação. A segunda atinge 5m de profundidade. As demais oscilam entre 0,6 e 2m de profundidade. Quanto à forma, são todas consideradas circulares. O que mais chama a atenção é um montículo, localizado em meio ao campo atual, com 14m de diâmetro num eixo e 14,3m no outro. Esse montículo é circundado por uma valeta de 2,5m de largura que forneceu o sedimento para sua construção. Dessas 6 casas, 4 estão dentro da mata de pinheiros e 2 delas localizam-se no campo, assim como o montículo.

No Município de São Marcos, Estado do Rio Grande do Sul, também estão sendo identificados sítios, tanto com casas subterrâneas quanto com grutas que contêm sepultamentos. Esse projeto está em fase inicial de execução, no entanto os dados já disponíveis corroboram o padrão de sepultamento em grutas

---

<sup>22</sup> No trabalho de Caldarelli & Herbets (2002) não são informadas as margens de erro das datas, o que impossibilita a calibração das mesmas.

<sup>23</sup> Os dados relativos a este sítio não foram ainda publicados pela equipe do IAP. Valemo-nos portanto dos relatórios de campo depositados na instituição.

## **4 Os sítios, Seus Padrões e o Sistema de Assentamento**

Os trabalhos recentes forneceram um conjunto de novas informações sobre a organização dos sítios, sobre sua composição e sobre sua sucessão cronológica, o que vem a consolidar o conhecimento existente e permitir novas interpretações. Assim, já não há mais dúvidas de que estes sítios façam parte de uma tradição cultural. Essa tradição foi identificada, inicialmente, pela cerâmica Taquara/Itararé que ocorre desde o litoral atlântico até os Planaltos do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, ocupando sítios a céu aberto, sítios compostos por casas subterrâneas e, atualmente, compreende também montículos, sítios litocerâmicos e abrigos com sepultamentos. Finalmente, essa mesma tradição está relacionada com as populações humanas descritas na documentação histórica como Kaingáng, que ainda hoje vivem nas reservas indígenas na região sul do Brasil.

A partir do capítulo anterior foi possível delinear de forma mais objetiva os diferentes tipos de assentamento que envolvem a ocupação pré-colonial do Planalto Sul-Brasileiro. Temos condições, agora, de articular um sistema que dê conta dessas diferentes realidades.

Uma das deficiências notadas é justamente a ausência de uma visão sistêmica que perceba os diferentes padrões como parte de um sistema de assentamento, que, na sua diversidade, fazem parte de um todo, como peças de um quebra-cabeças. E ainda que muitas das peças estejam faltando, já se pode construir um primeiro modelo que permite pôr ordem nesses fragmentos.

Nossa intenção está em ordenar esses diferentes padrões. Nosso pressuposto é de que os diferentes padrões (casas subterrâneas, montículos, sítios litocerâmicos, abrigos com sepultamentos e áreas entaipadas) correspondem a um único sistema de assentamento adaptado ao Planalto Sul-Brasileiro.

### **4.1 CONSTRUÍDO UM SISTEMA DE ASSENTAMENTO**

#### *4.1.1 Implantação*

A localização dos sítios com casas subterrâneas obedece a características bem marcadas, no que se refere a sua implantação na paisagem. Estão situados próximos ao topo dos morros, junto aos divisores de águas das bacias hidrográficas que conformam a rede de drenagem. A cobertura vegetal pode ser a mata com araucária, o campo ou mesmo as áreas de cultivo das populações atuais.

Em alguns poucos casos estão situados exatamente no topo das elevações. Entretanto, a grande maioria dos assentamentos situa-se na encosta alta de forma que a declividade do terreno contribui para a drenagem. Aqui entende-se o porquê dessa opção: já que os sítios são compostos por casas subterrâneas, uma das grandes preocupações é justamente a de evitar a entrada da água das chuvas, que inevitavelmente a inundaria. A opção pela encosta deve-se também à necessidade de uma camada de solo suficientemente espessa que permita a escavação da casa na profundidade desejada.

Essa característica é defendida por Schmitz durante o Projeto Vacaria, no qual foram identificados 20 sítios, todos localizados sobre os divisores de águas (Schmitz et al., 2002, p. 98). O mesmo é reiterado por Maria José Reis que afirma que os sítios por ela estudados no Estado de Santa Catarina estão todos localizados nas encostas e topos de elevações (REIS, 1980, p. 172).

Outro aspecto distintivo é a localização em termos de altimetria. Dos sítios que possuímos essa informação, esses encontram-se em diferentes cotas, iniciando nos 12m<sup>24</sup> e alcançando altitudes superiores a 1196m. Percebe-se que são mais abundantes a partir dos 400m, concentrando-se entre os 600 e 1200m, conforme pode ser percebido na tabela abaixo:

Tabela 2: Frequência dos sítios com casas subterrâneas em função da altitude<sup>25</sup>

Intervalo das altitudes (em metros)		Quantidade de sítios identificados	
0	100	1	0,46%
101	200	0	0,00%
201	300	1	0,46%
301	400	0	0,00%
401	500	10	4,61%
501	600	7	3,23%
601	700	4	1,84%
701	800	11	5,07%
801	900	63	29,03%
901	1000	109	50,23%
1001	1100	9	4,15%
1101	1200	2	0,92%

99% dos sítios com casas subterrâneas estão situados a partir dos 400m de altitude, concentrando-se em sua esmagadora maioria (89,4%) entre os 700 e 1.200m. Abaixo dos 400m ainda ocorrem casas subterrâneas, mas são casos isolados, com apenas 2 sítios conhecidos.

Essa distribuição coincide com a da Floresta Ombrófila Mista, que na região sul predomina acima dos 500m de altitude na sua Formação Submontana e a partir dos 800m são as Formações Altomontantas que tomam conta<sup>26</sup>. Na primeira formação predomina a influência das espécies da Floresta Estacional Semidecidual, da Floresta Estacional Decidual e da Floresta

<sup>24</sup> Referente às casas subterrâneas no Morro da Cruz, Município de Jaguarúna, Estado de Santa Catarina, levantadas por João Alfredo Rohr. A altitude de 12m refere-se à altitude do município; o Morro da Cruz possui uma altura de 50m e a altura do ponto mais alto do município é de 120m.

<sup>25</sup> Consideramos esses dados uma amostra, pois em alguns casos não foi possível determinar a altitude dos sítios.

<sup>26</sup> Maiores detalhes quanto a caracterização da Floresta Ombrófila Mista, ver capítulo 2.

Ombrófila Densa. Já na segunda formação, a Floresta Ombrófila assume sua formação característica.

Com relação à distância da água, os sítios estão afastados dos cursos principais, mas sempre próximos a uma fonte, seja esta um pequeno riacho, banhado ou mesmo nascente. A distância mínima registrada é do sítio PR-FI-42, no Estado do Paraná, com 6,5m; a máxima é de 1000m, no sítio SC-CL-41, no Município de São José do Cerrito, Estado de Santa Catarina. A média<sup>27</sup> é de 215,65m.

#### 4.1.2 Composição

Nos sítios identificados foram encontradas tanto casas isoladas como conjuntos com várias dessas, acompanhadas ou não de montículos. Os maiores agrupamentos podem ter até 68 estruturas, como o sítio SC-CL-71, no Município de Lages, Estado de Santa Catarina, acompanhado por mais 10 montículos. Entretanto, sítios com tantas casas são raros.

Quanto aos conjuntos: predominam aqueles sítios cujo conjunto possui até 3 casas em 67,49% dos casos; a seguir temos sítios com no mínimo 4 e no máximo de 10 casas em quase 23,31% dos casos; agrupamentos com 9 ou mais, apenas cerca de 9,20%.

Esse dado caracteriza uma das estratégias de ocupação do território: sítios com até 3 casas, preferencialmente 1 ou 2, representam 67,49% dos sítios identificados, já os compostos por mais de 3 e menos de 10 representam outros 23,31%. Sítios com mais de 10 casas são apenas 9,20% das ocorrências. Portanto, o padrão de implantação dos sítios com casas subterrâneas são sítios com até 3 casas, podendo ocorrer, em menor quantidade, agrupamentos com até 10 casas e raramente conjuntos maiores que isto.

Tabela 3: Quantidade de casas subterrâneas por sítio

Número de Estruturas	Sítios	
	Quantidade	Porcentagem
1	38	23,31%
2	46	28,22%
3	26	15,95%
4	7	4,29%
5	6	3,68%
6	7	4,29%
7	5	3,07%
8	7	4,29%
9	3	1,84%
10	3	1,84%
11	1	0,61%

<sup>27</sup> Utilizamos os dados de José A. Reis, (1997), quadro 2, p. 71-72 e os quadros 3 e 4, p. 73.

Número de Estruturas	Sítios	
12	1	0,61%
13	1	0,61%
14	2	1,23%
15	2	1,23%
17	1	0,61%
18	2	1,23%
19	1	0,61%
21	1	0,61%
23	1	0,61%
36	1	0,61%
68	1	0,61%

#### 4.1.3 Construção das casas subterrâneas

As casas estão sempre construídas no solo composto por sedimentos nas camadas superiores e por basalto em decomposição nas camadas inferiores. Pelo menos é o que se observa nas escavações em Vacaria, Caxias do Sul, Bom Jesus e Pinhal da Serra, todos municípios do Rio Grande do Sul.

No sítio RS-A-27, em Vacaria, as casas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8 terminam todas em uma camada de argila vermelha ou saibro. No sítio RS-A-29 (também em Vacaria/RS) foram escavadas as casas 1, 2, 3, 4, 8, 12, 13 e 16, e apresentam a mesma característica, ou seja, a mesma camada de argila vermelha.

Em Caxias do Sul percebe-se o mesmo fenômeno. Lá foram escavadas 4 casas: A, B, 4 e 9. O sedimento da base é vermelho, medianamente compacto na maioria, sendo que na casa A um dos lados apresenta uma rocha pouco alterada.

O sítio RS-AN-03, no Município de Bom Jesus, teve as casas A e C escavadas e alcançaram a camada natural que é formada pelo basalto amarelado decomposto (Copé & Saldanha, 2002).

Nos trabalhos de salvamento realizados por Copé, Saldanha & Cabral (2002) no Município de Pinhal da Serra, Estado do Rio Grande do Sul, foi identificado como piso original das casas subterrâneas o basalto decomposto.

Na Bacia do Rio Chapecó, Caldarelli & Herberts (2002) escavaram um sítio com 2 casas subterrâneas (ver item 3.1.10 no Capítulo 3) e identificaram como camada estéril, após a retirada da camada arqueológica, um solo avermelhado.

Acreditamos que as ferramentas utilizadas para a escavação das casas subterrâneas foram especialmente as lascas líticas de maiores dimensões, os talhadores facilmente obtidos a partir do basalto, além de instrumentos feitos em madeira que por sua natureza perecível não deixaram evidências no registro arqueológico. Podemos inferir seu uso com base nos relatos históricos

sobre os Kaingáng.: *"Com estacas de pau, em forma de cavadeira, fazem uma cova ..."* (Mabilde, 1988, p. 110).

Quanto aos artefatos líticos, são recuperados nos sítios, lascas de basalto, que podem ser facilmente obtidas em todas as áreas do planalto. As lascas de maiores dimensões, são extraídas a partir de lascamento unipolar e possuem comprimento maior que 8cm, mas também poderiam ser usadas lascas de menor tamanho, possivelmente até 3cm.

Para o transporte dos sedimentos devem ter sido utilizados cestos em cipó e taquara, amplamente utilizados em período histórico e registrados por Mabilde (1988) para o transporte de alimentos, de água e de terra nos rituais de sepultamento, mas de que igualmente não temos registro arqueológico:

*Os cestos usados pelos selvagens, para carregar os mantimentos para seu sustento, são feitos com cipó, geralmente com o cipó chamado de "São João". Empregam, também, a cana fina de cresciúma, que fendem pelo meio.* (Mabilde, 1988, p. 127)

*(...) porque além de carregarem a terra em uma espécie de cabaz (feito de taquara e cipó) de pequenas dimensões, pouco maior do que uma quarta de alqueire (das nossa antigas medidas) vão buscá-la, em geral à grande distância, à margem de algum arroio ou sanga com barranco que desmorone e donde a fazem sair com estacas de madeira.* (Mabilde, 1988, p. 154)

O sedimento retirado da sua escavação teve ao menos 2 destinos identificados: ou foi amontoado próximo à casa formando um montículo; ou então era utilizado para elevar o entorno, especialmente no caso em que o terreno é mais inclinado, utilizando-o para elevar a borda baixa.

#### 4.1.3.1 DIMENSÕES DAS CASAS SUBTERRÂNEAS

As dimensões variam de pouco mais de 2 até perto dos 20m de diâmetro. Predominam as casas com até 5m de diâmetro, as quais correspondem a cerca de 66,03% dos casos. Vem seguidas pelo intervalo entre 5 e 10m com 27,97%, restando apenas 6,00% para as casas a partir dos 10m de diâmetro (Gráfico 1).

Assim, podemos dividir as casas subterrâneas, quanto ao tamanho, em três grupos: casas pequenas, compreendendo diâmetros até 5m; casas médias entre 5,1 e 10m e casas grandes a partir de 10m de diâmetro.

Tabela 4: Diâmetro das casas subterrâneas

Intervalo dos diâmetros (em metros)		Quantidade de casas identificadas	
0	1	0	0,00%
1	2	32	4,86%
2	3	108	16,39%
3	4	142	21,55%
4	5	136	20,64%
5	6	61	9,26%

Intervalo dos diâmetros (em metros)		Quantidade de casas identificadas	
6	7	41	6,22%
7	8	43	6,53%
8	9	16	2,43%
9	10	16	2,43%
10	11	6	0,91%
11	12	8	1,21%
12	13	6	0,91%
13	14	4	0,61%
14	15	3	0,46%
15	16	3	0,46%
16	17	2	0,30%
17	18	5	0,76%
18	19	0	0,00%
19	20	1	0,15%

Apenas para fornecer mais ênfase a nossa constatação, observe-se os sítios em relação à composição: podem estar compostos por casas pequenas (31,51%); médias (19,86%) e grandes (7,53%). Os conjuntos de casas no mesmo sítio podem ser de pequenas e médias (30,14%); pequenas e grandes (2,05%); médias e grandes (4,79%) e pequenas, médias e grandes (4,11%). Percebe-se portanto, a predominância das casas pequenas, médias e pequenas e médias na composição dos sítios. (Gráfico 2)

Com relação à profundidade, este indicador é um dos mais problemáticos dentre todos os apresentados. A profundidade indicada nos trabalhos refere-se à observada na época das pesquisas, a partir da observação direta e raras vezes embasada em uma sondagem ou prospecção que determine a real profundidade da casa. Essas depressões têm sido sistematicamente entulhadas pelos moradores – em função do incômodo que representam para a agricultura e a pecuária –, ou mesmo por outros processos pós-deposicionais como a erosão.

Os dados de que dispomos são:

Tabela 5: Profundidades observadas nas casas subterrâneas

Intervalo da profundidade (em metros)		Quantidade de casas identificadas	
0	0,5	101	16,06%
0,5	1	336	53,42%
1	1,5	79	12,56%
1,5	2	55	8,74%
2	2,5	13	2,07%
2,5	3	19	3,02%

Intervalo da profundidade (em metros)		Quantidade de casas identificadas	
3	3,5	1	0,16%
3,5	4	14	2,23%
4	4,5	1	0,16%
4,5	5	3	0,48%
5	5,5	1	0,16%
5,5	6	1	0,16%
6	6,5	0	0,00%
6,5	7	3	0,48%
7	7,5	0	0,00%
7,5	8	1	0,16%
8	8,5	0	0,00%
8,5	9	0	0,00%
9	9,5	0	0,00%
9,5	10	1	0,16%

Percebe-se que as casas apresentam predominantemente profundidades até 1m com 69,48% dos casos; entre 1 e 1,5 são 12,56% e entre 1,5 e 2m são 8,74%. Portanto, até 2m de profundidade temos 90,78% das casas medidas. Reiteramos que essas são profundidades tomadas pelos pesquisadores, considerando o estado atual de conservação dos sítios. A profundidade das casas no momento de ocupação era ao menos maior. (Gráfico 3)

Nos casos em que foram escavadas, a espessura média observada das camadas arqueológicas fica em torno de 1m. O entulho posterior varia em função das condições de conservação do sítio e do uso do solo. Se foi destinado à agricultura, a camada de entulho pode atingir espessuras da ordem de 50cm, como na casa 12 do sítio RS-A-29 (em Vacaria), no qual foram achados os restos de uma vaca e de um bezerro enterrados pelo proprietário, que aproveitou a depressão. O entulho ainda varia em função de estratégias adotadas no momento de arar o solo: segundo o mesmo proprietário, deixa-se a última volta do arado jogar a terra para o interior da casa.

As casas também sempre têm servido como depósito de lixo, de pedras e de entulho em geral. Uma casa atualmente rasa não significa que assim tenha sido quando ocupada pelos seus construtores.

Para a relação entre essas duas medidas, diâmetro x profundidade, possuímos as dimensões de 217 casas subterrâneas: nessa amostra a profundidade não é maior que 10% do diâmetro em 79,72% dos casos (173 casas); entre 10 e 20% do diâmetro, 18,43% (40 casas); entre 20 e 30%, 0,92% (duas casas) e entre 30 e 40%, 0,92 (2 casas), conforme podemos observar no Gráfico 4.



Não se deve esquecer de que não estamos considerando a espessura da camada arqueológica, a qual depende da história de cada sítio, pois, somente após obtermos uma amostra significativa poderemos ter algum teste estatisticamente válido.

#### 4.1.3.2 FORMAS DAS CASAS SUBTERRÂNEAS

Com relação à forma das casas, tomando como modelo as escavações em Santa Lúcia do Piaí, Município de Caxias do Sul, Estado do Rio Grande do Sul, La Sálvia (1983) as tinha dividido em: habitações grandes com um telhado apoiado sobre três esteios (que normalmente apresentam uma banqueteta na base), habitações médias com o telhado apoiado sobre um esteio central (também apresentando banquetetas) e habitações semi-subterrâneas que podem ou não ter uma banqueteta no fundo da casa.

As casas subterrâneas grandes e médias foram assim definidas:

*As habitações médias caracterizam-se pela presença de um telhado sobre uma estrutura de um único esteio, colocado sobre o centro ideal da habitação ou, em alguns casos, um pouco deslocado sem que este movimento represente algo na estrutura ou finalidade. (...)*

*As habitações grandes apresentam uma normalidade maior: o telhado está sobre uma estrutura de três esteios, paredes retas ou ligeiramente inclinadas terminadas sobre uma banqueteta que circunda a habitação. O posicionamento, sempre ao centro do aglomerado habitacional, deve ser levado em consideração pois aí estará sua função e o elemento distintivo dos demais. (La Sálvia, 1983, p. 18)*

Enquanto forma, essas estruturas grande e médias seriam aquelas que apresentam paredes perpendiculares ou levemente inclinadas. Com relação ao piso, no fundo das casas, contornando a parede poderiam existir banquetetas que seriam acúmulos de terra, com medidas entre 40 e 60cm de altura por uma largura entre 80 e 130cm, dependendo das dimensões da casa (ver La Sálvia, 1983:18).

As casas semi-subterrâneas, segundo La Sálvia, foram assim definidas (ver La Sálvia, 1983:20-21):

*Dentro deste tipo de habitação, encontramos dois: um formando um conjunto conoidal, com uma banqueteta e paredes inclinadas, normalmente de tamanho médio; o outro, sem banqueteta e com paredes perpendiculares ou levemente inclinadas em relação ao piso, possuindo, incrustados na parede, troncos de madeira que a atravessa, formando como que um estrado. Estas normalmente são pequenas não ultrapassando 3,0m de diâmetro. (La Sálvia, 1983, p. 20)*

Schmitz e equipe (2002) observaram variações na forma das casas a partir das escavações realizadas durante o Projeto Vacaria.

A primeira é uma meia-esfera ou calota de esfera, com as paredes inclinadas e uma rampa de acesso mais suave, conforme a Figura 02.

A segunda forma lembra um chapéu invertido, pois as paredes apresentam-se como depressões suaves, não muito inclinadas, e ao centro há uma depressão, conforme a Figura 03.

Com relação à tipologia das casas proposta por La Sálvia seria temeroso adotá-la como regra para toda a área de ocorrência do fenômeno, visto que as formas identificadas em Caxias do Sul não foram identificadas em Vacaria, com exceção talvez das casas semi-subterrâneas e, ainda assim, não da forma como propôs La Sálvia. Por isso, a definição de tipos somente será possível quando um conjunto maior de casas subterrâneas tiver sido escavado na sua totalidade. No atual estado do conhecimento definir uma tipologia seria um tanto prematuro.

Com relação à área de piso disponível após a abertura da casa, isto depende da forma. No caso das casas com paredes perpendiculares ao piso e com banquetas no fundo, o piso possuiria tamanho semelhante à abertura superior da casa; entretanto, nos formatos onde existe uma inclinação da parede como as casas em Meia-Esfera e Chapéu Invertido, o fundo fica mais restrito, equivalendo a algo em torno de 1/3, 1/2 da abertura superior da casa, decorrendo justamente do grau de inclinação das paredes. Como o centro da casa possui um fogão e/ou um esteio de suporte do telhado o espaço disponível torna-se bastante limitado.

Nos sítios com casas subterrâneas grandes ocorrem ainda montículos que são o depósito do sedimento retirado por ocasião da construção da casa. Este fato foi documentado em ao menos três sítios: RS-A-27, RS-A-29 (Vacaria/RS) e RS-AN-03 (Bom Jesus/RS).

Os montículos de acúmulo de terra são identificados especialmente pela sua estratigrafia que, se comparada a de uma casa subterrânea, aparece inversa, com os sedimentos superficiais da casa compondo as camadas inferiores dos montículos, e com as camadas inferiores da casa compondo a superfície desses montículos.

O montículo grande do sítio RS-A-27 foi construído com o sedimento da casa 03 do mesmo sítio. Nas palavras de Schmitz:

*Por que afirmamos que o montículo foi construído com a terra da casa 3? A terra, argilosa, tem a mesma composição, cor e consistência. A outra casa, que poderia ter fornecido volume semelhante de sedimentos, seria a casa 2, mas seu substrato é saibro desagregado e cascalhento, que absolutamente não combina com os sedimentos do montículo. Também a data combina com as da casa 3 e com nenhuma outra. (Schmitz et al., 2002, p. 24)*

Da mesma forma, a casa 1 do sítio RS-A-29 serve como exemplo: o sedimento proveniente de sua escavação foi acumulado no montículo que está a 40m dela. Uma parte menor foi utilizada para nivelar a borda baixa da mesma casa. Retomamos o relatório da escavação sobre o montículo:

*O material dos primeiros 50cm originou-se da remoção do basalto decomposto no fundo da casa 1; e o material argiloso da outra*

*camada da escavação dos primeiros níveis da mesma casa 1. Perto da superfície aparecem algumas lascas que podem ser verdadeiras e podem ter-se originado no momento da escavação e remoção do material da casa 1, ou da quebra fortuita da rocha ao ser removida. O montículo é tipicamente o acúmulo da terra e rocha retiradas da casa 1, que sobrou depois de feito o nivelamento da borda mais baixa da casa. Nele não há carvão, cerâmica ou instrumentos, nem sinal de sepultamentos. (Schmitz et al., 2002, p. 66)*

Além desses dois casos, temos ainda o montículo do sítio RS-AN-03 escavado no Município de Bom Jesus, Estado do Rio Grande do Sul, que segundo seus autores:

*A escavação realizada no Aterro nos apresenta uma estratigrafia exatamente inversa das encontradas nas estruturas escavadas "A" e "C", demonstrando tratar-se o Aterro de acúmulo de terra proveniente do processo construtivo das estruturas escavadas. (Copé & Saldanha, 2002, p. 116)*

Temos aqui a primeira função dos montículos associados às aldeias com casas subterrâneas, ou seja, depósitos dos sedimentos provenientes da construção das casas, tanto que estão próximos as mesmas, fazendo parte do assentamento. Outra função que identificamos, são os montículos funerários, dos quais trataremos mais adiante.

#### 4.1.3.3 COBERTURA DA CASAS SUBTERRÂNEAS

Com relação à cobertura, esta seria composta por uma armação de madeira. Não temos ainda elementos suficientes para recompor com precisão a forma geral, mas o fato de contar com um esteio central, especialmente nas casas médias e grandes, sugere uma armação apoiada nesse poste e nas bordas da casa. Sobre a armação deveria haver uma camada de palha.

As casas menores poderiam ou não contar com um esteio central, porque a cobertura poderia estar apoiada apenas nas bordas formando uma cúpula; esta se estenderia não só sobre a depressão mas também cobriria parte do entorno; assim, o centro da casa teria mais espaço para abrigar uma fogueira, ao redor da qual se desenvolveriam as atividades. Nos casos em que teria havido um esteio central a cobertura deveria ser bastante extensa.

No registro arqueológico, temos várias ocorrências que atestam a existência de um esteio central: nos sítios RS-A-27 e RS-A-29 (ambos em Vacaria/RS) são ao menos 6 casas com sinais muito claros de sua existência. Este indício é normalmente uma concentração de pedras com um espaço ao centro onde ficaria o esteio.

Um caso ilustrativo é o da casa B do sítio RS-127 no Município de Caxias do Sul, que possui evidências de um poste central e dos seus respectivos apoios na borda da casa:

*No exterior da casa foram abertas trincheiras tangenciais à borda, objetivando constatar a presença e a disposição de eventuais suportes de telhado, da possível entrada e dos dispositivos de arejamento. Com*

*isso foram encontradas nove evidências de postes, dispostas em distâncias regulares de aproximadamente 150cm, exceto duas, separadas de apenas 80 cm. Estas evidências, como a do poste no centro do piso da casa, se constituíam de acúmulos de pedras de tamanhos variados compactadas com terra, ao redor de um pequeno espaço central vazio, que seria ocupado pelo poste. (Schmitz, 1988a, p. 24)*

Copé & Saldanha (2002) crêem ter identificado no sítio RS-AN-03 (Bom Jesus/RS), o que seria a armação do telhado, composta por troncos carbonizados, depositados sobre a camada de ocupação. Chama a atenção entretanto, o fato de a ocupação estar datada entre 550 ± 40 A.P. (Beta 166585) Cal 1.310-1.430 A.D e 1.000 ± 40 A.P. (Beta 166588) Cal 990-1.160 A.D., e o pretense madeirame do telhado em 80±50 AP (Beta 166586) Cal 1673-1955. Implicaria que o telhado seria quase 500 anos mais recente, ou que a ocupação, ou então estaria indicando uma reocupação muito recente da casa além de uma utilização bastante continuada do espaço.<sup>28</sup>

No sítio QQ-22 (Chapecó/SC), onde foram pesquisadas 2 casas lado a lado, Caldarelli & Herberts (2002) sugerem que a cobertura seria maior que elas, cobrindo ambas. Quanto à sua forma, não oferecem alternativas, mas, baseando-se nos dados da distribuição espacial e de uma possível marca de esteio a 5m da borda externa da estrutura A, afirmam que a cobertura deveria ser de grandes dimensões.

Buscando inspiração nos relatos históricos, temos Mabilde (1983) que descreve os alojamentos dos Kaingáng:

*Os seus alojamentos são formados de ranchos com vários tamanhos e configurações. Todos são cobertos com as folhas de gerivaseiro (Arecastrum (cocos) romanzoffianum) ou com fetos arborescentes (Alsophyla arborescens). Fazem ranchos de forma prismática a que, entre nós, chamamos de "ranchos de beira de chão". Estes, em geral, são os ranchos dos caciques e dos selvagens que têm mulher em sua companhia. Os ranchos de beira do chão, cuja construção é conhecida, são de tamanhos diversos e proporcionados ao número de indivíduos que deve conter. Em geral, têm mais ou menos de 15 a 25 palmos de comprimento, 10 palmos, mais ou menos, de altura, e de 10 a 12 palmos de largura na base.*

*Os coroados, que ainda não tem mulher, habitam – cada um só – um rancho formado com um toldo que tem a forma de um quarto de esfera, aproximadamente. Para construí-lo fincam no chão, perpendicularmente, três varas compridas, no mesmo alinhamento e na distância de cinco palmos, uma das outras. Contra estas três varas, assim fincadas, e pelo lado que, depois de pronta a obra, deve servir de cobertura, atam com cipó. Horizontalmente, de dois em dois palmos de distância, pela altura das varas acima, colocam umas varas mais finas ou taquaras, sobre as quais estendem e atam, com as pontas*

---

<sup>28</sup> Quanto às datas deste sítio, veja a discussão que apresentamos no capítulo 3, item 3.1.7

*para baixo, as folhas ou palmas de gerivaseiro, para servir de cobertura ao toldo.*

*Concluída esta primeira parte do rancho, em distância de sete palmos, na frente das primeiras varas fincadas, fincam outras três varas e, às vezes, duas somente, sendo então uma em cada extremidade, igualmente em posição perpendicular, e paralelas às primeiras. Depois de bem seguras no chão, umas e outras recurvam aquele toldo feito sobre as três primeiras varas, até que venha a alcançar as varas fincadas na frente, nas quais é atada com cipó, de modo a formar um toldo de quase um quarto de esfera, aproximadamente.*

*Assim têm estes ranchos 10 palmos de comprimento, 7 palmos de largura na base e de 7 a 9 palmos de altura, isto é, do chão até alcançar o ponto em que se acha atada a parte superior que forma o toldo. (Mabilde, 1983, p. 39)*

Atualizando as medidas de Mabilde, à razão de um palmo igual a 0,22m, temos algo entre 3,3m e 5,5m de comprimento, aproximadamente 2,2m de altura e entre 2,2 e 2,46m de largura da base, dimensões compatíveis com o tamanho das casas subterrâneas, pelo menos das pequenas e médias.

Segundo Mabilde (1983), a cobertura sobre as traves de madeira poderia ser feita com as folhas do gerivaseiro – *Arecastrum romanzoffianum* – ou com as folhas da *Alsophylla arborescens*<sup>29</sup>, que deveriam ser diferentes variedades de samambaias (espécies da família Cyatheaceae) ou mesmo folhas do xaxim-verdadeiro (*Dicksonia sellowiana*)

Buscando inspiração nos dados etnográficos, temos como sugestão para a construção da cobertura, especialmente das casas menores, na tecnologia de construção utilizadas pelos Xavante que oferece uma imagem bastante ilustrativa (ver Fenelon Costa & Malhano, 1986, p. 86):

*Inicialmente, fincava-se no chão um esteio de 5 a 6m de altura, que marcava o centro da construção. Vários outros esteios maiores e mais finos (cerca de 15cm de diâmetro) eram fincados ao redor do esteio central, distando dele 3,50 ou 3,80m, mantendo entre si cerca de meio metro de intervalo. Esses esteios laterais deveriam ser flexíveis, posto que eram fletidos para dentro do pequeno círculo e amarrados entre si ao centro, a cerca de 4,5m de altura, formando uma cúpula de 7,5m de diâmetro na base. Após essa amarração, o esteio central podia ser retirado para obterem espaço interno desimpedido de esteios, sem que ocorressem danos na estabilidade da construção.*

*A estrutura de vedação era efetuada com taquaras colocadas na horizontal (ripas) e amarradas aos esteios na superfície externa da*

---

<sup>29</sup> A espécie *Alsophylla arborescens* não consta na bibliografia especializada. Provavelmente o termo *arborescens* tenha sido empregado para designar o hábito da planta (arborescente). É provável também que os indígenas utilizassem diferentes espécies da família Cyatheaceae, uma vez que todas apresentam frondes (folhas) grandes. Na encosta do Planalto a espécie mais comum é *Alsophylla setosa*. Na região da Floresta com Araucária a espécie mais comum é a *Dicksonia sellowiana* (Dicksoniaceae), o xaxim-verdadeiro, do qual se tem notícia do uso do caule em construções. Informação verbal fornecida por Julian Mauhs, em agosto de 2003.

*estrutura de sustentação; serviam também para a fixação do revestimento em folhas de palmeira. Estas eram colocadas na vertical sobre cada ripa, onde eram dobradas para dentro da construção e amarradas à ripa imediatamente inferior.*

*Uma única entrada era aberta para o interior da aldeia. Tinha pouca altura, o que obrigava os moradores a se curvarem para nela penetrar. Durante a noite, ou na ausência da família, essa entrada era fechada por uma porta de folhas de palmeira entrelaçadas. (Fenelon Costa & Malhano, 1986, p. 86)*

Cobertura semelhante poderia ter sido utilizada para as casas até 7,5m de diâmetro. Note-se que nela há a colocação de um esteio central para a montagem da cúpula que depois é retirado para liberação do espaço. Pode-se então considerar que os blocos utilizados para a sustentação desse esteio seriam depois utilizados como apoios que demarcariam o fogão.

Já nas casas de maiores dimensões, a presença do esteio central torna-se necessária como apoio para o peso da estrutura do telhado, que deveria cobrir uma área maior e que poderia obrigar a utilização de apoios extras. Nesse sentido, o registro arqueológico nos permite concluir que as marcas no centro das casas sejam de fato o indício da existência de um esteio central.

Tomando por base a existência desse esteio central, Fénelon Costa & Malhano (1986) apresentam ao menos mais duas possibilidades de construção do telhado, nas quais uma poderia ser elíptica e a outra poligonal com oito águas.

No mesmo artigo, os autores descrevem casas não-circulares, mas elípticas e semi-elípticas, com 2 ou mais esteios centrais que poderiam cobrir áreas bem maiores, casas construídas lado a lado ou mesmo casas geminadas. Esse tipo de cobertura teria até 25m de comprimento por 13 de largura.

Além das reconstruções propostas por La Sálvia (1983)<sup>30</sup>, Schmitz (2002) sugere uma reconstrução para a cobertura com uma cúpula, sem esteio central para as casas de pequeno porte e com esteio nas de grande porte, semelhantes às descritas para as casas circulares utilizadas pelos Xavante (ver Schmitz, 2002:29).

No planalto, cobrir as estruturas era imperativo, tanto para a proteção das baixas temperaturas como para evitar o alagamento das depressões em caso de chuvas. Portanto, as casas subterrâneas, com certeza, apresentavam uma cobertura que podia ou não contar com um esteio central, especialmente nas casas de maiores dimensões. Fundamentalmente era feita com material perecível: madeira para a estrutura e folhas de palmáceas e samambaias para a cobertura.

---

<sup>30</sup> Ver Capítulo 3, item 3.2.1.

#### 4.1.4 Cronologia

É fundamental considerar que estes sítios não representam uma única estada, mas são o somatório de diferentes momentos de ocupação das áreas onde estão inseridos. Os dados até aqui disponíveis, indicam uma exploração sistemática do território pelas populações portadoras da Tradição Taquara/Itararé.

A primeira forma de perceber a questão esteve ligada à definição das tradições e fases efetuadas por ocasião do PRONAPA<sup>31</sup>. Os últimos trabalhos permitiram avançar nessa compreensão, pois forneceram amostras datadas que possibilitaram compreender a sucessão cronológica das casas e como essas poderiam ser entendidas no contexto de um conjunto.

A principal conclusão possível é que as casas de um sítio não são todas contemporâneas, mas, representam uma sucessão de ocupações, podendo ocorrer a construção de novas casas ao lado das já existentes, e mesmo a reocupação das últimas. Este fato foi comprovado a partir das escavações e datações realizadas em Bom Jesus, Vacaria e Caxias do Sul, todos municípios do Estado do Rio Grande do Sul.

Nos sítios de Vacaria, a data mais antiga é de 950 A.P. e a mais recente de 30 A.P. Em Caxias do Sul as datas iniciam-se em 1.480 A.P para a mais antiga e 630 A.P. para a mais recente. Em Bom Jesus, as datas oscilam entre 80 e 1.000 A.P.<sup>32</sup>

No sítio RS-A-27 as datas de radiocarbono mostram que o início da ocupação do sítio foi com 2 casas: a casa 6 e a casa 03<sup>33</sup>; a primeira com 3,5m de diâmetro e a segunda com 14m de diâmetro. Do mesmo período ainda é o montículo maior do sítio, que na verdade é o rejeito da construção da casa maior; e o espaço contíguo à casa 3 que apresentou uma marcada atividade do lado de fora, concomitantemente à ocupação das casas. As datas estão entre 670 e 900 A.P.

A distância entre as duas estruturas é de 216m de centro a centro. O montículo está ao lado da casa 3 a 45m de distância. Um dos núcleos de atividades seria justamente a casa 3 com seu entorno, o montículo, a casa 06 e também o seu entorno.

O outro momento de ocupação que se percebe nesse sítio é composto pela casa 2 com uma data de 520 A.P. Esta é casa circular, tem 10,5m de diâmetro e 2,33m (antes da escavação) de profundidade.

O terceiro momento de utilização do sítio é composto pelas casas 1 com 12,5m de diâmetro, e 5 com 5m de diâmetro, ambas com datas ao redor dos 400 anos A.P.

---

<sup>31</sup> Ver capítulo 1.

<sup>32</sup> Existe ainda uma data discutível de 2.180 para este sítio de Bom Jesus/RS, detalhes, consultar o item 3.1.7 no capítulo 3 no qual apresentamos uma descrição destes trabalhos.

<sup>33</sup> Vale salientar que a casa 3 apresenta 2 datas diferentes:  $673 \pm 55$  A.P. e  $900 \pm 72$  A.P.

Finalmente, o último momento, já concomitante ao período histórico, no qual se inicia a colonização dos Campos de Cima da Serra pelas populações de origem européia, com datas no século XIX, com a ocupação das casas 4 (4m de diâmetro), 7 (2,4m de diâmetro) e uma reocupação da casa 2 (10,5m de diâmetro). A casa 4 tem uma data de  $116 \pm 15$  A.P. Com isso temos a reocupação de 1 casa grande – sem que tenha havido uma nova escavação ou limpeza dela, já que os níveis inferiores estavam preservados – e 2 casas de menores dimensões.

A distância entre essas casas não ultrapassa os 325m, sendo de 58m entre a 2 e a 4, 325m entre a 2 e a 7 e 33m entre a 4 e a 7. Chama a atenção a localização da casa 7 que está próxima de um riacho e é a mais distante do conjunto do sítio<sup>34</sup> (Figura 04).

O outro sítio escavado, o RS-A-29 (Vacaria/RS), também fornece dados no mesmo sentido, ainda que possua menos datas que o anterior. O primeiro conjunto de datas é formado pelas casas 1 e 16, com datas ao redor de 700 A.P, mais o montículo, que é o acúmulo da casa 1. A casa 1 possui 11,7m de diâmetro por 1,75m de profundidade; a casa 16 possui 5m de diâmetro e 0,4m de profundidade. A distância entre as duas casas é de 315m de centro a centro.

A segunda dupla de datas que temos para este sítio está em meados do século XIV de nossa era, envolvendo as casas 3 e 12. A primeira possui 4,5m de diâmetro e 30cm de profundidade (a camada arqueológica é de 1,15m); a segunda possui 6m de diâmetro por 30cm. Estão distantes uma da outra pouco mais de 400m de centro a centro (Figura 05).

Intercalando os gráficos das cronologias dos dois sítios, teríamos a sucessão apresentada na Figura 06.

É interessante observar que as datas dos dois sítios sugerem uma contemporaneidade das ocupações, ou, então, que os dois sítios estejam sendo ocupados alternadamente por um mesmo grupo.

Além das datas, temos como bom indicador de que se trate de uma mesma ocupação: a cultura material, especialmente a cerâmica; pois não são percebidas diferenças tanto entre os sítios como nas camadas. A cerâmica é a mesma nos dois sítios e também ao longo de toda a ocupação, já que não se percebe diferenças notáveis nas amostras retiradas de contextos estratigráficos, o que nos conduz a acreditar ser da mesma cultura, ou ao menos o mesmo modo de produzir cerâmica durante toda a ocupação do sítio. Reportamo-nos aos pesquisadores:

*O resultado mostra claramente que a mesma cerâmica é usada nos dois sítios e nas diferentes amostras, tanto das estruturas construídas (casas subterrâneas), quanto dos espaços não construídos. (Schmitz et al., 2002, p. 83)*

<sup>34</sup> A casa 4 e a casa 5 foram datas em função do seu entorno. A casa 3 apresenta duas datas, por isso aparece em dois momentos – ver item 3.2.5 no capítulo 3.



O mesmo fenômeno repete-se no Município de Caxias do Sul, onde também existem casas subterrâneas escavadas e datadas. O conjunto é composto por 36 casas e 39 pequenos montículos. Deste conjunto, 4 casas subterrâneas foram escavadas, sendo uma grandes, duas médias e uma pequena.

Para as casas A (10,4m de diâmetro), B (5,2m de diâmetro) e 9 (5,62m de diâmetro) e o montículo foram realizadas datações. A casa 4 (3,3m de diâmetro) compõem um conjunto com mais a casa 2, 3 e 9; ela foi escavada mas não datada. O relatório da escavação (Schmitz, 1988a) informa que deve ter sido ocupada em momentos diferentes.

Para este sítio não possuímos nenhum croqui da distribuição das casas, mas os dados descritivos informam que estaria ocupando um capão de mato com cerca de 500m de diâmetro. No seu interior estaria a casa grande (a casa A), cercada pelas menores até uma distância máxima de 500m. Dispersos no mesmo espaço estariam 39 pequenos montículos. (Figura 07)

No Município de Bom Jesus, Copé & Saldanha (2002) trabalharam em um sítio (RS-AN-03) com 4 casas subterrâneas e 1 montículo. Nele, 2 casas foram alvo de intervenções arqueológicas, bem como o montículo. Ainda que os trabalhos não tenham sido concluídos, fornecem alguns bons indicadores.

As datas indicam uma ocupação iniciando por volta de 1.000 antes do presente<sup>35</sup>, com mais três em 550 e 370, e uma última em 80, todas antes do presente, demonstrando uma ocupação continuada ou repetida do espaço. A data de 1000 A.P. é da base do montículo, que foi acumulado com o sedimento proveniente da construção da casa A, o que por sua vez data a própria casa. Assim, o primeiro momento de ocupação situa-se em torno de 1000 A.P. com indícios apenas para a casa A. Um segundo momento deve ter sido entre 550 e 370, muito provavelmente envolvendo as casas A e C. Entretanto, como os trabalhos no sítio estão em andamento e ainda há mais 2 casas não trabalhadas, a casa D e a B, somente com o prosseguimento dos trabalhos poderemos aprofundar essas interpretações.

O quadro cronológico desse sítio (Figura 08) apresenta a seguinte conformação, a partir das datas disponíveis para as casas A e C, mais o montículo.

A partir desses dados podemos perceber que os sítios são compostos pela justaposição de casas subterrâneas. Essa justaposição ocorre tanto sincronicamente, com casas sendo ocupadas aos pares, como diacronicamente, com casas sendo reocupadas e/ou novas sendo construídas. Desta forma, os sítios com um grande conjunto de estruturas estão indicando muito mais uma persistência temporal no espaço, do que uma aldeia com várias casas.

---

<sup>35</sup> Maiores detalhes ver o capítulo 3, item 3.1.7.

#### *4.1.5 Atividades relacionadas com as casas subterrâneas.*

A existência de fogões, fragmentos cerâmicos, artefatos líticos e refugos de lascamento nos permitem inferir sobre a natureza das atividades desenvolvidas no interior das casas. Os restos arqueológicos permitem afirmar que a preparação/consumo de alimentos e produção de artefatos foram praticadas intensamente no seu interior.

Nos diferentes sítios escavados foram identificadas fogueiras de diferentes tamanhos. Schmitz (1988a) identifica nas 4 casas que escava no sítio RS-37/127; Kern, Souza & Seffner (1989a), ao realizar sondagens em casas subterrâneas identifica camadas de carvão proveniente de fogueiras.

Tanto Mentz Ribeiro & Ribeiro (1985) quanto Copé & Saldanha (2002) promoveram escavações no Município de Bom Jesus e apontaram a existência de fogões nas casas subterrâneas. O segundo identifica ao menos três áreas de atividades envolvendo o consumo e/ou processamento de alimentos.

Schmitz et al. (2002), escavando casas subterrâneas no Município de Vacaria, identifica em todas elas indícios de fogueiras como grânulos de carvão, quando não as estruturas das próprias fogueiras.

Copé, Saldanha & Cabral (2002), escavando casas subterrâneas no Município de Pinhal da Serra identificam densas lentes de carvão cercadas por rochas formando fogões. Esses sítios estão na margem esquerda do Rio Uruguai.

No Estado de Santa Catarina, Caldarelli & Herberts (2002), desenvolvendo pesquisas em casas subterrâneas na Bacia do Rio Chapecó, identificam camadas de carvão com concentrações de nós-de-pinho.

Ainda no Estado de Santa Catarina, João Alfredo Rohr (1971) realizou cortes estratigráficos em casas subterrâneas, no Município de Urubici, e identificou fogueiras acompanhadas de uma grande quantidade de cerâmica.

No interior das casas subterrâneas temos ao menos 3 tipos distintos de registros: estruturas de combustão, nós-de-pinho, fragmentos cerâmicos e líticos. Essas evidências apontam tanto para as atividades de processamento e consumo de alimentos, quanto para a produção e uso de artefatos.

É importante salientar que as atividades de consumo e processamento de alimentos não estão restritas ao interior das casas. Ao menos 2 sítios dão mostras conclusivas de uma atividade intensa de processamento e consumo de alimentos do lado externo das depressões, em áreas que poderiam ou não estar cobertas.

Schmitz et al. (2002) identifica ao lado da casa 03 no sítio RS-A-27 (Vacaria/RS) uma área de atividade identificada pela quantidade bastante acentuada de cerâmica (2.494 fragmentos) e lítico (938 restos) em 23m<sup>2</sup>. Entre o lítico predominam as pedras de fogão (44,67%), mas ocorrem também lascas e fragmentos (mais de 26%), além de núcleos, restos de retalhamento bipolar, percutores, seixos, estilhas, talhadores, prismas e lascas com algum indício de utilização. Esses restos atestam que nessa área deveria haver tanto a produção de artefatos líticos como o processamento e consumo de alimentos.

Além desse, outros cortes feitos entre as estruturas escavadas, permitiram identificar muitos testemunhos de atividades nas áreas externas.

Não se pode perder de vista a possibilidade de que outras tarefas tenham sido desempenhadas no interior das casas, nem tampouco que estas não desempenhassem outras funções. Pode-se tomar como sugestão os relatos históricos de Mabilde que afirma que o tamanho das casas seria proporcional ao tamanho do grupo, ou ao fato de ser solteiro ou casado. Ainda temos a proposta de Blitz (1999), para quem o tamanho dos *mounds* era um indicador de hierarquia. O atual estágio da pesquisa não nos permite avançar nessas interpretações, mas elas abrem perspectivas para trabalhos futuros.

Podemos supor que haveria alguma diferença de cunho funcional ou simbólico entre as casas, a julgar pelas diferenças de tamanho. Temos casas pequenas, com 2m de diâmetro, e outras grandes, com mais de 20m. Em termos de material arqueológico todas apresentam elementos típicos de atividades cotidianas, que, entretanto, não permitem inferir diferenças funcionais.

#### 4.1.6 Sítios superficiais

Os sítios superficiais, chamados também de litocerâmicos, são caracterizados como espaços a céu aberto nos quais podem ser encontrados apenas artefatos líticos ou líticos e cerâmicos. Temos casos bem conhecidos em Pinhal da Serra e Vacaria no Rio Grande do Sul, e em Chapecó, Estado de Santa Catarina.

Os sítios onde encontramos exclusivamente artefatos líticos foram sempre associados a uma ocupação pré-cerâmica, de grupos portadores da Tradição Humaitá, e atestariam uma ocupação antiga, pré-cerâmica. Chama a atenção a sua proximidade com assentamentos de casas subterrâneas, além da semelhança que pode ser percebida na indústria lítica.

Arno Kern e equipe já evidenciaram áreas de exploração de matéria-prima num banco de seixos na margem esquerda do Rio Pelotas, onde foram encontrados indícios da coleta de matéria-prima para confecção de artefatos.

*Este tipo de sítio parece ser, tendo em vista as demoradas observações feitas, um local para obtenção de matérias-primas ou para acabamento de utensílios. Tanto os núcleos, como alguns seixos com início de trabalho, parecem indicar isto. Não seriam nem sítios-acampamento nem sítios-habitação, pois não se encontram outras evidências. Os artefatos devem ter sido elaborados em outra parte ou levados embora. (Kern, Souza & Seffner, 1989b, p. 120)*

Os sítios onde encontramos seriam sítios acampamento e estão ocupando platôs e terraços na encosta. Esses locais, ainda segundo Kern, são os únicos possíveis para a horticultura, já que as várzeas são quase inexistentes, e há indícios de que tenham sido utilizados pelos grupos indígenas para atividades agrícolas.

*As superfícies planas no topo do platô foram igualmente utilizadas para horticultura, tendo em vista uma informação recebida do*

*proprietário local. Na barra do Rio Anta Pelada com o Rio Pelotas, em um terraço a meia altura da encosta, foi encontrada uma área com vegetação secundária (guanchuma) na roça antiga, dentro do mato, sem que as árvores tenham sido arrancadas. Segundo o informante, deveria ser uma roça antiga e não poderia ter sido de homem branco tendo em vista ter sido o primeiro a derrubar o mato no local. (Kern, Souza & Seffner, 1989b, p. 120)*

Mentz Ribeiro & Ribeiro (1985) também corroboram esta interpretação nos seus trabalhos no Município de Esmeralda, sendo a única diferença perceptível o fato dos sítios exclusivamente líticos possuírem um diâmetro maior que os sítios com cerâmica, os primeiros com algo em torno de 100m de diâmetro, os últimos com algo entre 20 e 50m.

Copé, Saldanha & Cabral (2002), também tratando dos sítios líticos, afirma que seriam parte de um sistema de assentamento mais amplo do que sítios de grupos pré-cerâmicos e que devem representar áreas de atividades específicas dos grupos construtores das casas subterrâneas.

*Esta baixa variabilidade dos sítios líticos no canteiro de obras, somada à posterior identificação de sítios litocerâmicos onde os fósseis-guias da Tradição Humaitá e da Tradição Taquara estavam associados, acabou por levantar o questionamento sobre a validade de utilizarmos o conceito de Tradição Humaitá, nesta região, como indicador da presença de grupos caçadores-coletores não-produtores de cerâmica. A hipótese então levantada foi a de que estes sítios líticos não representam uma outra ocupação humana no planalto anterior àquela que deu origem às estruturas escavadas, mas sim que tais locais seriam áreas de atividades específicas dos grupos ceramistas. (Copé, Saldanha & Cabral, 2002, p. 124)*

Em um sítio litocerâmico os autores identificam o piso de uma cabana com artefatos líticos e cerâmicos, com as mesmas características dos encontrados nos sítios com casas subterrâneas; trata-se do sítio RS-PS-12.

O sítio ocupa uma área de cerca de 1.780m<sup>2</sup>, apresentando-se como uma grande mancha de terra preta, O sítio mais próximo com casas subterrâneas está a cerca de 500m de distância.

*Através da observação do plano de escavação, que mostra a distribuição dos artefatos no espaço escavado, é possível vislumbrar o piso de uma antiga cabana pré-histórica, delimitado por uma maior concentração de artefatos grandes, formando um semi círculo ao redor da fogueira identificada. Entre o semi círculo de artefatos e a fogueira observamos a existência de artefatos de menores dimensões (lítico e cerâmica). Estamos inclinados a interpretar esta maior concentração de artefatos como proveniente da limpeza da área central da estrutura. [...] Partindo do plano de escavação podemos sugerir um modelo de estrutura: pela ausência de indícios de atividades ao sul da fogueira; esta estaria junto à entrada da estrutura. O telhado seria construído com madeirames dispostos radialmente e coberto com palha. Ao redor da fogueira se desenvolveriam as atividades domésticas, o que*

*explica o estado fragmentado dos artefatos no entorno imediato. O detrito doméstico iria se acumulando junto as paredes da estrutura, na área onde o telhado impediria o tráfego das pessoas, explicando a presença de grandes fragmentos cerâmicos neste local. (Copé, Saldanha & Cabral, 2002, p. 127)*

Temos nesses sítios superficiais litocerâmicos, ao menos nesse caso, um sítio de atividades domésticas, com a construção de uma casa de palha e madeira, com material cerâmico e lítico, porém sem a construção de um piso rebaixado (portanto não sendo subterrânea). O que falta aqui é uma datação para inseri-lo em uma perspectiva cronológica, além do que, segundo os próprios autores, o sítio apresenta a mesma cerâmica e o mesmo material lítico encontrado nas casas. Isso seguramente sugere que se trata de um mesmo grupo cultural ocupando a área. Sem esquecer que as casas próximas distam apenas 500m.

Essa hipótese de que os sítios litocerâmicos façam parte de um sistema de assentamento mais amplo, associado às casas subterrâneas, fica ainda mais evidente quando se observam os mapas de distribuição dos sítios (Figura 09). Além disso, tomando como exemplo o levantamento realizado por Mentz Ribeiro & Ribeiro (1985), percebe-se a ocorrência dos sítios litocerâmicos próximos aos sítios com casas subterrâneas em distâncias que não superam os 1000m.

Com isso, podemos trabalhar com a hipótese, ao menos nas áreas de ocorrência de casas subterrâneas, de que os sítios líticos façam parte do sistema de assentamento, voltados à extração e processamento de matéria-prima.

Quanto aos sítios litocerâmicos, esses estão associados a atividades domésticas, da mesma forma que os sítios com casas subterrâneas, porém os litocerâmicos não possuem os pisos rebaixados. Muito provavelmente estão associados também a atividades agrícolas, como sugere Kern, fenômeno que observamos em outras áreas com altitudes mais baixas, onde se encontram aldeias com cerâmica e lítico da Tradição Taquara/Iтарaré, porém as casas ali construídas não apresentam os pisos rebaixados.

Outros dados interessantes sobre áreas com altitudes mais baixas estão no Município de Taquara, Estado do Rio Grande do Sul, onde Eurico Miller identifica ao menos uma aldeia, com a marca de várias choupanas, localizadas pela concentração de cerâmica e pela mancha escura que marcava a sua ocorrência<sup>36</sup>. Esse sítio localizado na encosta da serra, abaixo da linha dos 600m de altitude e fora da área de maior concentração da araucária, seguramente marca o estabelecimento de uma aldeia. A descrição de Eurico Miller é esta:.

---

<sup>36</sup> Não possuímos uma descrição destes trabalhos. Esta informação foi fornecida por Pedro Ignácio Schmitz que visitou a área no ano de 1966. Informação verbal fornecida por Pedro Ignácio Schmitz em agosto de 2003.

*Sobre a encosta da serra, encontramos sítios desta fase (Taquara) nos patamares escalonados. Junto aos rios, êstes sítios ocupam o topo de pequenas elevações e se constituem nos maiores sítios desta fase, atingindo até 4000m<sup>2</sup>. É possível determinar a localização dos antigos recipientes cerâmicos pela disposição dos cacos que se apresentam agrupados em focos distintos, isto é, não se encontram misturados e amontoados como se verifica no refugio dos sítios de Tradição Guarani. De suas habitações nada de concreto existe, a não ser pequenas lentes de carvão, não visíveis pela superfície para os sítios situados abaixo do planalto. Toda a área do sítio é mais escura do que a circunvizinha. (Miller, 1967, p. 20)*

Mentz Ribeiro & Silveira (1979) também abaixo dos 600m de altitude e Mentz Ribeiro (1991), no Vale do Rio Pardo, Estado do Rio Grande do Sul, descrevem a existência de sítios com casas subterrâneas associados a sítios superficiais com cerâmica da Tradição Taquara. Na mesma área ocorrem também: sítios com a cerâmica Taquara e Guarani associadas; sítios com cerâmica da Tradição Vieira e Taquara; sítios das Tradições pré-cerâmicas Umbú e Humaitá.

Neste vale foram indentificados 46 sítios das Tradições Taquara e Humaitá, dos quais 23 da Tradição Taquara, Fase Erveiras, destes 3 caracterizam-se como de casas subterrâneas; os demais são sítios superficiais. Estes últimos foram assim descritos:

*Dos 46 sítios das Tradições Taquara e Humaitá do planalto, 15 (32,6%) apresentam manchas escuras (pretas) no solo. A forma é circular, o número de manchas varia entre uma e cinco, predominando as primeiras com 8 casos (53,3%), seguindo-se locais com duas (26,7%), três (13,3%) e cinco (6,7%). A espessura dos sedimentos é relativamente delgada, mesmo nas manchas escuras, não ultrapassando os 20cm. A posição destas manchas, no terreno, vai desde locais planos até relativamente inclinados. (Mentz Ribeiro, 1991, p.185)*

Segundo Mentz Ribeiro, os sítios da Tradição Humaitá (pré-cerâmica) e Taquara (cerâmica) somente se diferenciam pela cerâmica, tanto que o autor propõe que a última seja evolução da primeira.

Podemos perceber que os sítios litocerâmicos são mais abundantes na encosta do que no planalto propriamente dito, de tal forma que esses assentamentos caracterizam os sítios da Tradição Taquara fora do planalto, da mesma forma que sítios da Tradição Itararé, no litoral do Estado de Santa Catarina e do Paraná, estão associados a aldeias superficiais.

Uma dificuldade na pesquisa é o fato de os sítios superficiais serem mais difíceis de identificar, especialmente em áreas de cobertura vegetal densa, ou quando pastagens recobrem o solo. Além disso, a classificação de alguns sítios como pertencentes a uma tradição pré-cerâmica e a concentração dos esforços em identificar especialmente as casas subterrâneas dificultam a percepção dessa realidade.

#### 4.1.7 Áreas entaipadas

As áreas entaipadas apresentam-se como cordões de terra, com cerca de 40 a 50cm de altura, delimitando uma área circular, retangular ou elipsóide. Normalmente apresentam uma abertura em um dos lados. Podem também conter, em seu interior, um ou mais montículos de terra. Casos como esses foram descritos por Chmyz (1968b) no sítio PR-UV-11, no Estado do Paraná. João Alfredo Rohr (1971) também identifica 8 destes sítios em Santa Catarina.

A característica desses sítios cercados por taipas é a de estar em áreas planas, no alto dos morros mais altos da região, próximos a pequenas lagoas ou nascentes de arroios, cobertos atualmente por campos e capoeiras. A posição privilegiada permite que dominem visualmente áreas extensas.<sup>37</sup>

No Estado do Rio Grande do Sul, a equipe do IAP identificou um desses sítios no Município de André da Rocha<sup>38</sup>. Mentz Ribeiro & Ribeiro (1985) localizam vários no Município de Pinhal da Serra/RS, sendo que um deles foi escavado por Silvia Copé e equipe (Copé, Saldanha & Cabral, 2002).

Trabalhos anteriores como o de Rohr (1971), Chmyz (1968a), Menghin (1957) e Mentz Ribeiro & Ribeiro (1985) restringiam-se a descrever as áreas entaipadas e realizar pequenas intervenções, especialmente coletas de superfície e cortes estratigráficos. As escavações realizadas por Copé e equipe procuraram perceber a funcionalidade desse tipo de sítio.

Chamou a atenção desta última equipe o fato de uma área entaipada ter um montículo ao centro e neste haver indícios de sepultamento, ao menos uma vértebra humana calcinada. Tomamos aqui as suas conclusões.

*A escavação do sítio RS-PS-21 trouxe muitas contribuições para a compreensão das estruturas circulares em alto relevo. A primeira delas refere-se à própria interpretação da estrutura: o montículo central certamente foi utilizado para encerrar os restos de fogueiras onde foi realizada a cremação de ossos, ligando a estrutura com uma função funerária. O espaço interno e imediato externo da estrutura circular foi mantido limpo, pois há pouca evidência de atividades ocorridas nestes locais (as evidências resumem-se a fragmentos de duas vasilhas cerâmicas). As atividades ligadas às estruturas parecem ter se desenvolvido num local um pouco afastado (cerca de 20m), onde foi localizada a concentração de artefatos em superfície.* (Copé, Saldanha & Cabral, 2002, p. 132)

Outro trabalho de fundamental importância para a compreensão é o de Barra Grande (Scientia Ambiental; NUPArq/UFRGS & ITACONSULT, 2002), que identificou igualmente duas fogueiras funerárias e cerâmica da Tradição Taquara/Itararé no interior de um montículo circundado por uma área entaipada.

---

<sup>37</sup> Estes aspectos são apontados por Mentz Ribeiro & Ribeiro (1985) e por Chmyz (1968b).

<sup>38</sup> Os dados relativos a este sítio não foram ainda publicados pela equipe do IAP. Valemo-nos portanto dos relatórios de campo depositados naquela instituição.

#### 4.1.7.1 AS ÁREAS ENTAIPADAS E OS MONTÍCULOS FUNERÁRIOS

Os montículos associados com casas subterrâneas são apontados como funerários desde o início das pesquisas no planalto nos anos de 1960. Essa interpretação está alicerçada na leitura de relatos históricos sobre os Kaingáng, que davam conta do sepultamento de caciques principais cujos corpos eram depositados sobre o solo e recobertos por terra até formar um monte bastante grande. Entretanto nas escavações realizadas em montículos no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná não houve indícios conclusivos de enterramento nos ditos montículos.

Este panorama se alterou justamente com as escavações no Município de Pinhal da Serra /RS, quando Silvia M. Copé identifica, em um dos montículos, restos humanos. Tinha-se assim, a primeira comprovação arqueológica de que os montículos foram utilizados para fins funerários.

*Nas quadrículas sobre o centro do montículo foi possível delimitar uma microestrutura complexa, aos 45 cm de profundidade, delimitada ao sul e ao norte por aglomerados de concreções avermelhadas e escuras, possuindo no centro muitos fragmentos de ossos pequenos, alguns deles bastante calcinados, além de duas fogueiras, contendo no seu interior também ossos misturados (alguns carvões recolhidos das fogueiras podem ser ossos queimados). Esta microestrutura estende-se a leste e a oeste. Foi delimitada a fogueira contendo muitos ossos (um deles identificado como uma vértebra humana). Os ossos encontram-se bastante remexidos, em meio à fogueira, estando bastante friáveis. Em volta da fogueira foi notada uma concreção escura que julgávamos ser basalto em decomposição. Ao decaparmos totalmente a fogueira notamos que esta concreção era na verdade o sedimento calcinado pela fogueira, indicando que esta atingiu uma temperatura muita alta.* (Copé, Saldanha & Cabral, 2002, p. 131-132)

Na mesma área desse município, a equipe encontrou mais 5 sítios com montículos circundados por taipas.

Mentz Ribeiro & Ribeiro (1985) já haviam desenvolvido levantamentos na região, porém com uma abrangência territorial maior. Identificaram ao menos 3 sítios com as mesmas características. Entretanto, sugeriam serem locais de antigas aldeias.

Esse fenômeno, ou seja, montículos circundados por taipas, é relatado também para a margem direita do Rio Pelotas, para o Estado de Santa Catarina, na área da UHE Barra Grande<sup>39</sup>, onde a equipe responsável pelos trabalhos identificou, em um mesmo montículo, duas fogueiras funerárias realizadas em momentos diferentes, a julgar pelo fato de estarem em posições estratigráficas diferentes. Além desse, foram identificados mais 04 sítios com as mesmas características, embora não tenham sido escavados para se comprovar os indícios de cremação.

<sup>39</sup> Maiores detalhes são encontrados no item 3.1.9 no capítulo anterior.



Quem também descreve esse tipo de estrutura é Rohr (1971) com 8 casos nos Municípios de Petrolândia, Bom Retiro, Urubici e São Joaquim, todos no Estado de Santa Catarina, porém em apenas 2 casos foi mencionada a existência de um montículo<sup>40</sup>. Os demais, quando testados com sondagens, sempre revelaram a existência de uma camada de carvão, além de cerâmica e artefatos líticos.

Na Província de Misiones, Argentina, Osvaldo F. Menghin (1957) identificou o fenômeno, além da existência de carvão e cerâmica; entretanto, os sítios estavam perturbados pelo cultivo agrícola e pela ação de caçadores de tesouros.

No Estado do Paraná, Igor Chmyz (1968b) descreve dois sítios com montículos, sendo um deles circundado por uma taipa e o outro não. No sítio PR-UV-11 (Chmyz, 1968b) identificou, na base do montículo, uma camada bastante densa de carvão, como descrevemos no Capítulo 3 (item 3.1.3). A julgar pela sua localização e características seguramente trata-se do mesmo fenômeno.

Com isso podemos distinguir claramente ao menos duas funções para os montículos: a primeira como depósitos de sedimentos e a segunda como espaços funerários.

Enquanto depósitos de sedimentos, estão localizados sempre próximos às casas subterrâneas, o que não poderia deixar de ser, já que é delas que provêm sua matéria-prima. Entretanto, não podemos descartar que tenham exercido outras funções no contexto da aldeia. Há indícios de intencionalidade, pois acumulavam os sedimentos em um único ponto, e não espalhavam-no pelo entorno, como ocorre em alguns casos. Outro indício de intencionalidade do seu acúmulo é uma pequena depressão que se forma no seu entorno, circundando todo o montículo. Ora, se o montículo é só depósito de sedimentos, por que escavar o entorno formando uma pequena valeta ao redor? Outra questão ainda é o fato de terem sido identificadas na base de alguns desses montículos marcas de fogueiras. Assim, para identificar outras funções é necessário avançar nas pesquisas.

Já os montículos funerários não estão localizados, necessariamente, próximos às casas subterrâneas. Muitas vezes ocorrem isolados ou então estão circundados por taipas.

A descrição oferecida por Mabilde fornece uma boa ilustração do fenômeno:

*No dia seguinte ao enterro do cacique principal e desde esse dia em diante todos os moços das tribos subordinadas voltam ao lugar da sepultura do cacique e sobre ela amontoam terra até formar um túmulo circular de não menos de 25 palmos de diâmetro (e às vezes mais) com 6 palmos de altura, serviço este no qual levam às vezes muitos meses, porque além de carregarem a terra em uma espécie de*

---

<sup>40</sup> Os montículos nesses casos podem estar ausentes em função dos trabalhos agrícolas que acabam por destruir as evidências.

*cabaz (feito de taquara e cipó) de pequenas dimensões, pouco maior do que uma quarta de alqueire (das nossas antigas medidas), vão buscá-la, em geral à grande distância, à margem de algum arroio ou sanga com barranco que desmorone, e donde fazem sair com estacas de madeira.*

*Esses túmulos dos Coroados, com tão grandes dimensões, têm sido para muitos um enigma, porque em suas imediações nunca se encontra lugar ou cova que indique a proveniência da quantidade de terra com que são feitos, sendo às vezes muito considerável a distância ao ponto em que a foram buscar. O túmulo é feito perfeitamente circular e com as dimensões referidas. A parte lateral faz ângulo reto com o solo e com a superfície superior que assim fica perfeitamente horizontal. Ao redor do túmulo limpam o terreno tirando-lhe toda a vegetação numa extensão de 8 (1,76m) a 10 (2,20m) palmos mais ou menos; calcam bem aos pés a terra dessa orla circular e então dão o trabalho por terminado. (Mabilde, 1988, p. 154)*

A comprovação desta finalidade, enquanto espaços funerários, corrobora os dados históricos que serviram de base para as primeiras explicações do fenômeno. A existência de montículos, intencionais, com um fim exclusivamente funerário, implica uma série de outras questões relativas às práticas de sepultamentos e à estrutura social desses grupos. A questão mais premente é: Quem era enterrado nesses locais? Qual a sua importância e significado dentro do grupo? Se aceitamos a descrição de Mabilde, temos aí os sepultamentos dos caciques principais.

As áreas entaipadas portanto, ao menos com os dados que temos até o momento, não são aldeias, mas espaços funerários, e porque não dizer cerimoniais, que desempenham uma função relacionada à socialização do grupo e ao cumprimento de obrigações cerimoniais. Ressente-se, entretanto, da ausência de datações para esse tipo de sítio, o que permitira inseri-los dentro da cronologia da Tradição Taquara/Itararé.

#### *4.1.8 Grutas funerárias*

As grutas são ainda pouco estudadas no contexto da arqueologia do planalto. Poucos sítios foram até agora identificados, e menos ainda foram estudados sistematicamente.

As grutas, ou abrigos como também são chamadas, são sítios voltados exclusivamente para o sepultamento, representando os jazigos mortuários dos indivíduos. Temos ao menos dois casos bem conhecidos: o Perau das Cabeças (sítio RS-A-28 em Vacaria/RS) e a Gruta do Matemático (em Bom Jesus/RS).

No conjunto dos sítios pesquisados em Vacaria pela equipe do IAP, foi identificado um abrigo com sepultamentos – RS-A-28 – que está localizado no topo da escarpa basáltica, nas nascentes do Arroio Boa Vista, que cai formando uma pequena cascata. São 3 pequenos abrigos com ao menos 65 indivíduos dispersos na superfície. Além dos esqueletos, foram encontradas

contas de colar produzidas a partir conchas de espécies de água doce, ossos de mamíferos e conchas de moluscos marinhos.

Ademais, foram encontradas ainda mais 6 grutas com as mesmas características, quais sejam: água, pequenas dimensões e esqueletos humanos. Valemo-nos aqui das análises dos remanescentes ósseos dessas grutas, que apresentam dados relativos aos sepultamentos, até então inexistentes (Izidro & Haubert, 2003).

No Município de Bom Jesus temos a Gruta do Matemático, descrita inicialmente por Miller (1971) e por Lazzarotto (Lazzarotto et al., 1971). A partir dos remanescentes ósseos foram identificados no mínimo 54 indivíduos, sendo 27 adultos, 14 crianças e 7 lactentes. No mesmo município, Mentz Ribeiro e equipe (Mentz Ribeiro et al., 1994) identificaram uma gruta em cuja superfície foram encontrados ossos humanos, que indicam ao menos um indivíduo, ossos de animais e fragmentos de cerâmica.

No sítio RS-P-21 – Morro da Igreja, descrito por Miller (Miller, 1969a), no Município de Bom Jesus, foram identificados ao menos 53 indivíduos, sendo 36 adultos, 2 adultos jovens, 6 jovens, 7 crianças e 2 lactentes (Izidro & Haubert, 2003).

No Município de Jaquirana/RS, em um abrigo próximo ao Rio Camisas, afluente do Rio das Antas, em 2 grutas foram identificados aos menos 140 sepultamentos, sendo 102 adultos, 1 adulto jovem, 14 jovens 17 crianças e 6 lactentes (Izidro & Haubert, 2003).

No Vale do Rio Caí, Mentz Ribeiro (1975) localizou 3 abrigos, denominados Virador I, Virador II e Virador III, sendo que nos dois primeiros foram encontrados ossos humanos. No Virador I primeiro foram encontrados vários ossos dispersos, que podem ser individualizados como de, ao menos, dois indivíduos, e um deles pode ser identificado como sendo de uma mulher, a qual se encontrava estendida, em decúbito dorsal. Além dos esqueletos, Mentz Ribeiro (1975) informa a existência de várias fogueiras com muitos ossos de animais e possivelmente humanos (Izidro & Haubert, 2003).

No Virador II foram identificados ao menos 8 indivíduos, sendo 3 adultos do sexo feminino, 1 do sexo masculino e 4 crianças (Izidro & Haubert, 2003).

Para estes dois abrigos foram obtidas duas datas, uma delas é considerada moderna e a outra é de  $630 \pm 205$  (SI-1201) (Mentz Ribeiro, 1975).

Para o Estado de Santa Catarina existem ao menos 15 sítios com informação de sepultamentos, localizados nos Municípios de Anita Garibaldi, Alfredo Wagner, Orleans, Urubici e Bom Retiro, todos identificados pelo Pe. João Alfredo Rohr.

Para o sítio de Vacaria (RS-A-28, Perau das Cabeças), fica clara a associação entre os sepultamentos e os grupos habitantes das casas subterrâneas. No caso desse sítio, foram os únicos sepultamentos encontrados em uma área em que marcadamente a ocupação é de populações do planalto. Não seria lógico presumir que os indivíduos sepultados nessa gruta fossem

descendentes de grupos que não foram identificados na área. Ressente-se apenas de uma datação, ainda que bastante difícil de ser obtida, que permita uma associação cronológica com as outras datas que se possui para a área.

A Gruta do Matemático é bastante ilustrativa, visto que foram encontrados, além dos sepultamentos, áreas de fogueira, fragmentos de cerâmica, cascas de pinhão, palha de milho e taquaras cortadas. Chama a atenção ainda o fato de que os informantes afirmam que teria havido uma esteira de taquara fechando a frente da gruta que há muito teria desaparecido. Amostras de taquara encontradas parecem corroborar essa afirmação (Lazzaroto et al., 1971, p. 81).

Um traço marcante em todos estes sítios é o fato de estarem associados a uma queda d'água. Todos os sítios descritos para o Estado de Santa Catarina estão atrás de uma queda d'água. A Gruta do Matemático e o Perau das Cabeças da mesma forma. Com isso, temos uma associação entre grutas com sepultamentos e cursos e quedas d'água. A razão disso, seguramente remete a questões de ordem mítica que ainda não temos condições de apreender.

Estes sítios demonstram uma utilização sistemática dos abrigos como espaços funerários. São normalmente sepultamentos sem cremação. Os mortos são depositados ou mesmo enterrados dentro dessas grutas, podendo possuir algum acompanhamento de contas e de artefatos líticos, conforme foram identificados tanto no Perau das Cabeças como no Virador. No caso do primeiro, é importante assinalar a existência de conchas de moluscos marinhos. Esses ossos e conchas, muito provavelmente, seriam ou acompanhamento fúnebre ou talvez oferendas; não é nada plausível que as conchas marinhas sejam restos de alimentos, mas elementos que deveriam estar junto com o falecido ou a ele serem ofertados.

Outra indicação importante é a da existência de contatos entre as populações do planalto com o litoral, seja através de migrações, seja por redes de trocas, a julgar pela existência de conchas típicas do litoral em sítios tão distantes da costa. Existem aldeias estáveis típicas Taquara/Itararé no litoral do Estado de Santa Catarina e acampamentos característicos Taquara no litoral central e litoral norte do Estado Rio Grande do Sul. A forma e a articulação desses contatos ainda não temos condições de estabelecer, ficando a questão para ser testada em trabalhos futuros.

#### *4.1.9 Grutas e montículos: dois padrões de sepultamento*

Temos dois padrões de sepultamento – grutas e montículos – que podem ser entendidos de duas formas: diferenças sociais ou diferenças cronológicas. Não temos ainda dados suficientes para responder em definitivo qual delas seja a mais próxima da realidade, mas seguramente podemos lançar luzes sobre a questão.

No que se refere a diferenças de cunho social, o principal argumento são as descrições oferecidas por Mabilde (1988, p. 154) do sepultamento de um cacique principal, sobre cujo corpo amontoam ao menos 6 palmos de terra

(algo em torno de 1,5m de altura), em formato circular. No mesmo texto menciona que para os demais caciques – não os principais – os enterramentos eram realizados em cova rasa acompanhada de choros de lamentos; para os demais membros da tribo o sepultamento diferenciava-se apenas pela ausência dos choros de lamentos.

A implicação, do ponto de vista arqueológico, desta diferença é justamente a ausência de marcadores materiais que expressem, nos sepultamentos, a diferenciação que existe no mundo dos vivos. Ou talvez Mabilde não a tenha percebido em suas observações.

Arqueologicamente, a pouca quantidade de vestígios de sepultamentos em montículos corrobora a hipótese de que estes sejam os sepultamentos de indivíduos diferenciados dentro do grupo, mercedores de um tratamento especial após sua morte. Por outro lado, a pouca quantidade de montículos funerários escavados impede que se faça uma generalização.

No que se refere a diferenças de cunho cronológico, parte-se da premissa de que estas duas formas de sepultamento estejam caracterizando momentos distintos da história dessas sociedades. Como não temos datas associadas às grutas, seria precipitado fazer uma inferência nesse sentido.

O que podemos afirmar, então, é que os montículos funerários e as grutas com sepultamentos representam dois padrões bem marcados de sepultamento, isto porque: ocupam as mesmas áreas em que ocorrem os sítios com casas subterrâneas; têm a mesma cerâmica, e portanto, os indivíduos ali depositados fazem parte da mesma sociedade que constrói as casas subterrâneas, os montículos, e que se utiliza das grutas como jazigo.

A densidade de sepultamentos nas grutas nos permite inferir que nelas era depositada a maior parcela dos indivíduos do grupo, e assim tornariam esses locais importantes e significativos, para não dizer sagrados, a ponto de retornarem sistematicamente para depositarem seus mortos, e, porque não dizer, lhes render homenagens.

Os montículos funerários representam uma inversão de tempo e esforço físico que não podem ser desprezados. Sendo assim, a construção de um montículo com quase 2m de altura permite que consideremos que esta pessoa possuía um status diferenciado frente aos demais membros do grupo.

#### *4.1.10 Os sítios e a ocupação do território*

As grandes concentrações de casas subterrâneas, como encontramos na área do Projeto Vacaria, ou mesmo a grande densidade de sítios identificada por Maria José Reis (1980), indicam uma ocupação continuada do espaço, e muito provavelmente aqueles sítios com uma maior concentração de casas subterrâneas indicam locais preferenciais para o grupo que a ele retorna constantemente, reocupando as casas existentes ou construindo novas.

Tomando como exemplo o Projeto Vacaria (Schmitz et al, 2002, p. 98), se traçarmos um raio de 4km, podemos abranger um conjunto de 8 sítios, entre eles o RS-A-27 e RS-A-29, além de uma gruta com sepultamentos humanos (Figura 09).

Dos sítios RS-A-27, RS-A-28 (Perau das Cabeças) e RS-A-29 já conhecemos a composição. Os demais apresentam as seguintes características:

Sítio RS-A-30: composto por 20 casas pequenas, entre 3 e 5m de diâmetro, e profundidade máxima de 55cm dentro da mata de pinheiros.

Sítio RS-A-31: composto por 3 casas, tendo a menor 4,5m de diâmetro e a maior 6,8m e a profundidade máxima de 1,64m.

Sítio RS-A-32: composto por 7 casas tendo a menor 3,4m de diâmetro e a maior 4,3m com profundidade máxima de 0,3m; várias delas foram entulhadas para construção de benfeitorias.

Sítio RS-A-33: composto por uma casa de pequenas dimensões, da qual não temos as medidas.

Sítio RS-A-45: composto por mais 3 pequenas casas tomadas pela capoeira que impossibilitaram a tomada de medidas.

Todo o conjunto dos 8 sítios ocupa uma área, considerando 4km de raio, não superior a 50km<sup>2</sup>, o que significa pouco mais de 6,28km<sup>2</sup> para cada sítio. Contudo, não podemos considerá-los contemporâneos, já que as datas nos informam uma ocupação de pelo menos um milênio, como atestam os sítios RS-A-27 e RS-A-29, e, neste caso, devem representar momentos diferentes ao longo do tempo.

Além disto, o sítio RS-PS-21 (Pinhal da Serra/RS), descrito por Copé, Saldanha & Cabral (2002) permite mais algumas considerações relacionadas à articulação desses sítios com os demais assentamentos dos portadores da Tradição Taquara/Itararé. O referido assentamento está próximo a uma área de concentração de artefatos líticos e cerâmicos em uma superfície que se estende por cerca de 1.400m<sup>2</sup> (Copé, Saldanha e Cabral, 2002).

A cerâmica associada pertence sempre à Tradição Taquara. Como na área deste sítio, pelos levantamentos realizados, não há indícios de estruturas residenciais, sua população deveria estar ligada a sítios com casas subterrâneas próximos:

*Apesar dos vestígios cerâmicos e líticos serem abundantes, a inexistência de uma camada arqueológica ou manchas pretas sugere que não havia estruturas residenciais neste local (de fato, existe um sítio com estruturas escavadas a 200m dali), ou seja, que as atividades ali evidenciadas pelos vestígios arqueológicos estão ligadas às estruturas circulares, que distam 20m desta área de concentração.*  
(Copé, Saldanha & Cabral, 2002, p. 131)

Esse dado nos permite relacionar ao menos três tipos de sítios: as casas subterrâneas, as áreas entaipadas com montículos e os sítios litocerâmicos.

As casas subterrâneas são espaços habitacionais, pois nelas são encontradas densas lentes de carvão, formando fogueiras delimitadas por pedras, concentrações de artefatos líticos e pouco material cerâmico.

No lado externo das casas foram localizadas áreas de atividades, especialmente de lascamento, além de fragmentos cerâmicos, demonstrando a realização de atividades, fato que já havíamos demonstrado para o sítio RS-A-27 (Vacaria/RS).

Se admitimos (e não há razão para não fazê-lo) que os sítios litocerâmicos sejam áreas domésticas, chama a atenção a recorrência da proximidade entre os sítios de casas subterrâneas e os litocerâmicos.

Mentz Ribeiro também evidenciou essa relação em ao menos dois trabalhos: no Município de Bom Jesus/RS, (Mentz Ribeiro et al., 1994) e em Pinhal da Serra/RS. No primeiro identificou um sítio com casas subterrâneas e a menos de 1.000m de distância<sup>41</sup> um sítio litocerâmico; propôs que estes seriam os locais de suas antigas aldeias. Entretanto, é no segundo que temos o melhor exemplo disso (Mentz Ribeiro, 1999-2001).

A partir de uma observação mais detalhada no mapa da distribuição dos sítios (Mentz Ribeiro & Ribeiro, 1985), encontramos cerca de 20 sítios litocerâmicos, todos com cerâmica da Tradição Taquara, distantes não mais do que 2.400m de casas subterrâneas. Na verdade, muitos sítios, pela representação no mapa, estão encostados nas casas subterrâneas, com duas exceções que se encontram junto a um arroio. Compõem ainda o conjunto 5 sítios exclusivamente líticos, que, segundo os autores, seriam da Tradição Umbú ou Humaitá.

Quanto à localização, os litocerâmicos possuem as mesmas características dos compostos por casas subterrâneas e, quanto à cerâmica e ao material lítico, não foram percebidas diferenças entre os dois tipos de assentamentos, de tal forma que se trata de grupos, portadores da mesma indústria lítica e cerâmica, ocupando tanto os sítios litocerâmicos como as casas subterrâneas.

Quanto às grutas, foram apenas visitadas pelos pesquisadores que não encontraram evidências de sepultamentos na superfície. Contudo estas estão próximas a quedas d'água, além do que recolheram o seguinte relato:

*Sobre uma caverna recolhemos, do proprietário das terras, a seguinte informação: foram encontrados dois sepultamentos, estendidos, lado a lado, sobre uma esteira de taquara. Um dos descobridores andava com um crânio, na cidade de Esmeralda, assustando outras pessoas. Também fora encontrado um "cálice" (vaso?) no seu interior conforme outro depoimento. Todo este material estava na superfície.* (Mentz Ribeiro & Ribeiro, 1985, p. 62)

Pode-se perceber a proximidade das casas subterrâneas e dos sítios litocerâmicos (ali denominados Taquara) além dos sítios compostos por montículos e taipas (que no mapa são identificados como estruturas). Chama a atenção a recorrente proximidade e a repetição. Todos os sítios litocerâmicos

---

<sup>41</sup> As distâncias foram tomadas com base na escala do mapa que acompanha o trabalho.

estão próximos às casas subterrâneas e em menor quantidade, aos sítios entaipados.

Kern, Souza & Seffner (1989a) ao trabalharem nos Municípios de Vacaria e Bom Jesus, identificaram também sítios litocerâmicos, que na sua interpretação seriam sítios de acampamentos.

Para a conclusão deste quadro, mencionamos ainda a ocorrência dos sepultamentos em grutas, que foram identificadas em vários municípios, tanto no Estado de Rio Grande do Sul como em Santa Catarina, e que possuem os sepultamentos dos moradores dos respectivos sítios.

#### **4.2 O SISTEMA DE ASSENTAMENTO**

Resumindo as evidências, temos a seguinte configuração: quatro tipos de assentamentos relacionados cultural e espacialmente: assentamentos litocerâmicos, casas subterrâneas, áreas entaipadas com montículos funerários e grutas com sepultamentos.

Algumas funções já podem ser estabelecidas com segurança. As casas subterrâneas são áreas domésticas, ocupadas em diferentes momentos. Quanto aos sítios litocerâmicos, também são áreas domésticas, porém não parecem ter sido reocupados como as casas subterrâneas, considerados os dados atualmente disponíveis. Os montículos cercados por taipas são espaços funerários da mesma forma que as grutas.

Os grupos que ocuparam as casas subterrâneas, foram sempre apontados como sociedades caçadoras-coletoras. Schmitz, em seus trabalhos de 1967 e 1968, sugere que seriam sociedades baseadas na coleta, na caça e em uma horticultura. (Schmitz, 1967, 1968). Já na síntese de 1988 propõe que a densidade destes sítios *"está indicando um povoamento estável, por uma população de certa densidade, que deveria ter superado o nível de integração de bando e alcançado o de tribo"* (Schmitz, 1988b, p. 121).

Para La Sálvia (1988) seriam grupos caçadores-coletores, e especialmente coletores de pinhão, no período anterior à conquista e, posteriormente, adquiridores de uma agricultura incipiente e complementar.

Mentz Ribeiro aponta que as casas subterrâneas seriam produto de um *... grupo horticultor ou agricultor incipiente* (Mentz Ribeiro, 1980, p. 20), e, em trabalho posterior propõe que seriam grupos horticultores praticantes da caça e da coleta (Mentz Ribeiro & Ribeiro, 1985). Como no Município de Esmeralda, Rio Grande do Sul, foram encontradas casas subterrâneas grandes e pequenas, e áreas entaipadas, sugere que as últimas seriam sítios acampamento e as primeiras sítios habitação. Quanto às áreas entaipadas, seriam espaços cerimoniais.

Como já mencionado, o pinhão seguramente seria um recurso importante na dieta alimentar destas populações, tanto em termos de quantidade como em termos de abundância. Considerando a cobertura e a expansão da mata com araucária – que no seu auge ocupou todo o Planalto Sul-Brasileiro em uma área estimada de 175.000km<sup>2</sup> contra os atuais



20.000km<sup>2</sup> –, isso faz desse recurso a principal riqueza deste ecossistema, tanto que é o seu elemento caracterizador.

Além do pinhão, a mata com araucária oferece ainda as aves e os animais que dele se utilizam, formando uma pirâmide alimentar muito significativa. No topo dessa pirâmide encontramos o homem, explorando não só o pinhão, mas caçando os animais e apropriando-se de todos os outros recursos presentes.

Considerando a disponibilidade do pinhão em um ciclo anual, acompanhado das disponibilidades em termos de fauna, temos na mata com araucária a possibilidade de sustentação de uma população durante o ano inteiro, evidentemente que precariamente, se pensarmos nos meses da primavera e verão quando a oferta seria menor, mas, que poderia ser suprida com a dispersão do grupo, de forma a aumentar a área de exploração de recursos, ou mesmo com alguma horticultura.

Evidentemente as roças não seriam feitas no interior da mata, nem esta seria derrubada, pois não compensaria derrubar o pinheiro para plantar, o que implicaria a tarefa de derrubada e principalmente a renúncia do recurso fundamental – o pinhão. Assim, as borda dos matos seriam as opções preferencias para a implantação das hortas, pois não haveria a necessidade de derrubar o mato nem tampouco implicaria a extinção do pinheiral.

Por outro lado, se admitimos as áreas dos sítios litocerâmicos como propícias à agricultura, e esta como provedora nas épocas do ano menos frias como a primavera e o verão, poderiam então prescindir das casas subterrâneas, pois as temperaturas mais amenas dessas estações seriam vencidas com apenas choupanas feitas de madeira e palha.

Admitindo essa hipótese, podemos compreender, em parte, as casas subterrâneas que foram identificadas nas áreas de campo, no interior dos capões de mato: O fato de estarem no interior dos capões possibilita o abrigo da vegetação de grande porte, bem como o acesso ao pinhão, durante os meses frios.

No Projeto Vacaria foram identificados 3 sítios com essas características. Estão distantes dos conjuntos mais densos de ocupação e implantados em capões de mato nas áreas de campo.

Outro tipo de sítio que atenderia bem a estas necessidades são os sítios litocerâmicos, especialmente os localizados próximos às várzeas dos rios. No Projeto Barra Grande (Scientia Ambiental; NUPArq/UFRGS & ITACONSULT, 2002) foram identificados ao menos 12 sítios apenas com material lítico, localizados em encostas ou próximos aos rios. A ausência de cerâmica talvez se deva à agricultura continuada que é realizada nestas áreas.

A Tradição Taquara, enquanto tradição tecnológica cerâmica, foi dividida em fases. As duas fases identificadas no alto do planalto podem ser consideradas uma só, pois apresentam as mesmas características, tanto na localização dos sítios como na forma e decoração da cerâmica; são elas a Fase Guatambu e a Fase Guabiju. Foram localizadas nos Municípios de

Vacaria, Bom Jesus, Esmeralda, Pinhal da Serra no Estado do Rio Grande do Sul, e se estendem para o lado Catarinense nos Campos de Lages, Município de Lages, e municípios próximos como São Joaquim e Campos Novos, onde foram identificados grandes sítios com casas subterrâneas.

A cronologia que possuímos destas fases, tanto as fornecidas pelo PRONAPA<sup>42</sup>, como as produzidas pelos trabalhos mais recentes, demonstra uma ocupação bastante consistente, iniciando-se ao menos em 1.000 A.P. (ou entre 990 e 1160 A.D. Cal.)<sup>43</sup> e estendendo-se até o século XIX.

Na região da encosta, onde predomina a Floresta Ombrófila Mista Submontana, região predominante das Fases Taquara, Erveiras e Caí, nas quais as casas subterrâneas são bem menos abundantes, os sítios superficiais seriam os assentamentos predominantes. Essa ocupação, a julgar pelas datas disponíveis, inicia-se mais recuada no tempo, por volta de 1.520 A.P. (415 – 723 A.D. Cal.) para a Fase Taquara, estendendo-se até cerca de 620 A.P. (1.261 – 1.485 A.D. Cal.)

As Fases Taquaruçu, Giruá e Xaxim parecem caracterizar outro momento cronológico dessa tradição, ocupando preferencialmente a região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, a partir da transição entre a mata com araucárias e a Floresta Latifoliada Tropical, que se faz de forma branda se comparada com a vertente Atlântica. As datas associadas a essas fases estão entre 160 A.P. e 975 A.P., embora a quantidade de amostras disponíveis, e portanto de datas, seja bem menor: enquanto para o planalto temos ao menos 25 datas e para a encosta temos 13 e para o noroeste do Rio Grande do Sul são apenas 5 datas. No entanto, essas servem como referência. (Figura 10)

O significado da diferença dos assentamentos de uma tradição tecnológica em ambientes distintos, especialmente a relação encosta – planalto, permite algumas interpretações de cunho adaptativo:

No que se refere ao planalto, conforme caracterizamos no Capítulo 1, o elemento chave daquele ecossistema é a *Araucária angustifolia*; sua abundância permite o desenvolvimento de outras espécies animais e vegetais que serviriam como importante recurso alimentar para os diferentes grupos humanos que lá se estabeleceram.

A utilização do pinhão como recurso alimentar foi recorrentemente citada na bibliografia, sendo constantemente encontrado carbonizado nas fogueiras. Esse fato foi relatado nas escavações em Caxias do Sul, Vacaria, Bom Jesus, Pinhal da Serra, para citar apenas algumas. O pinhão deveria ser complementado com os outros recursos disponíveis, quer de caça quer de coleta, e sua abundância, ainda hoje verificada, permitiu o estabelecimento de

---

<sup>42</sup> Ver capítulo 1, onde apresentamos as fases definidas pelo Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas.

<sup>43</sup> Existem duas datas fora deste período, uma em 1.810 A.P. e outra em 2.180 A.P. que fogem ao conjunto da ocupação, muito bem caracterizada a partir de 1.000 A.P., por isso foram desconsideradas.

aldeias com um traço distintivo em relação às da encosta do planalto: o rebaixamento do piso das casas, que aqui chamamos de casas subterrâneas.

Com isso, áreas onde existe uma grande densidade de sítios arqueológicos com casas subterrâneas, como a região de Lages, no Estado de Santa Catarina, descrita por Maria José Reis (1980), seguramente testemunham uma ocupação bastante durável, como pode ser observado tanto em Pinhal da Serra como em Vacaria, composta por aldeias que estão sendo ocupadas e reocupadas por um longo período de tempo. Com isso, a distinção feita por aquela autora, de que os sítios estariam divididos exclusivamente pela distância de apenas 80m, deve ter fragmentado em demasia o registro. Áreas como aquela exigem uma pesquisa que leve em consideração os conjuntos, e não apenas um ou outro sítio.

Finalmente, podemos caracterizar a ocupação do planalto como uma adaptação a um ambiente rico em pinhão, por grupos baseados na organização tribal, especializados na coleta e utilização do pinhão e muito possivelmente complementada com uma horticultura realizada principalmente na várzea dos rios. Possuíam casas subterrâneas. Produziam uma cerâmica de pequenas dimensões e alguns artefatos líticos indispensáveis para o tratamento da madeira. Sepultavam seus mortos em abrigos e os indivíduos mais destacados em montículos.

À medida que o ambiente se modifica em função da menor altitude, configurando uma nova composição florística, especialmente na encosta do planalto, onde a temperatura torna-se mais amena e o frio deixa de ser tão intenso, os grupos portadores da Tradição Taquara adotam um tipo de assentamento sem os típicos pisos rebaixados, mas formando aldeias de grandes dimensões, nos quais são feitas cabanas, que foram identificadas pelos acúmulos dos fragmentos de cerâmica, além de suas fogueiras e artefatos líticos.

A subsistência neste ambiente, onde o pinhão é menos abundante, deveria ser baseada numa horticultura desenvolvida próxima à várzea dos rios que permitiria, aliada a uma coleta, a densidade demográfica da vida nas aldeias, atestada pela existência de artefatos polidos, como mãos-de-pilão, moedores, lâminas de machados polidos, além da própria cerâmica.

Evidentemente que muitas das considerações produzidas aqui são hipotéticas, mas permitem iluminar os dados de que dispomos. Seguramente, muitas delas serão substituídas, mas avançam em termos interpretativos e alavancam as novas pesquisas que delas decorrerem. À medida que novos dados surgirem, novas interpretações mais fiéis que as que aqui são depositadas, poderão ser formuladas. Portanto, mãos à obra. Muitas casas subterrâneas precisam ser escavadas para que possamos montar um quadro definitivo.

## Considerações Finais

As nossas considerações finais, como já mencionamos na introdução, procuram sintetizar as certezas e apontar as incertezas. A primeira certeza que temos é a de que as Populações Ceramistas da Tradição Taquara/Itararé caracterizaram um Sistema de Assentamento no Planalto Sul-Brasileiro. Esse sistema de assentamento envolve quatro tipos de sítios diferentes: as casas subterrâneas, os sítios litocerâmicos, as áreas entaipadas e as grutas com sepultamentos.

Quais então são as bases dessa integração? Primeiro: o fato de todos os sítios estarem próximos. E em vários casos são encontradas casas subterrâneas próximas a sítios superficiais e abrigos com sepultamentos em distâncias inferiores a 2.000m. Segundo: a cronologia que possuímos hoje em vários sítios com casas subterrâneas dá conta de ocupações sucessivas de pelo menos um milênio, demonstrando uma ocupação tradicional do espaço. Terceiro: os recursos disponíveis na floresta com araucária são bastante generosos e permitem a subsistência de populações humanas sem maiores dificuldades. Quarto: a cerâmica encontrada em todos os diferentes tipos de sítios é a mesma.

As casas subterrâneas podem ser de vários tamanhos, porém predominam as que têm até 5m de diâmetro. Os sítios são compostos pela justaposição dessas estruturas, que não implica a sua contemporaneidade, de tal forma que os grandes conjuntos parecem ser indicadores de uma persistência temporal mais do que uma alta densidade populacional. Assim, as aldeias deveriam estar compostas, em cada período, por duas ou três habitações, podendo reocupar as que estavam abandonadas de temporadas passadas, ou especialmente construir novas. A cobertura dessas casas seria composta por uma estrutura de madeira e palha, podendo possuir um esteio central ou não.

Junto às estruturas maiores são encontrados, recorrentemente, montículos que são o depósito dos sedimentos retirados no momento de sua construção. Nestes casos, apresentam a estratigrafia invertida e um volume compatível. Outra utilização para esses sedimentos seria o nivelamento das bordas mais baixas das casas de forma a equiparar-lhes a altura.

Os sítios litocerâmicos estão apresentando duas configurações bem marcadas: na primeira, são encontrados apenas artefatos líticos e, nesses casos, podem estar voltados para a extração e para o processamento do material lítico. Já nos sítios em que se encontram artefatos cerâmicos e líticos, podem ser identificadas áreas de atividades domésticas, com fundos de cabanas e marcas de fogueiras. Teríamos, então, a aldeia com as unidades residenciais ou então acampamentos, porém sem os pisos rebaixados. Com isso, são duas realidades distintas: uma são os sítios exclusivamente líticos que parecem voltados para a obtenção e preparo de artefatos, e a outra são aldeias ou acampamentos mais permanentes.

As últimas podem estar próximas a sítios com casas subterrâneas, ou estar fora da área de ocorrência destas, e poderiam estar associadas a cultivos, que talvez seriam mais difíceis de serem executados no interior da mata com araucária. Esses cultivos seriam realizados a partir da primavera quando os recursos do pinheiral declinariam e a mata deixaria de ser o principal fornecedor de recursos.

As áreas entaipadas caracterizam-se como cordões de terra atualmente com aproximadamente 40 a 50cm de altura e que circunscrevem uma área maior. Em termos de localização, estão nas partes altas dos grandes morros, dominando visualmente grandes extensões. Quanto ao formato, podem ser circulares, retangulares ou elipsóides e possuem uma abertura em um dos lados. No centro, podem ter um ou mais montículos. Nesses montículos, foram encontrados sepultamentos cremados, indicando uma função funerária e, portanto, ritual.

Com isso, os montículos podem desempenhar ao menos duas funções completamente diferentes. No caso em que estão associados a casas subterrâneas, são os depósitos dos sedimentos provenientes de sua construção. No caso em que estão isolados e/ou circundados por taipas, podem ser estruturas funerárias.

As grutas completam esse sistema. São utilizadas como espaços funerários. Os corpos sem cremação são depositados, ou mesmo enterrados, no seu interior. Os indivíduos podem estar acompanhados de contas e artefatos líticos, ossos de animais, vegetais ou mesmo conchas marinhas. Outro traço distintivo é o fato de as grutas utilizadas estarem sempre próximas de um curso ou queda d'água.

Quanto à funcionalidade, as casas subterrâneas seriam áreas domésticas, da mesma forma que os sítios litocerâmicos. Os montículos cercados por taipas e as grutas seriam os espaços funerários.

No que se refere à cronologia, temos uma ocupação duradoura no planalto, desde pelo menos o ano 1.000 de nossa era. Já as datas que possuímos para a encosta do planalto, que compreende municípios como Caxias do Sul, indicam uma ocupação cerca de 500 anos mais antiga, iniciando-se por volta de 500 A.D. O padrão de ocupação em ambas as áreas parece ser o mesmo.

Uma distinção perceptível está na cerâmica. No planalto, temos as Fases Guatambu e Guabiju, que possuem as mesmas características, tanto na implantação dos sítios como nas características morfológicas e decorativas da cerâmica. Já na encosta do planalto, são identificadas ao menos três fases: Taquara, Erveiras e Caí, com uma cerâmica diferente e especialmente com uma menor quantidade de casas subterrâneas para cada uma. O assentamento preferencial parece ser os sítios litocerâmicos, ainda que continuem ocorrendo casas subterrâneas, porém em menor quantidade. A razão disso? Talvez uma adaptação mais eficiente ao ambiente de Mata

Ombrófila Densa, onde os cultivos parecem assumir uma importância maior e a temperatura não exige tanto a construção das casas subterrâneas.

Com isso, temos o nosso primeiro objetivo concluído: demonstrar que as populações do Planalto Sul-Brasileiro conformaram um único sistema de assentamento. Para alcançá-lo, procuramos respostas a algumas questões que nos serviram de eixo norteador nessa caminhada.

A primeira delas procurou compreender a diferença de tamanho das casas subterrâneas: qual a função que poderiam desempenhar em termos de estrutura de assentamento do grupo?

Nossa reflexão consiste no fato de que variam de pouco mais de 2m até perto dos 20m de diâmetro, predominando as que têm até 5m de diâmetro, em 63,03% dos casos, entre 5 e 10m são 27,97% e os 6% restantes têm mais de 10m de diâmetro. Com relação à profundidade, predominam casas com menos de 2m em quase 90% dos casos que foram medidos.

Na composição dessas aldeias predominam os sítios com até 3 casas em 67% dos casos. Sítios com no mínimo 4 e máximo de 8 casas representam quase 19%, com 9 ou mais apenas 12,88%. Quando ocorrem agrupadas, são casas grandes rodeadas por casas pequenas. Em 30% dos casos, são casas pequenas e médias juntas, casas pequenas e grandes juntas somente em 2% dos casos; casas médias e grandes e casas pequenas, médias e grandes associadas ocorrem em pouco mais de 8% dos casos.

Essa justaposição ocorre tanto simultaneamente como em momentos diferentes, de tal forma que os sítios com maior número de casas subterrâneas são antes indicadores de uma persistência temporal do que uma grande densidade populacional. O conjunto de datas de que dispomos nos permite levantar essa interpretação, pois são sempre encontradas duas casas com datas muito próximas, do que se conclui que as demais ou estão abandonadas, ou ainda não foram construídas. Com isso, esses sítios não representam um único momento de ocupação e, portanto, as casas não são contemporâneas, mas representam uma sucessão de ocupações distanciadas no tempo.

O sedimento retirado por ocasião da construção teve ao menos dois destinos conhecidos: ou foi amontoado próximo à casa formando um montículo, ou foi depositado no seu entorno e/ou na sua borda.

Em alguns sítios, percebe-se que a terra foi acumulada no entorno da casa formando pequenos terraços, que em certos casos são bem sutis e somente uma observação atenta revela. Em outras situações, especialmente naquelas em que a inclinação do terreno é mais acentuada, o sedimento proveniente da escavação das casas serviu para elevar a borda inferior da mesma, facilitando a construção e igualando a altura das bordas superior e inferior.

Quanto às paredes, estas podem apresentar tanto uma inclinação bastante suave, próxima dos 30°, ou mesmo mais forte, por volta dos 60°, ou ainda serem perpendiculares ao solo. Nos casos em que a inclinação é mais

abrupta, podem apresentar um dos lados com uma inclinação mais suave para servir de acesso.

O piso disponível dependia da sua forma. Nas estruturas com paredes retas, o piso seria de tamanho semelhante à abertura superior; entretanto, nos casos em que as paredes inclinavam-se, o fundo seria mais restrito, equivalendo a algo em torno de  $1/3$ ,  $1/2$  da abertura superior da casa, dependendo justamente do grau de inclinação das paredes.

Com relação à cobertura, esta seria composta por uma armação de madeira, recoberta de palhas. As casas menores poderiam ou não ter um esteio central, até porque a cobertura poderia ser apoiada apenas nas bordas, formando uma cúpula e cobrindo não só a depressão, mas também parte do entorno. Nas situações em que se identificou a ocorrência de um esteio central, a cobertura deveria ser bastante extensa. Segundo dados etnográficos, casas com até 7,5m de diâmetros podem prescindir de um esteio central; maiores que isso, torna-se necessário para sustentar o peso da cobertura.

A existência de fogões e material lítico e cerâmico no interior das casas nos permitem inferir que ali se desenvolveram atividades cotidianas, como processamento e consumo de alimentos, além da produção de artefatos atestada pelos refugos de lascamento encontrados.

Entretanto, não se pode descartar que outras atividades também possam ter sido desempenhadas no interior destas casas e tampouco que não tenham desempenhado outras funções, mas que não deixaram marcas no registro arqueológico. Por outro lado, não podemos desconsiderar o fato de que existiu uma intensa atividade no lado externo das estruturas, nos espaços intermediários, com fogueiras e áreas de lascamento, de tal forma que as atividades cotidianas não estavam restritas ao seu interior.

Não existem evidências de que haja uma diferenciação funcional entre casas de pequenas, médias e grandes dimensões. Todas apresentam o mesmo tipo de atividade. Contudo, não podemos deixar de considerar que a construção de uma estrutura de grandes dimensões exige um esforço cooperativo maior que uma pequena.

Outra questão que nos instigou foi quanto aos conjuntos de casas e sítios identificados. Qual o significado desse tipo de organização em termos sociais, funcionais e cronológicos? Seria reflexo de uma persistência temporal ou uma grande densidade populacional?

A hipótese que encontramos é de que os espaços com uma grande quantidade de sítios são espaços privilegiados, que remetem a uma longa persistência temporal. O modelo de ocupação que identificamos é de sítios com uma média de duas casas, ocupando os mesmos espaços.

Os grandes conjuntos, por sua vez, são evidências de ocupações continuadas, que podem atingir até um milênio de duração na mesma área. Até o momento, não há indícios de que mais de duas ou três casas estejam sendo ocupadas simultaneamente. Desse modo, o padrão de ocupação do território

está relacionado à persistência na área, muito provavelmente ocupando vários sítios dentro de uma região.

Quanto aos montículos e às áreas entaipadas, perguntamo-nos qual sua finalidade dentro da estrutura de assentamento: seriam espaços funerários como propôs Mabilde (1988), ou teriam alguma outra função?

Os dados de que dispomos deixam bem claro que os montículos associados às áreas entaipadas podem ser funerários; entretanto, os montículos que se encontram próximos às casas subterrâneas são acúmulos de sedimentos provenientes da construção destas. Se assumiram outras finalidades, não há ainda evidências empíricas; podemos apenas supô-las, a julgar pela posição dentro do conjunto e pela intencionalidade de sua construção, mas, reforçamos, não existem evidências nesse sentido. Montículos funerários somente nos casos de áreas entaipadas.

Foram alvo também de nossas preocupações os abrigos. Foram identificados no planalto um grande número de grutas com sepultamentos, com muitos indivíduos depositados lá. Inicialmente temos uma definição funcional: as grutas são espaços funerários, pelo menos não foram encontrados indícios de outras atividades além da deposição dos mortos.

A ausência de datações para as grutas não permite maiores considerações quanto à cronologia. Qualquer tentativa nesse sentido seria precipitada, até porque estes são espaços privilegiados para a preservação de restos ósseos, e qualquer inferência cronológica, a partir do grau de conservação dos esqueletos, seria intuitiva.

Quanto ao aspecto social, podemos acreditar que as grutas serviriam como jazigo funerário para o grupo, a julgar pelo acompanhamento funerário que não é destacado. O que chama a atenção são os sepultamentos em montículos, de tal forma que o próprio montículo é o acompanhamento, fazendo eco às descrições de Mabilde sobre o enterramento dos caciques.

Quanto ao padrão funerário, teríamos o sepultamento das figuras destacadas em montículos e dos demais membros do grupo em grutas. Uma das evidências que apóiam essa conclusão é o fato de termos poucos casos do primeiro tipo conhecidos e uma grande quantidade de grutas com sepultamentos.

Uma última preocupação que tivemos foi quanto à organização social desses grupos. Os dados de que dispomos não nos permitem avançar em demasia nessa questão, mas permitem consolidar as interpretações já apontadas por autores como Schmitz (1988, 2002) que afirmam ter ultrapassado o nível de bando e atingido o de tribo.

Em que medida estariam em formas mais complexas de organização ainda não temos elementos suficientes para afirmar, mas permitem antever avanços nessa direção, especialmente considerando os sepultamentos em grutas e montículos e o esforço cooperativo exigido para a abertura das casas subterrâneas, sem contar os indícios existentes na bibliografia histórica.



Finalmente, gostaríamos de apontar algumas questões com que nos deparamos, mas para as quais não possuímos dados suficientes e que representam importantes direções para pesquisas futuras.

O aprofundamento das pesquisas abordando conjuntos é uma das direções que merece ser seguida. Atualmente, são poucos os casos em que conjuntos de casas subterrâneas são bem conhecidos. A continuidade da investigação nessa direção permitiria consolidar a forma de ocupação do território a partir dos sítios com duas ou três casas.

Da mesma forma, a compreensão das áreas externas e contíguas às casas subterrâneas é fundamental para o entendimento da dinâmica de ocupação dos sítios e a compreensão de como funciona o sítio como um todo.

Outra questão a ser explorada é a sazonalidade das ocupações. A disponibilidade dos recursos ambientais precisa ser melhor conhecida, especialmente a oferta do pinhão nas diferentes épocas do ano, e até que ponto essa carência exige a adoção do cultivo. O questionamento se voltaria para: as variações na disponibilidade das matas com araucária, à medida que diminui a altitude, implica a adoção de novas estratégias de subsistência, uma vez que o pinheiro diminui sua oferta?

As grutas são uma outra questão que merece atenção. Estabelecer uma cronologia, baseada em datações absolutas, auxiliaria não só o entendimento do processo de ocupação do território, mas também a discussão quanto ao seu papel dentro do sistema de assentamento.

As áreas entaipadas abrem novas possibilidades interpretativas que merecem ser melhor compreendidas, mas que exigem escavações em grandes superfícies, bem como a escavação de mais de um caso, para que se possa compreender melhor a dinâmica de utilização desses sítios. Assim, questiona-se: outras atividades são desempenhadas por esses sítios no contexto do sistema?

À medida que as pesquisas avançarem nos Estados de Santa Catarina e Paraná, permitirão compreender de que forma o sistema de assentamento dessas populações se articula naqueles Estados.

As relações desse sistema de assentamento com o litoral atlântico precisam ser melhor conhecidas. Os indícios de contato ou continuidade cultural entre o planalto e o litoral são bastante fortes e o modelo básico de exploração, baseado na utilização intensiva dos recursos naturais, repete-se lá; enquanto no planalto explora-se pinhão, no litoral o alvo são os ambientes costeiros.

Por fim, o cotejamento dos dados arqueológicos com os históricos e etnográficos permitem uma retroalimentação de informação que auxiliam na compreensão dos diferentes conjuntos de evidências. Utilizar as informações de Mabilde para iluminar os dados arqueológicos possibilitará uma imagem mais orgânica e funcional.

Estas são algumas questões que merecem ser aprofundadas em pesquisas futuras, até porque o tema – Sistema de Assentamento – permite uma *re-significação* dos dados arqueológicos.

A opção por este tema foi a busca de uma Arqueologia sem escavação. Nossa atenção voltou-se para os trabalhos já produzidos, nos quais garimpamos elementos que estes quase quarenta anos de pesquisas no Planalto Sul-Brasileiro trouxeram à luz, mas que até então não tinham sido alvo de uma análise de conjunto. À medida que os anos foram passando, novos dados foram agregados. As décadas de 1980 e 1990 foram absolutamente profícuas para o crescimento do conhecimento.

A outra razão para a escolha deste tema foi, sem dúvida, a busca por novos caminhos, evitando o esgotamento dos bons sítios arqueológicos que estão cada vez mais difíceis de serem localizados, mas, fundamentalmente, porque a abordagem sistêmica permite aproximarmo-nos da proposta de Wheeler de escavar povos e não coisas, não apenas casas subterrâneas, como é o nosso caso, porém perceber a sociedade que estava por trás dessas casas de pisos rebaixados: sociedades que depositaram seus mortos em grutas e enterraram seus chefes em montículos, circundando-os com uma taipa de terra.

Acreditamos, assim, ter cumprido com nosso desafio: conferir sentido a uma multiplicidade de fragmentos e, mais ainda, transcender esses fragmentos e criar, a partir deles, um quadro compreensível sobre a ocupação pré-colonial do Planalto Sul-Brasileiro.

## Referências Bibliográficas

- AFONSO, Marisa C. & MORAIS, José L. Estudo de uma "Casa Subterrânea" na Bacia do Rio Ribeira de Iguape, São Paulo. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas – UNISINOS, n. 58, p. 157-164, 2002.
- ALCINA FRANCH, José Alcina. El Modelo Teorico de "Jefatura" y su aplicacion Al Area Andina Septentrional Norte. *Miscelanea Antropologica Ecuatoriana*. Equador, v. 6 p. 265-288, 1986.
- ALCINA FRANCH, José. *Arqueología Antropológica*. Madri: Akal, 1989.
- BACKES, Albano. Condicionamento Climático e Distribuição Geográfica de *Araucaria angustifolia* (Bertol.) Kuntze no Brasil – II. *Pesquisas, Botânica*, São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas – UNISINOS, nº 49 p. 31-51, 1999.
- BLITZ, John H. Mississippian Chiefdoms and the Fission-Fusion Process. *American Antiquity*. Washington: SAA, n. 64 (4) p. 577-592, 1999.
- CALDARELLI, Solange B. & HERBERTS, Ana L. Estruturas Habitacionais Escavadas na Bacia do Rio Chapecó, Extremo Oeste Catarinense. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas – UNISINOS, nº 58, p. 139-156, 2002.
- CHANG, K. C. Toward a Science of Prehistoric Society. In: CHANG, K. C. (Org) *Settlement Archaeology*. California: National Press Books, p. 1-9, 1968.
- CHMYZ, Igor. Considerações sobre duas novas Tradições ceramistas arqueológicas no Estado do Paraná. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas – UNISINOS, nº 18, p. 115-125, 1968a.
- CHMYZ, Igor. Subsídios para o estudo arqueológico do Vale do Rio Iguaçu. *Revista do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, n. 1, p. 31-52, 1968b.
- CHMYZ, Igor. Pesquisas Arqueológicas no Alto e Médio Rio Iguaçu. *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados Preliminares do Terceiro Ano 1967-1968*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas n. 13, p. 103-132, 1969b.
- COPÉ, Sílvia M. Arqueologia Pré-histórica do Planalto: Os Grupos Ceramistas da Tradição Taquara. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, v. 23 n.29, p 180-188. jan/jun 1999.
- COPÉ, Sílvia M. & SALDANHA, João D. de M. Em busca de um Sistema de Assentamento para o Planalto Sul-Rio-Grandense: Escavações no Sítio RS-AN-03, Bom Jesus, RS. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas – UNISINOS, n. 58, p. 107-120, 2002.
- COPÉ, Sílvia M., SALDANHA, João D & CABRAL, Mariana P. Contribuições para a Pré-história do Planalto: Estudo da Variabilidade de Sítios Arqueológicos de Pinhal da Serra, RS. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas – UNISINOS, n. 58, p. 121-139, 2002.
- DE MASI, Marco Aurélio Nadal. — Apresentação no Colóquio Casas Subterrâneas. Organização: Universidade Federal de Santa Maria-Laboratório de Ensino e Pesquisa Arqueológica, Santa Maria de 13 e 14 de Agosto de 2002.

- DIAS, Adriana Schmitt. Um projeto para a arqueologia brasileira: Breve Histórico da Implementação do PRONAPA. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, v. 19 n. 22, p. 25-39, mar, 1995.
- FÉNELON COSTA, Maria H. & MALHANO, Hamilton B. Habitação Indígena Brasileira. In: RIBEIRO, Berta. (Coord). *Suma Etnológica Brasileira*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, v. 1, p. 27-92, 1986.
- FORSBERG, Lars L. *Site Variability and Settlement Patterns: an analysis of the hunter-gatherer settlement system in the Lule river valley – 1500 B.C/A.D.* Umea: University of Umea – Depto. of Archaeology, 1985. (Tese de Doutorado).
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *O Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- IBGE, Diretoria de Geociências, Departamento de Cartografia, *Mapa da Série Brasil – Geográfico*, escala 1:5.000.000, versão 1997.
- IZIDRO, Juliane Maria & HAUBERT, Fabiana. Análise de Remanescentes ósseos de Abrigos Sob-rocha do Rio Grande do Sul. Trabalho apresentado na XIIª Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, set. 2003.
- KAMASE, Luciane M. Estudo das "Casas Subterrâneas" e feições doliniformes no Alto Parapanema (SP). *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas – UNISINOS, n. 58, p. 165-175, 2002.
- KERN, Arno Alvarez; SOUZA, José Otávio & SEFFNER, Fernando. Arqueologia de Salvamento e a Ocupação Pré-Histórica do Vale do Rio Pelotas. (Municípios de Bom Jesus e Vacaria). *Veritas*, Porto Alegre: PUCRS, v. 35 n. 133, p. 99-127, mar. 1989a.
- KERN, Arno Alvarez; SOUZA, José Otávio & SEFFNER, Fernando. Arqueologia de Salvamento e a Ocupação Pré-Histórica do Vale do Rio Pelotas. *Veritas*, Porto Alegre: PUCRS, v. 34, n. 134, p. 277-300, jun. 1989b.
- KREVER, Maria Luisa B. & HAUBERT, Fabiana. Estudos dos Remanescentes Humanos do Planalto Sul-Rio-Grandense: Projeto Vacaria. *Trabalhos Apresentados: Na XI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, p. 29-38, 2001.
- LA SALVIA, Fernando. A Habitação Subterrânea: Uma Adaptação Ecológica. In: WEIMER, Nelson S. Günter (org). *A arquitetura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, p.7-26, 1983.
- LAZZAROTO, Danilo. *Ficha de Registro dos Sítios Arqueológicos do Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1975.
- LAZZAROTO, Danilo. et al. Pesquisas Arqueológicas no Planalto. *O Homem Antigo na América*. São Paulo: Instituto de Pré-História da USP, p. 79-89, 1971.
- LEITE, Pedro F. & KLEIN, Roberto M. Vegetação. In: IBGE. *Geografia do Brasil: Região Sul*. Rio de Janeiro: IBGE, v. 2, p. 113-150, 1990.
- MABILDE, Pierre F. A. Booth. *Apontamentos sobre os Indígenas Selvagens da Nação Coroados dos Matos da Província do Rio Grande do Sul*. São Paulo: Ibrasa/Instituto Nacional do Livro e Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.

MABILDE, Afonso P. T. O índio Kaingáng do Rio Grande do Sul no século XIX. In: *Arqueologia no Rio Grande do Sul, Documentos 02, Brasil*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, p. 141-172, 1988.

MAUHS, Julian. *Fitossociologia e Regeneração Natural de um Fragmento de Floresta Ombrófila Mista Exposto a Perturbações Antrópicas*. São Leopoldo: UNISINOS, Programa de Pós-Graduação em Biologia, 2002. (Dissertação de Mestrado).

MENGHIN, Osvaldo F. A. El poblamiento prehistorico de Misiones. In: *Anales de Arqueología y Etnología*. Mendoza, tomo XII, p. 19-40, 1957.

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. Os Abrigos-sob-rocha do Virador, no Estado do Rio Grande do Sul, Brail, Nota Prévia. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul: APESC, n. 2, p. 1-25, 1975.

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. Casas Subterrâneas no Planalto Meridional Município de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista do CEPA*. Santa Cruz do Sul: Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul. n. 9, p 2-52, jul. 1980.

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. *Arqueologia do Vale do Rio Pardo, Rio Grande do Sul, Brasil*. Porto Alegre: PUCRS, 1991. (Tese de Doutorado).

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto et al. Escavações Arqueológicas no Município de Bom Jesus, RS. *Revista de Arqueologia*. São Paulo: Sociedade de Arqueologia Brasileira, v. 8, n. 1, p. 221-236, 1994.

MENTZ RIBEIRO, Pedro A. A Tradição Taquara e as Casas Subterrâneas no Sul do Brasil. *Revista de Arqueología Americana* México: Instituto Panamericano de Geografía e História. n.<sup>os</sup> 17, 18 e 19 p. 9-50, jul. 1999 a dez. 2000.

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. & RIBEIRO, Catharina Torrano. Levantamentos Arqueológicos no Município de Esmeralda, Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista do CEPA*. Santa Cruz do Sul: Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul, v. 12, n. 14, p. 49-105, 1985.

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto & SILVEIRA, Ítela da. Sítios Arqueológicos da Tradição Taquara, Fase Erveiras, no Vale do Rio Pardo, RS, Brasil. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul: APESC, n. 8, p. 3-61, jun. 1979.

MILLER, Eurico Th. Pesquisas Arqueológicas Efetuadas no Nordeste do Rio Grande do Sul. *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados Preliminares do Primeiro Ano 1965-1966*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas, n. 6, p. 15-38, 1967.

MILLER, Eurico Th. Pesquisas Arqueológicas Efetuadas no Nordeste do Rio Grande do Sul. *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados Preliminares do Segundo Ano 1966-1967*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas n. 10, p. 33-54, 1969a.

MILLER, Eurico Th. Pesquisas Arqueológicas efetuada no Oeste do Rio Grande do Sul. *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados Preliminares do Terceiro Ano 1967-1968*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas n. 13, p. 13-30, 1969b.

MILLER, Eurico Th. Pesquisas Arqueológicas Efetuadas no Planalto Meridional, Rio Grande do Sul (Rios Uruguai, Pelotas e das Antas). *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados Preliminares do Quarto Ano 1968-1969*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas n. 15, p. 37-71, 1971.

- MONTICELLI, Gislene & LANDA, Beatriz dos S. Vistoria Arqueológica em Cambará. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul: EDUNISC, v. 23, n. 29, p. 162-169, jan/jun 1999.
- Programa CALIB de Stuiver, M. and Reimer, P.J., Rev. 4.3, baseado em Stuiver, M. and Reimer, P.J., 1993, *Radiocarbon*, 35, p. 215-230.
- PROUS, André. Première information sur les maisons souterraines de l'État de São Paulo. *Revista de Pré-História*. São Paulo: Instituto de Pré-História, v.1, n.1, p. 127-145, 1979.
- PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Editora da UNB, 1991.
- RAMBO, Balduino. *A Fisionomia do Rio Grande do Sul*. 3 ed. São Leopoldo: Editora da UNISINOS, 1994.
- REIS, Maria José. *A Problemática Arqueológica das Estruturas Subterrâneas no Planalto Catarinense*. São Paulo: FFLCH-USP, 1980. (Dissertação de Mestrado).
- REIS, José Alberione dos. *Para uma Arqueologia dos Buracos de Bugre: do Sintetizar, do Problematizar, do Propor*. Porto Alegre: PUCRS, 1997. (Dissertação de Mestrado).
- REITZ, Pe. Raulino & KLEIN, Roberto M. Araucariáceas. *Flora Ilustrada Catarinense*. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues, 1966.
- ROBRANH, Erica M. *A ocupação pré-colonial do Vale do Ribeira do Iguape, SP: os grupos ceramistas do médio curso*. São Paulo: USP/FFLCH, 1988. (Dissertação de Mestrado).
- ROHR, João Alfredo. Os Sítios Arqueológicos do Planalto Catarinense. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas – UNISINOS, n. 24, p. 1-56, 1971.
- ROHR, João Alfredo S.J. Sítios Arqueológicos de Santa Catarina. *Anais do Museu de Antropologia*. Florianópolis: UFSC / Museu de Antropologia, n. 17, p. 77-168, dez. 1984.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio (Coord). *Arqueologia no Rio Grande do Sul. Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, n. 16, 1967.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. Grandes Complexos de Cerâmica Indígena no Sul do Brasil. *Pesquisas, Antropologia*. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas – UNISINOS, n. 18, p. 127-140. 1968. (Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia da Área do Prata)
- SCHMITZ, Pedro I. et al. Pesquisas sobre a Tradição Taquara no Nordeste do Rio Grande do Sul. *Arqueologia no Rio Grande do Sul, Documentos 02, Brasil*. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas – UNISINOS, p. 5-74, 1988a.
- SCHMITZ, Pedro I. et al. As tradições ceramistas do Planalto Sul-Brasileiro. *Arqueologia no Rio Grande do Sul, Documentos 02, Brasil*. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas – UNISINOS, p. 75-130, 1988b.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. As 'Casas Subterrâneas': Fragmentos de História dos Índios Kaingang. *Ciência Hoje*. Rio de Janeiro: SBPC. v. 31, n. 181. p. 22-29, abr. 2002.
- SCHMITZ, Pedro I. et. al. O Projeto Vacaria: Casas Subterrâneas no Planalto Rio-Grandense. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas – UNISINOS, n. 58, p. 11-106, 2002.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. Ambientes Holocênicos e Surgimento de Sistemas Culturais. *Revista de Arqueologia*. Rio de Janeiro: Sociedade de Arqueologia Brasileira, v. 14/15, p. 87-96, 2001-2002.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. *Projeto Vacaria II : Relatório da Pesquisa de Janeiro de 2003*. Instituto Anchieta de Pesquisas, 2003. (inédito).

SCIENTIA AMBIENTAL S/C LTDA, NÚCLEO DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS/UFRGS & ITACONSULT CONSULTORIA E PROJETOS EM ARQUEOLOGIA LTDA *Projeto de Levantamento Arqueológico na Área de Inundação e Salvamento Arqueológico no Canteiro de Obras da UHE Barra Grande, SC/RS. Relatório Final 1: Resultados dos trabalhos de Campo*. Florianópolis, 2002. (CD ROM).

SNARSKIS, Michael J. The Archeological Evidence for Chiefdoms in Eastern and Central Costa Rica. In: DRENNAN, Robert D. & URIBE, Carlos A. *Chiefdoms In The Americas*. Boston: University Press of America, p. 105-117, 1987.

SOUZA, Alfredo Mendonça de. História da Arqueologia Brasileira. *Pesquisas, Antropologia*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas – UNISINOS, v. 46, 1991.

SOUZA, Alfredo Mendonça. *Dicionário de Arqueologia*. Rio de Janeiro: ADESA, 1997.

WILLEY, Gordon R. *Prehistoric Settlement in the Virú Valley, Peru*. Washington: Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology Bulletin, n. 155, 1953.

WILLEY, Gordon R. & PHILLIPS, Philip. *Method and Theory in American Archaeology*. Chicago: The University of Chicago Press, 1962.

YOUNG Jr., T. Cuyler. Since Herodotus, has History been a valid concept? *American Antiquity*. Washington: SAA, v. 53 n.1, p. 7-12, 1988.

**Fases da Tradição Itararé**

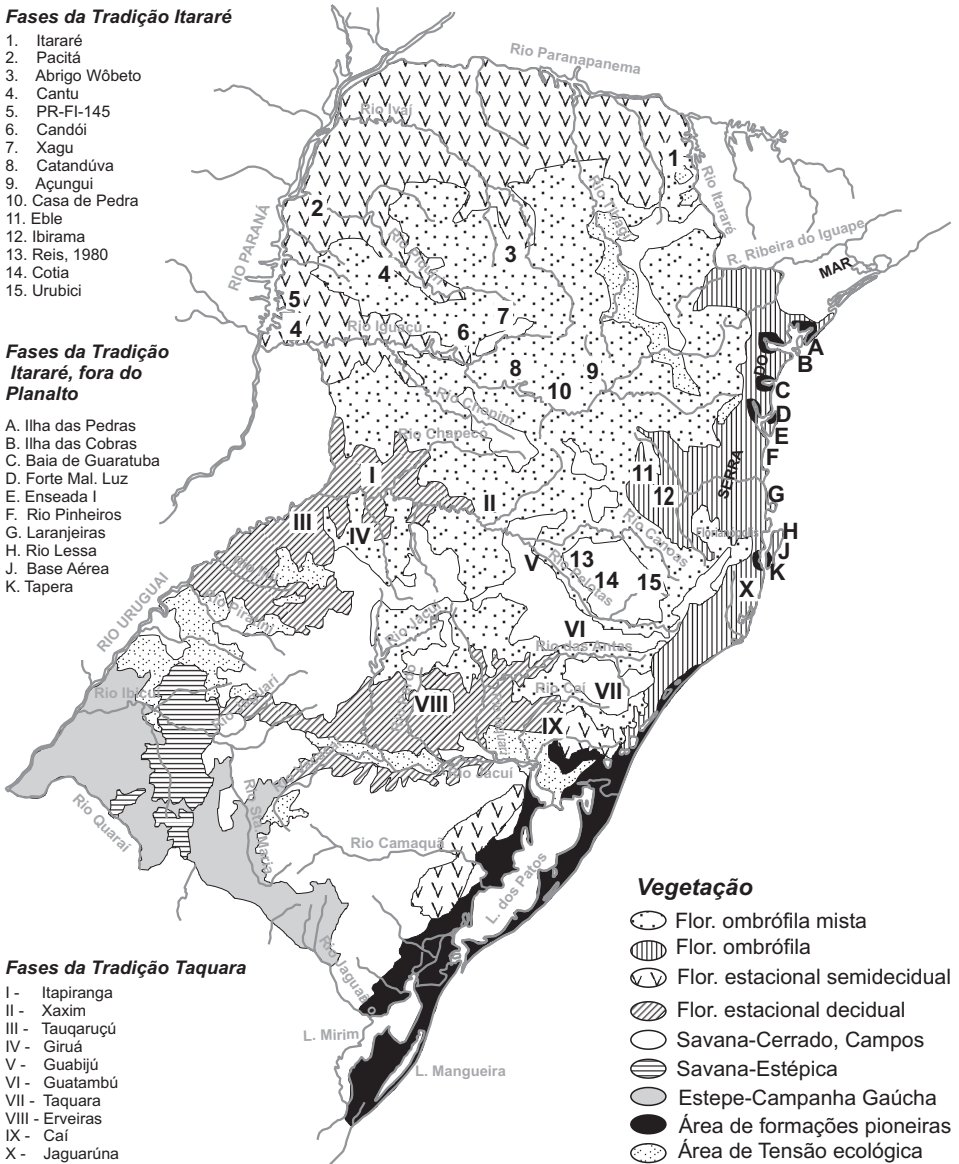
1. Itararé
2. Pacitá
3. Abrigo Wóbeto
4. Cantu
5. PR-FI-145
6. Candói
7. Xagu
8. Catandúva
9. Açungui
10. Casa de Pedra
11. Eble
12. Ibirama
13. Reis, 1980
14. Cotiá
15. Urubici

**Fases da Tradição Itararé, fora do Planalto**

- A. Ilha das Pedras
- B. Ilha das Cobras
- C. Baía de Guaratuba
- D. Forte Mal. Luz
- E. Enseada I
- F. Rio Pinheiros
- G. Laranjeiras
- H. Rio Lessa
- J. Base Aérea
- K. Tapera

**Fases da Tradição Taquara**

- I - Itapiranga
- II - Xaxim
- III - Tauquaruçú
- IV - Giruá
- V - Guabijú
- VI - Guatambú
- VII - Taquara
- VIII - Erveiras
- IX - Cai
- X - Jaguaruna



**Vegetação**

- Flor. ombrófila mista
- ▨ Flor. ombrófila
- ▽ Flor. estacional semidecidual
- ▧ Flor. estacional decidual
- Savana-Cerrado, Campos
- ▨ Savana-Estépica
- ▨ Estepe-Campanha Gaúcha
- Área de formações pioneiras
- Área de Tensão ecológica

Adaptado com base em: IBGE, Diretoria de Geociências, Departamento de Cartografia, *Mapa da Série Brasil - Geográfico*, escala 1:50.000.000, v. 1997 e de Schmitz, P.I. *As tradições Ceramistas do Planalto Sul Brasileiro. Documentos 02: Arqueologia no Rio Grande do Sul, Brasil*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas - UNISINOS, 1988 p. 78.

Figura 01: Localização dos sítios das Fases da Tradição Taquara/Itararé e vegetação da região sul-brasileira.



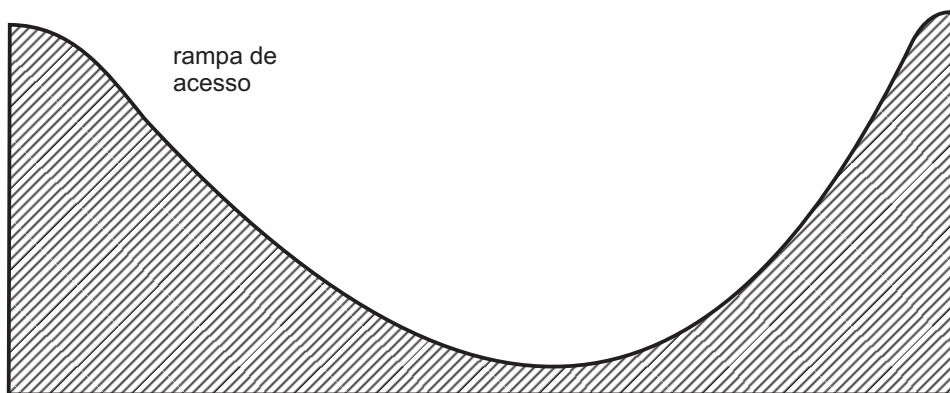


Figura 02: Formato Meia-esfera.



Figura 03: Formato Chapéu invertido.

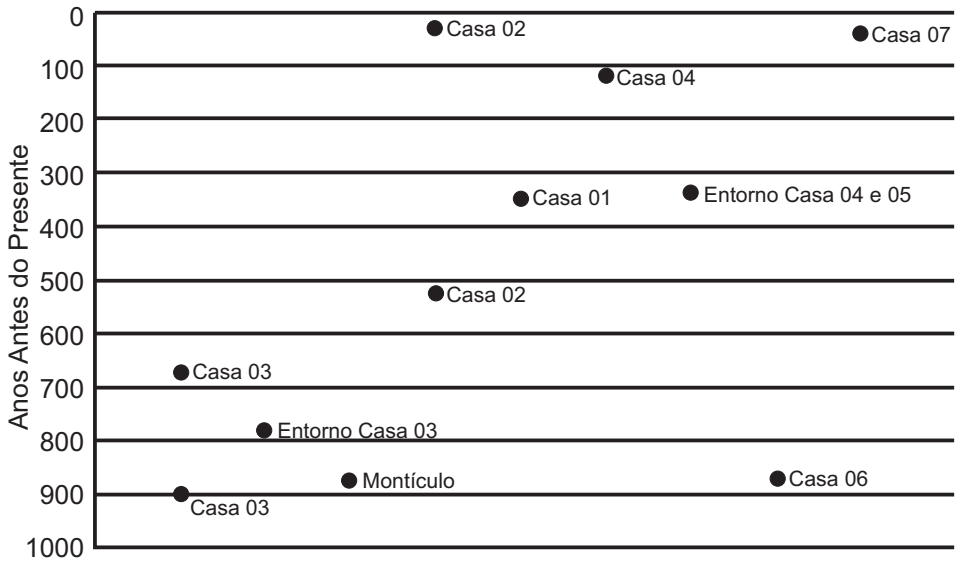


Figura 04: Cronologia das ocupações do sítio RS-A-27.

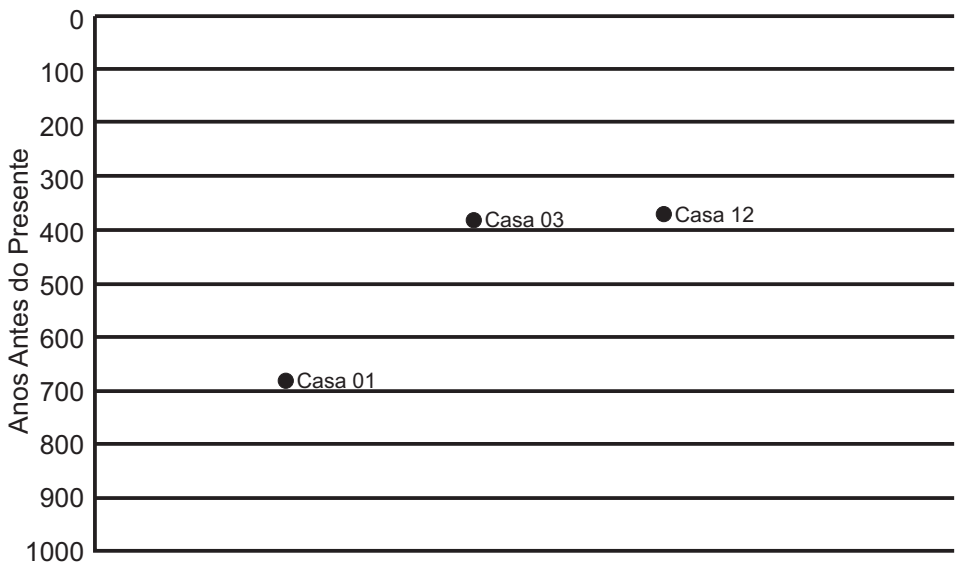


Figura 05: Cronologia das ocupações do sítio RS-A-29..

**O Sistema de Assentamento dos Grupos Ceramistas do Planalto Sul-brasileiro...**

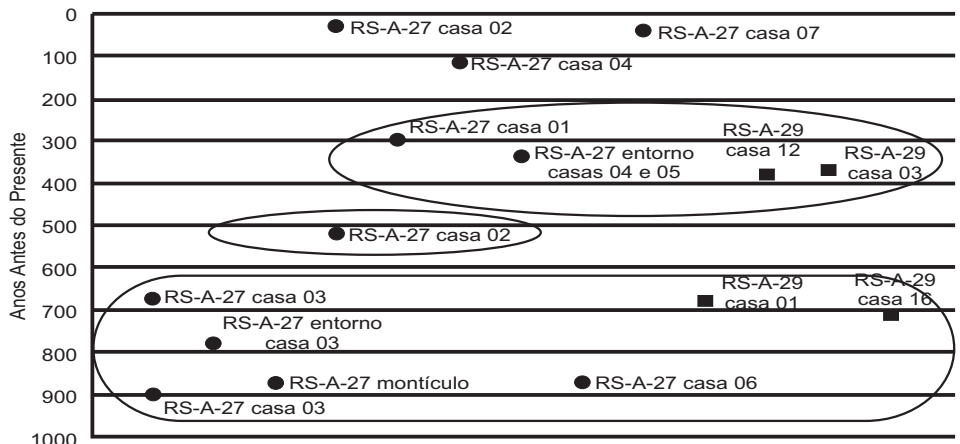


Figura 06: Cronologia das ocupações dos sítios RS-A-27 e RS-A-29.

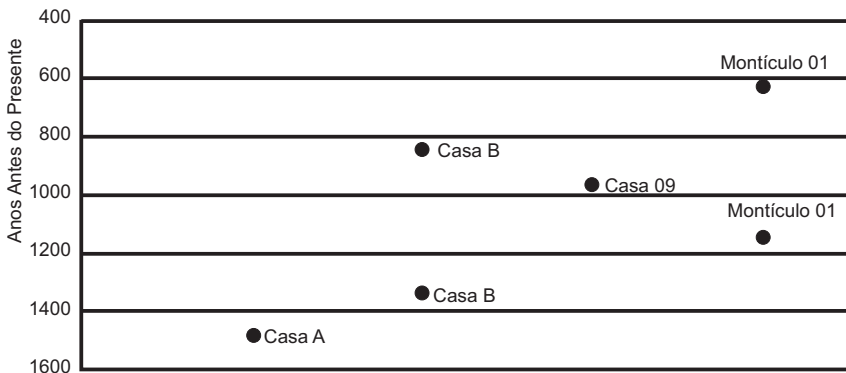


Figura 07: Cronologia das ocupações do sítio RS-37/127.

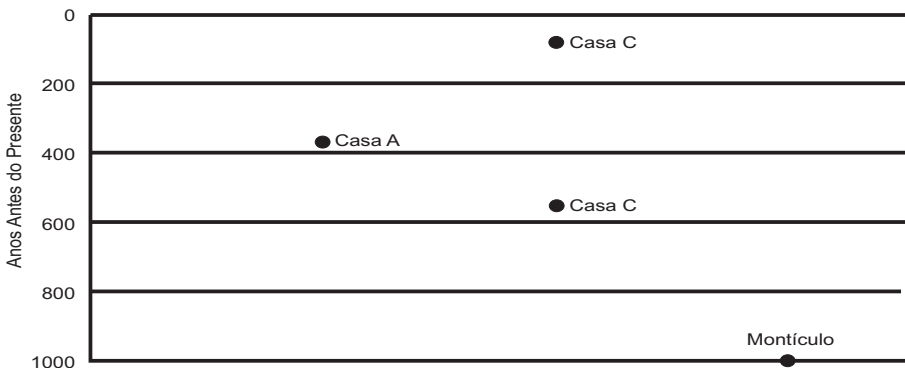
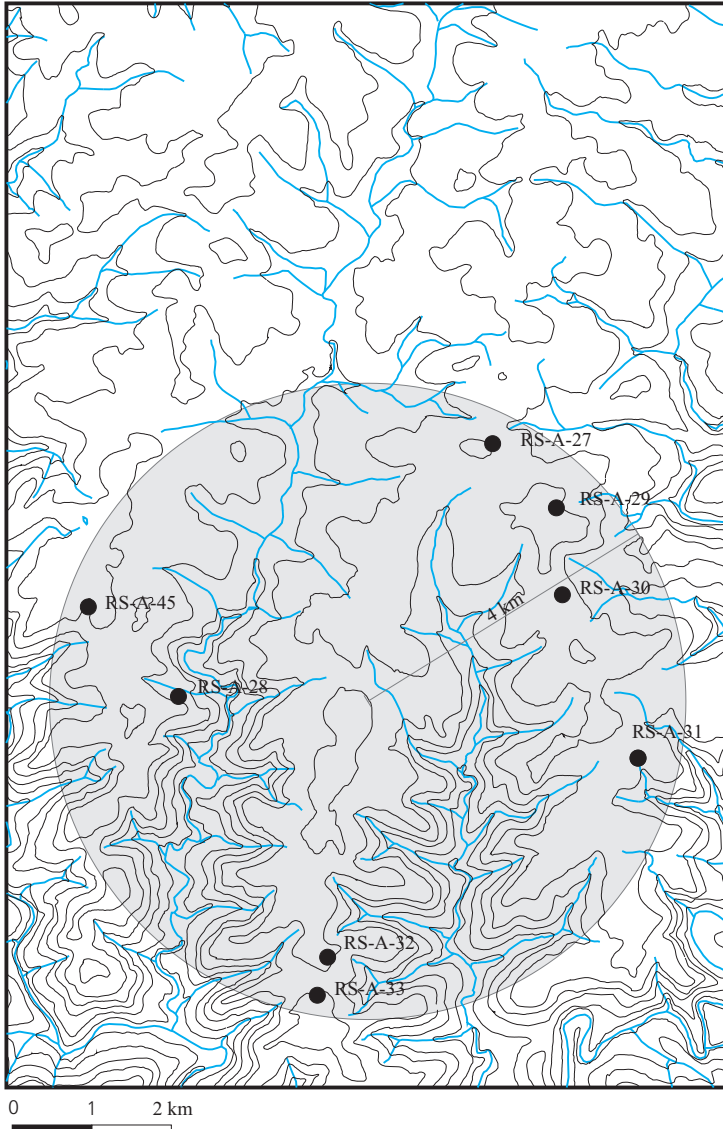


Figura 08: Cronologia das ocupações do sítio RS-AN-03.

# PROJETO VACARIA

Área do Refugiado



Elaborado por Marcus Vinícius Beber, a partir da Folha Vacaria Impressa pela Diretoria de Serviços Geográficos. Ministério do Exército - 1980 - MI2937/1

Figura 09: Projeto Vacaria - distribuição dos Sítios Arqueológicos

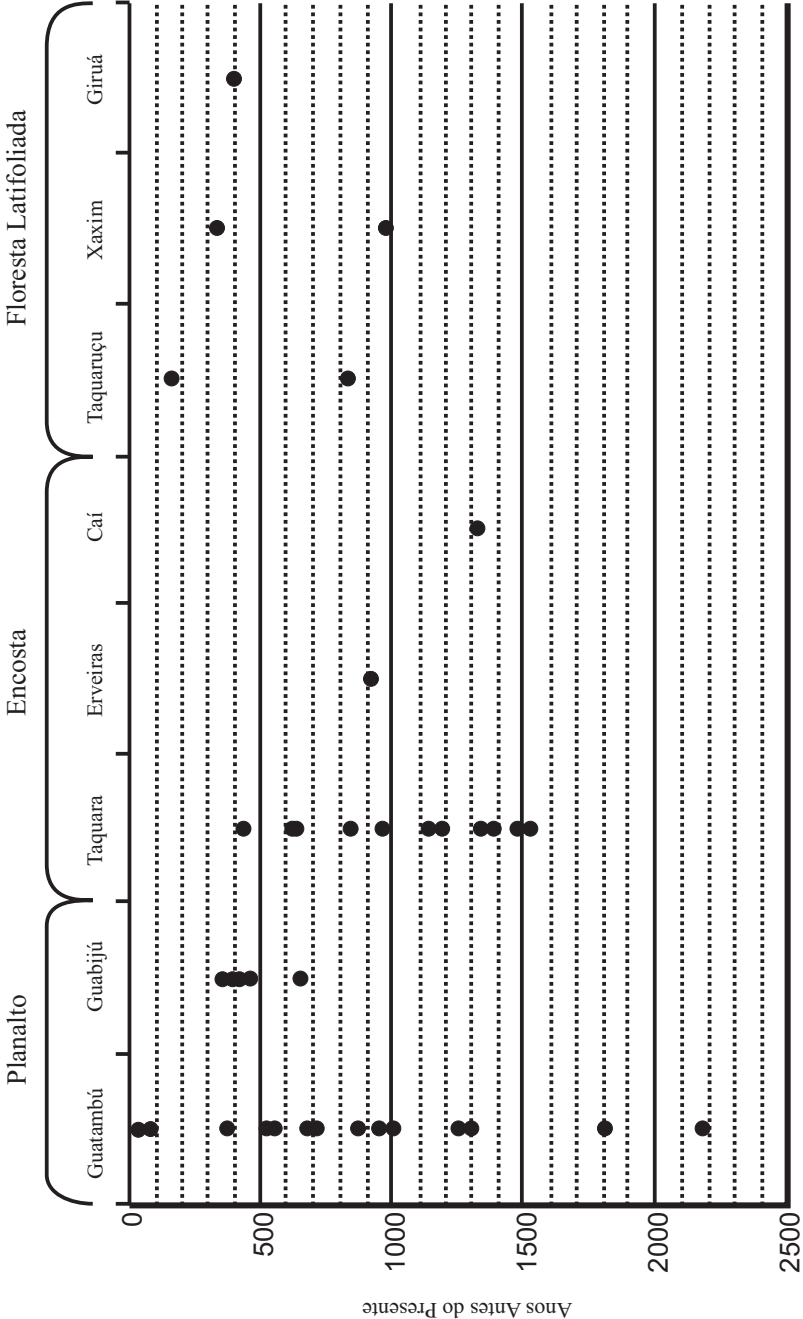


Figura 10: Quadro Cronológico das Fases da Tradição Taquara Documentos 10, Ano 2005

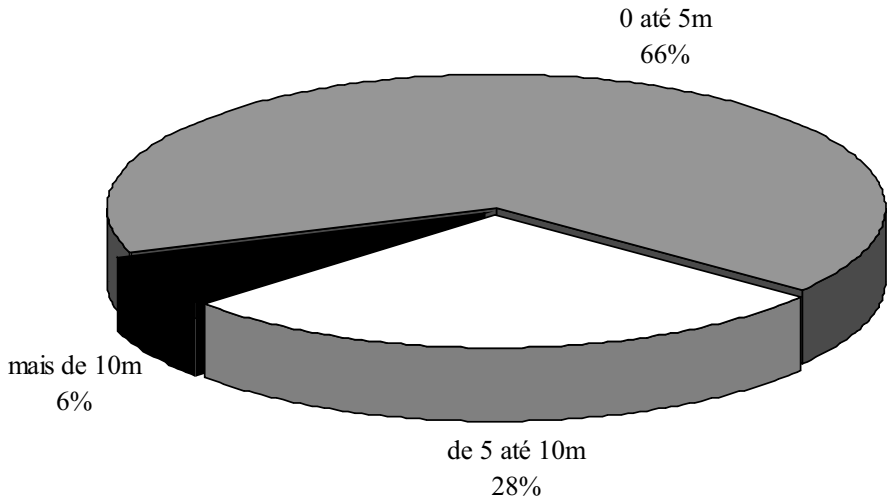


Gráfico 01: Tamanho das casas subterrâneas

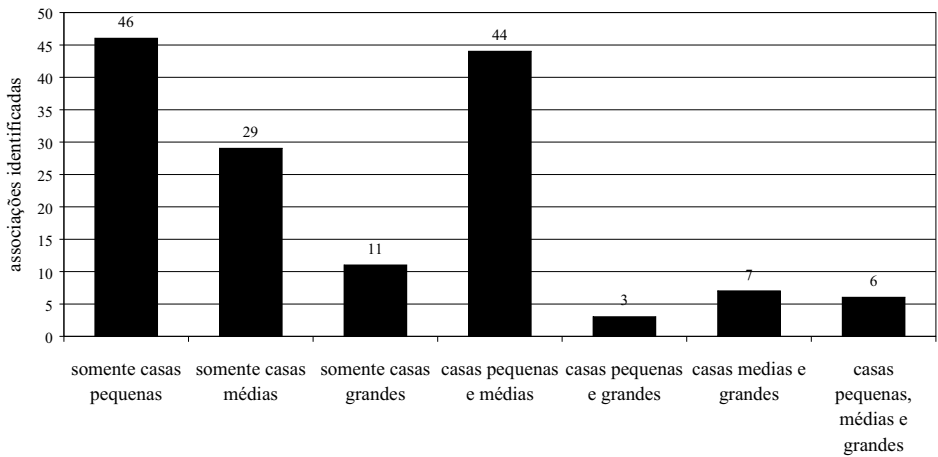


Gráfico 02: Composição dos sítios em função do tamanho das casas.

### O Sistema de Assentamento dos Grupos Ceramistas do Planalto Sul-brasileiro...

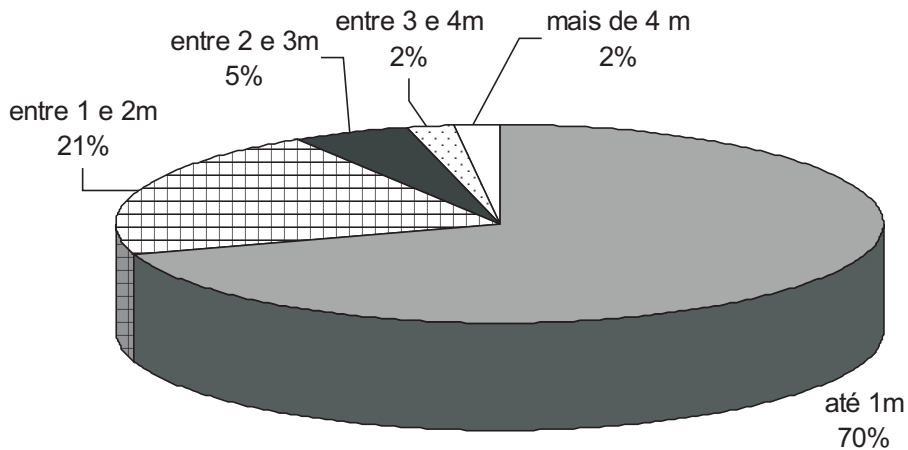


Gráfico 03: Profundidade das casas subterrâneas

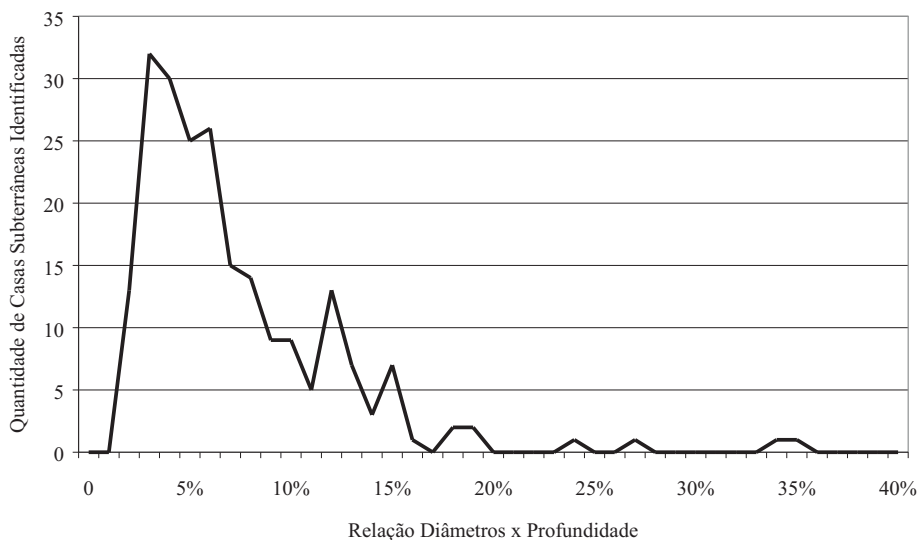


Gráfico 04: Relação entre diâmetro e profundidade das casas subterrâneas.

# A TRADIÇÃO TAQUARA E SUA LIGAÇÃO COM O ÍNDIO KAINGANG<sup>1</sup>

Jefferson Luciano Zuch Dias<sup>2</sup>

## Introdução

Até o presente momento, alguns arqueólogos supõem que os índios Kaingang são descendentes das populações portadoras da tradição Taquara. Contudo, faltam dados mais elaborados para que se possa afirmar tal hipótese. Existem algumas semelhanças que permeiam os registros feitos tanto pelas pesquisas arqueológicas quanto pelos relatos etnográficos; temos também muitos pontos que divergem, pelo menos em uma primeira avaliação.

O presente trabalho tem por objetivo examinar a continuidade histórica entre a tradição Taquara e o índio Kaingang, de maneira empírica. A primeira denominação refere-se aos grupos humanos que ocuparam o Planalto Meridional desde os primeiros séculos da era cristã e tem seu registro feito principalmente através dos vestígios de sua cultura material. A segunda refere-se ao grupo que começa a ser descrito nos relatos etnográficos a partir do século XVI de nossa era. Tanto a Arqueologia quanto a Etnografia procuram resgatar e fornecer dados que possibilitem compreender como foi e de que maneira se processou a migração, instalação e adaptação destes grupos humanos por diversos ambientes, alguns deles distintos daqueles de suas áreas originais, outros similares a estas.

Na Arqueologia temos o resgate de itens que servem para estabelecer o padrão de assentamento destes grupos, a maneira como eram feitas suas habitações, a forma de sepultar seus mortos, como e quais eram seus instrumentos e qual matéria-prima era utilizada para fazê-los, a composição de suas aldeias e quais são as datações que atestam a antiguidade destes sítios arqueológicos.

Na Etnografia temos o registro do cotidiano das atividades exercidas nas aldeias Kaingang, informações sobre sua dieta alimentar, o número de indivíduos pertencentes ao grupo, a divisão em caciques e sub-caciques e seus respectivos territórios, o tamanho e forma das casas e extensão da aldeia, a divisão das tarefas dentro de cada família e sua estruturação dentro do grupo.

Os dados arqueológicos apesar de poucos, nos fornecem subsídios para a formulação de um primeiro panorama a respeito do padrão cultural destas populações. Já os dados etnográficos são abundantes e relativamente minuciosos em alguns pontos, em outros são extremamente superficiais e

---

<sup>1</sup> Excertos da dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Orientador: Pedro Ignácio Schmitz. Bolsa de Estudos: CNPq.

<sup>2</sup> Arqueólogo colaborador do Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS;



tendenciosos. A comparação entre os dados disponíveis nestas duas linhas de pesquisa pode nos fornecer elementos para que possamos tentar estabelecer a continuidade entre a tradição Taquara e o índio Kaingang.

Dentro deste contexto, alguns dados podem confirmar que a tradição Taquara teve como sucessora em seu território, a partir do século XIX, o grupo étnico chamado Kaingang, anteriormente conhecido nos estudos etnográficos feitos desde o século XVI, por Guaianá, ou Coroado (devido ao corte de cabelo, similar a uma coroa), ou ainda como Socré ou Shokléng, Kamé, Bugre, Botocudo, Aweikoma, Aweikoma-Kaingang, entre outros.

Não é uma tarefa simples tentar estabelecer o elo de ligação entre a tradição Taquara e o índio Kaingang, pois estamos trabalhando com duas abordagens diferentes, cada qual utilizando parâmetros que privilegiam as sistemáticas de investigação próprias de seu campo. A Arqueologia busca resgatar e interpretar os vestígios da cultura material das populações pré-históricas. Já a Etnografia descreve as sociedades ágrafas dando ênfase aos padrões de comportamento sociocultural de determinado grupo histórico.

Com a utilização da Etnoarqueologia, bons resultados podem ser esperados pois seu desenvolvimento visa fornecer elementos mais sistemáticos, com a formulação de analogias etnográficas que ajudem na interpretação dos dados registrados através da pesquisa arqueológica (David & Kramer, 2002).

Para Politis (2002, p.67), "[...] a riqueza da Etnoarqueologia está na captação das variações das condições culturais (tecnico-econômicas, sociais e ideacionais) de produção material, de maneira a poder identificar esta variação dentro do registro arqueológico."

Infelizmente não dispomos desta ferramenta para procedermos com esta investigação. Nossa pesquisa procurou observar os detalhes pertinentes à tradição Taquara e ao índio Kaingang no âmbito de sua cultura material para, através destes, fazer uma aproximação de seu desenvolvimento e transformação numa linha temporal contínua.

Reverendo o que já se produziu, sobre a tradição Taquara e sobre o índio Kaingang percebemos por um lado, importantes similaridades, como o caso da ocupação de um mesmo espaço territorial, ou seja, o índio Kaingang ocupando a quase totalidade da área que anteriormente foi ocupada pela tradição Taquara<sup>3</sup>.

Outro ponto de convergência está na estruturação dos grupos em pequenos núcleos familiares, formando várias aldeias, cada uma delas com o espaço geográfico bem definido através da demarcação por meio de símbolos específicos, distinguindo o território de cada um dos grupos distribuídos pela região.

Além disso, uma observação que chama a atenção repousa no fato de que não temos o registro de nenhum outro grupo indígena nas áreas do

---

<sup>3</sup> Ver Figura 1.

Planalto Meridional em que são encontrados os vestígios da tradição Taquara e posteriormente os do índio Kaingang.

Por outro lado, percebemos também, diferenças marcantes. Entre elas as mais significativas são a forma das habitações feitas por estas populações e a maneira pela qual cada um destes grupos enterra seus mortos.

Especialmente limitamos nosso trabalho ao Estado do Rio Grande do Sul, mais especificamente às terras altas do Estado. O volume de informações referentes aos membros da tradição Taquara e do índio Kaingang nos fornecem neste espaço dados mais elaborados do que no restante do Planalto Meridional, onde estes grupos também são registrados, mas no qual ainda é necessário um maior aprofundamento nas pesquisas.

Temporalmente, para a Arqueologia, utilizamos as informações da tradição Taquara que começa nos primeiros séculos depois de Cristo e se estende até o século XIX. Da Etnografia usamos predominantemente os dados do século XIX, pois é durante este período que temos a descrição feita pelo engenheiro belga Alphonse Mabilde a respeito dos hábitos e costumes dos Kaingang antes de eles serem aldeados. Suas descrições, posteriormente utilizadas por outros pesquisadores nos serviram como fonte primária no que diz respeito às informações sobre a cultura material destes indígenas e sua organização sociocultural.

Datas de Carbono 14 ( $C^{14}$ ) para a tradição Taquara indicando sua continuidade em meados do século XIX, com a ocupação de suas características "casas subterrâneas"<sup>4</sup>, coincidem com o tempo em que Mabilde descreve os índios Kaingang, no mesmo lugar, como seus únicos habitantes. A coincidência temporal é perfeita.

Enfrentamos algumas dificuldades, pois como dissemos anteriormente, estamos lidando com os resultados de duas abordagens diferentes. Neste sentido, as informações registradas até o presente momento obedeceram a interesses próprios de cada pesquisador. Devemos lembrar também que cada trabalho produzido foi feito por homens com idéias de seu tempo; nos casos dos primeiros relatos etnográficos, temos a mentalidade européia dos séculos XVI a XIX. Os trabalhos mais recentes contam com um corpo teórico estruturado para proceder a estas investigações.

Podemos perceber que alguns elementos relacionados a estes grupos encontram-se implícitos na cultura de seus membros remanescentes, hoje localizados nos "postos indígenas", ou ainda na periferia das cidades, afastados de seu território. Dentre estes elementos, Silva (2001) destaca as marcas registradas na pintura corporal e nos trançados vendidos hoje como artesanato.

---

<sup>4</sup> Alguns autores preferem utilizar o termo estruturas subterrâneas (Reis,1980) ou estruturas de piso rebaixado (Schmitz et al, 2002). Não é nosso interesse aqui discutir qual nomenclatura é correta para designar tal tipo de sítio arqueológico, mas apresentar sua composição. Portanto, utilizaremos a primeira nomenclatura entre aspas, por ser a mais difundida entre os arqueólogos;

Ainda que possam existir tais similaridades, entre a forma das habitações, a organização das aldeias, a deposição dos mortos, os utensílios e a matéria-prima utilizada para fazê-los, com o passar do tempo devem ter sofrido alterações que teriam tornado seus autores diferentes. São elementos pertencentes a tempos e circunstâncias distintas, mas que em essência continuam representando culturalmente o mesmo grupo, respondendo às necessidades de seus membros.

Duas observações feitas por Marshall Sahlins, em trabalhos distintos são pertinentes. Uma retiramos de sua obra "Ilhas de história", na qual ele diz que:

*A história é ordenada culturalmente de diferentes modos nas diversas sociedades, de acordo com os esquemas de significação das coisas. O contrário também é verdadeiro: esquemas culturais são ordenados historicamente porque, em maior ou menor grau, os significados são reavaliados quando realizados na prática. A síntese desses contrários desdobra-se nas ações criativas dos sujeitos históricos envolvidos, ou seja, as pessoas envolvidas. Porque, por um lado, as pessoas organizam seus projetos e dão sentido aos objetos partindo das compreensões preexistentes da ordem cultural. Nestes termos, a cultura é historicamente reproduzida na ação. [...]* (Sahlins, 1990, p.7)

Podemos perceber que conforme o grupo social, este organiza sua cultura de acordo com sua compreensão de mundo e segundo suas necessidades. Neste sentido podemos ter em um mesmo grupo étnico algumas diferenças. Isto não quer dizer que seus membros pertençam a culturas diferentes, apenas têm uma maneira própria de ver sua cultura e manifestá-la.

Em outro trabalho<sup>5</sup>, este autor une os aspectos da cultura e da história e insere neste contexto as pessoas responsáveis por elas, chamando a atenção para a importância dos indivíduos envolvidos neste processo. Pois, segundo ele, cada sociedade é responsável pela construção de uma teia de significados<sup>6</sup> e este processo não é estático, ao contrário, ele é dinâmico, sendo os conceitos elaborados constantemente reavaliados. Esta dinamicidade norteou nossa pesquisa, fazendo com que procurássemos, através dos elementos da cultura material registrados por cada linha de pesquisa, os subsídios que permitissem uma maior aproximação entre elas e no final a constatação ou refutação de nossa hipótese.

Apesar de não existir registro da presença de outros grupos humanos nestas áreas, as populações residentes no Planalto Meridional, ao longo de sua trajetória, tiveram contato com outras populações, residentes em outras regiões. Entre eles o mais marcante foi com o europeu e seus descendentes, que desde o século XVI manteve contato, ainda que de forma intermitente, com os indígenas desta área, sendo este contato mais intenso a partir do século

---

<sup>5</sup> O referido trabalho, encontra-se publicado na Revista MANA, v.3, n.1, 1997;

<sup>6</sup> A teia de significados a que nos referimos é aquela apresentada por Clifford Geertz (1989), na qual diz ser a cultura uma teia de significados que se inter-relacionam, feita pelo homem;

XIX, quando a frente de expansão colonial inicia sua penetração em direção às áreas ainda em posse destes grupos indígenas.

O contato com o europeu e seus descendentes e a pressão exercida por parte deste em termos de inovações tecnológicas e imposição de outros padrões culturais como o uso de roupas, outro tipo de dieta alimentar, entre outros, fez com que seus costumes tradicionais fossem modificados. Com isto, elementos culturais que são identificados durante a pesquisa arqueológica, talvez não encontrem correspondência direta nas descrições etnográficas. Com isto, a preservação dos seus valores culturais e materiais ficou prejudicada, sendo mantida no âmbito de expressões codificadas, muitas vezes sem nexos com a realidade e ainda por cima sob a tutela de normas administrativas e burocráticas que coibiram ainda mais as atividades que eram exercidas antes deste episódio (Junqueira & Carvalho, 1981).

Se, por exemplo, considerarmos que inicialmente estas tribos se valiam de potes de cerâmica para preparar seus alimentos, veremos que, ao entrar em contato com o europeu e seus descendentes, o costume de fazer estes recipientes foi decaindo, porque era mais prático preparar alimentos em um recipiente de metal, que dura mais, e é mais resistente, não sendo necessário todo o tempo de espera para que o pote de cerâmica estivesse pronto. Outro exemplo que podemos destacar, reside na forma de suas habitações. Mais recuadamente no tempo, estas eram feitas sob a forma de buracos no chão ("casas subterrâneas") com cobertura aérea, depois passaram a ser choças construídas com materiais vegetais sobre o solo e por último as casas de madeira, encontradas nos "Postos Indígenas"<sup>7</sup>.

Através de exemplos retirados de nossa história, podemos verificar a mudança de comportamento em diversos segmentos sociais. Não só a mudança no comportamento, mas também a maneira de realizar certas tarefas e os materiais que usamos para executá-las. Telefones celulares e Internet, dinamizaram as comunicações entre as pessoas, meios de transportes como ônibus e sistemas ferroviários encurtam tempo e distância no deslocamento das pessoas, o sistema de redes de fast-food disponibiliza os mais variados alimentos. Mas estas mudanças ocorreram ao longo de nossa trajetória histórica, sendo implementadas no cotidiano em etapas. O mesmo se verifica nas comunidades indígenas. Ao longo do século XIX elas foram incorporadas ao Estado Nacional, sendo que seus costumes e tradições sofreram mudanças significativas pela adoção de novos hábitos.

Segundo David & Kramer (2002, p.17), "[...] As sociedades estão continuamente sendo transformadas na prática [...]".

Comparando os dados da Arqueologia com os da Etnografia, no intuito de estabelecermos uma ligação entre passado e presente dos grupos humanos habitantes do Planalto Meridional, podemos perceber que as similaridades entre

---

<sup>7</sup> Ver Figura 2;

a tradição Taquara e o índio Kaingang são muitas, ainda que estas com o passar do tempo possam ter sofrido alguma alteração.

Iniciando nossa comparação pelo **ambiente**<sup>8</sup>, verificamos a ocorrência nos mesmos ecossistemas. Aqui uma pequena diferença se apresenta: enquanto que a tradição Taquara é registrada nos três estados da Região Sul, estendendo-se desde o sul de São Paulo até a encosta sul do Planalto Meridional no Rio Grande do Sul, do litoral atlântico do Paraná, de Santa Catarina e do norte do Rio Grande do Sul até a Província argentina de Misiones, a presença Kaingang concentra-se em regiões localizadas nas áreas elevadas do Planalto Meridional, pois a encosta e o litoral, ao longo dos últimos séculos foi ocupada primeiro pelo europeu (açorianos, alemães e italianos) e posteriormente por seus descendentes, acarretando uma diminuição considerável do território destes nativos<sup>9</sup>.

Temos na área em questão, o predomínio da Floresta Ombrófila Mista, constituída pela presença da *Araucaria angustifolia* e campos adjacentes com as mesmas características morfológicas. Dentro desta área encontramos uma variedade de plantas e animais, que poderiam servir como fonte de alimento, além de áreas com potencial para o cultivo de alguns gêneros.

Os dados ambientais para a tradição Taquara e o índio Kaingang são grandemente coincidentes. E como já foi dito, não há outro grupo indígena pré-colonial e histórico na área.

O **território**, acha-se entrecortado por acidentes geográficos que poderiam funcionar como fronteiras naturais entre as várias tribos, como propõe Tommasino (1995). Se verificarmos a localização tanto dos sítios arqueológicos, quanto das aldeias etnográficas, veremos que ambos se concentravam no interior destes ambientes.

O registro arqueológico atesta a formação de diversos núcleos compostos por "casas subterrâneas" e suas variantes, que podem ser considerados como aldeias formando entre si as diferentes fases da tradição Taquara, o que nos leva a pensar em uma divisão interna destes grupos. Cada fase desta tradição ocupa vários locais, dominando um ambiente específico. Temos sítios localizados no topo do planalto, na encosta e alguns no litoral. As fases Taquara, Guatambu, Taquaruçu, Caí, Erveiras e Giruá podem estar correspondendo ao sistema de divisão em tribos e os sítios agrupados destas fases seriam de suas sub-tribos, cada uma com um território definido, acarretando na formação de um conjunto de aldeias. Estas aldeias, achavam-se sempre longe dos grandes rios, próximas do topo das áreas elevadas, junto de arroios e banhados.

Para o índio Kaingang o padrão de assentamento é similar: temos a divisão geográfica do Planalto Meridional entre vários caciques principais<sup>10</sup>,

---

<sup>8</sup> Os itens destacados em negrito referem-se aos tópicos de comparação;

<sup>9</sup> Ver Laroque 2000:79;

<sup>10</sup> Conforme Laroque, 2000.

cada um deles possuindo um território bem delimitado e no interior deste se organizam na forma de sub-tribos, formando várias aldeias, cada uma com espaço próprio e delimitado por um sistema de marcas que indicava qual sub-tribo dominava determinado local. Mabilde (1983) indica que cada sub-cacique possuía uma marca própria para demarcar o seu território e que ainda era colocada nos utensílios dos membros de seu grupo, como indicam as marcas encontradas nas hastes de suas flechas.

Através dos relatos etnográficos, vemos que entre as sub-tribos Kaingang era comum a dispersão pelo seu território durante boa parte do ano, reunindo-se somente em ocasiões comemorativas ou para as colheitas do pinhão e do produto de suas roças (Tommasino, 1995).

Esta rotação pelo território acarreta a construção de várias habitações, que eram abandonadas depois de certo tempo, sendo erguidas novas em outro local, até que seja efetuada a volta à aldeia anterior, ou principal.

De acordo com a pesquisa feita por Tommasino (1995) estes deslocamentos eram realizados de acordo com a abundância de recursos naturais; quando estes escasseavam em determinada área o grupo deslocava-se para outro lugar. Para esta autora:

*A sociedade Kaingáng, até a primeira metade deste século, podia ser caracterizada como povo de floresta e a sua dinâmica sempre esteve, enquanto existiram florestas, diretamente vinculada à dinâmica da natureza. [...] o tempo Kaingáng é ecológico, portanto, cíclico.* (Tommasino, 1995, p.59)

Notamos que, através do tempo, havia três grupos espalhados pela área em que localizamos a tradição Taquara. Um no litoral, encosta e algumas áreas das terras altas (as fases Taquara, Caí e Erveiras); outro grupo no topo do planalto (as fases Guatambu e Guabiju) e um terceiro (as fases Taquaruçu e Giruá), localizado na porção noroeste do Estado. Se nos detivermos no instrumental lito-cerâmico destes três grupos veremos que possuem elementos comuns com pequenas diferenças. Fazendo uma analogia com o comportamento tribal Kaingang, veremos similaridades nas estratégias de ocupação territorial, sistema de tribos e sub-tribos, abordados anteriormente, mas grandes líderes diferentes. Desta maneira, temos todo um contingente humano ocupando uma mesma área ao longo de quinze séculos.

Os dados arqueológicos e etnográficos no item território são bem conciliáveis.

Segundo atestam as datas radiocarbônicas temos a reocupação de diversas "casas subterrâneas" em períodos distintos, demonstrando que havia uma circulação pela área por parte de seus habitantes. Além disto, temos a identificação de diversos tipos de sítios arqueológicos como as "casas subterrâneas", os sítios superficiais e os abrigos sob rocha. Esta variação no tipo de vestígio arqueológico está indicando uma diversidade de funções, umas com maior estabilidade (com "casas subterrâneas"), outras superficiais, com menor investimento. Também pode indicar a separação do grupo principal, ou

tribo, em unidades menores, talvez grupos familiares para a exploração mais sistemática dos recursos naturais, ao longo do ano.

Percebemos, que as "casas subterrâneas" encontram-se próximas umas das outras, com intervalos irregulares entre uma e outra, formando pequenos conjuntos dentro de um mesmo espaço, ou seja, nos limites de cada aldeia. A disposição destas estruturas se daria ao longo de trilhas feitas no interior das matas, conforme a vontade de seus moradores, não parecendo formar um círculo ou outra figura geométrica como o verificado em alguns grupos indígenas Jê do Brasil Central. No espaço entre uma habitação e outra seriam desenvolvidas as atividades cotidianas pertinentes a cada uma das famílias, ou coletivas executadas por todos os membros da tribo. Entre elas podemos destacar as áreas para a confecção de instrumentos, as áreas de preparação e consumo de alimentos e o espaço destinado às roças<sup>12</sup>.

Quanto ao número de habitações por aldeia, este é variável: em alguns locais foi encontrada somente uma "casa subterrânea", da mesma forma que em outros o número de estruturas é superior a vinte, não obedecendo a um mesmo padrão na quantidade de estruturas por aldeia. Recentemente, através das últimas pesquisas e com a obtenção de datas por Carbono 14 (C<sup>14</sup>) e por Termoluminescência (TL), descobriu-se que nos sítios em que existiam muitas estruturas, havia uma reocupação da área, ou seja, o número total de "casas" registradas em cada sítio arqueológico, não corresponde a um mesmo período de ocupação; com o passar do tempo novas estruturas foram sendo feitas e as antigas abandonadas ou reocupadas em outros períodos.

As **habitações**, recuperadas pelos arqueólogos são basicamente de dois tipos: aquelas que tinham o piso rebaixado (por isso chamadas "casas subterrâneas), mais duradouras, e as construídas na superfície do chão, que, muitas vezes, parecem mais efêmeras.

O fato de que as ditas "casas subterrâneas" apresentam-se como uma circunferência escavada no solo, talvez não indique todo o tamanho da casa, nem denote uma forma circular para toda a estrutura. Este espaço circular pode ser o espaço do fogão, separou a área de combustão do restante da estrutura interna; esta serviria para garantir a circulação interna sem prejuízo do fogo aceso, utilizado para a calefação e o cozimento dos alimentos.

As referidas depressões apresentam algumas peculiaridades. É constatado que algumas possuem um declive suave, formando um rebaixamento mais homogêneo, o que possibilitaria a permanência mais confortável dos moradores ao redor do fogo. Muitas vezes este declive é quase que imperceptível, necessitando uma observação mais apurada, pois existe pouco contraste entre o solo do entorno e o piso da estrutura. Outras possuem em seu centro um aprofundamento abrupto, que na maioria das vezes serviria como fogão, utilizado não só para preparar os alimentos, mas também para aquecer o interior e proteger seus ocupantes. Este espaço junto ao fogo não

---

<sup>12</sup> Ver Schmitz et. al., 2002:18;

possibilita a permanência das pessoas de maneira confortável, pois a inclinação do piso é bastante acentuada, fazendo com que seja necessária uma área maior ao seu redor, e nesta área que é o entorno imediato a esta depressão, é que seriam realizadas as atividades.

A variação, anteriormente comentada, pode estar associada também ao número de pessoas que compunham o grupo que dominava cada território, formando assim os vários sítios arqueológicos que podemos chamar de aldeias, com as características apontadas acima. Por exemplo no sítio arqueológico RS-A-27, temos a ocorrência de vários agrupamentos de "casas subterrâneas" e mais dois montículos, totalizando quinze estruturas. A ocupação deste sítio foi realizada em etapas, onde, por períodos sucessivos, houve a construção das primeiras "casas", o abandono destas, algumas reocupadas, enquanto que novas "casas" foram escavadas. A composição final até o momento, deste sítio figura da seguinte forma, com as respectivas datações: constituindo o primeiro período de ocupação, temos a "casa" 3 ( $950 \pm 72$  LVD 624;  $723 \pm 55$  LVD 625), a área no lado desta (Janela C corte 2002a  $830 \pm 64$  LVD 623) e o montículo resultante da retirada de terra desta estrutura ( $870 \pm 60$  Beta 144247), mais a casa 6 ( $870 \pm 50$  Beta 144244); a "casa" 2 ( $520 \pm 60$  Beta 144245), marca o segundo período de ocupação; o terceiro período é representado pela "casa" 1 ( $348 \pm 30$  LVD 621) e "casa" 5 ( $386 \pm 31$  LVD 627); o quarto período engloba a "casa" 4 ( $166 \pm 15$  LVD 620) e "casa" 7 ( $40 \pm 60$  Beta 144243), além da reocupação de "casa" 2 ( $30 \pm 50$  Beta 144246) (Schmitz, et al. 2002).<sup>13</sup>

Estas informações além de indicar uma rotatividade pelo território também apontam para o número de estruturas pertencentes a cada aldeia, que oscila entre 2 ou 3, ocupadas em cada período. Em alguns casos podemos ter um número maior, em outros a ocupação se deu através de uma única estrutura.

Encontramos também uma variabilidade no tamanho destas "casas" que pode estar indicando uma variação funcional, ou no número de habitantes. Em todas percebemos que existiu a intenção, por parte de seus construtores, de organizar o espaço interno e o entorno das estruturas de maneira que possibilitasse a execução de variadas tarefas. Até o presente momento os vestígios mais comuns encontrados são circulares e ou elípticos. Podem medir de 2 a 18 m de diâmetro e com uma profundidade que oscila dos 0,10 m a 6 m, para as estruturas descritas de formato circular. Já para as depressões descritas como elípticas, estas medidas ficam entre 2,90 x 3,60 m e 19,60 x 22,10 m de largura e profundidade de 0,20 m a 4,80 m.

Os relatos etnográficos divergem profundamente dos dados arqueológicos. Eles dão conta de que cada aldeia possuía entre quatro e cinco casas; estas eram coletivas, sendo habitadas por famílias extensas, baseadas no convívio de pais, filhas, genros e netos. As habitações agrupadas poderiam

<sup>13</sup> Ver Schmitz et. al., 2002:37;



ser compartilhadas por até oitenta pessoas, pertencentes a estas famílias (Veiga, 2000). O número de indivíduos, pertencentes a cada uma das tribos varia de um autor para outro. Alguns apontam, como no caso acima, que em cada aldeia haveria até oitenta pessoas. Mabilde (1983) relata que em cada aldeia poderia haver mais de duzentos membros. Já Borba (1908) aponta que cada sub-tribo poderia ser composta por cinquenta, cem ou mais indivíduos. Como vemos, os laços de parentesco parecem organizar a estruturação destas aldeias internamente, e sua relação com as aldeias vizinhas.

Os registros de Mabilde (1983) dão conta de que os índios Kaingang, *Fazem ranchos de forma prismática a que, entre nós, chamamos de 'ranchos de beira do chão'. Estes em geral, são ranchos dos caciques e dos selvagens que têm mulher em sua companhia. Os ranchos de beira do chão, cuja construção é conhecida, são de tamanhos diversos e proporcionados ao número de indivíduos que devem conter. Em geral tem mais ou menos de 15 a 25 palmos de comprimento, 10 palmos, mais ou menos, de altura, e de 10 a 12 palmos de largura na base. Os Coroados que ainda não têm mulher, habitam – cada um só – em rancho formado com um toldo que tem a forma de um quarto de esfera, aproximadamente.* (Mabilde, 1983, p.39)

Para Basile Becker (1995) as formas e o tamanho destas estruturas eram decorrentes do status pessoal de cada membro do grupo. Existiam, segundo ela, a habitação destinada ao cacique, uma para quem fosse casado, para os solteiros (seria uma para cada um), uma para as viúvas. Ainda possuíam padrões para fazerem casas quando se achavam em migração, as destinadas à vigilância e também para as parturientes. Percebemos que cada uma destas estruturas estava relacionada à funcionalidade que a ocasião exigia.

Segundo informações etnográficas, estes indígenas possuíam o hábito de queimar o antigo abrigo, por várias razões, entre elas a sujeira e, marcadamente, suas crenças sobrenaturais. Podemos inferir que esta prática já era pertencente a seu conjunto cultural, que era passado de geração em geração. Mabilde (1983) relata que quando o som de um trovão ou um raio caía perto de determinada habitação, esta era abandonada e outra era feita longe deste local. Após a morte de um membro da tribo, sua casa era queimada e abandonada, sua família erguia outra mais adiante (Veiga, 2000; Silva, 2001).

Estes elementos podem ser testados nos estudos realizados por Tommasino (2000, p. 192), nos quais ele destaca que, "cada sociedade elabora a sua concepção de tempo e de espaço conforme a sua visão de mundo, a qual também orienta as suas práticas e relações sociais e simbólicas com a natureza e entre si." Ou ainda, conforme explica Simiema (2000), que tanto os locais de instalação das aldeias, quanto as habitações nelas existentes, refletem a expressão física do modo de vida pelo qual se orientava

esta sociedade, através de sua cultura material, sua visão de mundo, seus mitos e crenças.

Conforme suas pesquisas, esta autora ressalta que as aldeias e suas estruturas,

*foram construídas por pessoas que utilizaram sua inteligência, sua capacidade e seus recursos ao máximo. As formas e as soluções por eles estabelecidas respondem perfeitamente às suas necessidades e exigências. Vão assim se definindo em sua cultura maneiras de fazer e deixar de fazer as coisas. [...] Ao longo do tempo, as formas vão se dando por estabelecidas e tendem a ser orientadas para a tradição. E por isso mesmo elas persistem por longos períodos. Dentro dessa persistência, o modelo já definido se ajusta e, aí, as habitações são basicamente idênticas. (Simiema, 2000, p.228)*

As habitações dos Kaingang eram de tamanhos diferenciados para atender a demanda do contingente grupal e também muitas destas estruturas possuíam uma função específica. Com relação à forma de tais casas, as mesmas apresentam-se com uma configuração retangular, variando seu comprimento e largura, conforme o número de pessoas que cada uma abrigava.

No interior destas casas, as áreas de fogueira eram bem delimitadas e havia ainda um amplo espaço no qual as várias famílias se fixavam, cada uma ocupando uma área específica na qual cozinhavam seus alimentos, dormiam próximas de seus fogos e executavam alguma atividade, restando entre estes espaços áreas para a circulação interna e acesso ao exterior da estrutura.

Supondo, por um instante, que a depressão observada pelos arqueólogos seja o lugar do fogo e não toda a habitação, a forma da estrutura aérea não necessariamente seria de planta circular. Esta é uma especulação, ainda com pouco fundamento, mas que está sendo levantada por Schmitz et al. em sua última síntese (2002) sobre "casas" com pisos rebaixados, popularmente conhecidas como "casas subterrâneas". Só novas observações cuidadosas, em campo, dirão da validade dessa sugestão.

Outra questão não resolvida é a estrutura aérea que fecharia essas depressões, tornando-as habitáveis. As reconstituições divulgadas até agora representam-nas cônicas e totalmente fechadas. De fato, várias depressões, entre as pequenas apresentam vestígios de um esteio central. "Casas" escavadas junto a barrancas, ou quebras fortes do relevo, geralmente com grandes pisos rebaixados, não apresentam sinais desses apoios e provocaram as dúvidas a que nos referimos.

É estranho que os relatos etnográficos, antigos e recentes, não falam de rebaixamento do piso para o fogo, com exceção de Borba (1908) e Simiema (2000).

O interior das depressões apresenta camadas espessas de refugos, como se nunca tivesse sido limpa, mas outros tantos restos estão no entorno das casas, atestando que muitas atividades eram ali exercidas.

Além de conjuntos com "casas" com pisos rebaixados, havia as estruturas superficiais independentes, que se supõe menos estáveis.

Comparando os elementos oferecidos pelos arqueólogos e os etnólogos com relação às casas, poucas apresentam coincidência imediata: casas mais permanentes agrupadas e habitações mais efêmeras dispersas; a não limpeza da casa; o freqüente abandono definitivo das casas, construindo outras; o tamanho das habitações e seu exclusivo uso doméstico. As divergências continuam grandes e irreconciliáveis e estão ligadas à constituição e forma das casas. Mesmo supondo uma forte perda cultural ou uma indisculpável desatenção do principal observador do século XIX, a diferença é difícil de explicar.

Outro item que utilizamos comparativamente entre a tradição Taquara e o índio Kaingang é a maneira de **enterrar os mortos**. A tradição Taquara dispunha de duas maneiras para enterrar seus mortos, uma registrada mais freqüentemente ao longo das pesquisas, no interior de abrigos sob rocha e outra que vem sendo recentemente explorada em regiões em que parece haver menos grutas, sendo os enterros feitos em campo aberto, formando estruturas circulares (montículos), mais ou menos similares em suas dimensões. Já o índio Kaingang, conforme os registros indicam, erguia túmulos (montículos) em locais pré-determinados nas matas onde habitava.

A pesquisa arqueológica dá conta de que, no primeiro caso, os corpos seriam depositados no interior dos abrigos sob rocha, diretamente sobre o piso rochoso, sem maiores cuidados, quando muito sobre uma esteira feita com fibras vegetais. Em outros casos, o corpo era coberto por pequeno aterro feito com vegetais e terra.

Devido à ação antrópica os esqueletos resultantes da decomposição orgânica do corpo, com o passar do tempo acabaram por ficar remexidos, acarretando na desarticulação das estruturas ósseas e no extravio de alguns ossos, sendo o mais perceptível a falta dos crânios dos indivíduos ali depositados. Os animais que circulam pela área também podem causar algumas destas perturbações.

O total de indivíduos sepultados varia em número, em idade e em sexo. Por exemplo na gruta do Matemático, sítio RS-A-8 havia, no mínimo, 54 corpos e no sítio RS-P-01, Morro da Igreja, pelo menos 53 indivíduos; os dois abrigos sob rocha estão localizados no município de Bom Jesus; no sítio RS-A-28, conhecido como "Perau das cabeças", localizado no município de Vacaria, foram encontrados 65 indivíduos; em São Francisco de Paula, na localidade conhecida como Dirceu Borges, no sítio arqueológico RS-A-24, existiam no mínimo 140 indivíduos.

Trata-se de cemitérios coletivos, em meio a espaços com numerosas "casas subterrâneas", às quais estariam ligados, mesmo que não tenhamos datas para comprovar sua pertença e duração de uso. Em outros locais o número de esqueletos é menor por abrigo, mas os sítios de deposição são mais numerosos.

A outra forma de sepultar os mortos desta tradição foi recentemente documentada por Copé, Saldanha & Cabral (2002) e também publicada por uma equipe catarinense no relatório da Scentia Ambiental & Itaconsult (2002). Em ambos os casos estes enterros foram registrados sob a forma de montículos, em terrenos entaipados em áreas de campo. Nas sepulturas foi constada a presença de ossos humanos cremados, de fragmentos de cerâmica e peças líticas.

Um caso antigo, similar ao descrito acima, foi registrado, no município de Caxias do Sul, ao longo dos anos de 1968-1970. No sítio arqueológico RS-37/127, com trinta e seis "casas subterrâneas" havia também trinta e nove montículos dos quais, três foram escavados, mas sem encontrar vestígios comprobatórios claros como nos casos anteriores (Schmitz et al., 1988).

Os montículos escavados achavam-se próximos uns dos outros e também da estrutura denominada de "casa" B. O montículo 1 possuía formato elipsoidal e em parte de seu perímetro havia uma espécie de valeta rasa. No interior deste aterro foram encontrados vestígios de carvão, os quais foram datados na camada 2 (55cm) em  $630 \pm 70$  e na camada 3 (80-100cm) em  $1140 \pm 40$  (SI-602). Também foram achados um fragmento de cerâmica e vários de pedras, alguns dos quais teriam sido instrumentos. O montículo 2, também de formato elipsoidal, foi feito pelo acúmulo de pedras de diversos tamanhos e terra. Em seu centro os pesquisadores registraram a presença do que consideraram como sendo um pequeno nicho feito artificialmente para a provável deposição de mortos, ou de cinzas destes. Igualmente próximo de sua base aparece carvão disperso em vários pontos. O terceiro montículo escavado, tem a forma circular lembrando uma meia esfera. Muito similar em sua composição ao montículo 2, foi constatada em seu interior a presença de carvão (Schmitz, et al.1988).

Os pesquisadores responsáveis por tal trabalho, interpretaram estas estruturas como sendo de uso funerário; os restos de carvão depositados em seu interior seriam possivelmente o resultado final da cremação dos mortos pertencentes àquela tribo.

Junto dos restos mortais das diversas formas de deposição às vezes foram encontrados objetos como fragmentos de cerâmica, instrumentos líticos, restos de alimentação, contas de colar, que podiam ser acompanhamentos funerários.

O estudo arqueológico em Bom Jesus (RS-A-8) aponta que no interior de um dos abrigos sob rocha, associados aos sepultamentos, além de fragmentos cerâmicos, havia algumas taquaras cortadas que poderiam ter sido utilizadas para a confecção de cestaria (Lazarotto et al.,1971).

Durante os trabalhos realizados pela equipe do Instituto Anchieta de Pesquisas/Unisinós, no sítio arqueológico RS-A-28, localizado no município de Vacaria, RS, ao longo do ano de 1998, foram registrados, junto aos esqueletos depositados na chamada "gruta B" 187 contas de colar, confeccionadas em valvas de moluscos de água doce, uma ponta de projétil feita com material

ósseo, fragmentos de cordaria, três conchas marinhas perfuradas e um pingente feito em dente humano (Krever & Haubert, 2001).

Os registros etnográficos atestam que entre os Kaingang, o comum era sepultar os mortos conforme seu status, em uma cova que variava de acordo com a região. Nas informações para os grupos instalados no atual Estado do Paraná estas covas seriam profundas, podendo ficar um homem adulto dentro dela; já no Estado do Rio Grande do Sul, sua profundidade não passaria dos 0,50 m. Nos dois exemplos, o corpo do defunto era depositado no fundo da cova com seus pertences e a seguir era erguido sobre este um aterro que por vezes chegava a dois metros de altura.

Conforme os apontamentos de Mabilde (1983), em uma das conversas que o engenheiro belga teve com o cacique principal, de nome Braga, por volta do ano de 1850, este relatou que o cemitério utilizado por sua tribo continha sepultamentos muito antigos, sendo que em um deles estava sepultado o corpo de seu pai, que fora o cacique principal antes dele que, nesta época, já estava com mais ou menos 50 anos. Ao todo, nesta localidade, havia sete montículos, sendo dois deles maiores que os outros. Segundo as informações do cacique Braga estavam enterrados em cada um dos montículos um número variado de pessoas de ambos os sexos, todas com a cabeça virada para o leste e os pés para oeste. Em um dos túmulos maiores o cacique indicou ter mais ou menos cinquenta pessoas e no outro com tamanho similar mais vinte e nove. Com relação aos túmulos restantes, estes continham cada um o corpo de um cacique principal daquela tribo que agora ele comandava.

Outro procedimento para enterrar seus mortos é relatado pelo padre jesuíta Ruiz de Montoya no ano de 1628 e refere-se aos costumes dos Gualacho, nome pelo qual os atuais Kaingang eram chamados na região do Guairá.

Segundo seu relato, a forma de proceder para com o morto é feita em etapas: inicia-se com a preparação do corpo para o funeral, que é seguida por choros e uma bebedeira ritual. O corpo é colocado sobre uma espécie de jirau feito no campo próximo da aldeia, ou nos limites do terreno de algum parente; ali fica até se decompor, restando somente os ossos que são queimados no próprio jirau e depois recolhidas as cinzas que são colocadas em uma cova sobre a qual é erguido um aterro circular (Montoya, 1951).

Na informação sobre deposição dos mortos na tradição Taquara e entre os índios Kaingang temos algumas coincidências e várias divergências. O enterro no chão cobrindo os restos mortais com terra para formar um montículo é uma das coincidências. Os testemunhos arqueológicos, por enquanto, falam só de cremados, ao passo que os etnográficos falam de cremados e de corpos inteiros. Apesar de serem os mais numerosos os testemunhos etnográficos não falam de deposições e sepultamentos em abrigos.

Os **instrumentos** são outro marcador destas populações. A tradição Taquara valia-se de seixos de basalto, para confeccionar as ferramentas e utensílios de uso cotidiano. Outros tipos de rochas eram usadas em menor

escala como o quartzo cristalino, a calcedônia e ainda o arenito silicificado, este último, mais abundante em sítios do litoral. As peças líticas ligadas a esta tradição não apresentam muitas diferenças morfológicas. Em sua quase totalidade, estes instrumentos são compostos por lâminas de machados, mãos-de-pilão, mós, talhadores, raspadores, enxós, enxadas ou cavadeiras, percutores, polidores, furadores além de outros tipos de artefatos feitos a partir de lascas retocadas que podiam funcionar como facas ou navalhas.

Embora pouco variados, estes instrumentos estavam destinados a atividades específicas, como o preparo e confecção de outros instrumentos, percutores, batedores e afiadores; para o esmagamento de frutos, como o pinhão, mãos-de-pilão e mós; para o corte e transformação da madeira, talhadores e machados, polidos ou lascados; e para outras atividades cotidianas, que aqui são representadas pelos demais instrumentos como enxós, furadores e lâminas de corte.

Além destes instrumentos, talvez ainda poderíamos ter a utilização de ossos, cascos e chifres dos animais abatidos, bem como a utilização da madeira e fibras vegetais para numerosos utensílios e recipientes. Infelizmente, devido à acidez do solo das terras altas do Estado, isto não é possível averiguar, ficando estas opções no campo das hipóteses.

Associada a este grupo e a seus diferentes períodos de ocupação, nos diversos sítios arqueológicos temos ainda a presença da cerâmica, que é notadamente utilitária para os membros desta tradição. As formas produzidas e as decorações observadas, são patrimônio de toda a tradição, ao passo que as diferenças que são encontradas no tamanho e em detalhes como o formato, e na disposição ou frequência da decoração, servem para distinguir as fases que compõem a tradição Taquara. Estas diferenças registram os limites territoriais dos grupos pertencentes a cada uma das três fases da tradição Taquara no Estado.

Segundo Silva (2001):

*[...] conforme o ambiente, ter-se-ão assentamentos diferenciados e a ele adaptados; os artefatos encontrados tendem, igualmente, a ser diferentes de acordo com o ambiente, uma vez que as ênfases no abastecimento modificar-se-iam segundo o meio. Esta modificação nos artefatos e a diferenciação dos assentamentos não estaria indicando populações diferentes. Ao contrário, os mesmos grupos, culturalmente homogêneos, estariam explorando ambientes diferentes, em estações diferentes, com diferentes artefatos e habitando diferentes tipos de assentamentos. (Silva, 2001, p.43-44)*

Nos registros etnográficos, temos a descrição de instrumentos feitos em pedra, em madeira, em ossos, com fibras vegetais e mais recentemente, a adoção por parte do índio Kaingang dos instrumentos de ferro e aço utilizados pelo homem branco.

Mabilde (1983) escreve que os Kaingang possuíam pouca variedade de instrumentos e que estes eram rudimentares; aparentemente, estes

artefatos seriam percutores, mãos de pilão, mós, raspadores e machados feitos a partir de seixos retirados das margens de rios próximos dos locais onde estes se encontravam. Ressalta também que eles não fabricavam nenhum tipo de pote cerâmico, a não ser alguns cestos feitos com fibras vegetais para depositar e transportar os frutos colhidos na mata, e outros revestidos com cera de abelha para armazenar água.

Entre os instrumentos registrados junto aos Kaingang, conforme podemos encontrar nos registros de Borba (1908), Tommasino (1995), Veiga (2000), Silva (2001), entre outros, temos as mãos de pilão, os machados líticos, cestas de diversos tamanhos feitos com fibras vegetais, arcos e flechas e tacapes feitos com madeira, algumas pontas de flechas de osso ou pedra; e panelas de barro feitas da mesma maneira e com decorações e formas similares àquelas encontradas nos sítios arqueológicos pertencentes à tradição Taquara.

Com a intensificação da presença do homem branco nas áreas ainda pertencentes aos povos indígenas e seu posterior deslocamento para os aldeamentos, a utilização destes instrumentos, feitos com os recursos que o ambiente oferecia, é substituída parcialmente pelos utensílios de ferro e outros produtos elaborados pelos brancos.

Os artefatos recuperados pela arqueologia são relativamente poucos e pouco significativos, sendo basicamente em pedra ou cerâmica. Os artefatos informados pela etnografia são predominantemente de origem vegetal e animal e por isso não se conservaram. A cerâmica típica do período pré-colonial já havia sido praticamente abandonada quando começam as informações presenciais sobre os Kaingang. Mas a que ainda era usada é um dos mais fortes elementos da continuidade.

Para a **alimentação** dos grupos humanos residentes no Planalto Meridional, estavam à disposição uma variedade relativamente abundante de plantas e animais, ao longo do ano, possibilitando uma certa liberdade de escolha dos alimentos que consumiam<sup>15</sup>.

O registro de restos faunísticos encontrados durante as pesquisas arqueológicas é mínimo, por residirem em locais onde a acidez do solo é muito alta.

Em uma das pesquisas feitas por Eurico T. Miller, temos o registro de que este autor encontrou em um abrigo sob rocha (RS-A-8), além dos vestígios de sepultamentos, restos de cascas de pinhão, sabugos e palha de milho e também alguns restos de taquara.

---

<sup>15</sup> Ver Quadros 1, 2 e 3;

Quadro 1: Algumas plantas encontradas na área pesquisada.

Nome Científico	Nome popular	Outono	Inverno	Primavera	Verão
<i>Araucaria angustifolia</i> var. <i>angustifolia</i>	Pinheiro-brasileiro, araucária	X			
<i>Araucaria angustifolia</i> var. <i>caiova</i>	Pinheiro-caiova, araucária	X	X		
<i>Araucaria angustifolia</i> var. <i>indehiscens</i>	Pinheiro-macaco, araucária		X	X	X
<i>Araucaria angustifolia</i> var. <i>sancti josephi</i>	Pinheiro-São-José, araucária				X
<i>Bactris setosa</i> Mart. e <i>Bactris lindmanmiana</i>	Tucum		X		
<i>Syagrus romanzoffiana</i>	Gerivá	X			X
<i>Euterpe edulis</i>	Içara		X		
<i>Psidium cinereum</i>	Araçá				X
<i>Eugenia uniflora</i>	Pitanga			X	X
<i>Campomanesia xanthocarpa</i>	Guabiroba			X	X
<i>Campomanesia aurea</i>	Guabiroba			X	X
<i>Campomanesia littoralis</i>	Guabiroba			X	X
<i>Eugenia involucrata</i>	Cereja-do-mato			X	X
<i>Eugenia pyriformis</i>	Uvalha				X
<i>Myrciaria tenella</i>	Cambuí-do-brejo			X	
<i>Bromelia antiacantha</i>	Banana-do-mato	X			X
<i>Bromelia balansae</i>	Banana-do-mato				X
<i>Ananas bracteatus</i>	Gravatá	X			
<i>Rollinia sylvatica</i>	Araticum	X		X	X
<i>Berberis laurina</i>	São João			X	X
<i>Allophylus guaraniticus</i>	Vacunzeiro			X	X
<i>Allophylus edulis</i>	Fruto-de-pomba			X	
<i>Garcinia gardeneriana</i>	Bacupari				X
<i>Acca sellowiana</i>	Goiaba-do-campo	X			X

Fonte: Reitz (Org.) 1967; 1969; 1970; 1974; 1977a; 1977b e 1983; Mabilde, 1983; Brack, 1987 e Záchia, 1997.



A Tradição Taquara e sua Ligação com o Índio Kaingang

Quadro 2: Alguns animais mamíferos do planalto sul-rio-grandense, encontrados na área pesquisada. Fonte: Silva, 1984.

Nome popular	Tamanho			Hábitos		Atividade			Alimentação		
	P	M	G	Bando	Solitário	Diurna	Crepuscular	Noturna	Herbívoro	Onívoro	Carnívoro
Gambá-de-orelha-branca	X				X	X	X			X	
Tatu-galinha	X				X			X		X	
Tatu-peludo	X				X	X	X		X	X	
Bugio	X			X		X			X	X	
Anta			X		X	X		X	X		
Porco-do-mato-queixada			X	X			X		X	X	
Porco-cateto		X		X			X		X		
Veado-mateiro	X				X	X	X		X		
Veado-virá			X		X			X	X		
Veado-campeiro			X	X				X	X		
Capivara			X	X		X		X	X		
Paca		X			X			X	X		
Cuíca-verdadeira	X				X			X			X
Tamanduá-bandeira			X		X			X			X
Tamanduá-mirim		X			X			X			X
Mico	X			X					X	X	
Graxaim-do-mato		X			X			X			X
Coati		X		X		X			X	X	
Mão-pelada		X			X			X			X
Irara		X			X	X					X
Furão		X		X		X		X			X
Puma			X		X			X			X
Jagatirica		X			X			X			X
Onça			X		X			X			X
Gato-do-mato-pequeno	X				X			X			X
Gato-maracajá	X				X			X			X
Ouriço-cacheiro		X			X	X	X		X		
Rato-das-árvores	X				X			X	X		
Tapiti	X				X			X	X		

Quadro 3: Aves mais importantes do planalto sul-rio-grandense.

Nome popular	Tamanho			Hábitos			
	P	M	G	Bando	Solitário	Par	Grupo Familiar
Macuco		X			X		
Inambuguaçu		X			X		
Inambuxintã	X				X		
Perdição		X			X		
Perdiz ou codorna	X				X	X	
Marreca-pé-vermelho		X		X		X	
Marreca-pardinha		X		X			
Marreca-parda		X		X			
Araquã		X		X			X
Jacu-açu		X		X			
Siriema			X			X	
Jaçanã	X				X		
Charão	X			X			
Papagaio-peito-roxo	X					X	
Curicaca			X	X			X
Uru					X		
Saracura-do-banhado		X		X			
Galinholá ou frango-d' água	X			X			
Asa-branca ou pombão	X			X			
Juriti-pupu	X				X	X	

Fonte: Sick, 1985; Belton, 1994.

Mentz Ribeiro (1975) registra que durante as pesquisas do sítio arqueológico RS-C-12, conhecido como Virador, localizado no município de São Sebastião do Caí, teria encontrado associados, restos de alimentação aos vários sepultamentos. Conforme seu registro:

*Em todas as camadas encontramos restos ósseos de animais, conchas e coco gerivá (**Arecastrum romanzoffianum**) - estes vestígios são menos freqüentes nas camadas artificiais superiores e posteriores. Descobrimos ossos de animais de grande porte como a anta (**Tapirus americanus**), o veado (**Cervídeos**), porco-do-mato (**Tayassu sp.**) e de pequeno porte - roedores em geral - como o rato, ratão do banhado (**Myocastor coypus**), cutia (**Dasiprocta azarae**), etc., ainda o tatu (**Dasipodídeos**), lagarto (**Tupinambis teguixin**) e outros ainda não identificados; aves, também não identificadas. Quanto ao material conchífero, destacamos o caramujo terrestre (**Strophocheilus sp.**) e a bivalva de água doce (**Diplodon sp.**), o primeiro em número bem maior. (Mentz Ribeiro, 1975, p.13, grifo do autor)*

\* Esta é única espécie cujo registro se dá nos meses de inverno e primavera.

Evidências similares foram registradas no sítio arqueológico RS-A-28, localizado no município de Vacaria. Os pesquisadores do Instituto Anchieta de Pesquisas/Unisinus, indicam que foram encontrados vestígios faunísticos em sua maioria constituídos por mamíferos: entre eles ressaltam o tatu (*Dasypodida*), o graxaim-do-mato (*Cerdocyon thous*) e os pertencentes ao gênero *Felis* sp, o veado-campeiro (*Ozotocerus bezoarticus*), ratos-do-mato (*Cricetidae*) e lagarto (*Tupinambis* sp); além destes fragmentos ósseos, restos de vegetais diversos também foram identificados, especialmente o pinhão (Rosa, 1998).

Fragmentos de pinhões calcinados e alguns outros vegetais que não puderam ser identificados, foram encontrados, na estrutura denominada de "casa" 3, no sítio RS-A-29, pesquisado também pela equipe desta instituição. Pinhões calcinados já haviam sido encontrados anteriormente, no sítio 37/127, na localidade de Santa Lúcia do Piaí.

Com relação aos Kaingang, as informações a respeito de sua alimentação são variadas e, como os demais aspectos de sua estrutura cultural, sofreram alterações no decorrer dos tempos, devido aos fatores ambientais em que se inseriam e ao contato com o homem branco que se acentuava cada vez mais.

O Pe. Ruiz de Montoya (1951) relata que entre as tribos por ele observadas plantavam e colhiam milho, que estava associado com o coleta do pinhão, junto com a caça de animais como veados, porcos-do-mato e antas. Entre estes grupos havia o costume de estocar estes alimentos por algum tempo em cestos feitos para esta função, que eram colocados imersos no fundo dos rios próximos de suas aldeias.

Para Mabilde (1983) a alimentação das tribos Kaingang seria constituída de pouca variedade. Basicamente estaria constituída por frutas, em especial o pinhão. A caça seria uma atividade secundária, pois, devido aos gêneros vegetais de que dispunham, esta serviria como complemento em algumas situações; também porque as flechas produzidas pelos Kaingang acabariam se perdendo ou ficando danificadas na caça.

Quando estas caçadas eram realizadas, destinavam-se a abater animais como a anta, os porcos-do-mato, os bugios, os coatis, as pacas, o tatu, os tamanduás-bandeira e mirim, as capivaras, as onças, pumas, além de várias espécies de aves, das quais a preferida eram os papagaios.

Ele afirma que os indígenas nada plantavam, mas que gostavam de milho, batata-doce, abóbora e amendoim. Um pequeno detalhe talvez escapado a sua compreensão: todas estas plantas necessitam ser cultivadas para que haja a sua colheita e, conforme vemos, o seu registro é anterior à inserção definitiva dos colonos alemães nas áreas das tribos Kaingang. Desta maneira, percebemos que o hábito do consumo destes gêneros já era parte integrante dos costumes desses grupos não tendo sido introduzido pelo branco em período posterior.

Podemos perceber também através de seus apontamentos, que a dieta alimentar dos Kaingang ao contrário do que Alphonse Mabilde propôs, era bem variada. Devemos lembrar-nos de que havia várias tribos Kaingang não só nas terras altas do Estado, mas também espalhadas pelo Planalto Meridional. Desta forma os recursos disponíveis eram variados; apesar de estarem inseridos em um ambiente com características comuns, havia algumas especificidades, por exemplo: os solos em alguns destes locais são mais favoráveis ao plantio e nas áreas cobertas com um maior volume de florestas encontramos um número maior de espécies de animais e vegetais.

Uma observação feita por Simiema (2000) merece destaque. Para esta autora:

*Os constantes deslocamentos dentro de seu território marcavam e, ainda marcam, profundamente, a vida dos Kaingang, condicionando o seu modo de habitar, o seu mobiliário e os objetos de uso pessoal. Essa circulação era praticada nas matas e campos das regiões em que viviam. Era aí que circulavam, segundo seus ritmos culturais e as ofertas de certas espécies vegetais e animais nos territórios de seu domínio. Tinham geralmente como morada fixa acampamentos montados nas clareiras da mata. Tinham nos acampamentos suas roças de subsistência, onde cultivavam basicamente milho, feijão e abóbora, assim como outras espécies. Assim que terminavam as plantações, dirigiam-se, em grupos de familiares, às matas para a coleta de frutos, mel, pinhão e larvas. Aí praticavam também a caça a aves e animais como pacas, antas, catetos, macacos, tatus e outros. Acampavam também às margens dos rios para a prática da pesca em armadilhas chamadas pari. (Simiema, 2000, p.232)*

Também para Basile Becker (1995), e poderíamos incluir nesta observação os outros autores pesquisados, a alimentação das tribos Kaingang consistia na combinação da coleta do pinhão, que era armazenado, fornecendo um estoque deste alimento mesmo após o término da maturação principal que ocorre entre os meses de outono e inverno; podiam, ainda que em menor quantidade, colher outras variedades de pinhão, no restante dos meses do ano.

Desses elementos todos a arqueologia, até agora, foi incapaz de recuperar algo significativo, podendo valer-nos para comparação com os elementos fornecidos pelos relatos etnográficos somente as disponibilidades do meio ambiente.

As datas que foram obtidas através do processo de datação por Carbono 14 (C<sup>14</sup>) e por Termoluminescência (TL), nos fornecem dados que servem para a elaboração de um primeiro quadro da **ocupação e dispersão** humana na região. Tentativamente, englobamos a fase Giruá na Taquaruçu, Erveiras e Caí na Taquara e Guabiju na Guatambu.

Os registros mais antigos para os sítios arqueológicos estudados remontam ao século V de nossa era, e estão representados pela fase Taquara; estão localizados em sua grande maioria na encosta e no litoral, atingindo ainda algumas áreas no alto do planalto.

Os registros ligados à fase Guatambu começam a partir do século VII. Os sítios referentes a esta fase estão todos localizados nas terras altas.

A terceira fase da tradição Taquara, representada pela fase Taquaruçu, é a menos explorada e com o menor número de informações. As datações são apenas três e estão dispostas entre as datas registradas para as fases Taquara e Guatambu, em um área localizada na região noroeste do Estado.

As datas mais recentes para a tradição Taquara como um todo, atingem meados do século XIX, quando os únicos indígenas da área são os Kaingang.

Na etnografia, os registros mais antigos a respeito do índio Kaingang remontam ao século XVI e figuram em descrições sumárias sobre os grupos indígenas encontrados pelos europeus em suas incursões pelo interior do território pertencente à Coroa portuguesa, onde os Kaingang foram registrados com várias denominações.

*Quadro 4: Datas de C14 e TL para os sítios da tradição Taquara no Rio Grande do Sul.*

Data ñ calib. (AP)	Sigla Labor.	Local	Sigla sítio	Data calib. (2 sigma)	Fase
2180 ± 40	Beta-166587	Bom Jesus	RS-AN-03 casa C cam 3	a.C.380-160	Guatambu
1810 ± 85	SI- 813	Bom Jesus	RS-P-12	d.C.122-443	Guatambu
1520 ± 90	SI-607	Caxias do Sul	RS-40 Casa B	d.C.415-723	Taquara
1515 ± 105	SI-805	S.F <sup>co</sup> . Paula	RS-A-2 53-59 cm	d.C.382-781	Taquara
1480 ± 70	SI-603	Caxias do Sul	RS-37/127 casa A	d.C.529-726	Taquara
1385 ± 95	SI-806	S.F <sup>co</sup> . Paula	RS-A-2 65-70 cm	d.C.542-898	Taquara
1380 ± 110	SI-414	Sapiranga	RS-S-282	d.C.539-905	Taquara
1330 ± 100	SI-605	Caxias do Sul	RS-37/127 Casa B	d.C.616-982	Taquara
1300 ± 70	SI-601	Passo Fundo	RS-PF-01 casa sub	d.C.661-901	Guatambu
1190 ± 100	SI-409	Taquara	RS-S-61 sítio superf	d.C.672-1042	Taquara
1140 ± 40	SI-602	Caxias do Sul	RS-37/127 mont base	d.C.890-1020	Taquara
1000 ± 40	Beta-166588	Bom Jesus	RS-AN-03 mont cam 3	d.C.990-1160	Guatambu
970 ± 95	SI-808	S.F <sup>co</sup> . Paula	RS-A-2 75-77 cm	d.C.976-1281	Taquara
960 ± 60	Beta-153841	Caxias do Sul	RS-37/127 casa 9	d.C.993-1236	Taquara
950± 80	SI-812	Bom Jesus	RS-P-27	d.C.1016-1275	Guatambu
950± 72	LVD 624	Vacaria	RS-A-27 casa 3	d.C.1051	Guatambu
915 ± 145	SI-4066	Sta. Cruz Sul	RS-RP-164b casa B	d.C.892-1331	Taquara
870 ± 60	Beta-144247	Vacaria	RS-A-27 mont base	d.C.1150-1279	Guatambu
870 ± 50	Beta-144244	Vacaria	RS-A-27 casa 6/80-100cm	d.C.1151-1278	Guatambu
840 ± 60	SI-606	Caxias do Sul	RS-37/127 casa B	d.C.1155-1300	Taquara
830± 64	LVD 623	Vacaria	RS-A-27 jan C2002a	d.C.1171	Guatambu
830 ± 60	SI-598	Ten. Portela	RS-VZ-43 sítio superf	d.C.1156-1302	Taquaruçu
745 ± 65	SI-1198	S.S. Caí	RS-C-14 abrigo	d.C.1218-1334	Taquara
723±55	LVD 625	Vacaria	RS-A-27 casa 3	d.C.1278	Guatambu
710 ± 60	Beta-178090	Vacaria	RS-A-29 casa 16	d.C.1224-1402	Guatambu
700 ± 60	SI-2343	S.J.Ausentes	RS-A-8	d.C.1266-1409	Guatambu
680 ± 80	Beta-153842	Vacaria	RS-A-29 casa 1	d.C.1238-1425	Guatambu
650 ± 55	SI-6563	Esmeralda	RS-PE-28a 100-110 cm	d.C.1285-1411	Guatambu
635 ± 45	SI-6561	Esmeralda	RS-PE-26a 50-60 cm	d.C.1295-1410	Guatambu
630 ± 205	SI-1201	S.S. Caí	RS-C-12 abrigo	d.C.1017-1682	Taquara

Data ñ calib. (AP)	Sigla Labor.	Local	Sigla sítio	Data calib. (2 sigma)	Fase
630 ± 70	SI-604	Caxias do Sul	RS-37/127 mont/55cm	d.C.1288-1437	Taquara
620 ± 90	SI-608	Caxias do Sul	RS-68 casa sub	d.C.1261-1485	Taquara
550± 40	Beta-166585	Bom Jesus	RS-AN-03 casa C cam 3	d.C.1310-1430	Guatambu
520 ± 60	Beta-144245	Vacaria	RS-A-27 casa 2 piso	d.C.1381-1495	Guatambu
465 ± 40	SI-6558	Esmeralda	RS-PE-10a 120 cm	d.C.1409-1517	Guatambu
420 ± 55	SI-6562	Esmeralda	RS-PE-28a 40-50	d.C.1430-1533	Guatambu
400 ± 100	SI-600	Porto Lucena	RS-VZ-25 sítio superf	d.C.1397-1683	Taquaruçu
390 ± 50	SI-6556	Esmeralda	RS-PE-10a 10-20 cm	d.C.1536-1637	Guatambu
386± 31	LVD 627	Vacaria	RS-A-27 casa 5	d.C.1615	Guatambu
380 ± 60	Beta-153843	Vacaria	RS-A-29 casa 3	d.C.1442-1645	Guatambu
370 ± 50	Beta-178089	Vacaria	RS-A-29 casa 12	d.C.1440-1654	Guatambu
370 ± 50	Beta-166584	Bom Jesus	RS-AN-03 casa A	d.C.1430-1650	Guatambu
355 ± 50	SI-6559	Esmeralda	RS-PE-10b 20-30 cm	d.C.1455-1649	Guatambu
348± 30	LVD621	Vacaria	RS-A-27 casa 1	d.C.1653	Guatambu
166± 15	LVD 620	Vacaria	RS-A-27 casa 4	d.C.1835	Guatambu
160 ± 70	SI-599	Ten. Portela	RS-VZ-44 sítio superf	d.C.1790-1955	Taquaruçu
80 ± 50	Beta 166586	Bom Jesus	RS-AN-03 casa C cam 2	d.C.1673-1955	Guatambu
40 ± 60	Beta-144243	Vacaria	RS-A-27 casa 7	d.C.1804-1936	Guatambu
30 ± 50	Beta-144246	Vacaria	RS-A-27 casa 2 30-40 cm	d.C.1809-1925	Guatambu

datas questionadas por ser excessivamente antigas para a fase.

O quadro cronológico acima foi elaborado com base nas informações retiradas dos trabalhos de Miller, 1971; Mentz Ribeiro & Ribeiro, 1985; Schmitz et al., 1988 e 2002; Schmitz, 2000, 2003 (diário de campo); Schmitz & Rogge, 2001; e Copé & Saldanha, 2002. Utilizamos para sua formulação, esquemas de calibração retirados da tese de doutorado de Astolfo Gomes de Mello Araújo, 2001. Exceção a isto fez-se com relação às datas fornecidas por Copé & Saldanha, em cujo trabalho as datas já possuíam calibração. O mesmo foi feito com as datas obtidas através do método de Termoluminescência.

Além dos elementos relacionados até aqui, ainda temos as questões referentes ao **vestuário** e às **guerras**. Com relação ao primeiro item, as pesquisas arqueológicas ainda necessitam de um maior aprofundamento. Indicar que os membros da tradição Taquara cobriam o corpo com peles dos animais abatidos, ou que utilizavam fibras vegetais para confeccionar suas vestes, ou simplesmente se valiam da pintura corporal e do adorno do corpo com plumarias, é uma possibilidade, mas os vestígios encontrados nos cemitérios em abrigos sob rocha não confirmam.

O registro etnográfico a respeito do vestuário, aponta diferenças nas roupas utilizadas pelos homens e pelas mulheres. Os dados a este respeito indicam o tipo de indumentária utilizada por cada sexo e algumas vezes com que fibra vegetal estas eram feitas. Os autores pesquisados apontam que os Kaingang, em algumas ocasiões, faziam pinturas em seus corpos, identificando a sua ascendência, ou metade exógena a que pertenciam (Veiga, 2000).

As guerras, ou conflitos entre os membros de um mesmo grupo ou de uma etnia contra outra, são conhecidos e documentados ao longo de toda a trajetória Kaingang.

Os registros etnográficos desde os primeiros contatos com o índio Kaingang no século XVI, revelam que os membros desta etnia possuíam uma forte marcação territorial com rígidos padrões de comportamento que facilmente os levavam a entrar em conflito com outros povos indígenas ou entre eles, mas arqueologicamente nada foi documentado ou inferido.

No século XIX existe uma contemporaneidade no mesmo e exato espaço e momento entre o que se chama tradição Taquara e o índio Kaingang, no município de Vacaria, mostrando que se trata de uma e mesma coisa, apenas vistas por duas abordagens diferentes.

Por isso, Sérgio Baptista da Silva em sua tese de doutorado (2001), propõe que se adote o termo "Proto-Jê meridional" para o que os arqueólogos denominam tradição Taquara/Itararé. Segundo este autor:

*A vantagem em usar o termo Proto-Jê meridional (ou Proto-Kaingang, ou Proto-Xokleng), ao invés de "grupos ligados às tradições ceramistas planálticas Taquara, Itararé e Casa de Pedra", ou mesmo, "Jê meridional pré-histórico ou pré-colonial", reside no fato de não romper o processo histórico-cultural contínuo que desembocou nas sociedades Kaingang e Xokleng, o que implicitamente acontece se for usado o prefixo pré (pré-histórico, pré-colonial, pré-contato), denotando-se, assim, uma ruptura de um processo que cultural e historicamente foi contínuo. Além disso, indica-se expressamente a vinculação destes grupos às sociedades Jê meridionais (Kaingang e Xokleng), aproximando os estudos arqueológicos do campo antropológico. (Silva, 2001, p.13)*

Com a adoção desta terminologia, e alguns outros elementos apontados em seu trabalho, ele acredita estabelecer uma continuidade entre as populações que habitaram o Planalto Meridional.

### **Considerações Finais**

Nossa intenção foi a de produzir uma história contínua que perpassa as terminologias: tradição Taquara para a Arqueologia e índio Kaingang para a Etnografia.

Na área demarcada para nosso trabalho temos o registro de dois grupos humanos que, à primeira vista são distintos. A não ser pela localização geográfica e distribuição territorial similar, não possuímos outros elementos que possam servir como suporte para estabelecermos uma continuidade entre a tradição Taquara e o índio Kaingang, pelo menos não de maneira explícita.

Algumas vezes o registro etnográfico é falho, como constatamos durante a execução de nosso trabalho. Estas falhas, sobretudo, nas descrições realizadas pelos primeiros cronistas e viajantes se devem a falta de formação específica por parte destes observadores. Na maioria dos casos, eram homens

contratados para descrever o diferente, o exótico, encontrado no Novo Mundo que aos poucos era ocupado por pessoas com hábitos e cultura que diferiam daquela registrada entre os vários grupos indígenas das diferentes tribos aqui residentes.

Um exemplo disto, são os relatos do engenheiro belga Alphonse Mabilde, por nós utilizado como fonte primária de informação e para a posterior comparação entre os dados arqueológicos e os registros etnográficos. Recém formado em engenharia, Mabilde deixou a Bélgica por questões políticas no ano de 1833. Ao chegar no Brasil trabalhou em vários estabelecimentos exercendo várias funções até começar a trabalhar como engenheiro contratado pelo governo da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul.

A curiosidade pelos habitantes desta província e por seus hábitos, em especial a dos grupos indígenas, faz com que o engenheiro belga comece a observar e registrar sempre que possível, os seus hábitos, especificamente os dos membros das tribos Kaingang, na época chamados de Coroados. Estes hábitos são registrados sob a forma de um diário pessoal e de correspondências que foram enviadas a membros do governo a quem tinha que prestar conta de seus serviços. Posteriormente foram compilados e publicados por suas netas, no ano de 1983.

Mabilde, registrou aquilo que chamou mais a sua atenção e com o que ele estava mais familiarizado. No primeiro caso, sua atenção recaiu sobre o modo de vida dos Kaingang, que diferia e muito dos seus. No segundo, sua formação de engenheiro, fez com que descreva com exatidão as dimensões das habitações feitas pelos membros destas tribos. Estas descrições concentram-se nas medidas e na maneira de fazê-las. Contudo, alguns itens ou não foram percebidos ou talvez Mabilde não tenha realizado uma observação tão completa assim. Temos um relato feito por um estrangeiro sem formação no campo da etnografia e carregado dos preconceitos da época para com os grupos humanos nativos deste continente, que eram tidos como primitivos devido a sua cultura material e selvagens por causa de sua organização social.

As informações registradas no seu trabalho e em pesquisas posteriores produziram muitas informações sobre as culturas indígenas, especialmente com relação aos contrastes entre o europeu, em um primeiro momento e depois entre seus descendentes com os índios.

Com o passar do tempo, os estudos etnográficos começaram a apresentar bem mais do que simples descrições sobre os hábitos indígenas. Com o avanço dos estudos antropológicos e do desenvolver das pesquisas etnográficas, novas contribuições a respeito da cultura indígena foram feitas. Até mesmo a falsa atribuição de que os índios seriam um único grupo hoje não é mais aceita. O que temos, não é um único grupo, mas sim, muitas culturas que representam os diversos povos indígenas ainda existentes.

As comparações e analogias feitas no presente trabalho visam unir estas duas áreas pois, como vimos ao longo de sua execução, encontramos



## A Tradição Taquara e sua Ligação com o Índio Kaingang

### Áreas indígenas

#### Kaingang:

- A Icatú;
- B Vanuire;
- C Laranjinha;
- D S. Jerônimo da Serra;
- E Apucarantina;
- F Mococa;
- G Queimadas;
- H Ivai;
- I Faxinal;
- J Guarapuava;
- K Rio das Cobras;
- L Mangueirinha;
- M Palmas;
- N Xapecó;
- O Chimbangue;
- P Inhacorá;
- Q Guarita;
- R Irai;
- S Rio da Várzea;
- T Nonoai;
- U Votouro;
- V Ligeiro;
- W Carreiro;
- X Cacique Doble;
- Y Caseros;
- Z *Xocleng*;
- ibirama.

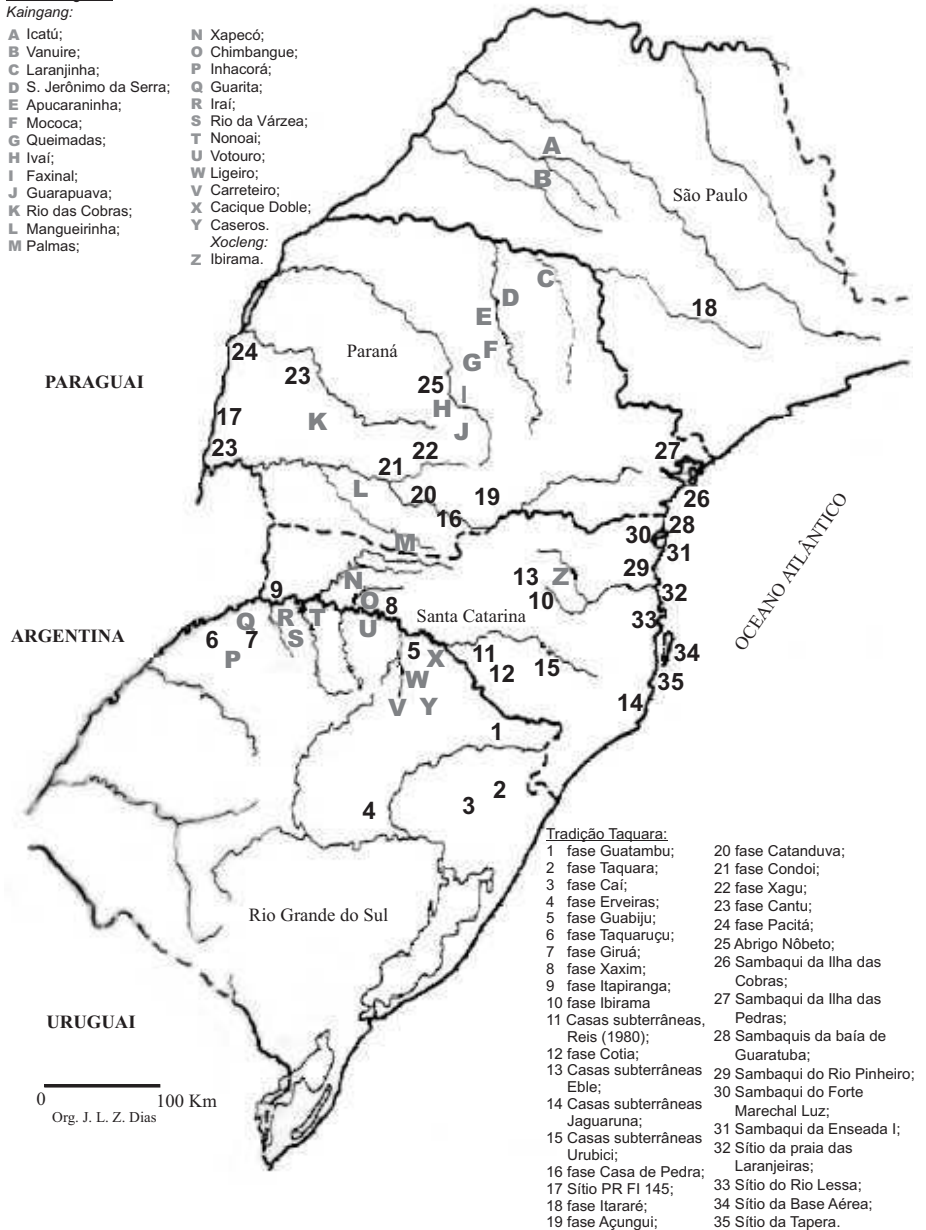
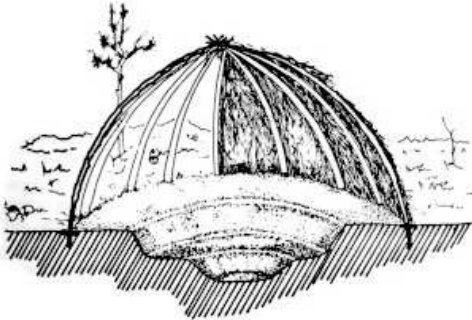
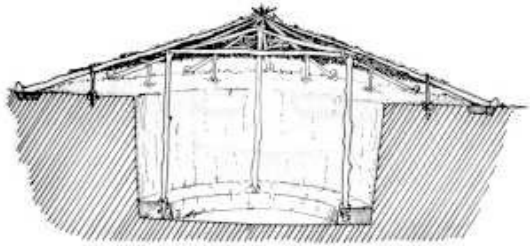


Figura 1: Localização das fases da tradição Taquara e das Áreas Indígenas.

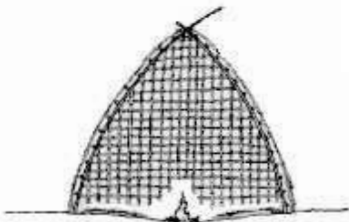
Fonte: Schmitz, 1988; Veiga, 2000.



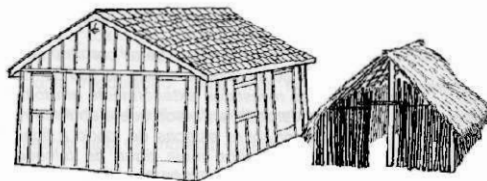
Modelo de “casa semi- subterrânea”, proposta por La Salvia;  
Fonte: Weimer, 1983.



Modelo de “casa subterrânea”, proposta por La Salvia;  
Fonte: Weimer, 1983.



Habitação Kaingang no século XIX;  
Fonte: Simiema, 2000.



Modelo de Casa Koingang, século XX; Feita nos “Postos Indígenas”;  
Fonte: Simiema, 2000.

Figura 2: Modelos de casas utilizadas pela tradição Taquara e pelo índio Kaingang.